



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA**

FAGNER JOÃO MAIA MEDEIROS

**CRISE E TRANSFORMAÇÃO NA ÚLTIMA FASE DO
PENSAMENTO DE RAÚL PREBISCH (1976-1986): do
tecnocrata modernizador para um crítico do capitalismo**

**Campinas
2021**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA**

FAGNER JOÃO MAIA MEDEIROS

**CRISE E TRANSFORMAÇÃO NA ÚLTIMA FASE DO
PENSAMENTO DE RAÚL PREBISCH (1976-1986): do
tecnocrata modernizador para um crítico do capitalismo**

Profa. Dra. Milena Fernandes de Oliveira – orientadora

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Econômico, área de História Econômica.

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL
DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO
FAGNER JOÃO MAIA MEDEIROS, ORIENTADA PELA
PROFA. DRA. MILENA FERNANDES DE OLIVEIRA.**

**Campinas
2021**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Economia
Mirian Clavico Alves - CRB 8/8708

M467c Medeiros, Fagner João Maia, 1994-
Crise e transformação na última fase do pensamento de Raúl Prebisch (1976-1986) : do tecnocrata modernizador para um crítico do capitalismo / Fagner João Maia Medeiros. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Milena Fernandes de Oliveira.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia.

1. Prebisch, Raúl, 1901-1986. 2. Pensamento econômico - América Latina. 3. Desenvolvimento econômico. 4. Capitalismo - Países em desenvolvimento. 5. América Latina - Condições econômicas. I. Oliveira, Milena Fernandes de, 1977-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Crisis and transformation in the last phase of Raúl Prebisch's thought (1976-1986) : from the modernizing technocrat to a critic of capitalism

Palavras-chave em inglês:

Prebisch, Raul, 1901-1986

Economic thought - Latin America

Economic development

Capitalism - Developing countries

Latin America - Economic conditions

Área de concentração: História Econômica

Titulação: Mestre em Desenvolvimento Econômico

Banca examinadora:

Milena Fernandes de Oliveira [Orientador]

Mauricio Chalfin Coutinho

Luiz Felipe Bruzzi Curi

Data de defesa: 28-05-2021

Programa de Pós-Graduação: Desenvolvimento Econômico

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-0366-8535>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7619356098955274>



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA**

FAGNER JOÃO MAIA MEDEIROS

**CRISE E TRANSFORMAÇÃO NA ÚLTIMA FASE DO
PENSAMENTO DE RAÚL PREBISCH (1976-1986): do
tecnocrata modernizador para um crítico do capitalismo**

Profa. Dra. Milena Fernandes de Oliveira – orientadora

Defendida em 28/05/2021

COMISSÃO JULGADORA

**Profa. Dra. Milena Fernandes de Oliveira - PRESIDENTA
Universidade Estadual de Campinas (IE/UNICAMP)**

**Prof. Dr. Luiz Felipe Bruzzi Curi
Universidade de São Paulo (USP)**

**Prof. Dr. Mauricio Chalfin Coutinho
Universidade Estadual de Campinas (IE/UNICAMP)**

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta pesquisa remete a um momento da minha vida em que não posso mais cometer o equívoco de pensar que minhas realizações são somente minhas. Estou hoje certo de que, ao longo desses anos de mestrado, fui encorajado, incentivado e tolerado por familiares e pelo grupo de amigos mais incrível que já conquistei. Dito isso, quero fazer constar aqui meu cordial agradecimento àqueles que, de alguma forma, contribuíram para a finalização dessa etapa.

Antes de tudo, não posso desviar do rumo e me esquecer de que esse mestrado foi um projeto que vislumbrei durante ao menos dois anos, enquanto aluno de iniciação científica na UFOP. Lembro-me bem de que, ainda em 2016, eu e meu antigo orientador, Daniel do Val Cosentino, reunimo-nos para definirmos alguns prazos e planejarmos nossas atividades do ano seguinte. Já constava, como uma das minhas tarefas para esse ano novo, escrever um projeto para a seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico da UNICAMP. Para mim, não parece exagero agradecer novamente ao professor Daniel pelo apoio fundamental e registrar que esse mestrado foi um projeto nosso.

De modo geral, estou certo de que minha passagem pelo IE-UNICAMP foi proveitosa. Conquistei uma formação essencial no campo da economia heterodoxa, formação essa que permitiu que eu me aproximasse ainda mais do debate teórico do subdesenvolvimento da América Latina. Mas foi principalmente por meio das atividades e das disciplinas dirigidas pelo Núcleo de História Econômica (NIHE), ao lado do contato com os seus integrantes, professores e alunos, que recebi lições fundamentais, as quais me permitiram eliminar certos vícios da minha formação e mergulhar de vez no campo interdisciplinar da História Econômica. Sou inteiramente grato a esse ambiente.

Em especial, gostaria de logo agradecer à minha orientadora, Milena Fernandes de Oliveira, pelo apoio fundamental ao longo desses anos. Nesse período, tive a oportunidade de ser, além de orientando, aluno da professora Milena e também fui supervisionado por ela durante o meu estágio docente. Em todos esses momentos, a professora Milena me fez sentir acolhido e me tratou sem nenhum resíduo de hierarquia acadêmica. Ao longo desses anos, ela se tornou para mim um tipo de “modelo de pesquisador”, modelo esse que espero conseguir seguir daqui por diante. Também pretendo aproveitar esse espaço para agradecer à professora Milena por ter tolerado minhas súbitas trocas de temas e meu recorrente atraso com o texto;

gostaria também de agradecer por toda a compreensão e pelo apoio durante esses anos, sobretudo, em relação à minha passagem ao doutorado.

Embora a tarefa de redação da dissertação seja quase que exclusivamente solitária, este é o momento apropriado para expor o que houve de coletivo nela. Não me refiro somente àqueles que contribuíram com reflexões ou com conversas que me ajudaram na sintetização das ideias. Remeto-me também àqueles que contribuíram para a realização da árdua tarefa de encontrar textos que pouco circularam no Brasil. Cito aqui os professores argentinos Juan Odisio e Florencia Sember, por me encaminharem cópias de alguns dos seus trabalhos. O mesmo fez o espanhol Daniel Salem, ao me enviar alguns estudos do Prebisch. Também gostaria de agradecer à bibliotecária Ana Cristina dos Santos, que flexibilizou certas regras do Acervo Delfim Netto, permitindo que eu escaneasse entrevistas do Prebisch e outros textos importantes do acervo. Por fim, agradeço ao meu caro amigo “prebischiano” Darlan Barboza, que carinhosamente me enviou, pelos Correios, cópias de alguns dos livros utilizados nesta pesquisa.

Também agradeço aos professores que tiveram participação direta nesta pesquisa, seja compondo a banca de qualificação (Renata Bianconi e Mauricio Coutinho), seja compondo a banca de defesa (Mauricio Coutinho e Luiz Felipe Bruzzi Curi). Beneficiei-me muito dos ricos e generosos comentários que esses professores me ofertaram nesses encontros. A todos isento, naturalmente, de qualquer responsabilidade pelos resultados obtidos nessa dissertação.

Desviando dos assuntos acadêmicos, agradeço o apoio indispensável oferecido por minha família nesse período. “Há tempo, muito tempo, que eu estou longe de casa” e, com isso, perdendo muitos importantes episódios da minha família. Não foram anos fáceis. Foi no período do mestrado que, pela primeira vez, perdi familiares muito próximos: primeiramente, minha tia Raimunda Maia; logo em seguida, meu avô Sebastião Maia. No mais, gostaria de deixar o meu agradecimento aos meus tios Marlete Maia e José Macário (Dedé), à minha irmã, Fabiana Maia e, sobretudo, à minha mãe, Maria da Conceição Maia. A energia para enfrentar quaisquer dificuldades veio de vocês.

Mesmo diante do risco do esquecimento, é preciso dedicar algumas linhas para as grandes amizades que conquistei nesse período. Foram amigos de disciplinas, congressos, biblioteca, almoços no RU, cafês no CESIT, encontros no bar do Ademir/Vila, karaokês, entre outros. Primeiramente, agradeço ao Cabaré da Seringueira (Alberes Ferreira, Larice Simone, Pedro Cavalcante, Júnior Mascarenhas, Renato Lima, Giselle Ferraz, Dallas Kelson e João Paulo) pela companhia, pela parceria e pelas muitas risadas no bosque do IE. Agradeço à casa E4 da moradia da UNICAMP (Pedro Vaz, Leonardo Oliveira e Uedson Neves, além da nossa

querida gata Abigail), além de outros grandes amigos da UNICAMP (Luciana de Oliveira, Gabriela Rocha, Ana Carolina Nicácio, Mariela Almeida, Bruno Medeiros, Felipe Amorim, Gabryela Duarte, Chico Monticeli, Milena Oliveira, Paula Constante, Lorena Torres, Natália Augusto, Natânia Ferreira, Iliana Castillo e Lucy).

Ainda houve importantes amigos(as) de longa data que me ajudaram a enfrentar os bloqueios de escrita. Agradeço ao Diego Felipe e à Leticia Diniz, que foram por vezes confidentes das minhas frustrações durante o processo de escrita. Agradeço também ao Farrel Kautelly, meu cativante leitor, corretor e amigo, com quem aprendi muito. Por fim, volto a mencionar meu fiel escudeiro Júnior Mascarenhas, a quem agradeço pela companhia, pelos diálogos e pelas frequentes e divertidas ligações, que me permitiram manter a cabeça no lugar durante essa inconveniente pandemia.

Já caminhando para o fim, engana-se quem pensa que um trabalho de história estaria totalmente preso a um passado que não nos diz mais respeito. Hoje, escrevendo esse agradecimento da dissertação, novamente me dou conta de que também sou fruto do “capitalismo periférico” delineado por Raúl Prebisch – esse sistema marcado pela exclusão e pela extrema concentração de poder, renda e riqueza. Faço essa constatação, pois sou subproduto de pelo menos três ou quatro gerações da família Maia, que dedicou todos os seus esforços para dar alguma condição material para os filhos: começando por meus avós, os primeiros de uma longa trajetória no campo a terem acesso à terra, com os seus catorze filhos (sem acesso à educação) trabalhando no cultivo da fazenda; passando pela geração dos meus pais, que saía do campo sem ter nem mesmo o ensino fundamental completo, tal como a minha mãe, que, divorciada e com dois filhos, veio para a cidade ganhar a vida como costureira; até finalmente chegar à minha geração, a primeira da família a ter acesso ao ensino superior e à pós-graduação.

Sendo assim, na minha história, bem como na de inúmeras outras famílias no Brasil, o problema da desigualdade é um traço do capitalismo periférico. Foi preciso o esforço de gerações, para que famílias como a minha tivessem acesso a uma formação de qualidade. Por esse ângulo, considero esta dissertação como o resultado indireto dessas gerações que derramaram muito suor para que eu, enfim, chegasse aqui.

Por último, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pelo auxílio financeiro indispensável fornecido a mim. Só me resta dizer que ainda carrego em mim a esperança de que a universidade pública continue sendo esse espaço de acolhimento e de transformação daqueles que praticam a difícil, imperativa e apaixonante tarefa de estudar o (sub)desenvolvimento da América Latina.

É preciso explicar por que o mundo de hoje, que é horrível, é apenas um momento do longo desenvolvimento histórico e que a esperança sempre foi uma das forças dominantes das revoluções e das insurreições. E eu ainda sinto a esperança como minha concepção de futuro.

Jean Paul Sartre

RESUMO

Em 1976, o economista argentino Raúl Prebisch, aos 75 anos, abandonou a sua longa trajetória no serviço internacional e deu início a uma série de publicações críticas ao capitalismo periférico, mais tarde, sumarizadas na obra *Capitalismo Periférico: crisis y transformación*. Esse episódio foi o marco inicial do que o próprio autor chamou de sua “quinta e última fase intelectual”, que se estendeu até a sua morte, em 1986. Nesse período, encontramos nos escritos de Prebisch: (i) um novo arcabouço teórico, orientado para uma análise multidisciplinar; (ii) um novo diagnóstico para a crise que assolava os países periféricos; e, por fim, (iii) o abandono dos tons esperançosos, os quais correspondiam à possibilidade de reformas no sistema capitalista. No intuito de captar a natureza desse movimento, assumimos o objetivo geral de reconstituir a trajetória intelectual de Prebisch, em busca de compreender os determinantes dos processos de crise e de transformação presentes na última fase do seu pensamento. Para tal, nosso ponto de embarque foi o alvorecer da década de 1960, quando certos elementos sociológicos afloraram pela primeira vez na obra do autor. Simultaneamente, resgatamos o saldo negativo das suas experiências acumuladas em organismos vinculados à ONU. No que se refere aos procedimentos metodológicos, a fim de reconstituir a trajetória de Prebisch, optamos pela abordagem de Reconstrução Histórica. Nosso primeiro passo foi executar um levantamento bibliográfico da produção teórica do autor, incluindo seus livros, artigos e documentos. Ao mesmo tempo, abarcamos seus pronunciamentos, suas entrevistas concedidas e outros gêneros de fonte primária. Por último, contamos com o apoio da literatura secundária especializada no pensamento de Prebisch e no contexto de grandes mudanças na América Latina no pós-guerra. Como resultado, revelamos que essa transformação no pensamento de Prebisch, ocorrida no ano de 1976, deve ser explicada dentro de um quadro maior: o da crise do “paradigma do desenvolvimento”. Portanto, Prebisch foi mais um de uma série de teóricos do desenvolvimento que revisitaram suas ideias diante de um contexto de crise global e teórica, no decênio de 1970. Embora esse não fosse um movimento isolado, compreendemos a especificidade dessa inflexão no pensamento do autor, a partir de uma dupla determinação. Primeiro, no âmbito da “trajetória institucional”, Prebisch, na década de 1970, tornou-se descrente com o papel dos organismos regionais na superação do subdesenvolvimento. Colaboraram para isso o peso da derrota da Nova Ordem Econômica Internacional, vislumbrada pelo autor durante a sua passagem pela UNCTAD (1964-1969), além de outros percalços na sua atividade institucional no ILPES, na CEPAL e na Aliança para o Progresso. Em segundo

lugar, notamos, na “trajetória intelectual” do autor, uma transição para uma abordagem multidisciplinar, que estava em voga nos autores do seu círculo intelectual. Desde meados dos anos 1960, Prebisch acompanhou de perto um movimento de revisão crítica das teses da CEPAL, o qual conduziu a um aprofundamento da dimensão política e social no estudo do fenômeno do desenvolvimento. Diante disso, as teses finais produzidas por Prebisch refletiam a trajetória de um autor que vinha perdendo relevância no debate institucional e que necessitava encarar uma conjuntura regional dilacerada pelas novas relações de dependência cristalizadas na década de 1970.

Palavras-chave: Pensamento Econômico Latino-americano; América Latina; Subdesenvolvimento; Crise do Paradigma do Desenvolvimento; Raúl Prebisch (1901-1986).

ABSTRACT

In 1976, the Argentine economist Raúl Prebisch, aged 75, abandoned his long trajectory in the international service and began a series of publications critical of peripheral capitalism, later summarized in his book *Peripheral Capitalism: crisis and transformation*. This episode was the starting point of what the author called his “fifth and final intellectual phase”, which lasted until his death in 1986. During this period, we find in Prebisch's writings: (i) a new theoretical framework, oriented towards a multidisciplinary analysis; (ii) a new diagnosis for the crisis that was plaguing peripheral countries; and, finally, (iii) the abandonment of hopeful tones, which corresponded to the possibility of reforms in the capitalist system. In order to capture the nature of this movement, we assume the general objective of reconstructing Prebisch's intellectual trajectory in order to understand the determinants of the process of crisis and transformation present in the last phase of his thought. To this end, our starting point was the early 1960s, when certain sociological elements first surfaced in the author's work. At the same time, we rescued the negative balance of his accumulated experiences in organizations linked to the United Nations. With regard to methodological procedures, to reconstruct Prebisch's trajectory, we chose the Historical Reconstruction approach. Our first step was to carry out a bibliographic survey of the author's theoretical production, including his books, articles and documents. At the same time, we encompass his pronouncements, granted interviews and other primary source genres. Finally, we are supported by secondary literature specializing in Prebisch's thought and in the context of great changes in post-war Latin America. As a result, we reveal that this transformation in Prebisch's thought, dating to the year 1976, must be explained within a larger framework: the crisis of the “development paradigm”. Therefore, Prebisch was one of a series of development theorists who revisited his ideas in a context of global and theoretical crisis in the 1970s. Although not an isolated movement, we understood the specificity of this inflection in the author's thinking from a double determination. First, within the scope of the “institutional trajectory”, Prebisch, in the 1970s, became skeptical about the role of regional organizations in overcoming underdevelopment. We give this the weight of the defeat of the New International Economic Order envisioned by the author during his time at UNCTAD (1964-1969), as well as other setbacks in the institutional activity of ILPES, ECLAC and Alliance for Progress. Second, we noticed in the author's “intellectual trajectory” a transition to a multidisciplinary approach, which was in vogue among authors in his intellectual circle. Since the mid-1960s, Prebisch has closely followed a movement of critical revision of ECLAC's theses, which led to a deepening

of the political and social dimension in the study of the phenomenon of development. In view of this, the final theses produced by Prebisch reflected the trajectory of an author who had been losing relevance in the institutional debate and needed to face a regional situation weakened by the new dependency relationships crystallized in the 1970s.

Keywords: Latin American Economic Thought; Latin America; Underdevelopment; Development Paradigm Crisis; Raúl Prebisch (1901-1986).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AID	Associação Internacional de Desenvolvimento
ALALC	Associação Latino-Americana de Livre Comércio
BCD	Bens de Consumo Duráveis
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BK	Bens de Capital
CECADE	Centro de Capacitación y Desarrollo
CAEM	Centro de Altos Estudios Militares
CAEMU	Conselho de Assistência Econômica Mútua
CEE	Comunidade Econômica Europeia
CECLA	Comissão Especial de Coordenação Latino-Americana
CEGAN	Comité de Expertos Gubernamentales de Alto Nivel
CELADE	Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía
CENDES	Centro de Estudios del Desarrollo
CEPAL	Comissão Econômica para América Latina e o Caribe
CIAP	Comité de la Alianza para el Progreso
CIA	Central Intelligence Agency
CIDA	Comité Interamericano de Desarrollo Agrícola
CORA	Corporación de Reforma Agrícola
DEAS	Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais
ECOSOC	Conselho Econômico e Social das Nações Unidas
ETNs	Empresas Transnacionais
FAO	Food and Agriculture Organization
FMI	Fundo Monetário Internacional
G-77	Grupo dos 77
GATT	General Agreement on Tariffs and Trade
IBRD	International Bank for Reconstruction and Development
IDS	Institute of Development Studies
IFC	International Finance Corporation
ILDIS	Instituto Latinoamericano de Investigaciones Sociales
ILPES	Instituto Latinoamericano y del Caribe de Planificación Económica y Social
INDAP	Instituto de Desarrollo Agropecuario

IICA	Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas
ISI	Industrialização por Substituição de Importações
MCCA	Mercado Común Centroamericano
NILAS	Nordic Institute for Latin American Studies
OAS	Organization of American States
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OEA	Organização dos Estados Americanos
OIC	Organização Internacional do Comércio
OLAS	Organización Latinoamericana de Solidaridad
ONU	Organização das Nações Unidas
OPEP	Organização dos Países Exportadores de Petróleo
PDC	Partido Demócrata Cristiano
PEA	População Economicamente Ativa
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
SELA	Sistema Económico Latinoamericano
SGP	Sistema Geral de Preferências
UBA	Universidad de Buenos Aires
UDN	União Democrática Nacional
UNCTAD	United Nations Conference on Trade and Development
UNEP	United Nations Environment Programme
UP	Unidad Popular
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USAID	Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Diagnóstico da crise de insuficiência dinâmica.....	56
Figura 2. Origem regional dos funcionários da UNCTAD e do GATT em 1968.....	112
Figura 3. Essência do desenvolvimento econômico para Prebisch.....	161
Figura 4. Síntese do esquema teórico de Prebisch.....	170
Figura 5. Interpretação de Prebisch sobre o desenvolvimento periférico.....	178
Figura 6. Raúl Prebisch no lançamento da Aliança para o Progresso.....	267
Figura 7. Raúl Prebisch em reunião para o financiamento do recém-criado ILPES.....	268
Figura 8. Raúl Prebisch com o presidente do Chile Eduardo Frei.....	269
Figura 9. Raúl Prebisch em atividade pelo Comitê Preparatório da UNCTAD.....	269
Figura 10. Raúl Prebisch como secretário-geral da UNCTAD.....	270
Figura 11. Raúl Prebisch durante uma das sessões da UNCTAD II.....	270
Figura 12. Raúl Prebisch em Nova Delhi com Indira Gandhi.....	271
Figura 13: O último discurso de Raúl Prebisch na UNCTAD II.....	271
Figura 14. Raúl Prebisch como diretor-geral do ILPES.....	272
Figura 15. Raúl Prebisch no escritório da Revista de la Cepal.....	273
Figura 16. Raúl Prebisch com o presidente argentino Raúl Alfonsín.....	273
Figura 17. Raúl Prebisch como assessor econômico do governo da Argentina.....	274
Figura 18. Funeral de Raúl Prebisch.....	275
Figura 19. Sepultamento de Raúl Prebisch.....	275
Figura 20. Apresentação do livro póstumo de Raúl Prebisch.....	276

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. CRISE E REFORMAS NO PENSAMENTO DE RAÚL PREBISCH (1960, 1970).....	40
1.1 Crise e esgotamento dos processos substitutivos de importação na América Latina nos anos sessenta.....	45
1.2 Raúl Prebisch e a crise de insuficiência dinâmica	51
1.2.1 O problema do estrangulamento interno.....	54
1.2.2 A interpretação de Prebisch do processo inflacionário.....	60
1.2.3 O problema do estrangulamento externo e o esgotamento do processo substitutivo	63
1.3 A vertente reformista e o debate do subdesenvolvimento da época	67
1.4 Reformas de base na América Latina.....	76
1.4.1 O caso do Chile de reformas pela via democrática	81
1.4.2 O caso da “ <i>revolución peruana</i> ”	85
1.4.3 O caso brasileiro de “não reformas”	88
2. COOPERAÇÃO E REFORMAS NAS INSTITUIÇÕES DE RAÚL PREBISCH (1960-1970)	93
2.1 Raúl Prebisch e a dinâmica institucional da UNCTAD (1964-1969).....	99
2.1.1 O otimismo da Conferência de Genebra (1964).....	101
2.1.2 A desilusão na Conferência de Nova Delhi (1968).....	112
2.2 Cooperação e reformas, as diretrizes de Raúl Prebisch.....	121
2.3 A América Latina e as transformações das décadas de 1960 e 1970.....	132
2.3.1 Transformações no sistema capitalista na década de 1970.....	133
2.3.2 O modelo latino-americano de crescimento com endividamento	135
2.4 Novos ares na década de 1970: a questão da interdisciplinaridade	138
2.4.1 Desenvolvimento e interdisciplinaridade nos anos setenta.....	138
2.4.2 A CEPAL e o enfoque de estilos de desenvolvimento	141
3. CRISE E TRANSFORMAÇÃO NO PENSAMENTO DE RAÚL PREBISCH (1976-1986)	146
3.1 O capitalismo periférico de Prebisch, um projeto de análise (1976-1978)	152
3.1.1 A índole do capitalismo periférico	158
3.1.2 As novas relações centro-periferia	172
3.1.3 Releitura do processo de desenvolvimento latino-americano.....	177
3.2 A utopia de Prebisch, a busca pela transformação (1980).....	192
3.2.1 A síntese de Prebisch: entre o socialismo e o liberalismo	194

3.2.2 A cartilha da transformação	200
3.3 O impacto da obra <i>Capitalismo Periférico</i> de Prebisch	207
3.3.1 Críticas e repercussões das últimas teses de Prebisch	209
3.3.2 As influências teóricas do capitalismo periférico de Prebisch	216
3.4 As últimas contribuições de Prebisch (1981-1986)	225
3.4.1 As últimas ênfases de Prebisch	227
3.4.2 A passagem pelo governo de Raúl Alfonsín na Argentina (1983-1985).....	233
CONSIDERAÇÕES FINAIS	240
FONTES DE PESQUISA E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	245
1. Bibliotecas e acervos pesquisados	245
2. Textos de Raúl Prebisch	245
3. Entrevistas, pronunciamentos, exposições, conferências e outros documentos	248
4. Bibliografia geral	250
ANEXO A – fotografias de Raúl Prebisch.....	267

INTRODUÇÃO

Raúl Federico Prebisch Linares (1901-1986) foi um célebre economista argentino de grande impacto ideológico e intelectual com relação ao desenvolvimento da América Latina. O autor, ao longo de sua vida, colaborou para a construção de um pensamento original e duradouro, que lhe permitiu figurar como um dos expoentes do estruturalismo latino-americano. A influência de Prebisch pode ser facilmente identificada a partir de declarações de outros importantes intelectuais envolvidos na discussão do subdesenvolvimento da América Latina. O economista brasileiro Celso Furtado afirma que Prebisch foi o único economista latino-americano de renome internacional.¹ Para Francisco de Oliveira, Prebisch foi um dos continuadores da cidadania latino-americana inaugurada por Simón Bolívar e San Martín;² isto é, Prebisch teria colaborado para a construção de uma identidade para a região. O economista Osvaldo Sunkel considera Prebisch um personagem-chave tanto para o pensamento econômico quanto para a evolução socioeconômica e política da América Latina.³ Para Hélio Jaguaribe, Prebisch foi, ao mesmo tempo, um homem de ação e de pensamento.⁴ Aníbal Pinto, por sua vez, alega que as ideias de Prebisch constituem um testemunho decisivo para o desenvolvimento da América Latina.⁵

Apesar do notável reconhecimento de Prebisch no âmbito acadêmico, Pollock⁶ aponta que se trata de um homem complexo e multifacetado, uma vez que o estudo do pensamento de Prebisch e de suas ações conduziu à formação de três visões distintas e totalmente dissociadas sobre o autor. Enquanto, no restante da América Latina, sua reputação era a de um teórico progressista e inovador, na Argentina, o seu país de origem, a visão era totalmente diferente, sendo Prebisch vinculado a núcleos conservadores e, até mesmo, tido como representante de uma oligarquia rural argentina. Além disso, em Washington, a sua imagem era tão polêmica quanto a disseminada na Argentina, com o autor sendo visto por *policy makers* e por diretores de organismos internacionais como um “crítico esquerdista”. Para esses últimos, Prebisch era

¹ FURTADO, Celso, **Obra Autobiográfica**, 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

² OLIVEIRA, Francisco de, Apresentação, in: PREBISCH, Raúl (Ed.), **Keynes: uma introdução**, 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p. 7–16.

³ SUNKEL, Osvaldo, Reflexiones sobre la vida y obra de Raúl Prebisch, in: BÁRCENA, Alicia; DOSMAN, J. Edgar; SUNKEL, Osvaldo (Orgs.), **Homenaje a Raúl Prebisch (1901-1986)**, Chile, Santiago: Cepal, 2011, p. 27.

⁴ JAGUARIBE, Hélio, Raúl Prebisch, hombre de pensamiento y acción, **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 357, 1987, p. 357.

⁵ PINTO, Aníbal, Raúl Prebisch (1901-1986), **Revista de la Cepal**, n. 29, p. 9–11, 1986.

⁶ POLLOCK, David H., Raúl Prebisch Visto Desde Washington. Una percepción Cambiante, **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 366–370, 1987, p. 366.

percebido como uma ameaça no período da Guerra Fria. Foi apenas com a biografia *Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do terceiro mundo*,⁷ produzida pelo canadense Dosman, no ano de 2008, que essas questões foram, de certa forma, aclaradas. Em sua obra, Dosman mostra um Prebisch não tão conservador em sua passagem pelo setor público argentino e desmantela por completo a imagem de Prebisch construída em Washington. No entanto, na literatura, ainda persistem algumas lacunas referentes ao percurso intelectual de Prebisch, sendo uma delas a última fase do seu pensamento (a partir de 1976), quando ele apresentou uma clara ruptura – sem precedentes – com relação a toda a sua produção bibliográfica anterior.

Estudar o pensamento de um autor em particular, como se pretende aqui, exige certa cautela. Tal tarefa inclui desde questões simples, como o cuidado em cobrir a bibliografia correta do autor, a questões mais complexas, como a dificuldade em periodizar o pensamento de um autor em fases. Como bem lembra Couto,⁸ no caso de Prebisch em específico, o autor facilitou esse ofício, elaborando, no ano de 1983, um ensaio autobiográfico intitulado *Cinco Etapas de mi Pensamiento sobre el Desarrollo*,⁹ no qual dividiu criteriosamente seu pensamento em cinco etapas.¹⁰ É com base nessa divisão que pretendemos investigar o pensamento de Prebisch nesta dissertação.¹¹

⁷ DOSMAN, Edgar J., **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011.

⁸ COUTO, Joaquim Miguel, **O Pensamento de Raúl Prebisch**, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.

⁹ Esse ensaio foi redigido por Prebisch para a conferência *Pioneers in Development*, organizada pelo Banco Mundial.

PREBISCH, Raúl, *Cinco Etapas de mi Pensamiento sobre el Desarrollo*, **El Trimestre Económico**, v. I (2), n. 198, p. 1077–1096, 1983.

¹⁰ Segundo Hopenhayn, esse seria um dos raros relatos autobiográficos de Prebisch, pois o autor “siempre pensó que mientras pudiera ocuparse del presente y del futuro colectivo no debía perder tiempo escribiendo sobre su propio pasado”. Sunkel relata um episódio em que tentou convencer Prebisch a escrever as suas memórias, mas recebeu, como resposta, os seguintes dizeres: “Sabe Osvaldo, no me interesa el pasado, lo que interesa es el futuro”. HOPENHAYN, Benjamín, Prebisch como Pensador Clásico y Heterodoxo, in: ONU/CEPAL (Org.), **América Latina en la Economía Mundial: seminario en homenaje al Dr. Raúl Prebisch**, Chile: ONU/Cepal/INTAL, 1988, p. 55; SUNKEL, Osvaldo, La Labor de la CEPAL en sus Primeros Decenios, in: COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL) (Org.), **La CEPAL en sus 50 Años: notas de un seminario conmemorativo**, Chile, Santiago: Nações Unidas, 2000, p. 33.

¹¹ Entendemos como uma opção correta para este estudo a divisão elaborada pelo próprio Prebisch das cinco fases do seu pensamento. Embora alguns autores como, Salem e Couto e Couto, também respeitem a periodização de Prebisch, não há um consenso na literatura. Portanto, é pertinente ter em mente que outros autores utilizam periodizações diversas. A título de exemplo, autores como Gurrieri e Barboza escapam desse tipo de periodizações, optando por uma cronologia em alguns de seus estudos a qual utiliza, por exemplo, a expressão “jovem Prebisch” para se referir ao período anterior ao trabalho do argentino no serviço internacional na CEPAL. Por outro lado, outros autores tendem a “reconfigurar” a própria divisão do Prebisch, como Caldentey, Sunkel e Olivos, que acrescentam uma nova fase no pensamento de Prebisch, separando, assim, a primeira fase do seu pensamento em duas: “(1) etapa en la Argentina (1919-1943); (2) el conocimiento de América Latina y la concepción del sistema centro-periferia (1943-1949);” SALEM, Daniel F. Sotelsek, El pensamiento de Raúl Prebisch: una visión alternativa, **Revista Estudios Demográficos y Urbanos**, v. 23, n. 3, p. 615–636, 2008; COUTO, Joaquim Miguel; COUTO, Ana Cristina Lima, Um Libertador das Ideias: o pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch,

Antes de avançar, é preciso tecer algumas considerações sobre essa decisão. Independentemente de o gênero “autobiografia” conter elementos cruciais para o estudo da trajetória de um autor, é preciso estar ciente dos limites do uso desse tipo de fonte. Carlson¹² destaca o caráter seletivo presente nas memórias autobiográficas, visto que o autor costuma narrar a sua vida privilegiando certos acontecimentos e acobertando outros. Esse traço está presente no relato de Prebisch, por exemplo, quando ele renega todo o período anterior à sua chegada à CEPAL, tratando essa época como um “momento de preparação” para suas grandes teses.

Outra questão importante é compreender a própria circunstância em que foi escrito o texto autobiográfico. Embora o relato autobiográfico trate de memórias do passado, ele também diz muito sobre os objetivos e sobre as intenções do autor no momento da escrita, quando ele recupera a sua trajetória. No caso de Prebisch, esse ensaio foi publicado pela primeira vez na revista mexicana *El Trimestre Económico*, em 1983. No entanto, ele foi preparado como texto base para uma série de conferências que estavam sendo organizadas pelo Banco Mundial, com a intenção de reunir os ditos “pioneiros” da Teoria do Desenvolvimento. No mesmo ano, foi encomendado a Prebisch que escrevesse um relato autobiográfico em que ele adotasse uma visão retrospectiva sobre os seus primeiros trabalhos e em que ele também reavaliasse e atualizasse as suas ideias.¹³ O resultado foi um texto autobiográfico em que Prebisch estabeleceu uma narrativa da sua trajetória intelectual que priorizava as suas reflexões críticas produzidas no momento da escrita. Portanto, é preciso entender que Prebisch projetou o seu pensamento nesse ensaio, oferecendo um guia de como seu pensamento deveria ser lido e interpretado. Dessa forma, não pretendemos, nesta dissertação, realizar uma incorporação passiva da periodização proposta por Prebisch; quando necessário, sinalizaremos os limites e as incoerências gerados no uso dessa fonte.

Revista de Desenvolvimento Econômico, ano VIII. n. 14, p. 60–69, 2006; GURRIERI, Adolfo, Las Ideas del Joven Prebisch, **Revista de la Cepal**, n. 75, p. 69–82, 2001; BARBOZA, Darlan Praxedes, **O Jovem Prebisch (1901-1943)**, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2018; CALDENTEY, Esteban Pérez; SUNKEL, Osvaldo; OLIVOS, Miguel Torres, Raúl Prebisch (1901-1986) un recorrido por las etapas de su pensamiento sobre el desarrollo económico, 2012, p. 7.

¹² CARLSON, David, Autobiography, in: DOBSON, Mirian; ZIEMANN, Benjamin (Orgs.), **Reading Primary Sources: The interpretation of texts from nineteenth - and twentieth-century history**, Abingdon: Routledge, 2009, p. 175–191.

¹³ Essas conferências ocorreram ao longo do ano de 1983 e reuniram outros teóricos: Lord Bauer, Colin Clark, Albert Hirschman, Sir Arthur Lewis, Gunnar Myrdal, Raúl Prebisch, Paul N. Rosenstein-Rodan, Walt W. Rostow, Hans W. Singer e Jan Tinbergen. No ano seguinte, todos os textos autobiográficos apresentados foram compilados e publicados no livro *Pioneers in Development*. Ver na íntegra em: MEIER, Gerald M.; SEERS, Dudley (Orgs.), **Pioneers in Development**, Washington, D.C.: World Bank - Oxford University Press, 1984.

Após discutir os desafios presentes na escolha da periodização, o passo seguinte seria apresentar e discutir o objeto desta pesquisa. Nesta dissertação, estudamos o movimento de “transformação” presente na última fase intelectual (1976-1986)¹⁴ do pensamento de Prebisch. Nesses anos, o autor teceu incisivamente numerosas críticas ao que ele denominou “capitalismo periférico”. Em tal momento, Prebisch apresentou, em seu diagnóstico, certa aproximação ao socialismo. Para o autor, o sistema capitalista na periferia era, por si só, vicioso. Ele apresentava alguns componentes, como desigualdade social e baixa dinâmica, componentes esses inerentes a essa forma de capitalismo. A convicção de Prebisch de modificar o sistema era indubitável em algumas passagens de seus escritos: “tras largas observaciones de los hechos y mucha reflexión me he convencido que las grandes fallas del desarrollo latinoamericano carecen de solución dentro del sistema prevaleciente. Hay que transformarlo”.¹⁵ Mais adiante, o autor acrescenta que “no es que el sistema funcione mal, sino que el sistema es así: es un sistema socialmente vicioso”.¹⁶ A tese sobre o capitalismo periférico elaborada por Prebisch repercutiu em comentários de economistas liberais a pós-marxistas, sendo o autor até mesmo chamado de “cavaleiro do apocalipse” por alguns membros de organismos internacionais e de instituições de Washington.¹⁷

Antes de avançar, é relevante contextualizar esse estágio na vida de Prebisch. A princípio, o marco inicial para a quinta e última fase do pensamento de Prebisch é a saída do autor da United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD),¹⁸ quando, posteriormente, ele abandonou as suas tarefas executivas e passou a se dedicar integralmente à carreira acadêmica – na direção da recém-criada *Revista de la CEPAL*. O relato do próprio Prebisch respalda a relevância desse episódio. De acordo com o autor, foi “un periodo final en que el, libre de responsabilidades ejecutivas por primera vez en muchos años, he podido revisar y desarrollar sistemáticamente mi pensamiento”.¹⁹ No que diz respeito às produções teóricas, foi mais precisamente no ano de 1976²⁰ que Prebisch inaugurou a sua quinta fase intelectual,

¹⁴ Apoiando-se na divisão estabelecida pelo próprio autor, considera-se que a quinta etapa do pensamento de Prebisch atravessa um período de 10 anos, tendo início no ano de 1976 e estendendo-se até a morte do autor, em 1986. PREBISCH, Raúl, *Cinco Etapas de mi Pensamiento sobre el Desarrollo*.

¹⁵ PREBISCH, Raúl, **Capitalismo Periférico: crisis y transformación**, 1 ed. primeira reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 1984 [1981]. p. 14.

¹⁶ *Ibid.*, p. 16.

¹⁷ DOSMAN, Raúl **Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**. p. 547.

¹⁸ A saída de Prebisch da UNCTAD ocorreu no ano de 1969. Porém, a partir da década de 1970, o autor continuou desempenhando um papel atuante como assessor especial na Secretaria-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), mantendo, assim, o vínculo com a CEPAL, com o ILPES, com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e com os demais órgãos. Para uma melhor descrição do período, ver *Ibid.*

¹⁹ PREBISCH, Raúl, *Cinco Etapas de mi Pensamiento sobre el Desarrollo*, p. 1087.

²⁰ Essa fase foi marcada, inicialmente, por uma série de três artigos seminais, que se complementavam, publicados, respectivamente, nos anos de 1976, 1978 e 1980: PREBISCH, Raúl, *Crítica al Capitalismo Periférico*, **Revista de**

por meio de um conjunto de artigos que mais tarde foram consolidados na obra de síntese *Capitalismo Periférico, crisis y transformación*.²¹

Nessa etapa, Prebisch tornou-se ainda mais cético quanto à possibilidade de romper com a inércia do subdesenvolvimento na América Latina, tratando a desigualdade social e o desemprego estrutural como características inerentes à estrutura da região, e considerando que tais traços floresciam em desajustes sociais e políticos. Prebisch havia modificado totalmente o tom de sua crítica e a sua posição ideológica a partir desses escritos, negando por completo os seus antigos receituários reformistas, elaborados na década anterior. Nesses termos, Prebisch alegou que as reformas de base dentro do sistema prevalecente apenas conduziram a América Latina para um ciclo no qual os ganhos adquiridos pelas camadas inferiores resultaram em pressões sobre a produção do excedente, pressões essas que, até então, atuavam em favor do consumo mimetizado das camadas elevadas. Por consequência, a redução do excedente terminaria sempre engendrando uma nova crise econômica e política, que se alastraria até que fosse restabelecida novamente a tendência à exclusão do capitalismo periférico.

Diante desse novo diagnóstico, para Prebisch, a solução da problemática do subdesenvolvimento passaria necessariamente por uma “teoria da transformação”, que consistia em romper com os princípios nos quais se assenta o capitalismo periférico; ou seja, deveria, necessariamente, ocorrer uma transformação do modo de produção capitalista na América Latina, o qual seria substituído por um novo modelo de organização da produção e da sociedade. A proposta do autor consistia, em resumo, em uma síntese entre o liberalismo e o socialismo, por meio da conciliação de características coletivas no que tange à correção das disparidades estruturais da renda, visando a obter um melhor uso social do excedente. O individualismo, por seu turno, estaria presente para garantir a alocação do capital em resposta à demanda, a qual continuaria formulada pelo mercado, o que garantiria a liberdade individual e as liberdades políticas. A proposta de transformação elaborada por Prebisch não consistiu apenas no controle da geração e da distribuição do excedente da economia. Prebisch almejou uma transformação completa na sociabilidade dos países latino-americanos, transformação essa que tinha como “meio” a eliminação da discrepância de poder (econômico, político e social) entre os indivíduos, além da difusão de valores culturais contrários à chamada “sociedade privilegiada

la Cepal, n. 1, p. 7–73, 1976; PREBISCH, Raúl, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, *Revista de la Cepal*, n. 6, p. 167–264, 1978; PREBISCH, Raúl, Hacia una Teoría de la Transformación, *Revista de la Cepal*, n. 96, p. 27–71, 2008 [1980].

²¹ PREBISCH, *Capitalismo Periférico: crisis y transformación*. 1984 [1981].

de consumo”; assim, poder-se-ia obter, como “fim” último, a construção de “una sociedad desarrollada, democrática y equitativa”.²²

À medida que se conhece melhor o nosso personagem, essa última fase do seu pensamento, mencionada acima, pode ser vista como um ponto de inflexão. Prebisch, desde a sua passagem pela Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL),²³ e posteriormente pelo *Instituto Latinoamericano y del Caribe de Planificación Económica y Social* (ILPES) e pela UNCTAD, sempre atuou como um legítimo técnico em busca do desenvolvimento econômico, atuando dentro dos limites da ordem capitalista e, quando muito, como um autêntico reformista,²⁴ nos anos 1960. Por ora, é importante compreender que o pensamento de Prebisch a partir do ano de 1976 destoava imensamente das suas ideias anteriores, e as causas e os determinantes desse movimento de inflexão no pensamento do autor, até então, não foram alvos sequer de discussão dentro da literatura. Desse modo, esse conjunto de questões e de reflexões empreendidas acima conduz para o seguinte problema de pesquisa: *quais foram os determinantes do movimento de “transformação” presente na última etapa do pensamento de Raúl Prebisch (1976-1986)?*

Dito isso, a importância de se compreender o movimento de transformação do pensamento de Prebisch defendido aqui se justifica à medida que se compreende o trajeto intelectual percorrido pelo autor. A formação intelectual de Prebisch começou na Argentina. Com base na exposição de Magariños, esse período pode ser compreendido em dois momentos:²⁵ o primeiro período, intitulado “formação”, abrange a vida familiar, a juventude e

²² O texto *Hacia una Teoría de la Transformación*, publicado no ano de 1980, foi o último da série de artigos elaborados por Prebisch sobre a temática do capitalismo periférico. Aqui, o autor esforçou-se em delimitar os marcos teóricos e os caminhos para a sua proposta de ação: a transformação. PREBISCH, *Hacia una Teoría de la Transformación*, p. 27.

²³ Ressaltamos que a incorporação dos países do Caribe à sigla da CEPAL ocorreu somente em 1984.

²⁴ A chave “reformismo-revolucionário” deve ser apresentada aqui com um certo rigor, uma vez que tais conceitos muitas vezes são carregados por concepções. Como sublinha Settembrini, nem sempre a via revolucionária faz uso da violência, e um reformista deseja evitar uma revolução. Perante essa questão, entendemos aqui o revolucionário como um movimento que, por vias pacíficas ou não, objetiva um tipo de ordenamento social “declaradamente antitético em todos os campos – econômico, político, cultural e civil – em relação ao ordenamento capitalista democrático”. O reformista, por seu turno, seria o movimento que almeja “melhorar e a aperfeiçoar, talvez até radicalmente, mas nunca destruir, o ordenamento existente, pois considera valores absolutos da civilização os princípios em que ele se baseia, mesmo que sejam numerosas e ásperas as críticas que, em situações particulares, possa-se dirigir ao modo concreto como tais princípios se traduzem na prática”. SETTEMBRINI, Domenico, *Reformismo*, in: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.), **Dicionário de Política**, 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, v. 2, p. 1077.

²⁵ A obra de Magariños foi escrita com a intenção de compor a primeira biografia sobre o Prebisch. Apesar de não cumprir a proposta inicial, o autor ainda publicou um livro contendo um texto biográfico utilizado como base para a candidatura de Prebisch para o Prêmio Nobel de Economia, texto esse escrito pelo próprio Magariños, e uma segunda seção contendo a descrição de 14 horas de entrevista realizada com Raúl Prebisch no ano de 1971. Por muitos anos, essa foi a única grande fonte biográfica sobre Prebisch MAGARIÑOS, Mateo, **Diálogos con Raúl Prebisch**, 1. ed. México: BANCAMEX e Fondo de Cultura Económica, 1991, p. 17–18.

a graduação de Prebisch; a partir de então, haveria o início do longo ciclo da “vida pública” de Prebisch, quando o autor iniciou as suas atividades no setor público argentino.

Dando início à exploração, Prebisch concluiu seus estudos em Ciências Econômicas pela Universidade de Buenos Aires (UBA) no ano de 1922. De acordo com Dosman,²⁶ apesar de Prebisch ter adquirido inicialmente uma formação em economia dentro da tradição ortodoxa, ou neoclássica, uma importante e decisiva referência do autor veio do campo da sociologia: Vilfredo Pareto.²⁷ A sociologia de Pareto era uma opção à via socialista, em razão de essa sociologia insistir que não seria possível pensar numa sociedade sem classes, muito menos sem a existência de elites que conduzissem as diretrizes do processo político. Nesse sentido, Pareto²⁸ vislumbrava a formação de uma elite tecnocrática modernizadora que seria capaz de guiar o Estado com políticas racionais que sobrepujassem qualquer interesse pessoal. Em suma, a alternativa de Pareto admitia que bons governos estariam associados à criação e à manutenção de tecnocratas racionais dedicados a reformar o governo, processo chamado pelo autor de “circulação das elites”. A leitura de Pareto foi uma influência fundamental na formação de Prebisch, convencendo-o de que deveria fazer parte dessa elite modernizadora, atuando por meio do serviço público e das políticas governamentais.²⁹

Seguramente, Pareto esteve na mente de Prebisch quando ele iniciou sua carreira na Argentina, ao longo da década de 1920, dentro do setor público.³⁰ O êxito da carreira de Prebisch nesses anos iniciais foi incontestável, uma vez que, na década seguinte, ele recebeu a tarefa crucial de elaborar um projeto para a criação do Banco Central da Argentina, o que lhe garantiu o cargo de mais alto escalão do setor público no ano de 1935: o de gerente-geral do Banco Central. De acordo com Gurrieri,³¹ foi com o advento da Grande Depressão de 1930 que Prebisch abandonou de vez o pensamento neoclássico como guia para a condução da economia

²⁶ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo. p. 63-65.

²⁷ Dentro da *Facultad de Ciencias Económicas* da UBA, inicialmente, Prebisch flertava com o pensamento socialista. Segundo Magariños, Prebisch foi atraído inicialmente por Lenin e Trotsky. Todavia, esse trajeto foi abandonado, quando Prebisch teve contato com a sociologia de Pareto. Ainda na graduação, Prebisch traduziu escritos do autor para uma conferência em memória de Vilfredo Pareto que ocorreu em outubro do ano de 1923. MAGARIÑOS, *Diálogos con Raúl Prebisch*, p. 40-45; PREBISCH, Raúl, La Sociología de Vilfredo Pareto, *Revista de Ciencias Económicas*, v. serie 2, ano 11, n. 27, 1923.

²⁸ PARETO, Vilfredo, *Trattato di Sociologia Generale*, Italia: Firenze: G. Barbèra, 1916.

²⁹ O próprio Prebisch, em entrevista, ressaltou a sua relação com Pareto nesse período. Segundo o argentino, “todas las mañanas me sentaba a bordo a digerir *la sociología general* de Pareto, otro autor que tuvo una gran influencia en mi formación”. MAGARIÑOS, *Diálogos con Raúl Prebisch*, p. 56.

³⁰ Os cargos de Prebisch foram muitos. Listamos o seu trabalho na Sociedade Rural Argentina; mais tarde, tornou-se consultor do Ministério da Fazenda e assessor do Ministério da Agricultura. Ainda trabalhou como diretor-adjunto do Departamento Nacional de Estatística. Na segunda metade da década de 1920, sua carreira foi impulsionada, ao tornar-se diretor do Banco de la Nación; e, em 1930, assumiu a subsecretaria do Ministério da Fazenda. Ver MAGARIÑOS, *Diálogos con Raúl Prebisch*; DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo.

³¹ GURRIERI, Adolfo, Las Ideas del Joven Prebisch, *Revista de la Cepal*, n. 75, p. 69-82, 2001.

argentina. Nesse período, Prebisch buscou outras interpretações do processo econômico; assim, orientou-se – dentro do Banco Central – por políticas de estímulo à demanda, a fim de alcançar a estabilização e a expansão da economia argentina.³²

Ainda dentro desse prisma, Dosman³³ aponta o economista inglês John Maynard Keynes como outro importante ator para essa transição. Prebisch, em meio à crise de 1929, participou das discussões para a superação da Grande Depressão de 1930 na Conferência Econômica Internacional em Londres, no ano de 1933. Nessa viagem, Prebisch entrou em contato com o artigo de Keynes *The Means of Prosperity*,³⁴ escrito no mesmo ano; esse artigo propõe um novo caminho para atacar as causas da depressão e para retomar o comércio internacional, com medidas de incentivo à demanda como estímulo ao intercâmbio comercial e ao crescimento.

Destarte, a obra keynesiana e os efeitos da grande crise de 1930 foram importantes marcos para a formação de Prebisch. Tal evidência tornou-se ainda mais clara quando o primeiro manual da “Teoria Geral” de Keynes³⁵ para a América Latina foi formulado, no ano de 1947, por Prebisch, com o título de *Introducción a Keynes*.³⁶ Foi com esse contato com a recente macroeconomia de Keynes que Prebisch fortaleceu um dos seus importantes traços como intelectual: a visão de um Estado forte como ferramenta essencial para o “controle eficaz do capitalismo”.³⁷

Foi a partir dessas referências teóricas e ideológicas que se constituiu, fundamentalmente, o pensamento de Prebisch, que, até a década de 1930, esteve sempre preocupado com o desenvolvimento da Argentina.³⁸ Em geral, a trajetória de Prebisch dentro

³² LOVE, Joseph L., Raúl Prebisch (1901-1986). Su vida y sus ideas, *Revista Comercio Exterior*, v. 37, n. 5, p. 361–365, 1987, p. 362.

³³ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011.

³⁴ KEYNES, John Maynard, *The Means of Prosperity*, in: JOHNSON, E; MOGGRIDGE, D (Orgs.), *The Collected Writings of John Maynard Keynes*, Reino Unido, Londres: Royal Economic Society, [1933] 1978, p. 335–366.

³⁵ Referimo-nos à obra clássica de Keynes, publicada no ano de 1936. KEYNES, John Maynard, *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*, São Paulo: Editora Cultura Ltda, [1936] 1996.

³⁶ PREBISCH, Raúl, *Introducción a Keynes*, 2 ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1951.

³⁷ A inclinação de Prebisch por uma posição ideológica reformista é verificada no prefácio do seu manual do pensamento keynesiano, pois, ao se referir ao problema do desemprego, o autor afirmou que “Keynes nos da una clave muy sencilla para interpretar este fenómeno. Y nos ofrece, además, una solución que, en estos tiempos, tiene el mérito singular de ser compatible con la iniciativa privada y la libertad personal”. *Ibid*, p. 7.

³⁸ Brizuela menciona outras importantes influências vitais para a formação intelectual de Raúl Prebisch: os argentinos Juan B. Justo, Juan Bautista Alberdi, Domingo Sarmiento, Alejandro Bunge e, por último, o economista austriaco Joseph Schumpeter. Furtado, em entrevista, afirmou que Prebisch também foi influenciado pela obra de Mihail Manoïlesco sobre industrialização. BRIZUELA, Laura Emilse, *Construcción Histórica del Estructuralismo Latinoamericano*, in: NEGRI, Camilo; RIBEIRO, Elisa de Sousa (Orgs.), *Retratos Sul-Americanos: perspectivas brasileiras sobre história e política externa [livro eletrônico]*, Brasília (DF): [s. n.], 2016, v. 4, p. 487; VIEIRA, Rosa Maria, Entrevista com Celso Furtado, *História Oral*, v. 7, p. 21–40, 2004, p. 30.

do setor público assemelhou-se diversas vezes à de um típico tecnocrata.³⁹ Até a chegada do governo Perón na Argentina, via golpe de Estado, o autor sempre esteve envolvido em cargos públicos, mesmo diante de governos tidos por conservadores, como o de Hipólito Yrigoyen (1928-1930), ou de governos militares-autoritários, como o do militar José Félix Uriburu (1930-32). Dosman⁴⁰ aponta que Prebisch, mesmo criticado pelos seus amigos intelectuais próximos, em razão de sua colaboração dentro desses governos antidemocráticos, sempre acreditou no seu papel de elite transformadora, nos moldes de Pareto. Em entrevista a Magariños, Prebisch, referindo-se a esses episódios, comentou: “[...] yo tenía una visión del tecnócrata: si hacía bien las cosas, estaba exento de responsabilidad política”.⁴¹ Sobre a atuação de Prebisch na Argentina, Rapoport comenta que:

[A] partir del golpe de Estado de 1930, Raúl Prebisch ocupó distintos cargos de responsabilidad en la administración pública y se transformó en el “cerebro gris” de los equipos económicos de los gobiernos conservadores por más de una década. Le escribía al entonces ministro de Hacienda Federico Pinedo informes y discursos, como el plan de 1940, lo que lo convirtió en el verdadero *factotum* de las políticas económicas de esa época.⁴²

No pós-guerra, foi estabelecido um novo quadro no percurso intelectual de Raúl Prebisch, quando as atenções do autor foram para além da Argentina, passando então a preocupar-se com o desenvolvimento da América Latina como um todo. Foi mais precisamente no ano de 1949 que Prebisch assumiu um posto dentro da CEPAL – e, logo no ano seguinte,

³⁹ Optamos, ao longo do texto, pelo uso dos termos “tecnocrata” ou “técnico” ao fazer referência a Prebisch, não por mera escolha arbitrária. O próprio autor se reconhecia como um tecnocrata ao longo de sua fase no setor público e na direção de órgãos regionais. Tais afirmações podem ser averiguadas através de trechos de entrevistas concedidas por Prebisch a Magariños no ano de 1971. Tais como: “yo creo que en ese sentido surgió muy claramente mi vocación tecnocrática” (p. 60); nesse trecho, o autor se refere à fase de sua vida no setor público argentino. Quanto à definição, há uma confusão na essência do termo. De acordo com Fisichella, “tecnocracia” está entre os conceitos mais ambíguos do corpo conceitual das ciências sociais. Sua ambiguidade está no sentido da identidade dos atores incorporados, na amplitude histórica do termo e até mesmo na natureza do conceito. Em sentido estrito, recortamos a dimensão política desse termo, trabalhando com a noção de “regime tecnocrático” efetuada por Fisichella, sendo ela definida como aquele regime em que o tecnocrata indica os meios e os fins da ação social. Em outros termos, o tecnocrata é referido aqui como um ator engajado nas decisões de órgãos públicos, ocupando um papel em meio às forças políticas em sistemas sociais. Em resumo, o tecnocrata ou o técnico são tidos aqui por “homens de Estado”. MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 60; FISICHELLA, Domenico, *Tecnocracia*, in: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.), **Diccionario de Política**, 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, v. 2, p. 1233–1237.

⁴⁰ DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011.

⁴¹ MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 67.

⁴² RAPOPORT, Mario; GUINAZÚ, Sebastián, Raúl Prebisch: historia, pensamiento y vigencia de la teoría de la transformación para el desarrollo de América Latina, **Revista Tiempo&Economía**, v. 3, n. 2, p. 55–77, 2016, p. 62.

ele ocupou o cargo máximo, de secretário executivo da comissão –, quando foi um dos pioneiros na formulação das bases da Teoria do Desenvolvimento Econômico.⁴³

O protagonismo inicial de Prebisch na CEPAL não ocorreu por acaso; na década de 1940, o argentino já era conhecido na região em virtude do seu vasto conhecimento em teoria econômica, sobretudo, em economia monetária.⁴⁴ Após sua chegada na comissão, as suas ideias sobre industrialização, bem como as de outros teóricos, como Celso Furtado, Juan Noyola e Osvaldo Sunkel, tiveram, de modo geral, uma boa recepção na América Latina, o que os tornou “conocidos mundialmente como ‘cepalinos’”.⁴⁵ Diante disso, projetos de industrialização alastraram-se por toda a região, aglutinando, por grande parte das camadas sociais, uma ideologia que objetivava a superação do subdesenvolvimento: o desenvolvimentismo.⁴⁶

Gurrieri situa a relevância das primeiras contribuições de Prebisch dentro da CEPAL. Segundo o autor, os estudos sobre desenvolvimento que alcançaram maiores resultados estavam organizados em forma de um programa ou de um paradigma. Para Gurrieri, a constituição de um novo paradigma exigia de antemão a desintegração de um paradigma anterior, com a concentração de esforços no novo.⁴⁷ Nesse sentido, os primeiros estudos de Prebisch como

⁴³ Foi também no pós-guerra que surgiu uma Teoria do Desenvolvimento Econômico de forma autônoma. Magalhães aponta que as principais contribuições iniciais da economia do desenvolvimento foram elaboradas entre meados da década de 1950 e o começo da década de 1960, por autores como Ragnar Nurkse, Arthur Lewis, Gunnar Myrdal, Rosenstein-Rodan, Albert Hirschman, entre outros. MAGALHÃES, João Paulo de Almeida, **O Que Fazer Depois da Crise: a contribuição do desenvolvimentismo keynesiano?**, São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 31–32.

⁴⁴ Alguns depoimentos ilustram a magnitude da fama de Prebisch quando ele entrou na CEPAL, em 1949. O brasileiro Celso Furtado, que conviveu com Prebisch na CEPAL, afirmou que: “O fato de que Prebisch tivesse muito prestígio internacional foi decisivo, porque ele merecia o respeito de todo mundo. Quando cheguei ao Brasil e disse que trabalhava com Prebisch, todo mundo me admirou, me elogiou etc.”. Ao retomar suas memórias sobre a CEPAL, o brasileiro Fernando H. Cardoso comentou sobre a grandeza de Prebisch na comissão, dizendo que: “O Celso [Furtado] era jovem e o Prebisch era Prebisch!”; adiante, acrescentou que: “[...] O Prebisch era uma pessoa que sabia economia. Ele escreveu um livro sobre Keynes, ele foi presidente do Banco Central da Argentina antes. Então, ele sabia... E ele entendia o que era o capitalismo”. FURTADO, Celso, Celso Monteiro Furtado, in: BIDERMAN, Ciro; COZAC, Luis Felipe L.; REGO, José Marcio (Orgs.), **Conversas com Economistas Brasileiros**, São Paulo: Editora 34, 1996, v. 1, p. 67. CARDOSO, Fernando Henrique. Fernando Henrique Cardoso IV (depoimento, 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2h 8min). 2011. p. 17-18. Para mais detalhes sobre o pensamento de Prebisch antes da CEPAL ver: SEMBER, Florencia, **The Origins and Evolution of the Monetary Thought of Raúl Prebisch**, Doutorado, Università di Macerata and from the Université de Paris 1 – Panthéon Sorbonne, França, Paris, 2010;

⁴⁵ MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 18.

⁴⁶ Convencionou-se caracterizar na literatura esse período como “desenvolvimentista”. De acordo com Bielschowsky, o desenvolvimentismo, consiste, essencialmente, em uma ideologia industrializante de promoção do desenvolvimento econômico. Dentro dessa ótica, o Estado adquiria um papel preponderante, ultrapassando o seu papel na execução de medidas fiscais e monetárias, transitando para a definição de blocos de investimentos, para a criação de infraestrutura e para a produção de certos bens, isto é, retirando parte da primazia do mercado e promovendo modificações na estrutura econômica via planejamento estatal. BIELSCHOWSKY, Ricardo, **Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento**, Edição: 5ª. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, p. 7, 77-78.

⁴⁷ A leitura de Gurrieri exposta aqui tinha por base a contribuição de Thomas Kuhn para a História da Ciência; desse modo; um paradigma pode ser definido como uma matriz conceitual que delimita um campo ou um problema, definindo e descrevendo seus campos principais e, portanto, organizando o trabalho coletivo de busca

integrante da CEPAL⁴⁸ propunham um novo programa de discussões para o desenvolvimento.⁴⁹ Por um lado, no campo teórico, Prebisch desafiou o *establishment* econômico tradicional, sinalizando um desequilíbrio permanente no sistema, a partir de suas teses de uma deterioração dos termos de troca e de uma tendência ao estrangulamento externo.⁵⁰ Por outro, as ideias de Prebisch também constituíram instrumentos de ação, pois elas contribuíram para a elaboração de relatórios para *policy makers* de toda a América Latina com base em suas discussões teóricas. Nas palavras de Gurrieri:

Prebisch no se limita a impulsar el conocimiento científico; por el contrario, su programa es también el fundamento de la creación y consolidación de las instituciones que le servirán de ámbito propicio para el crecimiento y difusión de sus ideas, y sobre todo, el ariete con que penetra en la realidad para conocerla y transformarla.⁵¹

Ainda sobre a contribuição efetuada por Prebisch, é pertinente ressaltar que o argentino não foi o primeiro autor a tratar de uma teoria do desenvolvimento econômico de forma autônoma, visto que autores europeus como Rosenstein-Rodan⁵² já haviam elaborado estudos sobre o tema. A novidade na elaboração teórica de Prebisch estava em problematizar o comércio internacional; em razão disso, a análise do autor não se restringiu ao estudo do desenvolvimento dos países da América Latina por meio de suas relações intrínsecas, mas também atuou dentro de uma chave de análise centro-periferia. Com efeito, a inserção dos países periféricos nesse

e acumulação de conhecimento. GURRIERI, Adolfo, La Economía Política de Raúl Prebisch, in: GURRIERI, Adolfo (Org.), **La Obra de Prebisch en la Cepal**, 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1982, v. 1, p. 13–95; KUHN, Thomas Samuel, **The Structure of Scientific Revolutions**, EUA, Chicago: University of Chicago Press, 1970.

⁴⁸ Estamos nos referindo aos três trabalhos clássicos que inauguram as discussões da CEPAL. Esses estudos foram publicados, respectivamente, em 1949, 1950 e 1951: PREBISCH, Raúl, O Desenvolvimento Econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas, in: GURRIERI, Adolfo (Org.), O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaio, Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011 [1949], p. 95–151; PREBISCH, Raúl, El estudio económico de América Latina 1949, Chile: Cepal, 1950; PREBISCH, Raúl, Problemas Teóricos e Práticos do Crescimento Econômico, in: GURRIERI, Adolfo (Org.), O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaio, Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011 [1951], p. 247–297.

⁴⁹ O próprio Prebisch, em entrevista, reconheceu que seus textos constituíam um novo paradigma, ao dizer que: “En cambio, los trabajos que yo presentaba, como ese famoso informe del 49, fueron recibidos como una cosa notable que abría rumbos al pensamiento económico de la América Latina”. MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 132.

⁵⁰ A teoria econômica dominante, no que se refere ao comércio internacional, ainda era pautada pela defesa da tese das vantagens comparativas, do economista clássico David Ricardo, representada, nesse período, por figuras como o economista canadense Jacob Viner. RICARDO, David, **Princípios de Economia Política e Tributação**, São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996; VINER, Jacob, **Studies in the Theory of International Trade**, New York: Harper and Brothers, [1937] 1965.

⁵¹ GURRIERI, La Economía Política de Raúl Prebisch. p. 13.

⁵² ROSENSTEIN-RODAN, Paul N., Problemas de Industrialização da Europa do Leste e do Sudeste, in: AGARWALA, A. N.; SINGH, S. P. (Orgs.), **A Economia do Subdesenvolvimento**, 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1969 [1943], p. 251–262.

sistema (centro-periferia) seria a origem e a finalidade da formação de uma estrutura econômica específica, baseada na especialização produtiva de vocação primária-exportadora.

Em resumo, o tratamento teórico de Prebisch na década de 1950 fundamentou os alicerces do pensamento estruturalista latino-americano e constituiu um verdadeiro manifesto para a América Latina.⁵³ Dessa forma, o receituário do autor implicou a compreensão de que a reversão do subdesenvolvimento de uma nação deveria, impreterivelmente, ter como prelúdio a transformação da sua estrutura produtiva, das suas formas de organização social e, por fim, do padrão de inserção internacional que o acompanha. Tal conclusão desdobrou-se na mentalidade de que o abandono do modelo primário-exportador, *hacia afuera*, substituído por um modelo urbano-industrial, *hacia adentro*, representaria a superação do atraso da América Latina, na medida em que essa transformação eliminava a heterogeneidade estrutural desses países. Para Hodara,⁵⁴ a posição de Prebisch como diretor da CEPAL o colocou como um técnico que acreditava fielmente na transformação da realidade latino-americana, e com uma “fé” quase inabalável na atuação do Estado nessa missão.

Nesse período, alguns episódios alimentavam a imagem conservadora em torno de Prebisch. Dosman⁵⁵ demonstra que, dentro da CEPAL, o retrato de Prebisch era incompatível com o de um radical. Um claro exemplo estava na divisão de grupos de trabalho da comissão, que separava os integrantes. Um fato curioso era o de que a divisão que integrava o economista Celso Furtado era conhecida como “divisão vermelha”; quer dizer, ela era considerada a divisão mais radical. O nosso ponto aqui é que mesmo um autor reconhecido como reformista, como Furtado, na década de 1950, era visto como radical, quando comparado aos demais integrantes – incluindo Prebisch. Outro argumento, no que tange à imagem de Prebisch, pode ser encontrado em Souza. Para o autor, a escolha de Prebisch para presidir a CEPAL – avaliada pelo EUA – não levou em consideração o caráter identitário e de afirmação da América Latina. Ao contrário, Souza especula que essa escolha tenha ocorrido em função da oposição de

⁵³ Foi o influente economista Albert Hirschman que popularizou o texto inaugural de Prebisch na CEPAL, elaborado para a Conferência de Havana, em 1949, como um “manifesto latino-americano”; a saber, referimo-nos ao texto *O Desenvolvimento Econômico da América Latina e Alguns de seus Principais Problemas*. HIRSCHMAN, Albert Otto, Ideologias do Desenvolvimento Econômico na América Latina, in: HIRSCHMAN, Albert Otto (Org.), *Monetarismo vs. Estruturalismo: um estudo sobre a América Latina*, 1. ed. Rio de Janeiro: Lيدador, 1967, p. 9.

⁵⁴ HODARA, Joseph, *Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional*, 1. ed. México: El Colegio de México, 1987.

⁵⁵ DOSMAN, Raúl *Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo*, p. 305.

Prebisch a Perón; isto é, considerando um progressismo limitado por parte de Prebisch, diante de sua imagem que ficou na Argentina.⁵⁶

Um outro episódio emblemático foi a curta passagem de Prebisch pelo governo argentino no momento imediato à queda de Perón. Em 1955, Prebisch foi nomeado assessor econômico especial do presidente militar Eduardo Lonardi e produziu um informe que se tornou conhecido por *Plan Prebisch*, no qual elaborou um receituário à la FMI, com base em medidas restritivas para a estabilização da economia, atenuando a inflação.⁵⁷ Embora Prebisch houvesse pedido o sacrifício de todas as classes em seus diagnósticos, sobretudo, das mais ricas, e embora também tenha apontado para a necessidade de reformas com base em critérios sociais, o anúncio do plano gerou tensões sociais e retomou velhos jargões do seu passado, vinculando-o à elite agrária e ao imperialismo inglês.⁵⁸

Dando continuidade à exploração, o panorama da década de 1960 alterou significativamente os rumos do pensamento do autor. O projeto de industrialização planejado, que havia caminhado ao lado de altas taxas de crescimento e de um elevado grau de transformação social na década de 1950, colidiu com uma crise que se alastrou por toda região, desarticulando as bases do desenvolvimentismo. Primeiramente, a crise se manifestou por meio do arrefecimento das taxas de crescimento dos países da América Latina, as quais, entre os anos de 1960 e 1963, caíram para 0,3% ao ano. Além disso, pressões inflacionárias e elevadas taxas de desemprego difundiram-se por diversos países da região. Desequilíbrios na balança comercial sinalizavam limitações na capacidade de importar, sendo essa uma condição fundamental para a dinâmica do processo substitutivo.⁵⁹

No entanto, tal crise estaria além de aspectos do lado real e monetário dessas economias. A década de 1960 acelerou as insuficiências dos projetos de desenvolvimento, uma vez que a industrialização havia caminhado paralelamente a um crescente e elevado grau de concentração de renda. Além disso, essa industrialização também havia desencadeado um processo de urbanização desenfreada, que ressignificou a questão da pobreza, agora não mais isolada no

⁵⁶ SOUZA, Luiz Eduardo Simões de, Antecedentes Desenvolvimentistas na Formação Intelectual de Raúl Prebisch, **Revista de Economia Política e História Econômica**, n. 33, p. 5–17, 2015, p. 14-15.

⁵⁷ Para uma melhor descrição, ver: BELINI, Claudio, El Plan Prebisch de 1955, los dilemas del desarrollo argentino y las controversias en torno a los legados económicos del peronismo, **Revista de Indias**, v. 78, n. 273, p. 593–629, 2018; E o capítulo 14 "O Paraíso Perdido" de DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**.

⁵⁸ A crítica de Jauretche, El Plan Prebisch: retorno al coloniaje, em resposta ao estudo de Prebisch, explicita o caloroso debate que se instaurou na Argentina. JAURETCHE, Arturo, **El Plan Prebisch: retorno al coloniaje**, 3. ed. Argentina, Buenos Aires: Arturo Peña Lillo, 1973 [1955].

⁵⁹ RODRÍGUEZ, Octavio, **O Estruturalismo Latino-Americano**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009; BIELSCHOWSKY, Ricardo, Vinte Anos de Ierj, Cinquenta Anos de Cepal, in: POLETTTO, Dorivaldo Walmor (Org.), **50 Anos do Manifesto da Cepal**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 47–101.

campo. Nas grandes cidades latino-americanas, formavam-se de favelas, com grandes aglomerados vivendo em situações muito próximas às do subconsumo. Conforme Bielschowsky,⁶⁰ tornava-se claro que os frutos do progresso técnico estavam retidos em uma pequena fração da sociedade. A percepção era a de que a industrialização, por si só, não era suficiente para se alcançar o desenvolvimento.

O importante aqui é a posição de Prebisch diante da crise dos anos de 1960, quando houve uma guinada reformista no pensamento do autor. O diagnóstico da crise de Prebisch foi com base, essencialmente, nas obras *Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*⁶¹ e *Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina*,⁶² publicadas, respectivamente, nos anos de 1963 e de 1970. A partir dessa densa produção teórica, Prebisch retirou o papel passivo da desigualdade no que tange ao desenvolvimento, reconhecendo que uma estrutura social debilitada entorpeceria o processo de industrialização. Dessa maneira, na percepção de Prebisch, a continuidade de um projeto de industrialização dependia, fundamentalmente, de intensas reformas estruturais, tanto na distribuição da renda quanto na estrutura de propriedade da terra. Em conclusão, Prebisch consolidou uma posição reformista em relação à crise do início da década de 1960, sublinhando a necessidade de se pensarem reformas, tais como reforma agrária, mecanismos para se redistribuir renda e reformas educacionais, entre outras. Na percepção do autor, todo o marco institucional da América Latina necessitaria passar por mudanças profundas.

Mesmo no âmbito teórico, a posição de Prebisch como reformista contrastava com outras explicações de cunho marxista que eclodiram a partir da crise da década de 1960, como a de Ruy Mauro Marini e a de Theotonio dos Santos.⁶³ Até mesmo quando comparado ao economista brasileiro Celso Furtado, que também optou por um diagnóstico reformista, é nítido o menor grau de radicalidade teórica no diagnóstico de Prebisch; enquanto Furtado⁶⁴ defendia

⁶⁰ BIELSCHOWSKY, **Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento**, p. 404–429.

⁶¹ PREBISCH, Raúl, **Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano**, 1 ed. (primeira reimpresão). México: Fondo de Cultura Económica, 1971.

⁶² PREBISCH, Raúl, **Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina**, 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica/Banco Interamericano de Desarrollo, 1970.

⁶³ Marini e Santos foram dois autores da via marxista que integraram as discussões sobre o subdesenvolvimento do período, conhecidos posteriormente como teóricos da dependência. A proposta dos autores era radical, pois eles alegavam que o projeto proposto pelos teóricos da CEPAL conduzia ao próprio agravamento da condição do subdesenvolvimento, posto que esses teóricos não consideravam os problemas resultantes do desenvolvimento capitalista, tais como a exploração/concentração de capital e a apropriação privada. Em outros termos, a visão desses teóricos da CEPAL desconsiderava o imperialismo. MARINI, R. M., *Dialética da dependência*, in: SADER, E. (Org.), **Dialética da Dependência**, Petrópolis: Vozes, [1973] 2000; SANTOS, Theotonio dos, **Socialismo ou Fascismo: o novo caráter da dependência e o dilema Latino-Americano**, Florianópolis: Insular, [1969] 2018.

⁶⁴ Esse diagnóstico da crise da década de 1960 de Furtado é encontrado na obra *Dialética do Subdesenvolvimento*, do ano de 1964, e com maior expressão na obra seguinte *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina* publicada no ano de 1966. FURTADO, Celso, **Dialética do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro: Fundo da Cultura,

a existência de uma tendência inexorável à estagnação presente na América Latina, Prebisch, por sua vez, afirmava que há uma crise de insuficiência dinâmica, alegando limitações estruturais para a absorção da mão de obra do país, as quais levavam à ampliação do esforço para superar o subdesenvolvimento; em outras palavras, isso não significava necessariamente estagnação.⁶⁵

Outra forma de compreender Prebisch seria pela sua trajetória institucional, pois, em suas obras, é nítida a percepção do autor com relação ao seu papel dentro dos organismos regionais internacionais que frequentou. Hodara trata Prebisch como um membro de uma “tecnoburocracia internacional”, a qual atuava, dentro desses órgãos, buscando a transformação da realidade latino-americana mediante reformas dentro do sistema capitalista.⁶⁶ A título de exemplo, uma proposta de solução para a correção do problema da deterioração dos termos de intercâmbio deveria passar, de acordo com Prebisch, por uma política de redistribuição internacional de renda, sendo essa uma medida de caráter moral e político que passaria pela cooperação internacional. De modo geral, a proposta do autor estaria pautada em retransferir aos produtores primários as rendas que eles haviam deixado de obter em nome das forças de mercado.⁶⁷ Tal medida, orientada por Prebisch, estava em total acordo com a sua posição dentro da UNCTAD, na qual o autor almejou a elaboração de uma “Nova Ordem Internacional”, pautada pela equidade e pela reciprocidade.

Até os anos 1960, apesar de Raúl Prebisch reconhecer a magnitude dos problemas da periferia, o autor nunca recorreu a um diagnóstico “dependentista”, muito menos propôs algo próximo a uma ruptura do capitalismo para os países periféricos. Ao contrário, Prebisch sempre demonstrou acreditar na efetividade do bom planejamento estatal, em conjunto a uma eficaz diplomacia com os países do centro; com isso, a questão da inércia do subdesenvolvimento poderia, a longo prazo, ser resolvida.

Todavia, o salto para a década de 1970, como apresentado inicialmente, modificou substancialmente o tom de crítica de Prebisch. O cenário dos anos setenta propiciou o aprofundamento das relações de dependência na América Latina para com o centro capitalista.

1964; FURTADO, Celso, **Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina**, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

⁶⁵ O balanço e a síntese das divergências entre os autores encontram-se em: MEDEIROS, Fágner João Maia; COSENTINO, Daniel do Val, Celso Furtado e Raúl Prebisch frente à crise do desenvolvimentismo da década de 1960, **Revista de Economia (Curitiba)**, v. 41, n. 74, p. 150–179, 2020.

⁶⁶ Hodara ocupou-se, em sua obra, em compreender a posição de Prebisch em meio ao terreno institucional. Conforme o autor, Prebisch “rehúsa depositar ilusiones en un cambio radical de sistema no sólo porque su ‘clientela’ institucional son gobiernos celosos de la soberanía y de las reglas de juego que se han impuesto internamente, sino a causa de convicciones profundas”. HODARA, **Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional**, p. 125.

⁶⁷ PREBISCH, **Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano**, p. 102–104.

Conforme Pedrão, esse fato era explicado pela concentração do capital financeiro mundial, a qual refletiu em elevados níveis de endividamento nos países periféricos.⁶⁸ Para mais, alguns países como Chile e Argentina haviam abandonado o projeto de industrialização integral defendido pelo CEPAL, priorizando a exportação de matéria-prima e de alimentos 294.⁶⁹ Dessa forma, o eixo crescimento-distribuição, que estava na base do pensamento de Prebisch, passou por novos moldes; nesse contexto, o autor consolidou um novo diagnóstico cético quanto à possibilidade de romper com a inércia do subdesenvolvimento e teceu novas contribuições acerca da dinâmica insustentável do capitalismo periférico.

Em tese, é este “novo” Prebisch que aparece em meados da década de 1970, com uma nova abordagem teórica e novas concepções ideológicas que pretendemos estudar aqui. A novidade desse Prebisch não esteve confinada ao tom da crítica do autor: novos temas e um novo quadro conceitual também marcaram a última fase do seu pensamento. Hodara⁷⁰ aponta que temas como planificação, debilidade do investimento produtivo, integração regional e obstáculos internos foram desaparecendo e sendo substituídos por novos assuntos, tais como: crise dos centros, repartição social do excedente, capitalismo periférico e imitação cultural. No que concerne aos conceitos, o arsenal conceitual de Prebisch foi ampliado para comportar uma análise do processo de desenvolvimento integral, isto é, incorporando questões sociológicas, culturais e políticas a esse fenômeno. Alguns dos termos incorporados foram: conflito social, excedente (formação, geração e distribuição), capital reprodutivo e não reprodutivo, sociedade de consumo, poder (sindical, militar, germinal, político e econômico), estratos sociais (inferiores, intermediários e superiores), entre outros.

Para compreender a peculiaridade da última fase do pensamento de Prebisch não é suficiente comparar o “velho Prebisch” do ano de 1976 com a sua trajetória anterior. É pertinente também expor como autores do seu círculo intelectual compreenderam a transformação no pensamento do autor, além de como seus intérpretes entenderam esse movimento. A “transformação” defendida neste estudo foi compreendida por alguns autores como um movimento de radicalização no pensamento de Raúl Prebisch, mas não há um acordo diante dessa visão. Salem⁷¹, por exemplo, sublinha a falta de um consenso com relação à imagem de Prebisch a partir da sua contribuição final sobre o “capitalismo periférico”, pois,

⁶⁸ PEDRÃO, Fernando, O Significado da Revisão do Pensamento da Cepal, *in*: PEDRÃO, Fernando (Org.), **O Pensamento da Cepal**, Salvador: Organização dos Estados Americanos/Universidade Federal da Bahia/Ianamá, 1988, p. 13–24.

⁶⁹ CANO, Wilson, América Latina: do desenvolvimentismo ao neoliberalismo, *in*: FIORI, José Luís (Org.), **Estado e Moedas no Desenvolvimento das Nações**, Petrópolis: Vozes, 1999, p. 294.

⁷⁰ HODARA, **Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional**, p. 21–22.

⁷¹ SALEM, El pensamiento de Raúl Prebisch: una visión alternativa, p. 632–633.

enquanto para alguns ele parecia um revolucionário, para outros, Prebisch era tido como não mais que um reformista. Celso Furtado, em contato com Prebisch no ano de 1978, escreveu um curioso trecho sobre o encontro em seu diário pessoal: “[...] eu me perguntava se ele [Raúl Prebisch] é hoje mais ‘progressista’ do que foi três decênios atrás, quando deu a grande briga da Cepal. Creio que não. Mas o extraordinário é que ele não seja mais conservador”.⁷² Nesse mesmo período, Magariños relata o depoimento de Antonio Azevedo da Silveira – embaixador do Brasil diante da UNCTAD – sobre o argentino, dizendo que: “O Prebisch está no limite da subversão”.⁷³ Hodara,⁷⁴ por sua vez, trata essa radicalização do pensamento de Prebisch como algo natural, uma vez que o autor havia se desligado de suas tarefas institucionais, as quais, inúmeras vezes, limitavam o tom de sua crítica, ou até mesmo o censuravam. Prebisch não precisava mais agradar seus “clientes” – os chefes de governo.

Nesse sentido, caímos em um terreno pantanoso na tentativa de tachar um autor como Prebisch, uma vez que, embora ele tenha alegado, em suas obras, a necessidade de superação do capitalismo na periferia, quando nos debruçamos sobre a sua atuação prática (como homem institucional) no mesmo período, vemos que Prebisch ainda praticava um receituário considerado reformista.⁷⁵ Diante dessa situação, adotamos aqui uma posição semelhante à do economista estruturalista Aníbal Pinto⁷⁶ com relação a Prebisch, quando ele afirma que, “en verdad, no era ni una ni otra cosa [radicalismo e reformismo] y más bien podría clasificarse en la categoría de los grandes reformadores, en los que el cambio va de la mano con la continuidad”. Por esse motivo, devido a essa estranha forma que o radicalismo aparece em Prebisch, optou-se aqui pelo uso do termo “transformação”⁷⁷ para se referir à quinta fase do pensamento de Prebisch.

⁷² O depoimento de Furtado fazia referência a um encontro entre os autores no Centro de Estudos do Desenvolvimento da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), ocorrido no ano de 1978. FURTADO, Celso, **Diários Intermitentes: 1937-2002**, 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 262.

⁷³ MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 14.

⁷⁴ HODARA, Joseph, *Las Confesiones de Don Raúl. El Capitalismo Periférico*, in: **Prebisch y Furtado: el estructuralismo latinoamericano**, 1. ed. México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999, p. 230–247; HODARA, **Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional**.

⁷⁵ A título de exemplo, a atuação de Prebisch dentro da ONU/CEPAL e a passagem do autor pelo governo Alfonsín, no ano de 1984, não revelam o mesmo radicalismo de suas obras; ao contrário, o seu diagnóstico era nitidamente reformista. DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**.

⁷⁶ Tal artigo foi escrito para o conjunto de homenagens a Raúl Prebisch, no ano da sua morte. PINTO, Raúl Prebisch (1901-1986), p. 11.

⁷⁷ Não por coincidência, nesta pesquisa, o termo “transformação” foi empregado para se referir à última fase do pensamento de Prebisch. Procuramos aqui optar pelo próprio vocabulário do autor, pois esse termo era utilizado com frequência nos escritos de Prebisch referentes à última fase de seu pensamento (após 1976). Em adição, o termo também compõe o subtítulo da sua obra de síntese publicada no ano de 1981 (“crisis y transformación”), além de designar a linha mestra do prognóstico do autor para o capitalismo periférico: uma “teoria da transformação”.

Tendo qualificado o objeto de estudos, ainda se faz necessária uma delimitação temporal à pesquisa. Em termos temporais, optamos pelo recorte do período entre 1976-1986 para o estudo da “transformação” no pensamento de Prebisch. Em função disso, o marco inicial estabelecido (1976) indica o momento em que Prebisch assumiu a direção da recém-criada *Revista de la Cepal* e iniciou a publicação de sua série de artigos sobre o capitalismo periférico. Ainda que autores como Couto⁷⁸ apontem evidências de uma crítica ao capitalismo, nos termos de Prebisch, no período anterior – dentro da obra *Transformación y Desarrollo*⁷⁹, do ano de 1970 –, pensamos que tais críticas foram cristalizadas somente com a publicação do escrito *Crítica al Capitalismo Periférico*⁸⁰, em 1976, sendo que essa foi a primeira vez que o novo quadro conceitual do autor apareceu nas suas obras. No que tange ao marco final, o período se estendeu até a morte súbita de Prebisch, no ano de 1986.⁸¹

Ainda sobre o pensamento de Prebisch, o caráter teórico e prático do autor exige que o estudo de seu pensamento não seja realizado somente com base nos seus escritos, já que Prebisch não era um típico acadêmico. De acordo com Hodara, “Prebisch raras vezes se ajustó al código académico”,⁸² visto que o seu lado acadêmico estava sempre atrelado a um papel institucional em algum órgão de desenvolvimento regional ou internacional. Barbosa reforça essa característica do autor, ao afirmar que “seu papel foi de um abridor de caminhos, não de um economista acadêmico”.⁸³ Dessa maneira, avaliamos o pensamento de Prebisch aqui a partir da proposta de Hodara,⁸⁴ isto é, com base em duas frentes analíticas: (i) trajetória intelectual,⁸⁵ a qual abrange a história das ideias econômicas e sociais do autor; e (ii) trajetória institucional, a qual inclui um estudo da dinâmica organizacional a partir de um árduo estudo biográfico do

⁷⁸ COUTO, Joaquim Miguel, O pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch, **Economia e Sociedade**, v. 16, n. 1 (29), p. 45–64, 2007.

⁷⁹ Ainda que tal obra circunscreva com clareza o discurso reformista do autor, presente nos anos 1960, vinculado à fase anterior de seu pensamento. Nesse livro, também é possível identificar os primeiros germes de uma crítica e de uma insatisfação com o funcionamento do sistema capitalista e com as suas contradições na periferia. Essas críticas podem ser resumidas por algumas passagens de Prebisch que se referem criticamente ao capitalismo, as quais sublinham que um sistema que não fosse capaz de corrigir o problema da insuficiência dinâmica (desemprego estrutural) e que fosse menos ainda capaz de distribuir equitativamente a renda, consequentemente, não apresentaria motivos para o seu prolongamento. No entanto, nessa obra, ainda não havia uma renovação conceitual, muito menos uma discussão teórica precisa. PREBISCH, **Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina**.

⁸⁰ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*.

⁸¹ Conforme Dosman, Prebisch morreu enquanto dormia, na madrugada do dia 29 de abril de 1986, após um dia normal de trabalho na *Revista de La Cepal*. A DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 569.

⁸² HODARA, **Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional**, p. 13.

⁸³ BARBOSA, Alexandre de Freitas, O Anti-Herói Desenvolvimentista, **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 94, p. 217–229, 2012, p. 217.

⁸⁴ HODARA, **Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional**, p. 13. p. 13.

⁸⁵ Neste estudo, entendemos como trajetória “el conjunto de acciones realizadas tanto de tipo profesional, académico, como de investigación”. SALEM, *El pensamiento de Raúl Prebisch: una visión alternativa*, p. 620.

autor, especialmente, com relação à atuação de Prebisch na liderança dos principais órgãos regionais e internacionais (CEPAL, ILPES e UNCTAD). Em concordância com Skinner,⁸⁶ considera-se que é apropriado não apenas se atentar àquilo que um autor está dizendo, ou pretendendo dizer, mas também se deve estudar aquilo que ele está fazendo ao dizê-lo.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, este estudo considerou as duas frentes analíticas mencionadas acima para a consolidação de uma pesquisa documental-bibliográfica. Dessa forma, quanto ao âmbito intelectual, foi realizado um levantamento bibliográfico das obras e dos escritos de Prebisch relacionados à proposta da pesquisa, assim como uma seleção de seus principais comentadores. O âmbito institucional, por sua vez, parte do levantamento de um conjunto de documentos ligados à participação de Prebisch nos órgãos internacionais, como pronunciamentos, entrevistas concedidas e discursos realizados pelo autor, entre outros. Além disso, contamos aqui com o exame dos principais estudos biográficos sobre Prebisch, o que possibilita um esforço de reconstituição da sua trajetória.⁸⁷

Outra questão relevante está no caráter desta pesquisa. A busca pelos determinantes da transformação no pensamento do Prebisch passa também por uma tentativa de interpretação do pensamento econômico do autor. Portanto, enquadramos este estudo no campo da História do Pensamento Econômico; mais precisamente, orientamo-nos pela abordagem de “reconstrução histórica”, na qual buscamos situar certos autores historicamente. Em função disso, contamos com o apoio metodológico da abordagem “contextualista”, esboçada por Quentin Skinner.⁸⁸

Em conformidade com essa base metodológica, é pertinente ressaltar que o estudo do pensamento de Raúl Prebisch não deve ser realizado de maneira isolada da constelação intelectual da qual ele fazia parte. Isso foi o que Skinner chamou de “contexto intertextual”. Melhor dizendo, pretendemos aqui verificar a evolução do pensamento de Prebisch dentro de um quadro maior: o do debate teórico do subdesenvolvimento da América Latina. Com isso, apresentamos a trajetória do autor, passando por suas possíveis referências e por seus possíveis críticos, identificando quais noções ele desejou desacreditar e incluindo, em paralelo, as produções textuais dos demais autores que dividiram com Prebisch esse mesmo espaço de

⁸⁶ SKINNER, Quentin, **Vision of Politics: regarding method**, 1 ed. 4 printagem. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2006. p. 82.

⁸⁷ Acrescentamos aqui o conselho de Skinner sobre a importância de se recorrer a textos de caráter biográfico e autobiográfico do autor em questão, a fim de elucidar pontos cruciais de sua trajetória. *Ibid.*, p. 68.

⁸⁸ Apesar de contribuírem para o estudo dos autores clássicos da Ciência Política, as reflexões de Skinner para a História das Ideias são muito importantes para evitar o anacronismo, ou certas mitologias, quando se retomam as intenções do autor no momento em que ele estava escrevendo determinados textos. Nas palavras de Skinner, “It will never be possible simply to study what any writer has said (especially in an alien culture) without bringing to bear our own expectations and pre-judgements about what they must be saying”. SKINNER, **Vision of Politics: regarding method**. p. 58.

debate teórico. A necessidade desse aparato se legitima a partir de afirmações como a de Arida,⁸⁹ quando o autor ressalta que:

[O]s textos do passado não devem ser lidos como autointeligíveis, mas antes como textos cifrados cujo código de entendimento só pode ser obtido pela multitextualidade de seu contexto histórico. O texto figura sempre no plural juntamente com os textos de seus comentadores, críticos e demais documentos que marcam o momento intelectual então vigente. É nos textos de seu contexto que se encontra a chave de sua decodificação. Pois do seu contexto histórico nada nos resta a não ser objetos e outros textos; reconstituí-los é a arte do historiador das ideias, arte irredutível a procedimentos formais e que consiste essencialmente em uma operação de resgate de significado.

Ademais, não se deve perder de vista o contexto das ideias, o qual foi o pano de fundo das produções teóricas de Prebisch. Conforme Skinner,⁹⁰ cada ideia tem o seu tempo e o seu lugar, sendo tarefa do historiador das ideias recuperar as condições sociais, o contexto intelectual e o contexto linguístico de um determinado texto ou de um conjunto de textos; assim, é possível reconstituir quais eram as verdadeiras intenções do autor. Desse modo, como parte das nossas tarefas, listamos o estudo das transformações do capitalismo e de seus efeitos para a conjuntura latino-americana, assim como o exame das alterações das relações geopolíticas da América Latina com o centro capitalista – especialmente com os EUA –, tendo em vista que ninguém escreve sobre desenvolvimento num vácuo.

Tendo definido tais questões, resta expor os objetivos que norteiam esta pesquisa. Primeiramente, o objetivo geral deste estudo é reconstituir a trajetória intelectual de Raúl Prebisch, em busca de compreender os determinantes do processo de crise e de transformação presentes na última fase do seu pensamento. Para cumprir tal proposta, elencamos um conjunto de objetivos específicos: (i) descrever as transformações do capitalismo mundial e, conseqüentemente, as alterações das relações centro-periferia a partir da segunda metade da década de 1960; (ii) compor a constelação intelectual em torno de Prebisch, no que tange ao debate do subdesenvolvimento da América Latina; (iii) investigar a trajetória intelectual e institucional de Prebisch; e, por último, (iv) analisar a abordagem de Prebisch do capitalismo periférico, expressa em sua produção teórica vinculada à última fase do seu pensamento, averiguando as suas influências intelectuais e as suas descontinuidades em relação à sua produção bibliográfica anterior.

⁸⁹ ARIDA, Pêrsio, A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica, *in*: GALA, Paulo; REGO, José Marcio (Orgs.), **A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica: ensaios sobre metodologia em economia**, São Paulo: Editora 34, 2003, p. 31.

⁹⁰ SKINNER, **Vision of Politics: regarding method**. p. 86-87.

A estrutura dos capítulos desta dissertação respeita os objetivos específicos e a metodologia elencados acima. Dessa forma, ao longo de cada um dos capítulos, a trajetória intelectual e institucional de Raúl Prebisch foi construída levando em consideração a conjuntura latino-americana, bem como a sua constelação intelectual. O primeiro capítulo, intitulado *(1) Crise e Reformas no Pensamento de Raúl Prebisch*, trata, fundamentalmente, da trajetória de Prebisch nos seus últimos anos como secretário-geral da CEPAL. Defendemos aqui que a procura pelos determinantes da transformação da última fase de Raúl Prebisch deveria iniciar com a interpretação do autor sobre as crises dos processos substitutivos de industrialização presentes em vários países da América Latina no começo da década de 1960. Desse modo, foi a partir de um conjunto de publicações, concentradas entre 1961 e 1963, que Prebisch efetuou certa pluralização em seu diagnóstico, incorporando elementos da estrutura social da região, a fim de pensar a crise atual – o que Gurrieri considera como o início de uma “sociologização” no pensamento do autor.⁹¹ Além do mais, neste capítulo, o pano de fundo foi o tema das reformas estruturais, desde o debate dessa questão até o das suas aplicações na América Latina ao longo da década.

O segundo capítulo, chamado *(2) Cooperação e Reformas nas Instituições de Raúl Prebisch*, por seu turno, privilegiou a trajetória institucional do autor. O ponto de partida para essa análise foi a saída de Prebisch da CEPAL, quando ele passou brevemente pelo ILPES e posteriormente pela UNCTAD, em Genebra, onde o autor trabalhou incisivamente pelo Nuevo Orden Económico Internacional (NOEI). No que se refere à produção teórica de Prebisch no período proposto, entendemos aqui a necessidade de passar pelos seus informes elaborados para a conferência da UNCTAD em Genebra, em 1964, *Nueva Política Comercial para el Desarrollo*,⁹² e em Nova Delhi, no ano de 1968, *Hacia una Estrategia Global del Desarrollo*.⁹³ Encerramos esse capítulo tratando de alguns pontos da obra *Transformación y Desarrollo*, publicada em 1970, uma vez que essa obra, de um lado, incorporava e sintetizava certos elementos tratados ao longo da década de 1960 e, de outro, antecipava uma postura crítica do autor em relação à problemática do subdesenvolvimento.

O capítulo final, intitulado *(3) Crise e Transformação no Pensamento de Raúl Prebisch (1976-1986)*, faz alusão à interpretação de Raúl Prebisch acerca do capitalismo periférico na

⁹¹ GURRIERI, Adolfo, La Dimensión Sociológica en la Obra de Prebisch, **Pensamiento Iberoamericano: Revista de Economía Política**, n. 2, p. 159–174, 1982, p. 163.

⁹² PREBISCH, Raúl, **Nueva Política Comercial para el Desarrollo**, 1. ed. (segunda reimpressão). México: Fondo de Cultura Económica, 1979.

⁹³ PREBISCH, Raúl, Hacia una Estrategia Global del Desarrollo, in: GURRIERI, Adolfo (Org.), **La Obra de Prebisch en la Cepal**, 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1982, v. 2, p. 358–440.

última fase do seu pensamento. Nesse capítulo, busca-se levantar as suas influências teóricas e identificar os seus críticos, bem como expor em perspectiva a construção da interpretação de Prebisch sobre a crise do desenvolvimento latino-americano, elaborada entre os anos de 1976 e 1981. Esse capítulo se estende até a morte do autor, em 1986, tratando dos últimos escritos de Prebisch, assim como da sua breve passagem pelo governo Alfonsín na Argentina, em 1984. Por último, retomamos as principais considerações realizadas ao longo desta pesquisa a respeito dos determinantes do processo de transformação do pensamento de Raúl Prebisch.

1. CRISE E REFORMAS NO PENSAMENTO DE RAÚL PREBISCH (1960, 1970)

O breve século XX, como chamado por Hobsbawm, é usualmente retratado pelas grandes transformações que foram empreendidas em todo o globo. A primeira metade desse século foi marcada por guerras e por crises seguidas de depressões que, enquanto, por um lado, devastavam antigas estruturas e velhos impérios, por outro, exigiam uma nova configuração de poder, porém, agora sob a égide dos Estados Unidos.

Como efeito dessas transformações, alguns acordos realizados no pós-guerra, a exemplo do afamado *Bretton Woods*, em 1944, estabeleceram uma nova roupagem institucional⁹⁴ para o funcionamento do sistema internacional que garantiu a retomada das atividades comerciais após a II Guerra Mundial. O resultado instantâneo foi uma expansão sem precedentes em países da Europa, nos Estados Unidos e no Japão. Uma das justificativas desse súbito recrudescimento da dinâmica mundial era o atípico conflito da época, a Guerra Fria, iniciado por duas grandes potências emergentes do pós-guerra: os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Nesse cenário, a Europa e parte da Ásia dividiam o protagonismo no palco da história mundial. Conforme Frieden, logo em 1947 a Europa já se encontrava fragmentada perante a bipolaridade da Guerra Fria. Se, de um lado, a reconstrução da Europa Ocidental e do Japão foram encabeçadas pelos Estados Unidos, a partir da elaboração do Plano Marshall, de outro, a URSS já havia se encarregado da liderança da Europa Oriental, por meio de volumosos blocos de investimentos direcionados ao Oriente.⁹⁵

Longe do palco, no imediato pós-guerra, a América Latina localizava-se como mera espectadora, pois ela se encontrava isolada, sem receber apoios similares aos empreendidos na Europa, em razão de ser considerada, por parte dos Estados Unidos, uma região “segura”. Nesse sentido, o *Bretton Woods* não resultou imediatamente em vantagens para a América Latina.

⁹⁴ A nova configuração mencionada acima pode ser descrita pela criação do Fundo Monetário Internacional (FMI), o qual, junto com o Banco Mundial, constituiu a nova ordem monetária-financeira do pós-guerra. Além disso, também foi criada a ONU, com o intuito de evitar novos conflitos e de estabelecer um novo equilíbrio para o sistema internacional, auxiliado pelas rodadas do *General Agreement on Tariffs and Trade* (GATT), por meio das quais se almejava retomar as atividades de comércio perdidas ao longo da Grande Guerra. Para uma melhor descrição do período, ver FRIEDEN, Jeffrey A., **Capitalismo Global: história econômica e política do século XX**, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008, p. 273–323; HAFFNER, Jacqueline A. Hernández, **CEPAL: uma perspectiva de desenvolvimento latino-americano**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 15–34.

⁹⁵ É pertinente ressaltar que esse tratamento especial aos países que tiveram suas economias prejudicadas pela guerra não deve ser confundido com um ato de benevolência; pelo contrário: por trás dessas medidas, encontravam-se as disputas geopolíticas e ideológicas sobre qual modo de organização social seria o mais adequado: o capitalismo ou o socialismo. FRIEDEN, **Capitalismo Global: história econômica e política do século XX**, p. 282–299; HOBBSBAWM, Eric, **Era dos Extremos: o breve século XX**, São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 223–227.

Conforme Bethell e Roxborough, “o período não foi, de modo geral, considerado um divisor de águas significativo na história da região como um todo, em parte, devido ao relativo isolamento internacional da América Latina”.⁹⁶

O sentimento de insatisfação na região era total. O próprio Celso Furtado⁹⁷ descreve dois movimentos presentes na mentalidade latino-americana na época. O primeiro fenômeno estava associado à tomada de consciência, por massas crescentes da população, da precariedade da sua existência. Em outros termos, havia uma tomada de consciência de sua condição subdesenvolvida. O segundo fenômeno tem relação com o reconhecimento, por parte das classes dirigentes, de que o desenvolvimento espontâneo abandonaria a América Latina, na condição de “proletário internacional”. Bielschowsky estende essa discussão para a esfera econômica, ressaltando que pairava uma descrença na região com relação à teoria econômica existente, visto que ela “gerava perplexidade face à falta de teorias que pudessem ser adaptadas às realidades econômicas e sociais que se tentava entender e transformar”.⁹⁸

Não sem razão, foi nesse mesmo período que a própria denominação “América Latina” passou a ser empregada ordinariamente, bem como outras expressões, como “Terceiro Mundo”. Segundo Poletto, isso demonstra que o próprio entendimento da região como uma unidade socioeconômica e cultural estava estritamente vinculado à “descoberta” do desenvolvimento e do subdesenvolvimento.⁹⁹ Todavia, esse somatório de insatisfações não foi encoberto; pelo contrário, elas foram todas despejadas pelos países latino-americanos, chefiados inicialmente pelo Chile, durante o período de sessões do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC), no ano de 1947. O resultado dessas demandas foi a criação da CEPAL, em 1948,¹⁰⁰ quando, a partir de então, a comissão passou a atuar exaustivamente na elaboração de uma linha de defesa instrumentalizada, do ponto de vista analítico, para a elaboração de ambiciosos

⁹⁶ BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian, A Conjuntura do Pós-Guerra na América Latina, *in*: BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (Orgs.), **Entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 17.

⁹⁷ FURTADO, **Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina**, p. 118.

⁹⁸ Essa descrença dos países latino-americanos era assegurada por uma certa insatisfação com a vocação agrícola imposta pela teoria econômica, a qual tem tornado vários dos países da América Latina vulneráveis a alterações dos preços dos alimentos e da matéria-prima, o que tem ocasionado, corriqueiramente, crises de balanço de pagamento. BIELSCHOWSKY, Ricardo, Cinquenta Anos de Pensamento na Cepal - uma resenha, *in*: BIELSCHOWSKY, Ricardo (Org.), **Cinquenta Anos de Pensamento na Cepal**, Rio de Janeiro: Record, 2000, v. 1, p. 24.

⁹⁹ POLETTO, Dorivaldo Walmor, A CEPAL e a América Latina: alguns apontamentos, *in*: POLETTO, Dorivaldo Walmor (Org.), **50 anos do Manifesto da Cepal**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 9–10.

¹⁰⁰ A criação da CEPAL e, posteriormente, a sua institucionalização como órgão permanente da ONU, no ano de 1951, foram realizadas sob forte resistência por parte dos países centrais. Para mais detalhes sobre o processo, ver: GONÇALVES, Luiz Eduardo Fonseca de Carvalho, **As relações Brasil-CEPAL (1947-1964)**, Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011, p. 23–28; HODARA, Joseph, Orígenes de la Cepal, **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 383–391, 1987.

projetos de industrialização para a região. Dito de outro modo, a comissão foi capaz de unificar as discussões do período em uma “agenda centrada no problema do atraso no desafio do desenvolvimento e da ‘modernização’ das sociedades e economias nacionais”.¹⁰¹

Nos primeiros anos, o impacto da CEPAL foi notável. De acordo com Iglesias, a comissão promovia a transformação da infraestrutura regional “mediante las asociaciones industriales como las del Hierro y el Acerco o la Pulpa y el Papel; estudios pioneros y estadísticos y de país; servicios de capacitación y planeamiento; esfuerzos para racionalizar las conexiones en el transporte, y así sucesivamente”.¹⁰² Em vista disso, Iglesias acrescenta que não era exagero considerar a CEPAL o principal centro intelectual da América Latina no período, visto que a comissão dominava todos os debates com relação aos problemas da região.

No que se refere ao papel desempenhado por Prebisch, inicialmente, o autor, por um lado, destacou-se na comissão, com a elaboração de uma agenda de pesquisa para estudar o desenvolvimento da região e, por outro lado, com os seus esforços para garantir a autonomia de decisões ao organismo. É dentro desse contexto que Solís¹⁰³ afirma que a imagem da CEPAL inevitavelmente se fundiu à de Prebisch. No saldo geral, Furtado declara que “todo eso transformó a la institución en un caso *sui generis* en las Naciones Unidas, en un precedente que no podía dejar de suscitar preocupación en ciertas esferas de poder”.¹⁰⁴

A partir do quadro proposto pela CEPAL, a problemática da modernização¹⁰⁵ dos países latino-americanos, como se disse, estava em abandonar um modelo que sempre foi caracterizado pela interação entre estruturas internas e externas, conhecido por *hacia afuera*. Segundo Tavares, esse modelo de desenvolvimento tradicional concentrava todas as suas bases no setor externo, posto que as exportações eram “praticamente a única componente autônoma do crescimento da Renda, como o setor exportador representava o centro dinâmico de toda a

¹⁰¹ FIORI, José Luís, As Trajetórias Intelectuais do Debate sobre o Desenvolvimento na América Latina, in: BRANDÃO, Carlos Antônio (Org.), **Teorias e Políticas do Desenvolvimento Latino-Americano**, 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2018, p. 17.

¹⁰² IGLESIAS, Enrique V., Raúl Prebisch y David Pollock: la causa del desarrollo, in: INSTITUTO PARA LA INTEGRACIÓN DE AMÉRICA LATINA (INTAL) (Org.), **Raúl Prebisch: el poder, los principios y la ética del desarrollo**, 1. ed. Argentina, Buenos Aires: BID-INTAL, 2006, p. 6–7.

¹⁰³ SOLÍS, Leopoldo, **La Vida y Obra de Raúl Prebisch**, 1. ed. México: El Colegio Nacional, 1988, p. 73–74.

¹⁰⁴ FURTADO, Celso, Raúl Prebisch, el gran heresiarca, **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 374–382, 1987, p. 377.

¹⁰⁵ Reconhecemos que a modernização, nos termos de Pasquino, consiste fundamentalmente em um fenômeno complexo e multidimensional, que envolve as esferas econômica, social e política e até mesmo os valores. Todavia, nos limitaremos aqui ao uso simplório do termo, que se refere a um processo de transformação de aspectos da sociedade que visa a melhorar sua organização e suas potencialidades, sendo a industrialização e a urbanização representadas por um salto qualitativo para a maturidade desse processo. PASQUINO, Gianfranco, Modernização, in: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.), **Dicionário de Política**, 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, v. 2, p. 768–776.

economia”.¹⁰⁶ Na América Latina, enquanto o último quartel do século XIX foi assinalado por um maior peso do setor externo, em alternativa, os esforços foram dirigidos, no pós-guerra, para a transformação da estrutura produtiva, objetivando a redução da dependência externa. E o caminho traçado pelos países latino-americanos foi o modelo de desenvolvimento *hacia adentro*, popularmente conhecido na época pelos processos de Industrialização por Substituição de Importações (ISI), processos esses coordenados pelo Estado.¹⁰⁷

Ao longo da década de 1950, era notório o êxito desses projetos de industrialização. No prazo de dez anos entre 1950 e 1960, podemos verificar grandes transformações estruturais, com base nos dados estatísticos do período. French-Davis, Muñoz e Palma¹⁰⁸ afirmam que a América Latina obteve taxas de crescimento médias do Produto Interno Bruto (PIB) de 5,1% ao ano, sendo que o setor manufatureiro cresceu a taxas de 6,6% no mesmo período. Com efeito, a participação média desse mesmo setor no PIB da região ampliou de 18,4%, em 1950, para 21,3%, em 1960.

Embora o planejamento estatal pró-transformação estrutural tenha sido uma realidade majoritária em toda a América Latina, ainda assim, não era possível falar em uma experiência comum latino-americana. Os processos de industrialização planejados imprimiram certa singularidade a cada país, ao longo desse processo. De acordo com Cardoso e Brignoli,¹⁰⁹ até meados da década de 1960, todos os países da América Latina, em alguma medida, já haviam iniciado a ISI e alcançado graus distintos de industrialização. Bulmer-Thomas,¹¹⁰ por sua vez, ajuda a mapear o cenário latino-americano, dividindo todos os 20 países da região em dois diferentes grupos. O primeiro engloba os seis países pioneiros no processo de industrialização na América Latina: Argentina, Brasil, México e Chile – os quais, já na última década do século XIX, haviam implementado algumas indústrias leves (indústrias de alimentos e têxteis) –, e a Colômbia e o Uruguai – os quais, logo nas primeiras décadas do século XX, haviam

¹⁰⁶ TAVARES, Maria da Conceição, **Da substituição de importações ao capitalismo financeiro: ensaios sobre a economia brasileira**, 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1977, p. 30.

¹⁰⁷ Embora o termo “substituição de importações” tenha sido consagrado na literatura, Tavares aponta que o termo é empregado muitas vezes erroneamente, indicando o seu sentido literal, isto é, o desaparecimento paulatino de importações em transição para a produção interna. O processo substitutivo deve ser pensado como um modelo de desenvolvimento interno orientado sob o impulso de restrições externas, para a ampliação e a diversificação da capacidade produtiva industrial. Portanto, esse processo não apresenta, como objetivo primordial, a eliminação de todas as importações, mas sim a modificação da estrutura produtiva. *Ibid.*, p. 38–41.

¹⁰⁸ FRENCH-DAVIS, Ricardo; MUÑOZ, Óscar; PALMA, Gabriel, *Las Economías Latinoamericanas, 1950-1990*, in: BETHELL, Leslie (Org.), **História de América Latina: economía y sociedad desde 1930**, Barcelona, Espanha: Crítica, 1997, v. 11, p. 109–110.

¹⁰⁹ CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; BRIGNOLI, Héctor Pérez, **História Económica de América Latina: economías de exportación y desarrollo capitalista**, 2. ed. Barcelona, Espanha: Editorial Crítica, 1981, p. 192.

¹¹⁰ BULMER-THOMAS, Victor, **La Historia Económica de América Latina desde la Independencia**, 1ª reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 2000, p. 323–345.

implementado as suas primeiras indústrias. No que se refere ao segundo grupo, ele abarca todos os demais (14) países que, até o final da década de 1940, mantiveram as suas dinâmicas asseguradas primeiramente pelo setor exportador, no modelo *hacia afuera*, pois o setor manufatureiro desses países ainda era frágil para servir de trampolim para o desenvolvimento de um amplo mercado interno.

À luz dessa simples distinção, torna-se possível aclarar o contexto latino-americano na entrada para a segunda metade do século XX. Brasil, México e Argentina estavam na dianteira da ISI, mostrando-se prontamente capazes de implementar indústrias de bens de capital. Chile, Colômbia e Uruguai estavam logo atrás, com um grau de industrialização intermediário. Dentro do segundo bloco, Bolívia, Paraguai e Peru não demoraram para dar largada no processo de ISI. Todavia, a industrialização não vingou, apresentando resultados desastrosos. Ao mesmo tempo em que Bolívia e Paraguai enfrentavam problemas de hiperinflação na tentativa instalar suas primeiras indústrias, o Peru, por seu turno, ao tentar se industrializar, defrontou-se, a partir do ano de 1945, com problemas de balança de pagamento – as suas reservas esvaíram. O seu processo substitutivo foi interrompido no ano de 1948, devido a um Golpe Militar que insistiu na retomada do desenvolvimento baseado em exportações como eixo central das atividades do país. Por fim, no caso da América Central, os países dependiam puramente de um conjunto de alimentos para exportação, tais como café, banana, algodão e carne. Esses países apenas almejavam iniciar um processo de industrialização, motivados pelos estímulos concebidos pelos tratados de integração para a América Central nos anos sessenta.¹¹¹ Cuba, de maneira semelhante aos demais países centro-americanos, ainda se encontrava dependente quase que exclusivamente da produção açucareira; entretanto, o país foi um ator influente, visto que, com a Revolução Cubana, de 1959, todo o quadro latino-americano foi alterado, pois esse acontecimento retirou a América Latina da condição “segura” no contexto dos enfrentamentos da Guerra Fria.¹¹²

¹¹¹ Referimo-nos aqui tanto ao Tratado de Montevideu, que criou a Asociación Latinoamericana de Libre Comercio (ALALC), em 1960, quanto ao Mercado Común Centroamericano (MCCA), criado no mesmo ano.

¹¹² BULMER-THOMAS, **La Historia Económica de América Latina desde la Independencia**, p. 336–339; FFRENCH-DAVIS; MUÑOZ; PALMA, *Las Economías Latinoamericanas, 1950-1990*, p. 114–115.

1.1 Crise e esgotamento dos processos substitutivos de importação na América Latina nos anos sessenta

Como exposto anteriormente, o florescimento das discussões sobre desenvolvimento na América Latina manifestou-se com o amparo da CEPAL, a qual, no que lhe dizia respeito, imprimiu ao desenvolvimento quase que uma identidade com a industrialização.¹¹³ O próprio Prebisch, em seu famoso manifesto de 1949, quando reivindicou a industrialização como a única forma de enfrentar as mazelas do subdesenvolvimento, advertiu que ela não poderia ser “um fim em si mesma, mas o único meio de que se dispõe para ir captando uma parte do fruto do progresso técnico e elevando progressivamente o nível de vida das massas”.¹¹⁴ Não por outro motivo, as transformações da estrutura produtiva da América Latina empreendidas na década de 1950 geraram um clima de euforia e de otimismo por parte dos teóricos da CEPAL.¹¹⁵ O clima dentro da comissão é descrito por Bielschowsky, que caracteriza esse período (para a CEPAL) como de “auge da criatividade e da capacidade de ousar e influenciar”.¹¹⁶ Não obstante, a reversão desse cenário não demorou a chegar. Conforme Bulmer-Thomas,¹¹⁷ a taxa de crescimento deixou de ser satisfatória para muitos dos países em processo de ISI no início dos anos de 1960, o que culminou em problemas de cunho econômico e social e, até mesmo, para alguns países, em distúrbios políticos.

É pertinente ressaltar aqui que o começo da década de 1960 é designado na literatura pela reversão do ciclo expansivo da década anterior, e isso pode ser constatado em diversos autores que tratam dessa época. Fiori, por exemplo, escreve que a “crise econômica e política da América Latina na década de 1960 provocou uma onda de pessimismo em todo o continente, com relação ao desenvolvimento capitalista das nações atrasadas”.¹¹⁸ Serra, por seu turno, afirma que a fase que inicia com os anos sessenta

sucedeu aos anos de erosão do sonho desenvolvimentista, durante os quais a industrialização perdera seu ímpeto em vários países latino-americanos mais

¹¹³ Como levantado por Lessa e Dain, o conceito de desenvolvimento assume um paradigma central em cada período histórico. Na América Latina, nos anos cinquenta, não havia dúvidas de que o paradigma era a industrialização. LESSA, Carlos; DAIN, S., *Capitalismo Associado: algumas referências para o tema Estado e desenvolvimento*, in: BELLUZZO, Luiz Gonzaga; COUTINHO, Renata (Orgs.), **Desenvolvimento Capitalista no Brasil**, 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983, v. 1.

¹¹⁴ PREBISCH, O Desenvolvimento Econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas, p. 96.

¹¹⁵ BLOMSTROM, Magnus; HETTNE, Bjorn, **La Teoría del Desarrollo en Transición**, 1 ed do espanhol. México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 64.

¹¹⁶ BIELSCHOWSKY, Cinquenta Anos de Pensamento na Cepal - uma resenha, p. 25.

¹¹⁷ BULMER-THOMAS, **La Historia Económica de América Latina desde la Independencia**, p. 322.

¹¹⁸ FIORI, As Trajetórias Intelectuais do Debate sobre o Desenvolvimento na América Latina, p. 24.

representativos, como consequência de contradições e desequilíbrios que ela mesma engendrara ou aprofundara.¹¹⁹

Blomstrom e Hettne, ao tratar da América Latina no mesmo período, afirmam que “la expansión de los cincuenta se convirtió en el estancamiento de los sesenta”.¹²⁰ Mais adiante, ultrapassando a questão da América Latina para tratar do Terceiro Mundo em geral, os autores afirmam que, nos anos sessenta:

[L]os países subdesarrollados no siguieron el camino señalado por los países desarrollados, un camino que – se suponía – conduciría al crecimiento material y a la democracia. Pero en lugar de ello, el subdesarrollo aumentó y la brecha entre los países pobres y los ricos se hizo más grande. Las piezas ya no se ajustaban.¹²¹

No caso de Bielschowsky, embora a crise se manifeste pela queda dos indicadores reais e monetários da economia, trata-se, para o autor, de uma crise teórica, pois os teóricos da CEPAL perceberam que nem mesmo o bom planejamento econômico em favor da industrialização superaria os entraves estruturais da região. Nos termos do autor:

[...] ocorreu uma crise no pensamento desenvolvimentista, expressa na literatura de então. O projeto de industrialização planejada, que vinha orientando de forma mais intensa o pensamento dos economistas brasileiros, deixou de ser o núcleo ideológico das propostas e análises econômicas.¹²²

De fato, concordamos aqui que se trata de uma crise multifacetada, a qual se apresenta inclusive, no plano teórico. Contudo, abordaremos essa crise pelo tratamento que recebeu no período, sendo caracterizada pelo “esgotamento dos processos substitutivos” que atingiu vários dos países da América Latina que haviam alcançado certo grau de industrialização.¹²³ A demarcação temporal dessa crise é outro ponto que merece esclarecimento; ainda que ela seja, na literatura, convencionalmente datada no ano de 1960, seria necessário aclarar que alguns países, como o Brasil, apenas sentiram os seus efeitos no final do ano de 1962.¹²⁴ Em

¹¹⁹ SERRA, José, Apresentação, in: SERRA, José (Org.), *América Latina: ensaios de interpretação econômica*, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976, p. 7.

¹²⁰ BLOMSTROM; HETTNE, *La Teoría del Desarrollo en Transición*, p. 10.

¹²¹ *Ibid.*, p. 12.

¹²² BIELSCHOWSKY, *Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento*, p. 409.

¹²³ Vale ressaltar que a crise não se restringiu aos países mais adiantados em seus projetos de industrialização. Mesmo os países cuja dinâmica ainda era garantida pelo setor externo (o segundo grupo apresentado anteriormente) sofreram com a restrição externa. Além disso, países com indústrias incipientes também foram atingidos pelos efeitos da desaceleração e da dificuldade de se desenvolverem com pequenos mercados. BULMER-THOMAS, *La Historia Económica de América Latina desde la Independencia*, p. 322, 344–345.

¹²⁴ BIELSCHOWSKY, *Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento*, p. 408–410.

contrapartida, a Argentina já era assolada pela crise na segunda metade da década de 1950.¹²⁵ Com efeito, a crise dos processos de ISI estendeu-se desde a segunda metade da década de 1950 até meados da década de 1960 e apresenta periodizações distintas para os variados países latino-americanos. Apesar disso, para fins didáticos, ocasionalmente nos referimos a essa crise como a “crise dos anos sessenta”.

Dando início à exploração, inicialmente, a crise manifestou-se com a queda dos indicadores econômicos dos países latino-americanos. Na América Latina, no intervalo entre 1960 e 1964, o crescimento econômico médio ficou em não mais que 0,3% ao ano e foi acompanhado de elevadas taxas de desemprego, de súbitas pressões inflacionárias e da agudização de tensões políticas e sociais. Ademais, havia o recorrente problema externo causado por uma pertinaz tendência ao déficit comercial, que, por sua vez, sinalizava limitações na capacidade de importar, sendo essa uma condição fundamental para a dinâmica do processo substitutivo.¹²⁶

À vista disso, parece inegável que esse período representa uma ruptura com o ciclo expansivo da fase anterior. Porém, é necessário entender tal crise em seu sentido mais profundo e em suas diversas faces. Nesse sentido, o esgotamento da ISI, segundo Rodríguez,¹²⁷ pode ser explicado a partir de uma dupla determinação; primeiramente, deveria ser considerada a dinâmica do processo substitutivo, que, no que lhe dizia respeito, era realizada em etapas.

Nesse sentido, após a segunda metade da década de 1950, muitos dos países latino-americanos progrediram para outros elos da cadeia produtiva, promovendo a instalação da indústria pesada (indústria química e metal mecânica). Com isso, configurou-se um novo padrão industrial, que ampliou drasticamente a necessidade de proteção e a exigência de vultosos investimentos – tanto do setor público quanto do estrangeiro, na forma de Investimento Externo Direto (IED).¹²⁸

Na década de 1960, os países que vinham obtendo mais êxito no processo de industrialização já traçaram o caminho para uma nova etapa do processo substitutivo de

¹²⁵ FFRENCH-DAVIS; MUÑOZ; PALMA, *Las Economías Latinoamericanas, 1950-1990*, p. 115.

¹²⁶ BIELSCHOWSKY, Ricardo, *A Trajetória Histórica do Pensamento da Cepal: 1948-1998*, in: BRANDÃO, Carlos Antônio (Org.), **Teorias e Políticas do Desenvolvimento Latino-Americano**, 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2018, p. 66–67.

¹²⁷ RODRÍGUEZ, **O Estruturalismo Latino-Americano**, p. 207–215.

¹²⁸ Bulmer-Thomas aponta que as taxas nominais de proteção eram extremamente altas na década de 1960, e o setor de bens de consumo duráveis detinha as maiores taxas de proteção. No Brasil, na Argentina e no México essas taxas eram, respectivamente, de 266%, 328% e 147%. BULMER-THOMAS, **La Historia Económica de América Latina desde la Independencia**, p. 325; Sobre o IED, Ffrench-Davis, Muños e Palma afirmam que o fluxo de inversão estrangeira se intensificou no período, concentrando-se nas indústrias substitutivas de importação.

FFRENCH-DAVIS; MUÑOZ; PALMA, *Las Economías Latinoamericanas, 1950-1990*, p. 83.

importações: a implementação do setor moderno, representado no período pela indústria de bens de capital (BK) e pela de bens de consumo duráveis (BCD). A composição desses novos setores foi marcada pela participação de indústrias multinacionais que fizeram uso de tecnologias absorvidas dos grandes centros que apresentavam enormes descontinuidades tecnológicas. Dessa forma, a situação era marcada por um elevado coeficiente de capital, requisitando escalas mínimas de produção, que exigiriam um mercado cada vez mais amplo.¹²⁹

Desse ponto de vista, diferentemente do ocorrido na instalação das primeiras indústrias leves, a dinâmica do setor moderno era específica, já que as indústrias de bens de capital e de consumo duráveis estavam organizadas por oligopólios no comércio internacional. Em razão disso, como aponta Mello,¹³⁰ suas tecnologias eram restritas e seus mercados eram defendidos por elevadas barreiras à entrada. Nesse novo cenário, a resposta dos países latino-americanos foi imediata. Bulmer-Thomas¹³¹ assinala que essa etapa da ISI havia modificado a posição dos países da região, ditos nacionalistas, com relação ao capital externo. Brasil e Argentina mostraram-se impacientes para atrair indústrias multinacionais e, respectivamente nos anos de 1955 e 1959, modificaram seus marcos legislativos, favorecendo aspectos vinculados ao capital estrangeiro. Já no caso do México, por um lado, o país assegurou alguns setores para o capital nacional e, por outro lado, reservou para empresas multinacionais outros setores, como o de manufatura.

O segundo determinante levantado por Rodríguez¹³² alude às alterações geopolíticas do período, quando os Estados Unidos gradualmente retiraram seus compromissos financeiros com a América Latina na década de 1960, tendo a sua política externa cada vez mais pautada pelo enfrentamento à URSS. Desse modo, a Europa e a Ásia tornavam-se áreas de maior prioridade. No que tange à política externa dos Estados Unidos com a América Latina, Pollock¹³³ descreve a curiosa mudança dos rumos da política externa estadunidense. Enquanto o final da década de 1950, sob os efeitos da Revolução Cubana de 1958, forçou certa aproximação dos Estados Unidos com a região,¹³⁴ a década seguinte foi marcada pelo agravamento da Revolução Cubana, em razão da “crise dos mísseis” de 1962 o que, conseqüentemente, inseriu a região de forma

¹²⁹ RODRÍGUEZ, *O Estruturalismo Latino-Americano*, p. 189–192.

¹³⁰ MELLO, João Manuel Cardoso de, *O Capitalismo Tardio*, São Paulo: Editora Brasiliense, [1975] 1982, p. 89–95.

¹³¹ BULMER-THOMAS, *La Historia Económica de América Latina desde la Independencia*, p. 327.

¹³² RODRÍGUEZ, *O Estruturalismo Latino-Americano*, p. 190–191.

¹³³ POLLOCK, Raúl Prebisch Visto Desde Washington. Una percepción Cambiante, p. 367–369.

¹³⁴ Essa aproximação era vista com a criação do BID, no ano de 1959, e com o aparecimento de programas cooperativos destinados a acelerar o desenvolvimento dos países latino-americanos, como a Operação Pan-americana (OPA), em 1958, que se cristalizou no governo Kennedy de 1961, no programa de “Aliança para o Progresso”. DOSMAN, *Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo*, p. 384–387.

mais ativa no mapa da Guerra Fria. O resultado dessa transição foi uma postura mais rígida dos Estados Unidos em relação à América Latina. Desde então, a política de segurança dos Estados Unidos passou a comprometer a autonomia dos Estados latino-americanos; assim, acumularam-se regimes ditatoriais no Cone-Sul sob a influência estadunidense, a começar pelo Brasil, no ano de 1964.¹³⁵

De modo geral, o novo panorama da década de 1960 acelerou a manifestação das insuficiências do projeto desenvolvimentista, o que atingiu outras esferas além da econômica. Uma significativa transformação do período foi o processo de urbanização desenfreada que operava no seio do processo de ISI. Não é exagero destacar a velocidade desse processo, uma vez que, até o final da década de 1960, a população considerada urbana da América Latina já contabilizava 60%, em comparação com os 40% apresentados no ano de 1940.¹³⁶ A explicação por trás desse processo estava no crescimento demográfico e nos fluxos de migração rural-urbano, estimulados pela concentração das atividades econômicas em localizações urbanas presentes no período.

A marcha pela industrialização no final dos anos cinquenta havia contaminado as grandes cidades da América Latina com problemas como desemprego, miséria e marginalização. Deas afirma que os efeitos da urbanização ampliaram significativamente a oferta de mão de obra. Nesse aspecto, a taxa de crescimento da população economicamente ativa (PEA) do período pode ser uma evidência desse fenômeno, visto que, no ano de 1950, essa taxa já alcançava 2,1%, transitando para 2,5% e 3,2%, respectivamente, no ano de 1960 e no de 1970 na América Latina.¹³⁷ Além do mais, o efeito inicial desse incremento foi transmitido para a estrutura de emprego. À medida que os setores industriais não foram suficientemente capazes de absorver todo o fluxo populacional, tornaram-se mais evidentes as ocorrências de desemprego e de empregos informais (subemprego).¹³⁸

Dando seguimento ao tema, a condição da vida rural, que sempre foi precária, esteve praticamente isenta de benefícios ao longo do andamento dos projetos de industrialização. Conforme Bulmer-Thomas, “los ingresos rurales promedio estaban por debajo de las zonas urbanas, y muchos trabajadores agrícolas estaban desempleados debido a naturaleza

¹³⁵ No início do próximo capítulo, voltamos a abordar com mais precisão o quadro geopolítico.

¹³⁶ BULMER-THOMAS, *La Historia Económica de América Latina desde la Independencia*, p. 361.

¹³⁷ DEAS, M., *Latin America in Perspective*, Estados Unidos, Boston: Houghton Mifflin, 1991, p. 219.

¹³⁸ O subemprego foi um problema alarmante ao longo do processo de industrialização dos países latino-americanos. No ano de 1950, a taxa de subemprego (incluindo campo e cidade) dentro da população economicamente ativa alcançou 48,3% no Brasil, 22,8% na Argentina, 56,9% no México e 48,3% na Colômbia. BULMER-THOMAS, *La Historia Económica de América Latina desde la Independencia*, p. 362.

estacionaria de las labores del campo”.¹³⁹ Ainda dentro desse prisma, a novidade com a chegada da crise dos anos sessenta esteve no fato de a pobreza não estar mais restrita às zonas rurais. Se, até o final da década de 1940, a população pobre encontrava-se, substancialmente, nas zonas rurais, a chegada dos anos sessenta distribuiu a proporção de pobres entre campo e cidade, o que refletiu na difusão de habitações precárias e na marginalização dentro das grandes capitais da região.¹⁴⁰

O grau de concentração da renda também apareceu como uma das sequelas da crise dos processos substitutivos de importação. Na década de 1960, a distribuição de renda na América Latina apresentava distorções agudas, sobretudo, nos países que alcançaram uma dinâmica industrial maior. Em toda a América Latina, o quintil superior recebia em média 60% da renda da região; no Brasil, em particular, o coeficiente de GINI foi de 0,5 no ano de 1960.¹⁴¹ Os efeitos da má distribuição de renda também poderiam ser observados no perfil salarial. A força de trabalho da região, majoritariamente, tinha pouca ou nenhuma instrução, o que criava grandes deformações, como no caso do México nos anos sessenta, no qual os altos executivos ganhavam em média 10 vezes mais que os trabalhadores industriais.¹⁴² Isso posto, ficava claro para massas crescentes da população latino-americana que os frutos do progresso técnico estavam beneficiando somente uma pequena fração da população.

Em suma, a industrialização havia transformado não somente a estrutura produtiva da América Latina, mas também a sua estrutura social. Nos anos 1960, formaram-se novos grupos e estratos sociais, o que, por sua vez, agudizou as tensões sociais sobre o sistema político. Segundo Bielschowsky,¹⁴³ haviam emergido tanto movimentos contestatórios do campo – em razão de partes crescentes dessa população não se sentirem inseridas nos projetos de desenvolvimento nacional – quanto organizações de trabalhadores nas cidades, uma vez que esses trabalhadores estavam insatisfeitos com a jornada de trabalho e com o rendimento adquirido por meio dela. Além desses fatores, havia o desgaste do protagonismo da burguesia nacional, já que a industrialização se ancorava, de forma cada vez mais frequente, no capital estrangeiro.¹⁴⁴

¹³⁹ *Ibid.*, p. 366.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 366.

¹⁴¹ CARDOSO, E.; HELWEGE, A., **Latin America's Economy: diversity, trends, and conflicts**, Estados Unidos, Cambridge: MIT Press, 1992, p. 241.

¹⁴² BULMER-THOMAS, **La Historia Económica de América Latina desde la Independencia**, p. 366.

¹⁴³ BIELSCHOWSKY, **Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento**.

¹⁴⁴ Quanto à proliferação de corporações multinacionais na América Latina, embora elas tenham contribuído para o aumento da produtividade, também geravam acirramentos e tensões com o Estado e com empresários nacionais. Ffrench-Davis, Muños e Palma afirmam que essas corporações controlavam os canais de comercialização, com isso, limitando o acesso a mercados novos comandados por países do centro. FFRENCH-DAVIS; MUÑOZ; PALMA, **Las Economías Latinoamericanas, 1950-1990**, p. 99.

À luz das considerações expostas sobre a crise da ISI, o importante aqui é ressaltar que essa conjuntura, delineada nos parágrafos acima, impôs a necessidade de se pensarem alternativas de desenvolvimento, assim como novas interpretações do subdesenvolvimento da América Latina. Nesse sentido, esse período da década de sessenta mostrou-se “tanto más complejo y diversificado que el de 1948 presentaba enormes desafíos para la CEPAL”.¹⁴⁵ Desse modo, figuras de grande prestígio teórico que ocupavam postos de planejamento em governos ou em organismos regionais, como Raúl Prebisch, viram-se com o compromisso de reformular as suas concepções e de elaborar uma resposta para a crise.

1.2 Raúl Prebisch e a crise de insuficiência dinâmica

Diante da crise dos anos sessenta, organismos regionais de desenvolvimento como a CEPAL precisaram cumprir seu papel, elaborando diagnósticos para os problemas enfrentados pelos países latino-americanos, problemas esses ilustrados nos parágrafos acima. Rodriguez sublinha que, logo no começo da década de 1960, “os documentos da CEPAL destacam uma série de fatos e problemas que se tornaram, então, mais visíveis”.¹⁴⁶ Os graves problemas sociais, em especial a desigualdade, estavam na ordem do dia. Com isso em mente, a opção da CEPAL por um diagnóstico de cunho reformista ficou clara nos primeiros anos da década de 1960, o que significa dizer que o processo de desenvolvimento necessitava ser acompanhado por profundas reformas,¹⁴⁷ pois a industrialização, por si só, não seria capaz de melhorar a qualidade de vida das massas.

Ainda sobre o tema, Bielschowsky¹⁴⁸ sublinha que, pela primeira vez, o cerne do debate econômico com relação ao desenvolvimento tomava rumos distintos, retirando certa prioridade das preocupações tradicionais, como comércio e estrutura produtiva, e agora destacando o tema das reformas. Esse cenário possibilitou, inclusive, falar em uma “vertente reformista”, a qual reunia os teóricos do desenvolvimento que realizavam um diagnóstico pró-reformas como via explicativa do esgotamento dos processos de industrialização recentes. Diante desse cenário, Raúl Prebisch inseriu-se no debate da crise demonstrando consciência da necessidade de

¹⁴⁵ CAYUELA, José, **Cepal 40 Años (1949-1988)**, Chile, Santiago: CEPAL, 1988, p. 37.

¹⁴⁶ RODRÍGUEZ, Octavio, **Teoria do Subdesenvolvimento da Cepal**, Rio de Janeiro: Editora Forense, 1981, p. 25.

¹⁴⁷ O vocabulário sobre as reformas nos anos 1960 fazia referência a um amplo leque de iniciativas, desde a modernização do arcabouço institucional do Estado (reformas fiscais, financeiras e administrativas), até reformas na estrutura social (reforma agrária e medidas de distribuição da renda). Voltamos ao tema na seção 1.4 deste capítulo. BIELSCHOWSKY, **Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento**, p. 416.

¹⁴⁸ Ibid., p. 415.

ampliar o seu escopo teórico para a elaboração de um diagnóstico mais eficaz, todavia, sem abandonar o método estruturalista e velhos hábitos, como o de contrastar centro e periferia, com o intuito de captar a especificidade do processo de desenvolvimento da América Latina.

O período entre o final da década de 1950 e princípio da década de 1960 foi designado, pelo próprio Prebisch, como a terceira etapa do seu pensamento, ou “una etapa de crítica”.¹⁴⁹ Essa etapa foi marcada pela “crítica de la política y de las ideas económicas, en respuesta a los cambios que estaban ocurriendo en el proceso de desarrollo y a mí mejor comprensión de sus problemas”.¹⁵⁰

No que tange à produção bibliográfica do autor, os primeiros documentos que foram produzidos no limiar da crise foram *Desarrollo Económico, Planeación y Cooperación Internacional*¹⁵¹ e *O Falso Dilema entre Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Monetária*.¹⁵² Ambos os escritos foram publicados em 1961, quando Prebisch ainda ocupava o cargo de secretário executivo da CEPAL. Esses documentos já incorporavam preocupações com relação aos problemas que assolavam a região. Entretanto, foi com a obra *Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*,¹⁵³ publicada em 1963, que Prebisch inaugurou uma interpretação teórica que sintetizava suas observações sobre a crise vigente.¹⁵⁴ Essa obra teve um significado especial na trajetória de Prebisch, pois, em maio do mesmo ano, ele deixava a CEPAL para dedicar-se à preparação da primeira conferência da UNCTAD em Genebra, que aconteceria no ano seguinte. Portanto, para além de um exercício de autocrítica, essa obra reuniu discussões recentes empreendidas pelo autor dentro da CEPAL e do recém-criado ILPES.¹⁵⁵

¹⁴⁹ PREBISCH, Cinco Etapas de mi Pensamiento sobre el Desarrollo, p. 1084.

¹⁵⁰ *Ibid*, p. 1084.

¹⁵¹ PREBISCH, Raúl, Desarrollo Económico, Planeación y Cooperación Internacional, in: GURRIERI, Adolfo (Org.), **La Obra de Prebisch en la Cepal**, 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1982, v. 2, p. 72–136.

¹⁵² PREBISCH, Raúl, O Falso Dilema entre Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Monetária, in: PREBISCH, Raúl (Org.), **O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaios**, Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011, p. 393–456.

¹⁵³ A primeira versão desse estudo foi apresentada no décimo período de sessões da CEPAL, celebrado em Mar del Plata, na Argentina, durante o mês de maio de 1963. PREBISCH, **Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano**.

¹⁵⁴ No seminário comemorativo dos 50 anos da CEPAL, Thorp listou essa obra entre os três principais trabalhos produzidos na CEPAL durante as duas primeiras décadas da comissão, chamando-a de “manifesto de 1963”. THORP, Rosemary, El papel de la CEPAL en el desarrollo de América Latina en los años cincuenta y sesenta, in: COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL) (Org.), **La CEPAL en sus 50 Años: notas de un seminario conmemorativo**, Chile, Santiago: Nações Unidas, 2000, p. 19.

¹⁵⁵ Tratamos, com rigor, da passagem de Prebisch pelo ILPES no capítulo seguinte. Em busca de aclarar o tema, podemos adiantar que, ainda no ano de 1961, foram oferecidos a Prebisch recursos para a criação de um novo organismo de planejamento para a América Latina, que viria a ser o ILPES. Entre os anos de 1961–63, Prebisch ainda manteve vínculo com a CEPAL, por designação da ONU; todavia, já era certo o seu novo posto como diretor-geral do ILPES, criado no ano de 1962. Para mais detalhes sobre a trajetória do autor, ver: CAYUELA, **Cepal 40**

Com respeito às inovações no posicionamento de Prebisch na década de 1960, Gurrieri¹⁵⁶ identifica uma dissociação do autor com o programa inicial da CEPAL. Nesse período, Prebisch passou a enfatizar, em seus escritos, a questão das reformas estruturais, incorporando aspectos sociológicos e, com base nisso, trazendo a estrutura social para a discussão do desenvolvimento econômico. Essa nova direção do pensamento de Prebisch já estava presente em um de seus discursos proferidos na CEPAL no ano de 1962. Conforme Dosman,¹⁵⁷ Prebisch demonstrava uma ampliação de sua crítica com relação às elites latino-americanas, levantando questões sobre a propriedade da terra, a distribuição de renda e, até mesmo, a educação pública.

Dando início à exploração, ao tratar da crise dos anos sessenta, Prebisch não deixou dúvidas de que se tratava de uma crise estrutural, quando mencionou o problema agravante da extrema pobreza na América Latina, onde uma parcela significativa da população tinha renda média quase insignificante e padecia de “infra-alimentación, malvestido y peor vivienda, así como de enfermedades y analfabetismo; y también con las tasas más elevadas de reproducción”.¹⁵⁸ Sobre a crise, o autor comenta que:

Los males que aquejan la economía latinoamericana no responden a factores circunstanciales o transitorios. Son expresión de la crisis del orden de cosas existente y de la escasa aptitud del sistema económico — por fallas estructurales que no hemos sabido o podido corregir — para lograr y mantener un ritmo de desarrollo que responda al crecimiento de la población y a sus exigencias de rápido mejoramiento.¹⁵⁹

À luz da caracterização da crise realizada por Prebisch, as observações empreendidas pelo autor caminharam no sentido de retirar o papel passivo da desigualdade social para as discussões do desenvolvimento e, conseqüentemente, de reconhecer que a “la estructura social prevaleciente en América Latina opone un serio obstáculo al progreso técnico y, por consiguiente, al desarrollo económico y social”.¹⁶⁰ Tal evidência se manifesta nos seguintes fatores: (a) a estrutura social entorpecia a mobilidade social; (b) a distribuição de renda privilegiada debilitava, ou até mesmo eliminava, o incentivo à atividade econômica, em detrimento da utilização eficaz do trabalho, do uso da terra e do capital; e, por fim, (c) o

Años (1949-1988), p. 39–40; DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 422–426.

¹⁵⁶ GURRIERI, La Economía Política de Raúl Prebisch, p. 51–52.

¹⁵⁷ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 426.

¹⁵⁸ PREBISCH, Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano, p. 3.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 3.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 4.

privilégio distributivo era traduzido em padrões de consumo exacerbados, em vez de expandir o ritmo de acumulação de capital.

Partindo dessas considerações, se Prebisch, em seus anos iniciais na CEPAL, destacou o problema da distribuição internacional dos frutos do progresso técnico, nos anos sessenta, o autor concentrou-se na distribuição interna desses frutos. Em outros termos, Prebisch implementou, em seu diagnóstico, a compreensão do estrangulamento interno da economia, o qual era traduzido pela incapacidade de se alcançar uma taxa adequada de acumulação na América Latina, devido à utilização incoerente do capital, a respeito dos propósitos do desenvolvimento.

Dito isso, a política de desenvolvimento pensada por Prebisch para a década de 1960 tendeu a tomar dois rumos, que usaremos aqui como nortes para a nossa exposição. O primeiro rumo aludia ao estrangulamento interno, isto é, à realização de reformas estruturais capazes de liberar as forças que impulsionam o desenvolvimento econômico e social. O segundo rumo situava-se no âmbito internacional, alvo de Prebisch desde os seus estudos primordiais dentro da CEPAL. Nesse aspecto, Prebisch sinalizou a integração regional como uma ferramenta de combate tanto para o desequilíbrio externo quanto para a reversão dos problemas que atingiam a ISI. Além disso, trataremos também da interpretação do autor sobre o processo inflacionário que assolava a região, visto que tal fenômeno passou a aparecer como um componente da estrutura social.

1.2.1 O problema do estrangulamento interno

A descoberta do estrangulamento interno, por parte de Prebisch, esteve associada ao avanço do processo de ISI na América Latina, o qual sinalizava que a industrialização não seria capaz de corrigir fatores que inibiam o desenvolvimento. Aliás, ao contrário do que se pensava, a industrialização estava agravando a dicotomia entre o econômico e o social. De acordo com Prebisch, esse desequilíbrio se manifestava pelo acelerado crescimento populacional na América Latina, havendo também uma tendência à emigração do campo para as cidades (êxodo rural), que, no que lhe dizia respeito, ocasionava um tipo de urbanização problemática. Prebisch indicava que a causa do problema estava na estrutura econômica e social da região, pois a estrutura da terra (arcaica) mantinha a renda concentrada no campo e consumida improdutivamente nas cidades, o que distorcia a distribuição geográfica da renda e contribuía

para a elevação dos níveis de desemprego, devido à incapacidade da indústria de absorver toda a mão de obra.¹⁶¹

Como uma proporção sensível do aumento da população ativa não era absorvida no processo produtivo, o desemprego tornou-se o ponto de partida da teorização, sendo tratado por Prebisch como um fenômeno de caráter estrutural. A novidade conceitual do autor nos anos sessenta esteve em mobilizar o conceito de “suficiência dinâmica” como um parâmetro de avaliação do desempenho da economia. Dessa forma, a capacidade de absorção produtiva da força de trabalho, não o seu nível de crescimento do produto, determinaria o dinamismo de uma economia nacional.¹⁶² Sobre essa questão, a justificativa de Prebisch apoiava-se no fato de o crescimento do produto não conseguir captar se a distribuição dos frutos estaria alcançando todos os grupos sociais. Por exemplo, um elevado crescimento do setor agrário poderia reter todos os ganhos no setor, não colaborando para a eliminação da heterogeneidade estrutural. De outro modo, ao deslocar o indicador para a capacidade de absorção da força de trabalho, tornava-se possível avaliar a difusão do crescimento sobre a estrutura social, ou seja, compreender se esse crescimento contribuiu para a formação de uma estrutura diversificada e menos heterogênea. Na compreensão de Gurrieri,¹⁶³ esse novo conceito representou uma continuidade do pensamento do autor, uma vez que fatores como a geração, a distribuição, a propagação e o uso do progresso técnico, que anteriormente ficavam em segundo plano, agora se deslocavam para o centro do debate.¹⁶⁴

Diante dessa argumentação, na concepção de Prebisch, a América Latina situava-se em uma crise de “insuficiência dinâmica”,¹⁶⁵ uma vez que se desperdiçava um enorme potencial de força de trabalho e não se privilegiava sequer um padrão mínimo de equidade distributiva. Para a superação dessa condição, era essencial alterar a forma como vinham sendo conduzidos os processos de desenvolvimento na América Latina. À vista disso, fazendo uso do mecanismo de análise de insuficiência dinâmica, Prebisch esclareceu que o problema da frenética urbanização

¹⁶¹ A terra encontrava-se na mão de poucos, o que não garantia um uso eficiente dela. O resultado era a ampliação do excedente da mão de obra, o qual contribuía para a intensificação do processo de urbanização. *Ibid.*, p. 10–12.

¹⁶² *Ibid.*, p. 32–33.

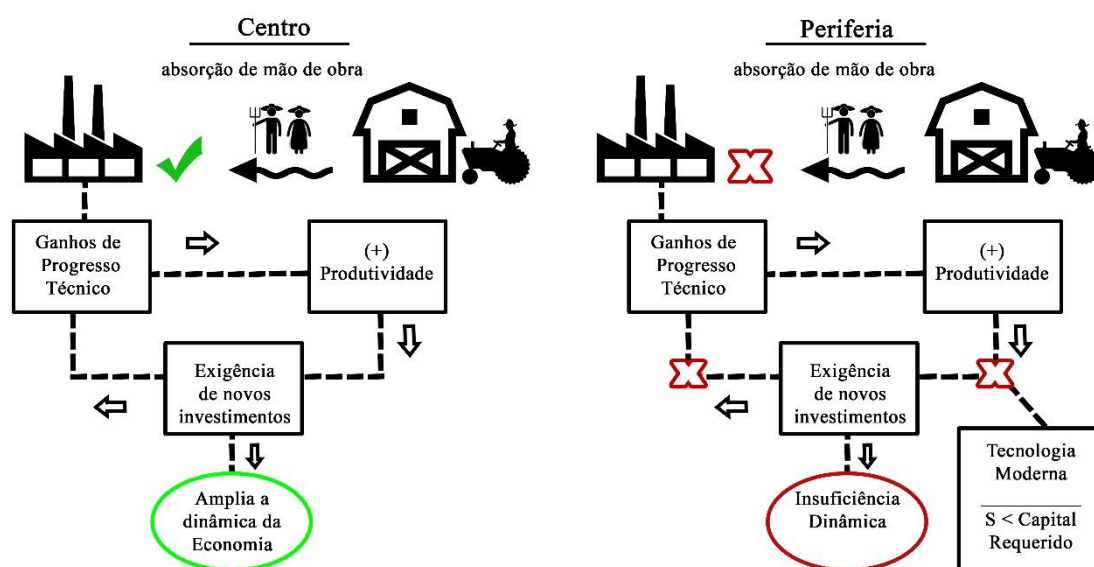
¹⁶³ GURRIERI, La Economía Política de Raúl Prebisch, p. 54.

¹⁶⁴ Alguns desses temas, sobretudo, o tratamento crítico de Prebisch sobre a técnica moderna (progresso técnico), poderiam ser vistos ainda em seus escritos do decênio anterior. O texto *Problemas Teóricos e Práticos do Crescimento Econômico*, escrito em 1951, já trazia alguns elementos desse debate; entretanto, a discussão ganhou centralidade na década de sessenta, em resposta à crise dos processos de ISI. PREBISCH, *Problemas Teóricos e Práticos do Crescimento Econômico*.

¹⁶⁵ Como aponta Gurrieri, é importante esclarecer que o conceito de “insuficiência dinâmica” nunca pretendeu tornar-se sinônimo de estagnação ou de estancamento econômico – similar a outras interpretações posteriores realizadas para essa crise. O conceito utilizado por Prebisch fazia referência à capacidade de absorção de mão de obra pela economia; sendo assim, ele poderia indicar um baixo dinamismo da economia, não mais que isso. GURRIERI, La Economía Política de Raúl Prebisch, p. 53.

que assolava a América Latina era justificado pelo protagonismo da indústria e das atividades conexas a ela. De modo geral, esses setores mencionados tendiam a crescer mais rápido que o nível da renda, atraindo, assim, os desempregados locais e a população do campo, em busca de maiores rendimentos; com isso, cabia à indústria a função de absorver essa mão de obra excedente.¹⁶⁶ Em relação à hipótese de a indústria cumprir a sua função de absorção, Prebisch salienta que a produtividade do setor agrícola seria ampliada com a absorção da sua ociosidade pela indústria. Ainda nesse raciocínio, os ganhos com o progresso técnico de uma economia resultariam em ganhos de produtividade, os quais, em contrapartida, exigiriam novos investimentos e, em paralelo, uma taxa mínima de aumento da renda para o seguimento do processo de acumulação. Cumprindo-se tais exigências, a ampliação da dinâmica da economia e o impulso para um novo ciclo seriam o resultado desse mecanismo.¹⁶⁷ A figura abaixo ilustra o diagnóstico da crise de insuficiência dinâmica.

Figura 1. Diagnóstico da crise de insuficiência dinâmica



Fonte: Elaboração própria com base em: PREBISCH, *Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*, p. 27-36.¹⁶⁸

Como exposto na figura 1, na interpretação de Prebisch sobre a América Latina, ainda mais pressões demográficas seriam lançadas ao setor industrial, devido à estrutura do campo concentrada e de organização arcaica. Haveria também um descompasso na exigência de certo

¹⁶⁶ PREBISCH, *Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*, p. 27-29.

¹⁶⁷ *Ibid.*, p. 29-32.

¹⁶⁸ A elaboração da figura é nossa, porém, ela foi publicada anteriormente no seguinte artigo: MEDEIROS; COSENTINO, Celso Furtado e Raúl Prebisch frente à crise do desenvolvimentismo da década de 1960.

nível de investimento, uma vez que o capital requerido na periferia, em geral, seria superior à poupança da região, que já apresentava um nível baixo, em contraste com o seu desvio pelas classes altas, a fim de satisfazer padrões de consumo supérfluos. Além disso, Prebisch acrescenta que a periferia não tinha controle do seu progresso técnico,¹⁶⁹ o que causava ainda mais complicações, ao utilizar uma tecnologia planejada para um nível de desenvolvimento distinto do seu.

As contradições a respeito da propagação do progresso técnico, mencionadas acima, foram outro ponto abordado como um empecilho para a dinâmica econômica. Conforme Prebisch,¹⁷⁰ os países latino-americanos careciam de medidas para elevar a sua produtividade e, como resultado, imobilizavam a sua capacidade de absorção de mão de obra. A discrepância desse problema reside na assimilação da técnica moderna, cuja elaboração era efetuada em grandes centros e preparada para poupar mão de obra, ampliando o volume demandado de capital. Diferentemente do centro, que possuía capital em excesso e mão de obra limitada, a estrutura da periferia carecia de aptidão para formar capital e, em alternativa, exibia um excesso de oferta de trabalho, o que conduzia a região a um dilema, no qual assimilar novas técnicas acentuava ainda mais o problema do desemprego e da má distribuição da renda, o que agravava, a insuficiência dinâmica. O problema da técnica moderna não estava restrito ao seu caráter inapropriado à estrutura periférica; Prebisch salientava também a perda das decisões de planejamento atribuída à sua chegada. Nos termos do autor:

[...] [L]a técnica sigue siendo por lo general escasamente accesible o no accesible a los hombres del país, y sus decisiones se toman afuera, sin que el país pueda ejercer sobre ellas gravitación ponderable, no obstante su importancia para los intereses nacionales. Y asimismo hay casos en que la propia orientación de las exportaciones escapa a la política comercial de nuestros países.¹⁷¹

Apesar das contradições expostas acima, deixar de absorver técnicas modernas seria um retrocesso para os países latino-americanos, mesmo com o constante agravamento do problema da insuficiência. Prebisch deixava claro que não haveria soluções espontâneas, e que o problema seria de difícil solução, pois os empresários não dirigiam as suas atenções ao emprego da mão de obra em seu cálculo econômico; muito pelo contrário, eles consideravam apenas a redução imediata dos seus respectivos custos de produção. Couto e Couto sublinham que

¹⁶⁹ Isto é, a periferia não tinha o domínio de um sistema de inovação; assim, a tecnologia utilizada no processo de industrialização da América Latina, além de já existir, deveria ser adquirida via importação dos grandes centros econômicos. PREBISCH, *Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*, p. 14–15.

¹⁷⁰ *Ibid.*, p. 32.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 65–66.

Prebisch tratava a técnica como algo ambivalente, “podendo servir para o bem ou para o mal: tudo dependia da aptidão do homem para endereçá-la da melhor maneira”.¹⁷² Diante desse dilema, Prebisch indicou que uma possível solução para essa questão seria encontrar uma relação entre o custo do trabalho e o do capital que, simultaneamente, assegurasse um emprego ótimo de mão de obra. Em outras palavras, essa solução consistiria em buscar uma combinação que permitisse a maior absorção compatível com o incremento máximo do produto, o que exigia uma atuação direta por parte do Estado dentro do processo de propagação da técnica moderna.¹⁷³

Ainda dentro dessa temática, acrescentou-se ao fenômeno da deterioração dos termos de troca – que foi pano de fundo da formulação teórica de Prebisch, desde o seu primeiro escrito na CEPAL – um determinante interno. Anteriormente, o conceito era referido à perda dos produtos primários no comércio internacional diante de produtos manufaturados, devido, principalmente, à elasticidade-renda da demanda.¹⁷⁴ A partir de então, a incapacidade da indústria de absorver mão de obra do campo também influenciaria a queda do nível de preço dos produtos primários, com a formação de um contingente de mão de obra desempregada. Prebisch afirmou que, nessas condições, os ganhos de produtividade do campo, em vez de transmitidos aos salários, seriam convertidos em lucros elevados aos proprietários que, por sua vez, expandiam a produção para além do ritmo da procura, provocando a queda do nível de preços de alimentos e de demais produtos agrícolas.

Dessa forma, Prebisch apontou que a estrutura anacrônica do campo contribuía para a insuficiência dinâmica da economia, visto que “impide que los salarios de estas últimas suban paralelamente al aumento de productividad, y, en la medida en que ello no ocurra, la producción primaria pierde en todo o en parte el fruto de su progreso técnico”.¹⁷⁵ O argentino também esclareceu a razão de o centro capitalista não ser afetado de forma similar no procedimento de absorção da força de trabalho. A explicação residia na distinta estrutura econômica e social do centro, que apresentava uma pressão quase nula para a absorção da mão de obra. Além disso, diferentemente da América Latina, o nível de poupança do centro era elevado, o que o tornava capaz de conter e de evitar desequilíbrios internos. Dadas essas circunstâncias, a condição de desenvolvimento em curso da periferia latino-americana, distinta do caso dos países centrais, mostrou a necessidade de uma estratégia diversa. Segundo Prebisch:

¹⁷² COUTO; COUTO, Um Libertador das Ideias: o pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch, p. 66.

¹⁷³ PREBISCH, *Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*, p. 32–33.

¹⁷⁴ PREBISCH, Problemas Teóricos e Práticos do Crescimento Econômico, p. 278–279.

¹⁷⁵ PREBISCH, *Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*, p. 96.

Estos dos contrastes traen otro al que ya se hizo referencia: que mientras en aquellos países avanzados vino primero la acumulación de capital y después la redistribución del ingreso, los dos problemas [en la periferia] tienen que resolverse ahora, sobre todo frente a la sugestión insistente del método soviético de desarrollo económico.¹⁷⁶

Em tese, a crise que atingiu a América Latina, para Prebisch, foi de caráter essencialmente estrutural. Nos termos do argentino, essa foi uma crise de insuficiência dinâmica. Pedrão¹⁷⁷ esclarece que a causa desse malefício, para Prebisch, não era necessariamente a falta de capital; a raiz do problema estava, fundamentalmente, na estrutura social concentrada, que entorpecia a mobilidade social e desperdiçava o capital, ao lado dos problemas oriundos da composição da tecnologia moderna em contato com essa estrutura. À vista disso, Prebisch¹⁷⁸ reivindicou três formas de ação do Estado para se enfrentar a crise do período. Inicialmente, (i) a estrutura social deveria, antes de tudo, ser transformada; assim, seria aberto um espaço para (ii) outras formas de produzir, devendo-se, antes de tudo, seguir modificando a estrutura econômica; por fim, era primordial (iii) corrigir as disparidades distributivas obtidas com o aumento da renda. Nos termos de Prebisch: “[...] profundo error: no habrá aceleración del desarrollo económico sin transformación de la estructura social”.¹⁷⁹

Diante disso, a reforma agrária era, desde logo, indispensável para a transformação social almejada por Prebisch, em razão de ela garantir que a agricultura pudesse reter os frutos do seu progresso técnico. Prebisch propôs olhar a reforma agrária em uma perspectiva dinâmica, levantando algumas das razões que ilustravam a sua urgência. A primeira delas seria o potencial de poupança, liberado por meio de uma mudança estrutural no regime de posse de terras. Outra justificativa seria a satisfação da demanda por alimentos de uma população urbana que crescia rapidamente. Por último, a reforma obedecia a condições sociais, na medida em que oferecia melhores rendas para os níveis de vida precários da população rural.¹⁸⁰ Além do mais, Bielschowsky¹⁸¹ indica que a ênfase na reforma agrária no pensamento de Prebisch estaria vinculada ao problema da insuficiência dinâmica. Desse modo, os benefícios da reforma, por um lado, reduziriam as pressões demográficas, segurando a população no campo, e, por outro lado, liberariam a poupança para o investimento produtivo, combatendo diretamente, assim, o desemprego estrutural.

¹⁷⁶ *Ibid.*, p. 13–14.

¹⁷⁷ PEDRÃO, Fernando, *Evocação de Raúl Prebisch: latino-americano e homem do mundo*, **Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento**, 2011, p. 10.

¹⁷⁸ PREBISCH, *Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*, p. 14–15.

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 21.

¹⁸⁰ *Ibid.*, p. 46–48.

¹⁸¹ BIELSCHOWSKY, *Cinquenta Anos de Pensamento na Cepal - uma resenha*, p. 40.

Gurrieri aponta que a necessidade de aumentar a poupança interna em favor da taxa de acumulação levou Prebisch para a análise do nível da renda e da sua distribuição, o que consequentemente conduziu o autor para a observação das classes sociais e das suas distintas formas de vida e pautas de consumo como um segundo componente das reformas estruturais.¹⁸² Diante dessa análise, a compressão do consumo de grupos privilegiados, de rendas relativamente altas, também foi reivindicada por Prebisch. O autor direcionou críticas duras a essa pequena parcela da população, que desperdiçava capital com consumo de bens de luxo em detrimento do investimento produtivo, enviando uma proporção significativa de sua renda para o exterior. Para a mudança dessa situação, seria papel do Estado incentivar a promoção de uma “distribuição dinâmica da renda” – para utilizar a terminologia do autor – a qual se traduzisse no acréscimo contínuo do capital acumulado que, no que lhe diz respeito, permitisse elevar intensamente o ritmo de desenvolvimento e a propagação social de uma renda crescente.¹⁸³

Em suma, a construção analítica de Prebisch para o estrangulamento interno apresentado aqui estabeleceu uma relação entre a concentração de capital, a apropriação do excedente e o desemprego (absorção de mão de obra); nessa relação, as condições de distribuição de renda denunciavam o mau uso do excedente.¹⁸⁴ O cerne da proposta de Prebisch para a elaboração de uma política de desenvolvimento estaria sustentada no eixo crescimento-distribuição; isto é, critérios para acelerar o crescimento econômico seriam implementados lado a lado com medidas para a distribuição de renda em favor dos estratos menos favorecidos.

1.2.2 A interpretação de Prebisch do processo inflacionário

Dentro do diagnóstico de Prebisch para a crise, a inflação também se revelou como um componente do estrangulamento interno. O debate sobre a causa da inflação na América Latina é de longa data. Desde o início da criação da CEPAL, economistas estruturalistas e liberais pleiteavam interpretações sobre o fenômeno inflacionário na região. Blomstrom e Hettne¹⁸⁵ afirmam que a CEPAL raras vezes participou de forma oficial desse debate; entretanto, alguns de seus teóricos debruçaram-se sobre o tema. Prebisch,¹⁸⁶ ainda em 1950, realizou algumas considerações sobre essa questão, defendendo que a inflação era resultado do processo de desenvolvimento dos países periféricos e que uma das suas causas seria o desequilíbrio crônico

¹⁸² GURRIERI, La Dimensión Sociológica en la Obra de Prebisch, p. 163.

¹⁸³ PREBISCH, *Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*, p. 37–42.

¹⁸⁴ PEDRÃO, Evocação de Raúl Prebisch: latino-americano e homem do mundo, p. 11.

¹⁸⁵ BLOMSTROM; HETTNE, *La Teoría del Desarrollo en Transición*, p. 65.

¹⁸⁶ PREBISCH, *El Estudio Económico de América Latina 1949*, p. 11.

na balança de pagamentos; o autor salientou que os desajustes no coeficiente de importação causariam inevitavelmente consequências monetárias, existindo ou não inflação.

Apesar de reconhecer essas conexões do fenômeno monetário, Prebisch ainda atestava a eficácia de métodos tradicionais de combate à inflação, devido ao apego à sua larga experiência no Banco Central Argentino. As ressalvas de Prebisch sobre a inflação tornaram-se evidentes na curta passagem do autor pelo governo argentino, em 1955, após a queda de Perón. Nesse episódio, Prebisch elaborou um receituário visivelmente ortodoxo para a estabilização da economia argentina, fato que escancarou as divergências do autor com parte do corpo técnico da CEPAL.¹⁸⁷ O próprio Furtado deixou claras as suas divergências com o autor em sua autobiografia, ao dizer que “em todo caso, sua posição me parecia demasiado alinhada à ortodoxia local, dando excessiva ênfase ao problema da estabilidade, como se esta pudesse ser isolada para tratamento especial”.¹⁸⁸

A partir da pista inicial fornecida por Prebisch e da “querela monetaristas *versus* estruturalistas”¹⁸⁹ dentro da própria CEPAL na segunda metade dos anos 1950, outros estudos específicos sobre o tema da inflação foram realizados por outros estudiosos da CEPAL, além dos trabalhos de Noyola, Sunkel e Pinto.¹⁹⁰ Em suma, Bielschowsky sintetiza o argumento dos estruturalistas, alegando que, para eles, a moeda várias vezes expandia-se passivamente, como uma resposta às autoridades monetárias e à elevação de preços de origem estrutural – como inelasticidade da oferta de certos produtos. Portanto, diferentemente das recomendações das doutrinas ortodoxas para os países periféricos, “a única maneira de evitar inflação seria alterando as condições estruturais que a provocam, e isto deve ser feito por meio de um esforço de crescimento econômico contínuo e planejado”;¹⁹¹ medidas contracionistas (como redução do crédito) poderiam apenas criar mais distorções.

Nos anos 1960, o tema da inflação retornou ao pensamento de Prebisch em outro contexto, “quando o fantasma argentino já não o perseguia”.¹⁹² Em 1961, o autor publicou um texto intitulado *O Falso Dilema entre Desenvolvimento Econômico e Estabilidade*

¹⁸⁷ Para uma melhor descrição da questão da inflação, ver: BOIANOVSKY, Mauro, Furtado and the Structuralist-Monetarist Debate on Economic Stabilization in Latin America, *History of Political Economy*, v. 44, n. 2, p. 1–57, 2012.

¹⁸⁸ FURTADO, *Obra Autobiográfica*, p. 64–68.

¹⁸⁹ *Ibid.*, p. 165.

¹⁹⁰ VÁZQUEZ, Juan Noyola, Inflación y Desarrollo en Chile y México, *Panorama Económico*, n. 170, 1957; SUNKEL, Osvaldo, La Inflación Chilena: un enfoque heterodoxo, *El Trimestre Económico*, n. 25(4), 1958; PINTO, Aníbal, El Análisis de la Inflación, estructuralistas y monetaristas: un recuento, *Revista Económica Latinoamericana*, n. 4, 1961.

¹⁹¹ BIELSCHOWSKY, *Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento*, p. 21.

¹⁹² FURTADO, *Obra Autobiográfica*, p. 167.

Monetária.¹⁹³ Nesse documento, Prebisch defendeu com veemência que não havia um dilema entre realizar políticas de desenvolvimento econômico e manter a estabilidade monetária, pois a busca pelo desenvolvimento econômico mediante transformações estruturais era a única via possível para se atacar de vez a inflação no longo prazo.¹⁹⁴

A novidade sobre a inflação apresentada pelo autor estava essencialmente no fato de Prebisch reconhecer o efeito de tensões sociais também como parte do processo inflacionário.¹⁹⁵ Um dos casos foi atribuído à espiral inflacionária iniciada por um duplo movimento: em primeiro lugar, pelo reajuste das remunerações dos trabalhadores, para compensar a elevação dos níveis de preço anteriores; em segundo lugar, pelo empresário que repassa esse aumento, em vez de absorvê-lo com o ganho da inflação passada, alimentando, assim, a espiral. Prebisch mostrou que a inflação era por vezes utilizada como instrumento redistributivo pelas classes de altas rendas, em detrimento da massa populacional, a qual não tinha mecanismos de defesa. Outro caso era designado ao regime imperante de posse de terra, que se opunha a um fornecimento regular de alimentos que acompanhasse o crescimento populacional do período.¹⁹⁶

Na publicação de 1963, a ênfase do autor sobre o tema seguiu na direção de mostrar que “el poder de ciertos pupos de la sociedad para influir arbitrariamente sobre la distribución del ingreso constituye el trasfondo de la inflación latino-americana”.¹⁹⁷ Prebisch mostrou que uma parcela da população da América Latina estava utilizando o seu crescente poder político e sindical para se defender dos preços cada vez maiores. Para que isso ocorresse, recorria-se muitas vezes ao Estado para retirar parte do excedente (via impostos indiretos) para outras formas que não a acumulação de capital; com isso, os prejuízos recaíam para os trabalhadores que não gozavam dos serviços do Estado ou de sindicatos.¹⁹⁸ Desse modo, a novidade estava no reconhecimento, por parte de Prebisch, da necessidade de estudos sociológicos no tratamento da inflação, “pois eram os novos grupos que surgiam na política ou na economia que usavam a inflação para modificar a distribuição de renda a seu favor”.¹⁹⁹

O esforço de Prebisch nos anos sessenta esteve em mostrar que a inflação ocasionava uma luta social que, por seu turno, era intensificada pela condição de insuficiência dinâmica, já

¹⁹³ Prebisch preparou esse escrito para a sua apresentação na 6ª Reunião dos Bancos Centrais, como uma tentativa de difundir a teoria estruturalista da inflação. PREBISCH, *O Falso Dilema entre Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Monetária*, p. 393.

¹⁹⁴ *Ibid.*, p. 395.

¹⁹⁵ Prebisch considerou outros tipos de inflação em seu informe, tais como de custos e de demanda; todavia, daremos destaque aqui à incorporação do autor dos fenômenos sociais sobre a inflação. *Ibid.*

¹⁹⁶ PREBISCH, *O Falso Dilema entre Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Monetária*, p. 425–432.

¹⁹⁷ PREBISCH, *Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*, p. 59.

¹⁹⁸ *Ibid.*, p. 60.

¹⁹⁹ COUTO; COUTO, *Um Libertador das Ideias: o pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch*, p. 64.

tratada anteriormente. Diante disso, o problema da inflação não poderia ser separado do problema do desenvolvimento econômico; assim, o receituário de Prebisch para o fenômeno inflacionário envolveu, do mesmo modo, as reformas estruturais. Para o campo, a reforma agrária deveria modificar os marcos vigentes da estrutura agrária – que atuava pressionando os preços dos alimentos –, ao lado de medidas para modificar o marco distributivo, que constituía um obstáculo para o processo de acumulação. Para frear o fenômeno inflacionário, Prebisch indicou a aceleração do ritmo de desenvolvimento, o que permitiria que os salários reais fossem ressarcidos da perda inflacionária, sem recorrer-se a outras vias.²⁰⁰

1.2.3 O problema do estrangulamento externo e o esgotamento do processo substitutivo

O tema do estrangulamento externo, como de praxe, apareceu como um dos componentes da agenda de Prebisch para a década de 1960. Os países latino-americanos que praticavam programas de industrialização integral, especialmente os que mais avançaram etapas, sofreram corriqueiramente com o problema da restrição externa em fases de baixa das exportações. A recorrente retomada desse problema conduziu Prebisch novamente ao assunto.

Nesse tópico, em especial, é mister ressaltar que a intenção por detrás dos escritos de Prebisch sobrepunha considerações teóricas e acadêmicas, e isso deve ser considerado, quando se avalia qualquer contribuição do autor. No que tange aos escritos de Prebisch da década de 1960, Hodara²⁰¹ afirma que, além de considerações analíticas sobre a realidade latino-americana, havia também críticas veladas à atuação dos governos latino-americanos no processo de industrialização planejada, vide o excesso de proteção praticado pelos países e a defesa de interesses de elites regionais, entre outras questões. Ademais, a própria posição institucional de Prebisch à frente dos organismos internacionais deixava chefes de governos na condição de seus “clientes”, o que legitimava, assim, o compromisso do autor com a resolução de problemas de cunho prático.

Diante do exposto, Prebisch, por meio do documento *Desarrollo Económico, Planeación y Cooperación Internacional*,²⁰² publicado em 1961, teceu críticas quanto à forma como estava sendo dirigida a industrialização substitutiva. Para o autor, o esgotamento da industrialização planejada na América Latina era também resultado de falhas fundamentais de

²⁰⁰ PREBISCH, *Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*, p. 61–62.

²⁰¹ HODARA, *Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional*, p. 112.

²⁰² PREBISCH, Raúl, *Desarrollo Económico, Planeación y Cooperación Internacional*, in: GURRIERI, Adolfo (Org.), *La Obra de Prebisch en la Cepal*, 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1982, v. 2, p. 72–136.

planejamento econômico: a insistência da atividade industrial dirigida, sobretudo, para o mercado interno; o fato de a decisão quanto à implementação de novas indústrias levar em conta somente razões circunstanciais; e, por último, a proteção em excesso praticada pelos governos da região.

Inicialmente, Prebisch condenou a falta de estímulos internacionais para a exportação industrial. Segundo o autor, os países praticavam subsídios com tarifas ou restrições à produção industrial, e nada havia sido feito para promover a exportação das indústrias da região. Prebisch acrescentou que numerosos artigos industriais com custo elevado em comparação com a produção internacional foram privilegiados no ato da escolha de novos segmentos industriais, em vez de ser priorizada a produção de outros artigos com uma maior chance de exportação e, conseqüentemente, com custos menores.²⁰³

Nessa situação, a promoção da exportação industrial seria uma medida fundamental, não sendo suficiente colocar a produção exportável em pé de igualdade com a produção interna. Era necessário ainda estabelecer medidas que facilitassem o desenvolvimento dessas indústrias e a redução de seus custos. Como salientam Toye e Toye, esse diagnóstico pró-exportador empreendido por Prebisch gerou certo estranhamento, visto que, na literatura, o autor é tido como um entusiasta da produção manufatureira orientada para os mercados internos; “sin embargo, la verdad es bastante distinta. Prebisch se dio cuenta de que el proceso de la ISI era como exprimir un limón: la primera vez salía mucho jugo pero en los intentos posteriores se obtenía cada vez menos”.²⁰⁴ O próprio Prebisch mostrava certo descontentamento com a imagem construída sobre ele e sobre a CEPAL; ele afirmou em entrevista: “decir que teníamos un modelo de ‘sustitución de importaciones’ cuando fuimos los primeros en hablar de comercio recíproco entre los países latinoamericanos y de la exportación de manufacturas al resto del mundo es torcer, desfigurar nuestro pensamiento de esa época”.²⁰⁵

Quanto à segunda falha, Prebisch incriminou a ausência de planejamento por parte do Estado no curso da industrialização. Para o autor, a escolha de novas indústrias muitas vezes parecia arbitrária, levando em consideração as pressões circunstanciais, tais como períodos de escassez de divisas – que dificultavam a exportação de certos artigos – ou de conflitos exteriores. Além do mais, a industrialização havia se restringido a trazer novas indústrias que não “perturbassem” a economia interna; por um lado, isso favorecia a elaboração de produtos

²⁰³ *Ibid.* p. 84-85.

²⁰⁴ TOYE, John; TOYE, Richard, Raúl Prebisch y los Límites de la Industrialización, *in*: INSTITUTO PARA LA INTEGRACIÓN DE AMÉRICA LATINA (INTAL) (Org.), **Raúl Prebisch: el poder, los principios y la ética del desarrollo**, 1. ed. Argentina, Buenos Aires: BID-INTAL, 2006, p. 27.

²⁰⁵ MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 149-150.

terminados, em especial, de bens de consumo duráveis; por outro lado, eram deixadas de lado as produções de certas matérias-primas, de bens de capital e de intermediários que representavam menores diferenças de custos com relação à produção de fora. Segundo Prebisch, “lo más fácil no es siempre lo más económico”,²⁰⁶ e os custos dessas medidas circunstanciais colaboraram para a formação de uma estrutura produtiva vulnerável para resistir às flutuações e às contingências exteriores, em razão de essa estrutura produtiva ainda depender de um amplo conjunto de matérias-primas e equipamentos importados para o pleno funcionamento da atividade industrial.

A proteção industrial também foi um tema discutido nesse documento. De acordo com Prebisch, devido às diferenças entre os níveis tecnológicos e de densidade de capital com os grandes centros, as indústrias dos países periféricos apresentavam, geralmente, uma produtividade muito inferior, que não foi compensada por salários proporcionalmente menores. Diante disso, surgiu a necessidade de proteção aduaneira ou de aplicação de subsídios; porém, no geral, elas foram praticadas em excesso pelos governos latino-americanos,²⁰⁷ sendo essa outra falha do processo de industrialização. Para enfrentar esse problema, Prebisch reivindicava a necessidade de que as tarifas alfandegárias fossem reduzidas gradualmente com relação ao resto do mundo, a fim de que a indústria fosse estimulada – pela competição exterior – a reduzir as diferenças de produtividade presentes na relação centro-periferia.²⁰⁸

Diante dos problemas mencionados acima, somados ao recorrente estrangulamento externo, Prebisch propôs a revisão da estratégia de desenvolvimento *hacia adentro* como um caminho para a reversão do esgotamento dos processos industrialização substitutiva. Nas palavras do autor:

Ese desarrollo hacia adentro ha cumplido ya su importantísimo papel: sin este proceso no habría podido elevarse el ingreso medio por habitante, que es ahora 60 por ciento superior al de 1930 en el conjunto de América Latina. Sin duda, el resultado fue francamente positivo, pero pudo haber sido mejor. Ahora lo vemos claramente y percibimos mejor las graves fallas de este tipo de desarrollo improvisado sin plan ni concierto, que va llevándonos cada vez más hacia un progresivo estrangulamiento exterior.²⁰⁹

²⁰⁶ PREBISCH, Desarrollo Económico, Planeación y Cooperación Internacional, p. 86.

²⁰⁷ Prebisch alegou não haver dúvida de que as tarifas mais altas do mundo pertenciam à América Latina, pois não era raro encontrar tarifas de mais de 500% em determinados artigos. PREBISCH, **Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano**, p. 86.

²⁰⁸ PREBISCH, Desarrollo Económico, Planeación y Cooperación Internacional, p. 86-88.

²⁰⁹ PREBISCH, **Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano**, p. 83.

A transição para uma estratégia de desenvolvimento pró-exportação de manufaturas não seria uma tarefa fácil. Prebisch demonstrou que os países centrais não se mostravam intencionados a cooperar com os países de desenvolvimento incipiente; ao contrário, faziam uso de sistemas tarifários que dificultavam a importação de manufaturas. Por outro lado, o comércio entre os países da América Latina era quase nulo, “salvo en el limitado intercambio de algunos productos primarios. La industrialización se ha venido desarrollando en compartimientos estancos”.²¹⁰ Diante disso, Prebisch concentrou-se na possibilidade de se regionalizar o processo de industrialização substitutiva.

Desde a segunda metade da década de 1950, Prebisch já se encontrava envolvido na elaboração de uma estratégia de integração regional para os países latino-americanos; o documento *O Mercado Comum Latino-Americano*,²¹¹ publicado em 1959, forneceu as bases teóricas para os *policy makers* e para os chefes de governo da região. No ano de 1960, as propostas de integração desdobraram-se na criação da Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC) e do Mercado Comum Centro-Americano (MMCA), que objetivavam a criação de uma área de livre comércio para os países da América Latina no horizonte de 12 anos.

Embora esses tratados de integração tivessem como referência explícita os estudos da CEPAL, em especial, a produção de Prebisch, a proposta final foi muito aquém da estratégia almejada pela comissão. Para além de uma zona de livre comércio, o plano de integração regional de Prebisch para a América Latina articulava-se com os projetos de industrialização integral dos países da região, uma vez que ansiava regionalizar o processo de substituição de importações.

Em síntese, a proposta do “mercado comum” de Prebisch era sustentada por duas pilstras fundamentais: a complementaridade industrial e a reciprocidade. Desse modo, os países passariam a se especializar em certos ramos industriais e se complementariam uns aos outros quanto à produção industrial. Com efeito, a regionalização do processo de industrialização garantiria aos países a redução dos custos de produção pela obtenção de economias de escala, o que removeria os bloqueios da fase “difícil” do processo substitutivo dos países da região que mais avançaram nesse processo, isto é, a exigência de mercados cada vez mais amplos. Outrossim, os países de industrialização incipiente, protegidos por concessões

²¹⁰ *Ibid.*, p. 107.

²¹¹ PREBISCH, Raúl, *O Mercado Comum Latino-Americano*, in: GURRIERI, Adolfo (Org.), **O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaios**, Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011, p. 343–392.

auferidas pela cláusula da reciprocidade, poderiam também desenvolver as suas indústrias locais.²¹²

A insatisfação com os resultados da ALALC, por parte de Prebisch, tornou-se evidente na obra *Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*,²¹³ quando Prebisch realizou um balanço sobre o andamento do processo de integração. Apesar do sucesso inicial da ALALC, com a rápida redução das tarifas entre os países nos primeiros anos do tratado, Prebisch questionava a eficácia do uso de negociações seletivas periódicas para a eliminação de tarifas, sem se estabelecerem metas quantitativas e prazos. O autor preocupou-se, em especial, com a falta de decisões políticas dos países signatários. Mesmo que o tratado tenha incorporado as questões da complementação industrial e da reciprocidade, na prática, as negociações apenas trataram de produtos tradicionais, desconsiderando medidas para exportar manufaturas, ou estímulos ao comércio recíproco.²¹⁴

Ao longo desta seção, procuramos mostrar que, em sua elaboração teórica diante da crise dos anos sessenta, Prebisch não somente se preocupou com as perdas advindas de uma inserção internacional problemática, mas também incorporou os problemas da distribuição e da geração dos frutos do progresso técnico na estrutura interna, revelando obstáculos para o desenvolvimento inscritos na estrutura social latino-americana. Além disso, o autor dedicou-se incisivamente a apontar falhas nas estratégias de desenvolvimento adotadas pelos países da região.

1.3 A vertente reformista e o debate do subdesenvolvimento da época

Como visto na seção anterior (1.2), a década de 1960 concedeu à “estrutura social” um papel crucial nas discussões sobre a superação do subdesenvolvimento. O protagonismo desse tema não esteve restrito a Prebisch; o próprio vocabulário institucional e até mesmo o público-civil passou, a certa altura da década de 1960, a indicar a esfera social, quando o conceito de desenvolvimento era acompanhado dos “adjetivos” econômico e social. Tal movimento nem mesmo esteve restrito aos economistas da CEPAL ou da América Latina; outros autores, como o britânico Dudley Seers,²¹⁵ acompanharam esse processo.

²¹² *Ibid.*, p. 372–378.

²¹³ PREBISCH, *Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*.

²¹⁴ *Ibid.*, p. 104–107.

²¹⁵ SEERS, Dudley, The Limitations of the Special Case, *Bulletin of the Oxford Institute of Economics and Statistics*, v. 25, n. 2, 1963.

De fato, inúmeras foram as interpretações teóricas que apareceram para explicar a crise dos anos sessenta. Como apontam Bastos e D’Avila, a discussão sobre o desenvolvimento da América Latina na tradição heterodoxa não foi linear; houve controvérsias, revisões e discordâncias talvez nunca sanadas.²¹⁶ Contudo, pretendemos nesta seção nos limitar à exposição das produções teóricas elaboradas por intelectuais da tradição cepalina, já que elas configuram o ambiente intelectual com o qual Prebisch dialogou até certo ponto.

Como já exposto, o primeiro eixo interpretativo de destaque concentrou-se em associar a crise com a existência de um bloqueio estrutural no processo de desenvolvimento da América Latina, à medida em que avançava o processo de industrialização substitutiva. A tese de “insuficiência dinâmica” de Prebisch, do ano de 1963, inaugurou essa perspectiva, sublinhando bloqueios internos e externos para a liberação das forças do desenvolvimento. Para fins didáticos, chamaremos aqui essa primeira vertente de “reformista”.

Em um primeiro olhar, a vertente reformista poderia ser vista como a resposta da CEPAL para o esgotamento dos processos substitutivos. Os primórdios dessa abordagem estavam nos estudos sobre marginalidade urbana realizados por sociólogos latino-americanos, estudos esses que permitiram trazer à tona a especificidade das estruturas sociais formadas nos países da América Latina que tinham processos de industrialização em curso. Os estudos sobre distribuição de renda também se multiplicaram nesse período. Segundo Fiori, esse lugar de destaque para a questão distributiva era uma novidade para a tradição estruturalista, sendo que os estudos clássicos da CEPAL partiam da ideia de “que houvesse uma tendência natural do desenvolvimento econômico a produzir efeitos convergentes e homogêneos do ponto de vista social”.²¹⁷

Nos anos 1960, o ILPES foi uma espécie de ponto de encontro para autores interessados em refletir sobre os problemas da América Latina. O próprio Prebisch recorda estar em Genebra, quando “[se] planteó un problema político [...] cuando sobrevino la crisis de Goulart en Brasil. El Instituto [reclutó] en masa (*sic*) a economistas [y sociólogos] brasileños [...], la mayor parte de los cuales eran [profesionales] de primer orden”.²¹⁸ Entre esses exilados, Furtado foi um dos que se dirigiu ao Chile.²¹⁹ Desde 1958, o brasileiro não integrava mais a

²¹⁶ BASTOS, Carlos Pinkusfeld; D’AVILA, Júlia Galarza, O Debate do Desenvolvimentismo na Tradição Heterodoxa Brasileira, **Revista de Economia Contemporânea**, n. 13(2), p. 173–199, 2009, p. 176.

²¹⁷ FIORI, As Trajetórias Intelectuais do Debate sobre o Desenvolvimento na América Latina, p. 36.

²¹⁸ Retirado de conversas de Prebisch com seus antigos colaboradores do ILPES em 1973. FRANCO, Rolando, El ILPES de Prebisch, **Mundosplurales: Revista Latinoamericana de Políticas y Acción Pública**, v. 2, n. 1, p. 9–44, 2015, p. 18.

²¹⁹ A queda do regime democrático no Brasil pelo golpe militar de 1964 lhe impôs o exílio, o que o levou a se dedicar à carreira acadêmica no exterior. Para mais detalhes sobre a trajetória de Furtado, ver: GUIMARÃES, J.,

CEPAL; contudo, a sua contribuição era tida como uma das críticas mais relevantes da esquerda, provinda de uma “generación más joven y radical de economistas de la CEPAL”.²²⁰ Chegando no ILPES, Furtado organizou e ministrou uma série de seminários temáticos, com o intuito de revisar e de analisar as teses originais da CEPAL, diante das mudanças recentes na América Latina.²²¹

O seminário teve início em junho. Mallorquín²²² sublinha que esse seminário atraiu renomados sociólogos e economistas da região. Ele contou com a presença de Osvaldo Sunkel, Pedro Vuscovic, Francisco Weffort, Fernando Henrique Cardoso, Enzo Faletto, R. Cibotti, José Medina Echavarría, Norberto González e com a presença do diretor do instituto, Raúl Prebisch. Furtado,²²³ em sua autobiografia, descreveu esses seminários pelo rico ambiente no qual sociólogos e economistas apontaram para a necessidade de se ampliar o quadro da discussão sobre o desenvolvimento da América Latina; mais precisamente, a necessidade de se trazer a política e a sociologia para o quadro teórico cepalino.

Quanto ao funcionamento do seminário, Furtado²²⁴ disse que: “coube-me fazer a apresentação desses textos [da Cepal] como introdução ao debate”. A partir de algumas provocações impostas por Furtado, rodaram a mesa temas como: imperialismo, dependência tecnológica, divisão internacional do trabalho e aspectos políticos do desenvolvimento. Sociólogos como Medina, Cardoso e Weffort protagonizaram as discussões, chamando a atenção para a necessidade de se ampliar o horizonte do debate, na direção da esfera social e da esfera política.²²⁵ De fato, a sociologia do desenvolvimento esteve em voga nesses anos, e a principal referência desse campo talvez tenha sido o cepalino Medina, que esteve presente nesses seminários. Desde 1963, o sociólogo assumiu a liderança da recém-criada Divisão de Programação de Desenvolvimento Social do ILPES. Nesse período, Medina já se debruçava

A Trajetória Intelectual de Celso Furtado, *in*: TAVARES, Maria da Conceição (Org.), **Celso Furtado e o Brasil**, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

²²⁰ BLOMSTROM; HETTNE, **La Teoría del Desarrollo en Transición**, p. 10.

²²¹ Para melhor descrição ver: DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 469–471.

²²² MALLORQUÍN, Carlos, *Aventuras y Desventuras de un Economista Brasileño (circa 1964-1976)*, *in*: **Prebisch y Furtado: el estructuralismo latinoamericano**, 1. ed. México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999, p. 37.

²²³ FURTADO, **Obra Autobiográfica**, p. 407–417.

²²⁴ *Ibid.*, p. 410.

²²⁵ DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 469–471.

sobre a tarefa de apreender os aspectos sociais do desenvolvimento econômico,²²⁶ tornando-se, assim, uma referência para outros teóricos do estruturalismo.²²⁷

De volta ao seminário, Cardoso relata que “[...] Prebisch tinha a capacidade de sintetizar. Ele pegava o pensamento de várias pessoas, pá! Sintetizava, fazia um quadro”.²²⁸ Bianconi relata a participação do argentino em dois sentidos: primeiramente, expondo as suas reflexões sobre bloqueio estrutural (apresentadas na seção anterior); em segundo lugar, divulgando a relevância da UNCTAD – também por ele presidida – para a execução de reformas na estrutura de comércio internacional.²²⁹ Ao tratar da conjuntura, Prebisch teria dito que a ascensão do autoritarismo seria induzida pela formação de conjuntos industriais progressivamente mais fechados, somada ao acúmulo de tensões sociais, o que conduziria, impreterivelmente, à disseminação desses Estados autoritários.²³⁰

Ainda sobre o seminário, Prebisch foi tido como otimista. Ele repetiu o receituário reformista apresentado em sua obra anterior (*Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*), contando como dada a possibilidade de o Estado executar uma ampla agenda de reformas sociais e estruturais. Além disso, era patente a visão esperançosa do autor com a “boa diplomacia”, uma vez que ele contava que a “estagnação” vivenciada no período seria superada por meio da modificação da estrutura de poder do comércio internacional, ou seja, por meio de concessões obtidas pela UNCTAD. A postura de Prebisch o afastava de outros teóricos do seminário. Furtado, por exemplo, julgou as saídas de Prebisch simplistas e ingênuas. Em sua autobiografia, ele escreveu: “Parecia-me que era uma visão idealista do papel que podia desempenhar o Estado nas condições do subdesenvolvimento. Reduzir o consumo dos grupos de altas rendas, dizia eu, constitui por si só uma autêntica revolução”.²³¹

²²⁶ Um dos principais trabalhos do autor no período foi: ECHAVARRÍA, José Medina, **Consideraciones Sociológicas sobre el Desarrollo Económico de América Latina**, 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, [1964] 2017.

²²⁷ Couto e Couto lembram que o próprio Prebisch fazia referência ao trabalho de Medina Echavarría em sua produção teórica do período (apresentada na seção 1.2). Em um depoimento de homenagem a Medina, em 1980, Prebisch ressaltou que “José Medina contribuyó a que ampliáramos el horizonte de la concepción estructural”. COUTO; COUTO, Um Libertador das Ideias: o pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch, p. 64; PREBISCH, Raúl, Intervenciones en el Acto de Homenaje a Don José Medina Echavarría: Excmo. Sr. Raúl Prebisch, in: **Medina Echavarría y la Sociología Latinoamericana**, Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1982, p. 17.

²²⁸ CARDOSO, Fernando Henrique. **Fernando Henrique Cardoso IV** (depoimento, 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2h 8min). 2011. p. 17.

²²⁹ Tratamos da passagem de Prebisch pela UNCTAD no capítulo seguinte (seção 2.1). BIANCONI, Renata, Estagnação Latino-Americana e Estratégia Brasileira de Desenvolvimento: análises do início do exílio de Celso Furtado, **História Econômica & História de Empresas**, v. 19, n. 1, p. 155–188, 2016, p. 157–158.

²³⁰ FURTADO, **Obra Autobiográfica**, p. 412.

²³¹ *Ibid.*, p. 414.

De modo geral, essas discussões do ILPES transpareceram nos escritos posteriores desses autores e aqueceram o debate sobre a estagnação das economias latino-americanas; o principal nome desse debate foi o brasileiro Celso Furtado. Em resumo, o diagnóstico de Furtado para a crise era preciso. Ele sinalizou uma tendência inexorável à estagnação no processo de desenvolvimento dos países latino-americanos. Mediante o exposto, Furtado construiu os marcos iniciais da tese de estagnação em sua obra *Dialética do desenvolvimento*,²³² publicada em 1964, e elaborou essa tese com maior veemência dois anos depois, com a publicação da obra *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina*.²³³

Por meio de uma análise da evolução e de uma caracterização dos componentes da demanda, Furtado notou a interdependência entre as pautas distributivas e a estrutura da demanda. Nesse sentido, a concentração dos investimentos em indústrias recém-instaladas – que utilizavam técnicas com elevado coeficiente de capital – gerava um setor moderno que absorvia uma proporção cada vez menor da força de trabalho. Com efeito, a participação dos salários das massas em relação ao produto estaria reduzindo-se progressivamente. Furtado dizia que esse fenômeno estaria colocando em marcha um movimento de “causação circular”, no qual a própria concentração funcional da renda resultante estaria gerando incentivos para novos investimentos nessas mesmas indústrias, reiniciando, assim, todo o processo de concentração. O resultado seria a constituição de uma estrutura produtiva concentrada e pouco empregadora, cuja dinâmica seria ameaçada pela constante redução da demanda.²³⁴

No mesmo sentido, Coutinho²³⁵ levanta a condição de instalação da indústria moderna internacionalizada como outro aspecto da tese de Furtado. Nesse sentido, essas indústrias compartilhavam escalas mínimas de capital e faziam uso de tecnologias voltadas para a produção em massa; elas encontraram, na América Latina, mercados estreitos, o que impossibilitava que atingissem as suas plenas capacidades. Dentro desse raciocínio, a insuficiência da demanda, ao lado da ausência de uma compensação da taxa de investimento, conduziria para uma tendência à queda da taxa de lucro, a qual – sob a hipótese de salários constantes – levaria à queda da relação produto-capital, sendo essa a marca da estagnação.²³⁶

²³² FURTADO, *Dialética do Desenvolvimento*.

²³³ FURTADO, *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina*.

²³⁴ *Ibid.*, p. 78–84.

²³⁵ COUTINHO, Mauricio C., *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina*, de Celso Furtado, *Revista de Economia Contemporânea*, v. 19, n. 3, p. 448–474, 2015, p. 462–466.

²³⁶ O terceiro capítulo do livro *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina*, chamado *Fatores internos que impedem o desenvolvimento*, contém a explicação completa do processo de estagnação, por meio de um modelo de crescimento. Apesar de não cobrir o objetivo desta seção, é importante destacar que a maior parte dessa obra aborda temas predominantemente políticos. Nesse sentido, Coutinho lembra que Furtado dedicou várias páginas para expor os dilemas políticos da economia brasileira que dificultavam a incorporação da população aos

À luz da exposição acima, Furtado, assim como Prebisch, construiu uma linha argumentativa pela negativa; isto é, o brasileiro defendia, em seu diagnóstico, que faltaram condições institucionais e sociais que permitissem que as condições econômicas fossem traduzidas em desenvolvimento. Contudo, o diagnóstico de Furtado era menos efêmero, por sinalizar um processo de estagnação.²³⁷ Para isso, o receituário de Furtado inclinou-se também às reformas estruturais, defendendo a criação de programas de reforma agrária e a adoção de medidas redistributivas, o que, por seu turno, redirecionaria a demanda para indústrias com menor grau de exigência com relação à escala do capital, permitindo, assim, a recomposição dos investimentos da economia.²³⁸

Não menos importante, a crise da década de 1960 retirou dos estruturalistas da CEPAL o monopólio da interpretação do subdesenvolvimento da América Latina. Um grupo de intelectuais, conhecido mais tarde como “teóricos da dependência”, enxergava na crise a necessidade de se compreenderem as limitações do desenvolvimento latino-americano em contraponto às grandes hegemonias. De forma geral, esses autores argumentavam que o projeto da CEPAL apenas agravava a condição de subdesenvolvimento, ao não se preocupar com problemas resultantes do desenvolvimento capitalista, tais como a exploração da força de trabalho, a concentração de capital e a apropriação privada, entre outros.²³⁹ Para Carmo Sobrinho, esses autores objetivavam “superar as insuficiências da teoria da CEPAL e dar conta das especificidades do desenvolvimento capitalista na América Latina”.²⁴⁰

Alguns dos principais expoentes da teoria da dependência eram tributários do marxismo. Berzosa²⁴¹ designa a publicação de Paul Baran *A Economia Política do Desenvolvimento*,²⁴² de 1957, como o principal precedente para a construção de uma “escola da dependência”. Baran

setores modernos. *Ibid.*, p. 452–455; FURTADO, *Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina*, p. 52–89.

²³⁷ BIELSCHOWSKY, Ricardo, Prebisch e Furtado, in: GURRIERI, Adolfo (Org.), **O Manifesto Latino-Americano e outros ensaios**, Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011, p. 13.

²³⁸ Para fins comparativos, os diagnósticos de Prebisch e de Furtado eram similares; porém, o argumento deles chegava às reformas por vias distintas. Enquanto a ênfase de Furtado residia sobre a ampliação do mercado interno, Prebisch, por sua vez, destacou o efeito das reformas para a viabilização de uma poupança potencial, para fins de investimento produtivo. BIELSCHOWSKY, *Cinquenta Anos de Pensamento na Cepal - uma resenha*, p. 40.

²³⁹ É importante ter em mente que a noção de dependência já fazia parte do vocabulário teórico da CEPAL desde as suas origens. A novidade dos anos sessenta foi que esse conceito apareceu com um sentido político-ideológico e com uma função analítica distinta. Os teóricos da CEPAL falavam em dependência financeira, tecnológica e comercial, ou seja, falavam em problemas que deveriam ser superados por meio de políticas econômicas e sociais. De outro modo, os teóricos da dependência mobilizaram esse conceito de forma distinta, a saber, como fonte de exploração insuperável. BIELSCHOWSKY, *Vinte Anos de Ierj, Cinquenta Anos de Cepal*, p. 42.

²⁴⁰ CARMO SOBRINHO, C. A., **Dependência e Estagnação: o debate sobre a crise dos anos 60**, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001, p. 8.

²⁴¹ BERZOSA, Carlos, Raúl Prebisch y la Economía del Desarrollo, *Revista de Economía Crítica*, n. 21, p. 131–134, 2016, p. 133.

²⁴² BARAN, Paul Alexander, **A Economia política do desenvolvimento**, São Paulo: Abril Cultural, 1984.

descreveu o capitalismo em função de sua desigualdade e de sua hierarquia. O capitalismo, segundo Baran, em sua fase monopolista e imperialista, havia bloqueado por absoluto a chance de desenvolvimento dos países atrasados. Foi com base na leitura fundamental de Baran que emergiram teses como a de “desenvolvimento e subdesenvolvimento”, de Andre Gunder Frank, a de “superexploração”, de Ruy Mauro Marini, e, por fim, a de “nova dependência”, de Teotonio dos Santos.²⁴³

Enquanto Prebisch dedicava-se ao serviço internacional na UNCTAD, foi formulada, dentro dos confins da CEPAL-ILPES, outra interpretação que compõe a “escola da dependência”. Cardoso e Faletto, a partir da obra *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*,²⁴⁴ publicada em 1969,²⁴⁵ propuseram novos marcos para a interpretação da condição periférica, os quais incorporavam o comportamento das classes sociais e as estruturas de poder externas e internas. Desse modo, o conceito de dependência, para eles, seria mais adequado do que o jargão centro-periferia desenhado por Prebisch, em razão de englobar relações entre classes e grupos, bem como entre estruturas domésticas e o poder econômico e político do resto do mundo, relações essas que implicavam uma situação de dependência. Essa questão da escola da dependência não é o ponto central desta seção, porém, ela ilustra a existência de um debate sobre a crise que assolava os países da América Latina.

Saltando para o final da década de sessenta, as teses reformistas de Furtado e Prebisch e as abordagens paralelas abriram espaço para um conjunto de reflexões críticas correlatas. Nesse contexto, o economista da CEPAL Aníbal Pinto inseriu-se no debate, ao publicar o texto *Natureza e Implicações da “heterogeneidade estrutural” da América Latina*,²⁴⁶ em 1970. Ainda que Pinto concordasse com o diagnóstico reformista, o autor negava a possibilidade de bloqueio estrutural próxima à interpretação de Furtado e Prebisch.

²⁴³ Para uma melhor compreensão, ver: BLOMSTROM; HETTNE, *La Teoría del Desarrollo en Transición*, p. 87–94.

²⁴⁴ CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo, **Dependência e Desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica**, 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1977.

²⁴⁵ Mallórquin afirma que um manuscrito dessa obra circulou no ILPES em 1965, com o título *Estancamiento y Desarrollo Económico en América Latina (consideraciones para un programa de estudio)*. Desse modo, a contribuição de Cardoso e Faletto dava continuidade aos debates realizados nos seminários do ILPES (comentados algumas páginas acima). MALLORQUÍN, *Aventuras y Desventuras de un Economista Brasileño* (circa 1964-1976), p. 37.

²⁴⁶ PINTO, Aníbal, *Natureza e Implicações da “Heterogeneidade Estrutural” da América Latina*, in: BIELSCHOWSKY, Ricardo (Org.), **Cinquenta Anos do Pensamento de la Cepal**, Rio de Janeiro: Record, 2000, v. 2, p. 567–588.

De acordo com Cimoli e Porcile²⁴⁷, a base dessa interpretação de Pinto foi o aprimoramento do conceito de heterogeneidade estrutural,²⁴⁸ incorporando-se a noção de camada de produtividade, em vez de se trabalhar com o dualismo entre um setor moderno (industrial) e um setor pré-capitalista (primário-exportador). Nesse sentido, a heterogeneidade seria mais que um fenômeno dual, visto que, dentro do setor agrícola, seria possível encontrar uma agricultura moderna e primitiva, podendo a situação ser ainda mais diversa ao se tratar da questão da indústria e do setor de serviços. Em alternativa, Pinto elegeu três camadas com caráter multisetorial: (i) a camada primitiva, que era associada a níveis de produtividade e renda *per capita* semelhantes ao período colonial; (ii) o polo moderno, que, por seu turno, integrava atividades com níveis de produtividade semelhantes aos das economias desenvolvidas; e, por último, (iii) a camada intermediária, a qual correspondia à produtividade média do país.

Ao aplicar esse aparato conceitual no caso latino-americano, Pinto identificou uma vasta descontinuidade entre essas três camadas, sendo que o polo moderno tinha, em média, a produtividade 20 vezes superior às atividades da camada primitiva. Entretanto, o grau de significância dessas camadas criava distorções, uma vez que o polo moderno empregava apenas cerca de 13% da mão de obra da região e produzia somente para uma ínfima fração da população. O setor primitivo, por seu turno, era responsável por apenas 8% do produto e incorporava entre 35% e 40% da população ativa. Em decorrência disso, a magnitude da heterogeneidade estrutural dirigiu efeitos para os contingentes humanos e para as atividades produtivas, afetando negativamente a estrutura do emprego e da renda dos países latino-americanos.²⁴⁹

Por meio dessa análise, Pinto concluiu que era falsa a noção de que o setor moderno levaria à homogeneização da estrutura produtiva; ele, em vez disso, orquestrava o aprofundamento da heterogeneidade estrutural. Nessas condições, caberia substituir esse modelo de desenvolvimento em que o crescimento repousava sobre uma pequena parcela populacional e optar por “um crescimento cujo eixo e objetivos centrais fossem a disseminação do progresso técnico, a ampliação do mercado interno, a homogeneização do sistema”.²⁵⁰ O

²⁴⁷ CIMOLI, Mario; PORCILE, Gabriel, Tecnología, Heterogeneidad y Crecimiento: una caja de herramientas estructuralistas, *Série Desarrollo Productivo. Cepal*, n. 194, 2013, p. 8–9.

²⁴⁸ O conceito de “heterogeneidade estrutural” carrega a noção de “dualismo”, que estava presente em autores como Furtado e Prebisch. Pinto alegava que tal conceito partia de um caso extremamente abstrato, não captando as implicações e os efeitos do fenômeno. PINTO, Natureza e Implicações da “Heterogeneidade Estrutural” da América Latina, p. 570.

²⁴⁹ *Ibid.*, p. 571–574.

²⁵⁰ *Ibid.*, p. 584.

autor, portanto, abriu espaço para se pensar a existência de múltiplas possibilidades de desenvolvimento.

Seguindo os trilhos de Aníbal Pinto, Maria da Conceição Tavares e José Serra criticaram incisivamente a tese estagnacionista elaborada por Furtado, por meio do texto *Além da Estagnação*,²⁵¹ publicado no ano de 1971.²⁵² Nos termos de Tavares e Serra, “a crença na estagnação tem prejudicado significativamente as interpretações sobre o funcionamento e a dinâmica de algumas economias da região”.²⁵³ Destarte, seria errôneo levantar a possibilidade de um esgotamento dinâmico na região a partir das evidências expressas na crise da década de 1960, como a marginalização, o subemprego e o infraconsumo. Para tais autores, essas variáveis não constituem problemas da dinâmica econômica, ao contrário de outros fatores referentes à absorção de poupanças e à oportunidade de investimento.²⁵⁴

Com base em um instrumental analítico “kaleckiano” e nas teorias modernas de oligopólio, Tavares e Serra questionaram a consistência da interpretação de Furtado e incitaram um debate que mais tarde tornou-se conhecido na literatura como “crescimento-estagnação”.²⁵⁵ De forma geral, a crítica de Tavares e de Serra estaria resumida em dois aspectos. Em primeiro lugar, os autores desconsideravam a queda da relação produto-capital como algo relevante para se postular uma estagnação, visto que essa categoria analítica indica o resultado e não a causa do esgotamento. Em outras palavras, o empresário desconhecia a relação produto-capital no seu cálculo econômico; em vez disso, ele estaria considerando o seu rendimento (lucro esperado).

Em segundo lugar, Tavares e Serra consideraram errônea a afirmação de que a relação produto-capital tenderia a cair, conforme o coeficiente de capital elevasse, pois Furtado estaria desconsiderando os efeitos do progresso técnico vinculados à acumulação de capital e à relação produto-capital.²⁵⁶ Dito de outro modo, o impacto negativo sobre a taxa de lucro seria contrabalanceado pelo aumento do excedente subtraído pela força de trabalho (aumento da taxa

²⁵¹ TAVARES, Maria da Conceição; SERRA, José, *Além da Estagnação: uma discussão sobre o estilo de desenvolvimento recente da América Latina*, in: BIELSCHOWSKY, Ricardo (Org.), **Cinquenta Anos do Pensamento de la Cepal**, Rio de Janeiro: Record, 2000, v. 2, p. 589–608.

²⁵² A publicação original ocorreu com o título *Más Allá del Estancamiento* pelo período *El Trimestre Económico*, produzido sob a influência direta de Aníbal Pinto na sede da CEPAL. BIELSCHOWSKY, A Trajetória Histórica do Pensamento da Cepal: 1948-1998, p. 76.

²⁵³ TAVARES; SERRA, *Além da Estagnação: uma discussão sobre o estilo de desenvolvimento recente da América Latina*, p. 591.

²⁵⁴ *Ibid.*, p. 593.

²⁵⁵ BASTOS; D’AVILA, O Debate do Desenvolvimentismo na Tradição Heterodoxa Brasileira, p. 185.

²⁵⁶ Conforme Tavares e Serra, os novos equipamentos incorporados à economia são mais eficientes para a dinâmica do sistema do que os equipamentos preexistentes. TAVARES; SERRA, *Além da Estagnação: uma discussão sobre o estilo de desenvolvimento recente da América Latina*, p. 598.

de exploração).²⁵⁷ Com base na experiência brasileira, a crise dos anos sessenta estaria associada à reversão cíclica do ciclo de investimentos, e a retomada teria sido possível através do reajuste da estrutura de demanda em favor das classes médias e altas, somado à marginalização das camadas mais baixas da população, com uma política salarial agressiva. Com isso, logrou-se “estabelecer um esquema que possibilita a geração de fontes internas de estímulo e expansão, que confere dinamismo ao sistema”.²⁵⁸

Pretendemos, por meio desta breve exposição, inserir o pensamento de Prebisch dentro da constelação intelectual presente na crise dos processos de industrialização substitutiva da década de 1960. Como delineado, a tese de insuficiência dinâmica de Prebisch compôs a nova agenda de discussão do início da década de 1960, estabelecendo os marcos para se pensar uma vertente reformista. Conforme caminhamos para o fim da década, as interpretações tomaram rumos distintos, abandonando paulatinamente a temática circunscrita ao “bloqueio ao desenvolvimento” – que estava no âmago da interpretação de Prebisch e de Furtado – e sendo substituídas pelas noções de “alternativas” ou de “modelos” de desenvolvimento, presentes, em certa medida, em Aníbal Pinto, Maria da C. Tavares e José Serra. Essa transição analítica viria a configurar a interpretação de “estilos de desenvolvimento” dominante entre a tradição estruturalista da CEPAL no decênio seguinte – daremos continuidade à exploração dessas questões no capítulo seguinte, trazendo a discussão dos estilos de desenvolvimento (seção 2.4).

1.4 Reformas de base na América Latina

A “década do desenvolvimento”: essa foi a forma como a ONU designou os anos de 1960.²⁵⁹ Todavia, na América Latina e em outras regiões do mundo, o tema do desenvolvimento estava passando por transformações, deixando de girar em torno somente da estrutura produtiva (industrialização) e priorizando elementos da esfera social, como pobreza e desigualdade. No caso da América Latina, estava claro que o tema central dos anos sessenta foram as reformas estruturais. O próprio Bielschowsky declara que as reformas foram o elemento que forneceu

²⁵⁷ COUTINHO, Mauricio C., Furtado e seus Críticos: da estagnação à retomada do crescimento econômico, **Economia e Sociedade**, v. 28, n. 3 (67), p. 741–759, 2019, p. 748–751.

²⁵⁸ TAVARES; SERRA, Além da Estagnação: uma discussão sobre o estilo de desenvolvimento recente da América Latina, p. 593.

²⁵⁹ Diante do clima eufórico de cooperação norte-americana no governo Kennedy, a Assembleia Geral da ONU, que ocorreu no dia 25 de setembro de 1961, designou a década de 1960 como a “década do desenvolvimento”, indicando que o desenvolvimento internacional deveria ser expandido e coordenado. DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 415–416.

unidade ao pensamento da CEPAL do período.²⁶⁰ Em vista disso, nesta seção, trataremos dos diversos casos de reformas de base implementados na América na década de 1960.

É pertinente ressaltar que, em cada período histórico, falar em reformas pode remeter a um sentido distinto. Como aponta Carroll,²⁶¹ anteriormente, o termo fazia referência quase sempre à justiça social de forma geral; porém, na década de 1960, ele foi incorporado, por parte dos economistas, dentro das discussões sobre desenvolvimento econômico. Ademais, o vocabulário da sociedade civil também adotou o assunto das reformas quando os problemas da modernização (industrialização e urbanização) se difundiam pelo campo e pelas grandes cidades, desdobrando-se, com isso, em reivindicações de grupos sociais e em lutas políticas pró-reformas. Desse modo, o tema das reformas – ou das “reformas de base”, como eram conhecidas na época – se referia, fundamentalmente, a um conjunto de iniciativas, como reforma bancária, fiscal, urbana, educacional e até mesmo administrativa, as quais tinham o intuito de viabilizar o desenvolvimento econômico e o social, sendo a reforma agrária o carro-chefe entre as reformas para a América Latina.

O protagonismo da reforma agrária²⁶² nos anos sessenta, em detrimento das demais, tinha relação com a estrutura agrária prevalecente na região, dominada majoritariamente pela agricultura de grande escala, de herança colonial. Não se tratava somente da concentração de terras; na América Latina, os padrões existentes de posse de terra (propriedade e controle dos recursos agrícolas) eram “tais que não correspondem nem às aspirações da população rural, nem às exigências de um rápido processo tecnológico”.²⁶³ Nessas circunstâncias, Long e Roberts²⁶⁴ afirmam que a demanda por transformar essa estrutura se intensificou, conforme o problema agrário passou a esbarrar no processo de industrialização em marcha.

Tendo em vista a centralidade da questão agrária na América Latina e retomando a importância desse tema dentro do receituário proposto por Prebisch e por outros teóricos do período, nesta seção, pretende-se tratar historicamente das reformas empreendidas na região,

²⁶⁰ BIELSCHOWSKY, Cinquenta Anos de Pensamento na Cepal - uma resenha, p. 19.

²⁶¹ CARROLL, Thomas F., A Questão da Reforma Agrária na América Latina, *in*: HIRSCHMAN, Albert Otto (Org.), **Monetarismo vs. Estruturalismo: um estudo sobre a América Latina**, 1. ed. Rio de Janeiro: Lidaador, 1967, p. 177–178.

²⁶² O conceito de reforma agrária utilizado aqui deve ser aclarado, pois, muitas das vezes, o termo fica sujeito a discussões semânticas. Desse modo, pretendemos tratar de uma reforma agrária em seu sentido mais estrito, ou do seu problema central, o limite à distribuição de terra. Concepções mais amplas, que incluem qualquer alteração nas instituições agrárias – como crédito e tributação –, sem modificar a posse da terra, não serão consideradas aqui como uma legítima reforma agrária. *Ibid.*, p. 216.

²⁶³ *Ibid.*, p. 178.

²⁶⁴ LONG, Norman; ROBERTS, Bryan, Las Estructuras Agrarias de América Latina, 1930-1990, *in*: BETHELL, Leslie (Org.), **História de América Latina: economía y sociedad desde 1930**, Barcelona, Espanha: Crítica, 1997, v. 11, p. 309.

com ênfase nos casos da década de 1960. Antes de avançar, é preciso caracterizar a estrutura agrária da América Latina no período. Embora uma região tão diversa e extensa como a América Latina crie dificuldades na generalização, Carroll²⁶⁵ mostra que há pontos de convergência, ao analisar o sistema de posses desses países. O principal traço refere-se ao padrão latifúndio-minifúndio predominante no território latino-americano. Em outros termos, esse modelo era expresso pelo grau de importância que os latifúndios tinham na produção agrícola, ao lado de incontáveis minifúndios dispersos, que não possibilitavam um padrão mínimo de vida aceitável para os seus agricultores. A título de exemplo, na Guatemala, no ano de 1950, 516 fazendas (0,15% do total) representavam 41% da produção agrícola, ao mesmo tempo em que 97% dos estabelecimentos agrícolas tinham menos de 20 hectares. A cifra correspondente, para o Equador, foi de 705 unidades (0,17%) que ocupavam 37% da terra, enquanto 90% das propriedades tinham menos de 20 hectares. Nesse mesmo segmento, havia também o Brasil, onde metade das terras estava nas mãos de 1,6% dos proprietários.²⁶⁶

Como visto acima, esse padrão presente na estrutura agrária deixou uma grande parcela da população rural exposta a múltiplos problemas, em razão de ela permanecer à margem da economia de mercado. Esses problemas incluíam desde a falta de serviços institucionais básicos (escolas, estradas, hospitais), até a falta de insumos básicos, necessários para a elevação da produtividade agrícola. Do outro lado do tabuleiro, encontravam-se os latifúndios, que – caracterizados aqui como grandes fazendas de cultivo extensivo e *plantation* de cultivo intensivo – esbanjavam influência econômica e política, assim como forneciam trabalhos temporários e precários para uma fração da população – muitas das vezes, pelo sistema de colonato.²⁶⁷ Com efeito, o modelo latifúndio-minifúndio estabelecia entraves para o desenvolvimento regional e funcionava como uma barreira à mobilidade social.

À vista disso, historicamente, a pressão por reformas no sistema de posse da América Latina era antiga. O México foi pioneiro nesse processo, com a Revolução Mexicana iniciada em 1910.²⁶⁸ Ainda no ano de 1917, a Constituição mexicana delimitou os principais contornos da política agrária, baseada em uma forma especial de posse comunitária chamada *ejido* –

²⁶⁵ CARROLL, A Questão da Reforma Agrária na América Latina, p. 179.

²⁶⁶ Carroll ressalta que essas cifras foram baseadas em dados censitários que podem conter certas falhas para captar a essência da pequena propriedade, uma vez que subestimam os cultivadores nômades e posseiros. Entretanto, ainda assim, ela garante que esses dados são excelentes indicadores para mensurar a magnitude da concentração da estrutura agrária. *Ibid.*, p. 179–181.

²⁶⁷ O sistema do colono garantia que grande parte dos agricultores não fossem proprietários da terra, pois o trabalho agrícola era mediado pelo seu arrendamento, ou por outras combinações em que o trabalhador era pago por meio do usufruto temporário, ou permanente, da terra. *Ibid.*, p. 184–186.

²⁶⁸ Sobre a Revolução Mexicana, ver: BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio, **A Revolução Mexicana**, 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

sistema pensado com base nas antigas comunidades que tiveram suas terras tomadas no passado pela expansão das fazendas. Apesar disso, foi apenas na década de 1930, em especial, no governo Cárdenas (1934-1940), que ambiciosos programas de redistribuição de terra tomaram ritmos consideráveis; no ano de 1950, 44,1% das terras cultivadas eram compostas por *ejidos*.

A Bolívia foi outro país que colocou em execução uma reforma agrária a partir de conflitos violentos de camponeses. A lei bolivariana foi ratificada no ano de 1953, com os seguintes objetivos fundamentais: (i) redistribuir terras que não tinham função social; (ii) promover o desenvolvimento das comunidades indígenas; e, por fim, (iii) alterar as relações de trabalho agrícola. A desorganização geral no governo após os conflitos fez com que as reformas caminhassem de forma consideravelmente lenta no país.²⁶⁹

Diferentemente dessas primeiras experiências de reformas apresentadas acima, os casos de reforma agrária levados adiante na década de 1960 estiveram estritamente associados aos processos de modernização dos países da América Latina. A cargo do tema, Long e Roberts afirmam que, nos anos sessenta, doze países aplicaram, em alguma medida, projetos de reforma agrária.²⁷⁰ Ademais, o argumento econômico em favor da reforma agrária, como já mencionado, foi elaborado por teóricos da CEPAL, como Raúl Prebisch e Aníbal Pinto, entre outros.

A especificidade do período também estava no clima de reforma no quadro geopolítico. Segundo Bulmer-Thomas, a Revolução Cubana em 1959 teve dois efeitos nesse processo: primeiramente, por ter lançado a reforma agrária como plataforma da revolução, servindo de modelo para outros países da região; em resposta a isso, a política externa norte-americana – chefiada pela Aliança para o Progresso, criada em 1961 – modificou-se, passando a incentivar essas reformas para a América e a comprometer-se com o seu financiamento.²⁷¹ Franco cita as principais reformas incluídas na Carta de Punta del Este – documento fundador da Aliança para o Progresso:²⁷²

Las principales medidas incluidas fueron la reforma agraria, que debería mejorar la productividad agrícola, el fomento del libre comercio entre países latinoamericanos, la modernización de la infraestructura de comunicaciones, la reforma impositiva, el fomento del acceso a la vivienda, la mejora de las condiciones sanitarias para elevar

²⁶⁹ CARROLL, A. Questão da Reforma Agrária na América Latina, p. 191–194.

²⁷⁰ LONG; ROBERTS, Las Estructuras Agrarias de América Latina, 1930-1990, p. 309.

²⁷¹ Vale ressaltar que a verdadeira intenção dos Estados Unidos era evitar que movimentos contestatórios de outros países da região reproduzissem o modelo de guerrilha rural de Cuba. Os empréstimos fornecidos pelo BID ao longo da década de 1960, especificamente para fomentar reformas sociais e incentivar a integração regional, ilustram o novo posicionamento externo norte-americano. BULMER-THOMAS, **La Historia Económica de América Latina desde la Independencia**, p. 369.

²⁷² O documento pode ser visto de forma completa em: ALIANÇA PARA O PROGRESSO, Carta de Punta del Este, in: DREIER, John C. (Org.), **A Aliança para o Progresso: problemas e perspectivas**, 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962, p. 167–186.

la expectativa de vida, la mejora del acceso a la educación y la búsqueda de la erradicación del analfabetismo, la estabilidad de precios y el control de la inflación, y la cooperación monetaria.²⁷³

Além disso, no mesmo período, vários organismos internacionais, começando pela ONU, transformaram-se em um campo aberto para a discussão das reformas de base. De acordo com Veiga,²⁷⁴ o compromisso desses órgãos era ilustrado nos relatórios do Banco Mundial e, em especial, nas Conferências Mundiais elaboradas pela agência *Food and Agriculture Organization* (FAO), da ONU, a partir de 1966.

Desde o início, a participação de Raúl Prebisch nesses eventos não se limitou à elaboração teórica. Ele participou ativamente da elaboração da Carta de Punta del Este, em 1961 (como mencionado acima, responsável por estabelecer a Aliança para o Progresso). Além disso, ele estabeleceu os meios de cooperação dessa organização com a CEPAL e com o BID.²⁷⁵ Cayuela²⁷⁶ relata algumas preposições de Prebisch que foram implementadas pela Aliança: a criação de um *Comité Interamericano de Desarrollo Agrícola* (CIDA), com participação direta da FAO, e de um segundo *Comité de la Alianza para el Progreso* (CIAP), e, por último, a fundação do *Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas* (IICA). A formulação dessa institucionalidade permitiu a criação de juntas de planejamento dedicadas à produção ininterrupta de relatórios e de informes, que eram indispensáveis para a obtenção da assistência financeira desses organismos.²⁷⁷

Com esta apresentação, não pretendemos aqui discorrer exaustivamente sobre todos os casos de reforma agrária empreendidos na América Latina ao longo da década de 1960, pois, além de desgastante, esse comentário escaparia da proposta desta dissertação. Em alternativa, concentramo-nos em três casos emblemáticos de reformas levadas a cabo na América do Sul, sublinhando certa tendência que acompanhou os processos de reforma nesses países. A saber, trataremos brevemente do caso do Chile, onde as reformas foram realizadas pela via democrática, a partir do presidente Eduardo Frei; a seguir, abordaremos o caso do Peru, que,

²⁷³ FRANCO, Rolando, *La Inversión del ILPES*, Chile, Santiago: Nações Unidas, 2013, p. 89.

²⁷⁴ VEIGA, JOSÉ ELI, *O Que é Reforma Agrária*, São Paulo: Abril Cultural-Editora Brasiliense, 1984, p. 8–9.

²⁷⁵ O artigo de Prebisch *Aspectos Econômicos da Aliança para o Progresso* foi preparado para uma de suas apresentações na Aliança. Prebisch atuou como Coordenador de Técnicos da *Organization of American States* (OAS), a cargo da CEPAL. PREBISCH, Raúl, *Aspectos Econômicos da Aliança para o Progresso*, in: DREIER, John C. (Org.), *A Aliança para o Progresso: problemas e perspectivas*, 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura S.A., 1962, p. 55–102.

²⁷⁶ CAYUELA, *Cepal 40 Años (1949-1988)*, p. 38–39.

²⁷⁷ No capítulo seguinte, retomamos o contexto da criação da Aliança para o Progresso, bem como o papel de Prebisch nesse processo.

por sua vez, foi caracterizado por reformas implementadas por militares; e, por fim, apresentaremos o curioso caso brasileiro de “não reformas”.

1.4.1 O caso do Chile de reformas pela via democrática

Iniciamos pelo Chile. A luta por reformas nesse país ganhou pujança nos anos sessenta, quando as contradições do processo de modernização ficaram evidentes. O caso chileno poderia ser resumido em uma longa história de um “desenvolvimento frustrado”, como comentou Aníbal Pinto em um de seus escritos clássicos sobre o país.²⁷⁸ O Chile encontrava-se na transição para a década de 1960 na dita “fase difícil” do seu processo de ISI, todavia, sem contar com um amplo mercado interno, como havia no Brasil e no México. Ademais, seus governantes ainda se mostravam à mercê das flutuações do setor exportador de minérios básicos, e o país era rotineiramente assolado por uma instabilidade inflacionária. No que tange à estrutura agrária chilena, os proprietários de terra, em alguma medida, ainda exerciam influência política através do acúmulo de poder com base na distribuição desigual de terras vigente, e era preocupante a notável necessidade de importação de artigos alimentícios no Chile, diante do seu potencial agrícola.

Singularmente, Angell²⁷⁹ afirma que o primeiro passo no caminho para as reformas foi dado no mandato do presidente Jorge Alessandri (1958-1964), do *Partido Nacional*, que constituía um governo conservador, eleito com o apoio dos grandes proprietários de terra e do empresariado. O interesse pelas reformas de base ocorreu por pressão externa da Aliança para o Progresso, que estimulou algumas medidas reformistas, as quais, embora modestas, deixaram em voga no debate público a discussão da nacionalização das companhias do cobre e da reforma agrária. Entre as medidas realizadas nesse período, a mais importante foi a criação, em 1961, de um aparato institucional que serviria de base para o início da reforma no campo, assim como a criação de dois organismos, a *Corporación de Reforma Agrícola* (CORA) e o *Instituto de Desarrollo Agropecuario* (INDAP). Contudo, o apoio às reformas não foi além disso. Desse modo, as crescentes dificuldades no enfrentamento dos alarmantes problemas sociais e econômicos do Chile resultaram em insatisfação popular, o que conduziu à eleição de Eduardo Frei, do *Partido Demócrata Cristiano* (PDC), em 1964, com a promessa de uma “revolución

²⁷⁸ PINTO, Aníbal, **Chile, una economía difícil**, 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1964.

²⁷⁹ ANGELL, Alan, Chile, 1958-c. 1990, in: BETHELL, Leslie (Org.), **História de América Latina: el cono sur desde 1930**, Barcelona, Espanha: Crítica, 2002, v. 15, p. 266–269.

en libertad”. Isto é, Frei ofereceu, como projeto, “la modernización económica unida a la justicia y la reforma sociales y la búsqueda de la armonía entre las clases”.²⁸⁰

Em vista disso, beneficiadas por volumosos recursos norte-americanos e pela alta do cobre (principal produto de exportação do Chile), as reformas estruturais foram priorizadas ao longo do mandato de Frei (1964-1970). A prova disso foi que, logo de imediato, o governo deixou em segundo plano a estabilização da economia; em vez disso, ele enfatizou a necessidade das reformas, a fim de incentivar o crescimento econômico por meio da distribuição de renda. De acordo com Angell,²⁸¹ Frei buscou a organização da posse de terra mediante uma nova legislação para os sindicatos rurais, ao lado da substituição de latifúndios por fazendas exportadoras organizadas de forma comunitária. Long e Roberts²⁸² explicam que as reformas funcionaram por meio da expropriação das propriedades de mais de 80 hectares, transformando-as em novos assentamentos. Como resultado, no ano de 1969, mais de 1300 fazendas haviam sido expropriadas, e cerca de 650 assentamentos foram criados, para receber mais de 20 mil famílias; entre 1965 e 1970, a produção agrícola cresceu a um ritmo de 5% ao ano (comparado aos 2,3% do período precedente), mesmo diante de uma forte seca no ano de 1968.

Apesar do sucesso inicial das reformas, Frei não conseguiu manter a sua *performance* nos anos posteriores, devido à perda da iniciativa política. De fato, os últimos anos do governo Frei foram marcados pelo agravamento do quadro econômico, visto que o endividamento *per capita* do Chile havia se tornado um dos mais altos do mundo em 1970 e que a inflação voltou a atacar, alcançando 34,9% nesse ano. Ao mesmo tempo, agitações sociais e crescentes polarizações resumiam o panorama político. Com relação ao tema, Angell²⁸³ descreve a atuação dos grupos políticos no período, afirmando que, enquanto partidos de direita estavam furiosos com a administração de Frei e com o andamento das reformas, apresentando uma proximidade cada vez maior com soluções autoritárias e antidemocráticas, o partido socialista, por seu turno, mostrava-se mais radical, influenciado pelo movimento guerrilheiro cubano. Além disso, nem mesmo os sindicatos que haviam sido beneficiados pelo governo estavam contentes, pois ele estava exercendo um controle excessivo sobre as atividades desses grupos, o que resultou na organização de greves e no aumento de apropriações ilegais no campo e nas principais cidades do Chile.

²⁸⁰ *Ibid.*, p. 255.

²⁸¹ *Ibid.*, p. 272-275.

²⁸² LONG, Norman; ROBERTS, Bryan, *Las Estructuras Agrarias de América Latina, 1930-1990*, p. 312.

²⁸³ ANGELL, Alan, Chile, 1958-c. 1990, p. 276-277.

Em suma, a “revolución en libertad” de Frei resultou involuntariamente no acirramento de conflitos ideológicos e na difusão de lutas políticas. As eleições de 1970 foram definidas nesse clima de polarização, quando Salvador Allende saiu vitorioso por uma diferença exígua de votos (36,2% contra 34,9%) – Allende representava a coalizão de partidos de esquerda chamada *Unidad Popular* (UP), contra o retorno de Alessandri, do *Partido Nacional*, que representava a direita chilena. Allende havia sido o primeiro presidente marxista e socialista eleito no Chile. Embora tenha vencido a eleição com um programa de governo propriamente revolucionário, Allende propôs “ponerlo en práctica sin salirse de los límites del sistema constitucional que ya existía”,²⁸⁴ aderindo à noção de uma revolução popular permanente. Por esse motivo, as reformas de base foram impulsionadas pela UP, retomando medidas de distribuição de renda, decretando aumentos massivos de salários aos setores mais pobres, impondo controle ao capital estrangeiro e às multinacionais e, por último, logrando a tão esperada nacionalização das grandes minas de cobre – símbolo da dependência chilena.

No que se refere à reforma agrária, Long e Roberts²⁸⁵ sublinham que Allende deu seguimento à expropriação dos latifúndios (com ou sem indenizações), concedendo aos pequenos proprietários melhores condições de crédito. De modo geral, a reforma atuou vigorosamente, incentivando a subdivisão de grandes propriedades em novas propriedades medianas para cultivo. De acordo com Cardoso e Helwege,²⁸⁶ somente no primeiro ano de governo da UP, foram expropriadas quase tantas fazendas quanto em todo o governo anterior de Frei. Os beneficiários dos assentamentos, até o ano de 1973, somavam 20% das famílias rurais do Chile.

No entanto, depois de um ano de bons resultados, os problemas ficaram visíveis. Por um lado, a estabilidade econômica e social do Chile se viu ameaçada pela transformação do mundo rural, até então pacífico, em um lugar de agudos conflitos de classe, onde os proprietários de terra faziam uso da violência para barrar reformas e crescentes exigências dos trabalhadores rurais. Por outro lado, os constantes indícios de expropriação de empresas nas cidades também levaram os industriais à descapitalização dos seus investimentos. Angell²⁸⁷ salienta que as sabotagens na produção, a difusão de greves e a expansão de um “mercado negro” deixaram sequelas na economia chilena, que, logo de imediato, passou a enfrentar a perda de reservas internacionais, com a abrupta queda de 27% no preço de exportação do cobre.

²⁸⁴ *Ibid.*, p. 279.

²⁸⁵ LONG, Norman; ROBERTS, Bryan, *Las Estructuras Agrarias de América Latina, 1930-1990*, p. 310-312.

²⁸⁶ CARDOSO, Eliana; HELWEGE, A., **A Economia da América Latina: diversidades, tendência e conflitos**, São Paulo: Editora Ática, 1993, p. 284.

²⁸⁷ ANGELL, Alan, *Chile, 1958-c. 1990*, p. 283.

O quadro geopolítico também não foi favorável: os Estados Unidos, que eram o principal fornecedor de crédito ao Chile, incomodados com a política externa independente do país e com uma possível sequência do caso cubano, passaram a usar a sua influência para obstruir a renegociação da crescente dívida chilena e, além de tudo, bloquearam os empréstimos ofertados ao país pelo Banco Mundial e pelo BID.²⁸⁸

Diante desse cenário, o governo de Allende encontrou-se pressionado por todos os lados. No âmbito político, a violência, que até então era rara, cresceu significativamente, algo que poderia ser verificado em um Congresso cada vez mais hostil, que acusava a UP de atuar ilegalmente distribuindo armas e estimulando a guerrilha popular. Como visto, a polarização e os conflitos políticos e sociais alcançaram um grau de intensidade jamais visto no país. O estopim da deterioração do governo de Allende foi a perda do controle da expansão monetária, que alcançou a cifra de 605,9% no ano de 1973. Angell²⁸⁹ descreve com exatidão a conjuntura dos últimos meses de governo da UP; para o autor:

[S]e politizaron todos los aspectos de la vida y la política se polarizó: era imposible no estar ni a favor ni en contra del gobierno. La terrible brutalidad con que el gobierno fue derribado el 11 de septiembre de 1973 es un triste testimonio del nivel a que había llegado la pasión política.

As tentativas de reformas no Chile foram barradas por um violento golpe militar liderado pelo último comandante das forças armadas, Augusto Pinochet, o que resultou na morte do até então presidente Salvador Allende e, conseqüentemente, na queda do governo em 1973. Após a chegada de Pinochet ao poder, o autoritarismo político se tornou rotina; além disso, o retorno às forças de mercado sob a égide da Escola de Chicago²⁹⁰ encerrou um grande período de intervenção estatal da economia chilena. Ffrench-Davis, Muñoz e Palma²⁹¹ sublinham que os retrocessos sociais foram muitos, em especial, no campo, onde a reforma

²⁸⁸ Dosman afirma que os Estados Unidos atuaram ainda nas eleições, financiando propagandas eleitorais anti-Allende. Sem sucesso, Nixon incumbiu a Richard Helms, diretor da *Central Intelligence Agency* (CIA), a tarefa de “paralisar a economia” chilena. DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 529–530.

²⁸⁹ *Ibid.*, p. 279.

²⁹⁰ A Escola de Chicago, ou Escola Monetarista de Chicago, foi uma escola de pensamento norte-americana liderada por George Stigler e Milton Friedman, ambos defensores do livre mercado e posteriormente laureados com um Nobel de Economia, respectivamente, em 1982 e em 1976. É pertinente ressaltar que a influência da Escola de Chicago não foi imediata no governo de Pinochet: em um primeiro momento, muitos oficiais sentiram-se atraídos por um tipo de ideologia estatal corporativista; não obstante, a partir de 1974, um grupo de economistas formados em Chicago já aconselhava *policy makers* do Chile. No ano seguinte, o novo ministro da fazenda, Sergio de Castro, já era declaradamente monetarista. Para uma melhor descrição das diretrizes econômicas praticadas pelo governo Pinochet, ver: RESENDE, Marcos Taroco, As Políticas Econômicas das Ditaduras do Chile (1973-1982) e da Argentina (1976-1982) Sob um Ângulo Comparativo, **Revista de Economia (Curitiba)**, v. 42, n. 77, p. 142–172, 2021, p. 146–153; ANGELL, Chile, 1958-c. 1990, p. 297–312.

²⁹¹ FFRENCH-DAVIS; MUÑOZ; PALMA, Las Economías Latinoamericanas, 1950-1990, p. 113.

agrária foi encerrada e o novo governo devolveu uma proporção considerável da terra expropriada aos antigos proprietários; quando isso não foi possível, o Estado retirou o seu apoio aos camponeses, o que, com efeito, fez com que a maioria deles perdessem as suas terras.²⁹² Ainda com relação ao regime de posse de terra, Long e Roberts²⁹³ afirmam que, no balanço geral das reformas no campo, pouco pôde ser feito aos setores mais pobres (minifundistas e trabalhadores sem-terra); a maior parte dos beneficiários foi formada pelos residentes das fazendas expropriadas. Com o golpe militar, reduziu-se ainda mais o número de beneficiários, o que deixou sem solução a questão agrária chilena.

1.4.2 O caso da “*revolución peruana*”

Semelhante ao caso chileno, a luta por reformas de base no Peru foi um subproduto de importantes modificações ocorridas no tecido social do país no pós-guerra. De acordo com Cotler,²⁹⁴ a ditadura militar capitaneada pelo general Manuel Odría (1948-1956) foi responsável por parte dessas transformações, na medida em que fortaleceu o modelo tradicional de desenvolvimento peruano, o qual combinava ampla participação do capital norte-americano com o apoio à exportação agrícola da oligarquia rural do país. No entanto, como resultado dessas medidas, ao mesmo tempo, o bom desempenho do setor exportador estimulou o gasto público para o desenvolvimento urbano e para o emprego público. Como resultado, as mutações da estrutura social do país ao longo desse período geraram tensões e contradições,²⁹⁵ lideradas por um amplo movimento camponês indígena. Esse movimento permitiu que se transitasse de um sistema pautado pela dominação oligárquica a um sistema democrático, com uma base relativamente ampla.²⁹⁶

Mesmo no governo posterior, democraticamente eleito, de Manuel Prado (1956-1962), os movimentos contestatórios, sobretudo, os camponeses, não foram cessados. Tendo como exemplos ruídos por reforma agrária que se difundiam por todo o país, houve ocupações das

²⁹² A rigor, Pinochet pôs fim às expropriações, restituindo, aos antigos proprietários, um terço das terras expropriadas e leiloando outro terço. CARDOSO, Eliana; HELWEGE, A., **A Economia da América Latina: diversidades, tendências e conflitos**, São Paulo: Editora Ática, 1993, p. 285.

²⁹³ LONG, Norman; ROBERTS, Bryan, *Las Estructuras Agrarias de América Latina, 1930-1990*, p. 312.

²⁹⁴ COTLER, Julio, Perú, 1960-c. 1990, in: **História de América Latina: los países andinos desde 1930**, Barcelona, Espanha: Crítica, v. 16, p. 59-104, 2002, p. 59-60.

²⁹⁵ A saber, as tensões poderiam se resumir entre o protagonismo das regiões urbanas e costeiras, sobretudo, de Lima, com relação aos benefícios do desenvolvimento urbano; isso deixou evidentes as diferenças sociais entre as regiões. Além disso, tornou-se visível, para massas crescentes, o caráter anacrônico da dominação dos grandes proprietários de terra sobre essas massas por meio de mecanismos políticos. *Ibid.*, p. 60.

²⁹⁶ CARDOSO, Eliana; HELWEGE, A., **A Economia da América Latina: diversidades, tendências e conflitos**, São Paulo: Editora Ática, 1993, p. 295.

terras privadas e públicas nas cidades costeiras, por parte de grupos organizados.²⁹⁷ Cotler afirma que essa ampla mobilização popular se cristalizou no fortalecimento de grupos reformistas de esquerda, compostos por partidos e por movimentos sociais. A plataforma desses grupos alegava que:

[E]l subdesarrollo y la extrema pobreza de la mayoría se atribuían a la persistencia de una estructura agraria arcaica, a la apertura excesiva de la economía al capital extranjero y al control monopolístico del crédito, todo lo cual era el resultado de la concentración del poder entre ‘cuarenta familias’ aliadas con varias compañías norteamericanas dedicadas a la minería y la agricultura.²⁹⁸

A novidade do caso peruano foi que o movimento reformista se estendeu para os grupos militares. Cotler²⁹⁹ explica a origem reformista do exército peruano por meio da criação do *Centro de Altos Estudios Militares* (CAEM), em 1954, o qual abrigou oficiais de alta graduação e pessoal executivo do setor público e privado de orientação reformista, os quais dedicavam-se ao estudo dos problemas do Peru. Os estudos empreendidos pelo CAEM, no princípio da década de 1960, acumulavam críticas ao acúmulo de poder entre os proprietários de terra; os autores estavam convencidos de que os movimentos contestatórios apenas seriam freados com a solução dos problemas sociais, o que necessariamente envolveria a redistribuição da riqueza e a modificação da estrutura da terra.

Foi nesse clima de uma ideologia nacionalista e reformista que ficou claro, para crescentes camadas da sociedade, que a atual estrutura política não seria capaz de conciliar os interesses conservadores de grupos oligarcas, devendo as reformas ser levadas a cabo por reformistas, com a colaboração crucial do exército. De fato, a atuação dos militares não tardou. Logo no ano de 1962, eles evitaram uma eleição fraudulenta, tomando o poder até novas eleições no ano seguinte, nas quais foi eleito Fernando B. Terry, do partido Ação Popular, representante da esquerda. Embora, no governo de Terry, as reformas tenham entrado em pauta, havia pouco apoio no Congresso. Além do mais, grupos opositores e coligações oligárquicas criaram “en el Congreso un obstáculo permanente para las propuestas reformistas del ejecutivo, especialmente la ley de la Reforma Agraria”.³⁰⁰

O resultado inevitável dessas ininterruptas disputas políticas e dessas crises ministeriais no Peru foi o florescimento de novas agitações sociais, que reforçaram tendências radicais de

²⁹⁷ BERTRAN, Geoffrey, Perú, 1930-1960, in: **História de América Latina: los países andinos desde 1930**, Barcelona, Espanha: Crítica, 2002, v. 16, p. 52-53.

²⁹⁸ COTLER, Perú, 1960-c. 1990, p. 61-62.

²⁹⁹ *Ibid*, p. 62-63.

³⁰⁰ *Ibid*, p. 66.

grupos de esquerda. A resposta imediata do governo de reprimir movimentos operários e camponeses de fora de seu partido apenas agravou o problema. Cotler aponta que o sistema democrático se esfacelou com a polarização política e social, sendo esse sistema visto como uma barreira para mudanças estruturais, o que poderia ser verificado quando os militares tomaram o poder em outubro de 1968 por salvaguarda da vontade popular, o que tornou o evento conhecido como *Revolución Peruana*.³⁰¹

O “Gobierno Revolucionario de las Fuerzas Armadas”,³⁰² liderado por Juan Velasco Alvarado, converteu os militares em pilares autônomos do Estado, monopolizando atividades governamentais e tratando a política como mero processo administrativo. Entre as medidas iniciais, um amplo processo de nacionalização de empresas de vários setores foi posto em marcha; além disso, uma reforma agrária radical foi decretada no ano seguinte, fomentando a formação de cooperativas agrícolas.³⁰³ Conforme Cardoso e Helwege,³⁰⁴ o governo militar iniciou a reforma agrária expropriando as empresas agrícolas mais lucrativas da zona costeira e mostrando um enfrentamento direto à oligarquia rural peruana. Em números, 37% das famílias rurais, até o ano de 1975, foram beneficiadas por essa reforma, por meio de cooperativas ou de propriedades individuais.

Mesmo com o governo levando as reformas a cabo pela via não democrática, o aparecimento de obstáculos se fez presente. Cotler³⁰⁵ sublinha agitações na esfera econômica, com a constante desconfiança dos capitalistas, especialmente, das empresas estrangeiras. No âmbito externo, tensões com os Estados Unidos foram criadas, com a ampliação do comércio do Peru com o mundo socialista, sem respeitar o bloqueio a Cuba. Além disso, o golpe do Chile de 1973 foi visto como uma possível ameaça, o que levou o país a dispendar volumosos gastos com armamento. O somatório das tensões internacionais (oriundas da Guerra Fria), com a perda da capacidade de conciliação de classes, além da deterioração das contas públicas nos anos setenta, conduziu à deposição do general Velasco, substituído pelo ministro da guerra Morales Bermúdez, que proclamou a “segunda fase” da revolução peruana.

No ano de 1976, já ficava claro o caráter contrarrevolucionário do governo de Bermúdez. Uma clara evidência foram as alianças realizadas em favor de interesses capitalistas

³⁰¹ *Ibid.*, p. 68.

³⁰² *Ibid.*, p. 70.

³⁰³ Entre 14 e 23 de abril de 1969, o décimo terceiro período de sessões da CEPAL ocorreu na cidade de Lima, no Peru. Nessa ocasião, Prebisch discursou para o presidente peruano, Velasco, e mostrou-se empolgado com o “momento histórico tan significativo como el que vive este país”. Para mais detalhes, ver o documento: PREBISCH, Raúl, Exposición del Sr. Raúl Prebisch, Director General del ILPES. Décimotercer período de sesiones CEPAL, 1969.

³⁰⁴ CARDOSO; HELWEGE, *A Economia da América Latina: diversidades, tendência e conflitos*. p. 284.

³⁰⁵ COTLER, Perú, 1960-c. 1990, p. 73.

e a intensificação da repressão contra estudantes, trabalhadores e camponeses, com o governo deixando, desse modo, de representar a sociedade. Segundo Cardoso e Helwege,³⁰⁶ a reforma agrária não ficou imune ao novo governo, pois, logo em 1975, as expropriações do programa foram suspensas, e as cooperativas foram subdivididas em lotes depois de 1981, sob a justificativa de melhoria da produção agrícola. Em suma, o clima de reformas de base foi rapidamente substituído por programas de recuperação econômica, que preparavam o terreno para um processo de liberalização mais à frente.

Como visto, o impacto das reformas se viu limitado na segunda fase da revolução peruana. De acordo com Long e Roberts,³⁰⁷ a reforma, no fim, mostrou-se desastrosa, em razão de os beneficiários terem sido limitados aos camponeses que tinham uma relação antiga com as fazendas que foram expropriadas, em detrimento da população mais sensível: os trabalhadores temporários. Para Cardoso e Helwege,³⁰⁸ a reforma terminou sem cumprir os seus objetivos básicos: (i) erradicar a pobreza rural; (ii) estimular a produção; e, como resultado dos anteriores, (iii) pacificar o campo.

1.4.3 O caso brasileiro de “não reformas”

O caso do Brasil, inicialmente, não diferiu dos demais casos já apresentados, visto que a demanda por reformas de base ganhou corpo no alvorecer da década de 1960, após as grandes transformações empreendidas pelo Plano de Metas do governo Juscelino Kubitschek (1956-1960). Nesse ínterim, o Brasil logrou um ciclo expansivo cujo auge ocorreu entre os anos de 1958 e 1961, quando o país obteve taxas de crescimento médias de cerca de 12%. Ao mesmo tempo, grandes projetos industriais alteraram a composição da estrutura econômica, por meio da redução da participação relativa da agricultura, de 24,9%, em 1949, para 19,2%, em 1959; enquanto isso, as mesmas cifras para o setor industrial indicaram o caminho inverso, passando de 26% para 32,6%.³⁰⁹ Como se sabe, o processo de crescimento econômico proporcionou condições concretas para uma crescente insatisfação popular, vide a difusão da miséria e os níveis inimagináveis de desemprego urbano. Dessa forma, o triênio seguinte foi marcado por crescentes tensões por reformas, em um cenário de crise política.

³⁰⁶ CARDOSO; HELWEGE, **A Economia da América Latina: diversidades, tendência e conflitos**, p. 285.

³⁰⁷ LONG; ROBERTS, *Las Estructuras Agrarias de América Latina, 1930-1990*, p. 311.

³⁰⁸ CARDOSO; HELWEGE, **A Economia da América Latina: diversidades, tendência e conflitos**, p. 300.

³⁰⁹ SERRA, José, *Ciclos e Mudanças Estruturais na Economia Brasileira do Pós-Guerra*, in: BELLUZZO, Luiz Gonzaga; COUTINHO, Renata (Orgs.), **Desenvolvimento capitalista no Brasil: ensaios sobre a crise**, Campinas: IE Unicamp, 1998, v. 1, p. 57.

A crise política do período era resumida pela mudança entre sistemas de governo. Desde a renúncia do presidente Jânio Quadros, em agosto de 1961, o Brasil transitou para o regime parlamentarista, quando passou por três gabinetes, até ele ser extinto via plebiscito nacional, no ano de 1963, retornando ao modelo anterior, sob a presidência de João Goulart. Nesse ínterim, a mobilização popular gerada pelo aprofundamento da instabilidade política ganhou profundidade em termos nunca obtidos. Com relação ao tema, Bielschowsky³¹⁰ afirma que o operariado conquistava certa organização política, planejando greves, e movimentos contestatórios do campo, especialmente a favor da reforma agrária, multiplicaram-se pelo país.

Essa agitação popular desdobrou-se em tentativas políticas, especialmente com Goulart, para a execução de reformas. Todavia, a frente conservadora, composta pela União Democrática Nacional (UDN), por militares extremistas e por uma tecnocracia conservadora atuava barrando no Congresso as tentativas de projetos como o da reforma agrária.³¹¹ As tentativas de avanço com as reformas não cessaram. Em outubro de 1962, foi criada a superintendência da reforma agrária e, no ano seguinte, o economista brasileiro Celso Furtado, então ministro do planejamento do governo Goulart, redigiu um plano de governo, o Plano Trienal, que apresentava a reforma agrária como prioridade após a estabilização econômica do país.³¹² Contudo, o clima de polarização política e ideológica se agravou com a deterioração do quadro econômico. No ano de 1963, a inflação galopou para 83,3%, e a taxa de crescimento caiu para 1,6%, encerrando o duradouro ciclo expansivo. Além disso, o problema externo retornou ao país, por meio de uma crise cambial ocorrida entre os anos de 1962 e 1963.³¹³

O cenário delineado acima tornou cada vez mais complicado ao presidente Goulart dar seguimento a qualquer projeto de governo, o que levou ao abandono do Plano Trienal alguns meses após o anúncio e conduziu também à derrubada do seu governo, com advento do golpe militar de março de 1964. Long e Roberts sublinham que, desde o início do período ditatorial brasileiro, a questão das reformas foi deixada de lado, o que fez com que o problema da população rural não fosse resolvido. Na segunda metade da década de 1960, a opção elegida pelo presidente militar Castelo Branco foi a da modernização agrícola da grande propriedade exportadora.³¹⁴ Cardoso e Helwege apontam que, no ano de 1972, os governos militares buscaram soluções fáceis para o problema da população rural. Aproveitando a construção da

³¹⁰ BIELSCHOWSKY, **Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento**, p. 411-412.

³¹¹ O projeto de reforma agrária foi derrotado por 176 votos contra 121. *Ibid*, p. 412.

³¹² CAMARGO, A., A questão Agrária: crise do poder e reformas de base, *in*: **Brasil Republicano**, São Paulo: Dielf, s.d.

³¹³ BIELSCHOWSKY, **Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento**, p. 412-413.

³¹⁴ LONG; ROBERTS, *Las Estructuras Agrarias de América Latina, 1930-1990*, p. 312.

rede de estrada Transamazônica na região norte do país, pensou-se, em um primeiro momento, em dar aos pequenos proprietários o acesso à terra, à habitação e ao transporte. Entretanto, em 1973, os militares – usando, como justificativa, possíveis problemas com as longas distâncias que dificultariam a comercialização da safra – desviaram as suas prioridades novamente para a lavoura comercial de grande escala.³¹⁵

De modo geral, nesta seção, pretendemos mostrar a tendência à repressão das reformas de base nos casos latino-americanos nos anos sessenta. Restringimo-nos aqui a três casos, embora fosse possível estender essa discussão a vários países no mesmo período, tais como a Colômbia, que teve as expropriações encerradas por definitivo por meio de um acordo político entre o partido conservador e o liberal, ou Honduras, onde o governo militar recuou na implantação da reforma agrária, usando a violência para controlar as invasões de terras.³¹⁶ Em vista disso, as reformas quase sempre se viram barradas e, em alguns casos, revertidas, por medidas autoritárias de governos, medidas essas que não respondiam às necessidades das camadas mais pobres da população, ao lado da sensibilidade do cenário econômico desses países (inflação, déficits, deterioração da balança de pagamento), o que deixava mesmo os governantes mais experientes sem instrumentos de ação.

No que se refere ao quadro geopolítico, o apoio às reformas, concretizado na figura da Aliança para o Progresso, arrefeceu à medida que os Estados Unidos direcionaram seus interesses para o Sudeste Asiático – em especial, para o conflito no Vietnã. Entre as pressões exercidas pelos países latino-americanos e pelos interesses hegemônicos dos Estados Unidos, a aliança rapidamente assumiu contornos coercitivos e ideológicos, o que esvaziou o seu sentido de impulso às reformas.³¹⁷ O próprio Prebisch, mais tarde, em entrevista, denunciou os ataques sofridos pela Aliança ao longo da década de 1960. Antes de tudo, Prebisch reconhecia a resistência à reforma agrária por parte dos grandes proprietários de terra da região, alegando

³¹⁵ CARDOSO, Eliana; HELWEGE, A., **A Economia da América Latina: diversidades, tendência e conflitos**, São Paulo: Editora Ática, 1993, p. 286.

³¹⁶ *Ibid*, p. 285.

³¹⁷ Ioris e Mozer mostram como a implementação da Aliança foi marcada por impasses burocráticos e pela falta de um genuíno compromisso com as reformas. Ademais, o componente ideológico era facilmente notado no destino da assistência econômica disponibilizada pelo programa. O Brasil, após a instauração de uma ditadura militar em 1964, passou a receber um fluxo contínuo de recursos, estimados em 1,6 bilhão de dólares, entre 1964 e 1968, somente em recursos bilaterais. IORIS, Rafael R.; MOZER, Josiane, Parceiros em quê? A Aliança para o Progresso e a Política Editorial de Modernização da América Latina no Contexto de Guerra Fria, **Esboços: História em Contextos Globais**, v. 26, n. 43, p. 529–548, 2019, p. 530–532, 534.

que “en algunos países los terratenientes dijeron que se alzarían contra las compañías extranjeras. Así ocurrió en Chile, por ejemplo. Esto fue desastroso”.³¹⁸

Entretanto, o autor insistiu no papel atuante dos Estados Unidos na deterioração da Aliança. Em primeiro lugar, havia um esforço direcionado à sabotagem das delegações à frente do organismo. Nas palavras do autor, “al comienzo los países latinoamericanos enviaban buenas delegaciones. Cuando el grupo de los Nueve Sabios fue remplazado por los representantes de gobierno en Washington, enviaban secretarios de embajada a las reuniones, personas sin ninguna capacidad”.³¹⁹ Em segundo lugar, Prebisch destaca o predomínio de interesses comerciais por parte dos representantes estadunidenses, que “sostenían lo siguiente: ‘¿Por qué pensar en términos de reforma social? Primero estimulemos el crecimiento económico y después habrá que tomar medidas para mejorar la distribución del ingreso’”.³²⁰ Portanto, a proximidade de Prebisch das decisões institucionais o permitiu acompanhar de perto a deterioração do apoio externo às reformas.

Quanto ao saldo das reformas agrárias implementadas na América Latina, Long e Roberts³²¹ consideram o efeito delas pouco significativo, uma vez que, até o fim de 1969, o México e a Bolívia ainda haviam redistribuído mais terra, quando comparados a todos os casos da década de 1960. Além disso, a opção por resguardar a produção agrícola exportadora manteve necessariamente as grandes fazendas intactas, e os beneficiários mais evidentes foram os produtores de estratos médios, já empregados nas grandes propriedades. Isto é, essas reformas converteram-se na modernização agrícola, em vez de na justiça social.

De forma geral, neste capítulo, procuramos mostrar como Prebisch demonstrou uma vitalidade e uma capacidade de renovação teórica, ao interpretar a crise que assolou a América Latina e ao elaborar um receituário reformista, levado a cabo por vários países da região no início da década de 1960. Todavia, o argentino, nos anos que seguiram, presenciou a emergência de novas abordagens críticas à sua interpretação do bloqueio estrutural ao desenvolvimento na América Latina. Além do mais, o autor também acompanhou o entorpecimento da luta pelas reformas de base, o qual foi promovido por regimes autoritários com pouca preocupação com a justiça social. Com efeito, os projetos de modernização dos

³¹⁸ Tal entrevista foi concedida por Prebisch para David Pollock em maio de 1985, na cidade de Washington D.C. POLLOCK, David H.; KERNER, Daniel; LOVE, Joseph L., Entrevista inédita a Prebisch: logros y deficiencias de la CEPAL, *Revista de la Cepal*, n. 75, p. 9–23, 2001, p. 19.

³¹⁹ *Ibid.*, p. 19.

³²⁰ *Ibid.*, p. 19.

³²¹ LONG; ROBERTS, *Las Estructuras Agrarias de América Latina, 1930-1990*, p. 309-310.

países latino-americanos continuaram, porém, sem enfrentar os problemas da marginalidade urbana e da concentração de terra no campo.

2. COOPERAÇÃO E REFORMAS NAS INSTITUIÇÕES DE RAÚL PREBISCH (1960-1970)

A construção do legado de Raúl Prebisch apresentou vínculos estreitos com as instituições que ele frequentou. O autor foi conhecido, por parte do seu círculo pessoal, como “criador de instituições”. Sua habilidade organizacional e diplomática foi reconhecida e referenciada pela literatura desde a sua passagem pelo setor público argentino.³²² Sobre o tema, Hodara chega a afirmar que Prebisch instituiu um tipo de “seita”, no sentido weberiano da palavra, dentro da CEPAL, que perdurou até a sua saída, em 1963. Isto é, Prebisch estabeleceu “una hermandad pequeña, solidaria, con una vigorosa conciencia de la Misión que debe desempeñar en el desarrollo regional”.³²³ Em vista disso, neste capítulo, retomamos o estudo da trajetória de Prebisch nos anos 1960, porém, com ênfase na sua trajetória institucional, visto que o autor protagonizou feitos e discussões em diversos organismos ao longo da década.

Como tratado no capítulo anterior, os albores da década de sessenta foram marcados por uma aguda crise em vários países da América Latina, ao lado de uma singular agenda de mudanças geopolíticas, diante dos conflitos gerados pela Guerra Fria. É pertinente ressaltar que a história dos organismos regionais latino-americanos apresenta um vínculo direto com a política externa estadunidense para a região, visto que o vigor e o espaço de atuação desses organismos sempre dependeram dessa política externa.

Desde 1958, o governo Eisenhower, nos Estados Unidos, veio alterando o seu tratamento com relação à América Latina, em especial, devido ao aprofundamento dos conflitos em Cuba. Destarte, Rodríguez³²⁴ identifica alguns eventos que ajudam a ilustrar essa guinada a favor da América Latina, tais como: (i) a chamada Operação Pan-Americana, lançada pelo presidente brasileiro Juscelino Kubitschek, que reivindicava a cooperação entre essas regiões; e (ii) a criação do BID no ano seguinte, a qual garantia aos países latino-americanos um órgão de financiamento.

Ainda nesse seguimento, Pollock³²⁵ sublinha os reflexos dessas mudanças sobre a CEPAL, afirmando ter havido uma “virada total” das relações com os Estados Unidos. Desde então, a comissão usufruiu de um espaço mais amigável para atuar, diferentemente da forte

³²² Love é um dos autores que considera Prebisch um “diplomático de primera categoría”. LOVE, Raúl Prebisch (1901-1986). Su vida y sus ideas, p. 161.

³²³ HODARA, Joseph, Prebisch y Urquidí: vidas paralelas, *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades*, n. 19, p. 45–63, 2008, p. 53.

³²⁴ RODRÍGUEZ, O *Estruturalismo Latino-Americano*, p. 194.

³²⁵ POLLOCK, David H., La actitud de los Estados Unidos hacia la CEPAL: algunos cambios durante los últimos 30 años, *Revista de la Cepal*, n. 6, p. 59–86, 1978, p. 76–77.

oposição que prevalecia desde a sua criação. Prebisch, ainda como secretário executivo da CEPAL, desfrutou dessa conjuntura, acelerando os seus projetos para o desenvolvimento da América Latina, visto que as demandas da região passaram a ser consideradas por Washington.

Nesses primeiros anos, Prebisch esteve envolvido na criação de diversos organismos, a começar pelo Tratado de Montevidéu, que concebeu a ALALC, em 1960. Esse tratado representou uma grande conquista com a qual o autor esteve envolvido durante o último quarto do decênio passado. Em 1958, as discussões empreendidas no sétimo período de sessões da CEPAL, realizado na cidade de La Paz, apontaram para a necessidade de se criar um “comité que tomara en forma muy activa y persistente el problema del comercio exterior”.³²⁶ Logo adiante, o documento de Prebisch intitulado *O Mercado Comum Latino-americano*,³²⁷ publicado no ano seguinte, foi uma referência-chave para a construção das pilastras desse projeto.³²⁸

No entanto, a ALALC logo se mostrou uma proposta tímida, diante do “mercado comum” idealizado por Prebisch.³²⁹ A associação concentrou-se apenas em lançar uma zona de livre comércio na América Latina de forma gradual, em vez de articular os projetos de industrialização em curso entre os países signatários. Segundo Dosman, “o Tratado de Montevidéu foi um anticlímax. [...] A imprensa regional proclamou que a ALALC era uma realização ‘histórica’. Prebisch sabia que não era assim. Washington e o FMI zombaram dela; e o BID havia sido bem recebido, mas ninguém apoiara a ALALC”.³³⁰

Apesar dos empecilhos, Prebisch, em entrevista, mostrou o seu interesse em aprofundar o processo de integração regional com a ALALC:

[...] [C]reí siempre que aun cuando el Tratado estuviera firmado la CEPAL tenía un gran papel que desempeñar, como que estaba entre los consejeros técnicos de la nueva organización, como recordarás. Y yo consideraba que había que tener un papel muy activo, estudiando continuamente nuevos problemas que se iban a presentar y dando mayor impulso – el mayor impulso posible – a la realización de esta idea. Esa fue siempre mi posición. Yo veía en la formación de zona la posibilidad de ir trabajando hacia un verdadero mercado común latinoamericano. Pero estaba muy distante de

³²⁶ Comentário de Prebisch em entrevista a Magariños, em 1971. MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 150.

³²⁷ PREBISCH, *O Mercado Comum Latino-Americano*.

³²⁸ Para uma melhor compreensão do esforço empreendido por Prebisch para a promoção da integração regional nos anos 1950, ver: BRAGA, Márcio Bobik, **Integração e Desenvolvimento na América Latina: a contribuição de Raúl Prebisch e da CEPAL**, 1. ed. São Paulo: Annablume, 2012.

³²⁹ A exposição de Prebisch na Conferência Interparlamentar Americana no Chile, em outubro de 1961, sistematizou a posição crítica do autor perante o resultado do Tratado de Montevidéu. PREBISCH, Raúl, Reflexiones sobre la integración económica latinoamericana, **Revista de economía y estadística**, n. Extra 0 (Número Especial 60º Aniversário), p. 145–156, 2000.

³³⁰ DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 393.

creer que la tarea había terminado. Consideraba más bien que la idea comenzaba y que era una enorme oportunidad para la CEPAL.³³¹

Nesse sentido, Dosman³³² mostra que o pouco espaço obtido pela CEPAL e, conseqüentemente, por Prebisch nos anos que sucederam a criação da ALALC, ao lado de novas conjunturas, terminou por afastar o autor dessa temática.³³³ Estamos falando da chegada de John F. Kennedy à presidência dos Estados Unidos, em 1961, a qual levou a um aprofundamento das relações do seu país com a América Latina.

De acordo com Pollock,³³⁴ Kennedy, desde a sua campanha, levantou a bandeira de uma política nova e real para a região, que se cristalizou, no mesmo ano, na *Carta de Punta del Este*, a qual criou a afamada Aliança para o Progresso. Em outros termos, haveria uma ajuda externa, por parte da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), aos países latino-americanos, desde que eles se comprometessem a uma agenda de reformas de base, o que acalmaria as tensões sociais e as “ameaças” à Cuba.

A Aliança para o Progresso, de Kennedy, foi um grande projeto que envolveu os mais diversos e influentes economistas acadêmicos americanos (Albert Hirschman, Paul Rosenstein-Rodan, Frederico G. Gill e Walt Whitman Rostow) e representantes do setor privado estadunidense.³³⁵ Nessa época, Prebisch já era um nome conhecido pelo mais alto escalão da ONU, o que lhe possibilitou acompanhar de perto a criação da Aliança.³³⁶ Logo em 1961, Prebisch afirmou ter redigido uma carta para Kennedy, dizendo que “este es el momento de establecer una política hemisférica hacia América Latina”.³³⁷

³³¹ MAGARIÑOS, *Diálogos con Raúl Prebisch*, p. 151.

³³² DOSMAN, *Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo*, p. 392–395.

³³³ Nos textos que seguem sobre o tema, Prebisch continuou mostrando a sua preocupação com os rumos do tratado. Em 1964, no artigo *Los Obstáculos al Mercado Común Latinoamericano*, o argentino insistiu que o ritmo excessivamente lento das negociações da ALALC, ao lado da falta de grandes decisões políticas, terminou “corriendo el riesgo de que todo ello se limite a una serie de arreglos preferenciales minguados y vacilantes”. O último esforço de Prebisch para a integração, nos anos sessenta, foi um estudo produzido a quatro mãos, a pedido do Presidente do Chile, Eduardo Frei; os autores eram: José Antonio Mayobre, Felipe Herrera, Carlos Sanz de Santamaría e Raúl Prebisch. Os resultados desse estudo foram publicados no livro *Hacia la Integración Acelerada de América Latina*, em 1965. Nesse livro, os autores lançaram as bases para a elaboração de políticas voltadas para a constituição de um Mercado Comum na América Latina. No anexo A, encontra-se o registro de um encontro de Prebisch com o presidente Eduardo Frei, no mesmo ano (FIG. 8). PREBISCH, Raúl, *Los Obstáculos al Mercado Común Latinoamericano*, in: WIONCZEK, Miguel S. (Org.), *Integración de la América Latina*, 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1964, p. 136; MAYOBRE, José Antonio *et al*, *Hacia la Integración Acelerada de América Latina*, 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1965.

³³⁴ POLLOCK, Raúl Prebisch Visto Desde Washington. Una percepción cambiante, p. 369; DOSMAN, *Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo*, p. 399–416.

³³⁵ DOSMAN, *Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo*, p. 409.

³³⁶ No Anexo A, encontra-se um registro de Prebisch na Casa Branca para o lançamento da Aliança para o Progresso, em 1961 (FIG. 6).

³³⁷ POLLOCK; KERNER; LOVE, Entrevista inédita a Prebisch: logros y deficiencias de la CEPAL, p. 19.

Nesse quadro, Cayuela³³⁸ destaca que Prebisch esteve presente em todo o processo de criação da Aliança.³³⁹ Primeiramente, ele foi um dos principais colaboradores da Carta de Punta del Este, chegando, mais tarde, a compor mesa como coordenador do painel de especialistas, em Washington. Em entrevista, Prebisch declara que Kennedy “públicamente dijo que la CEPAL era la fuente principal de inspiración de la Alianza para el progreso”.³⁴⁰ Mesmo após a criação da Aliança, a CEPAL assegurou um papel relevante nessa estrutura, por meio do Comitê Tripartite OEA-BID-CEPAL, encarregado de coordenar a implementação dos projetos da Aliança.³⁴¹

Não tardou para o quadro de cooperação deteriorar-se com o aprofundamento das tensões geopolíticas na América Latina. De modo geral, todo o conflito poderia ser resumido pela influência da URSS sobre Cuba. Algumas semanas antes da chegada de Kennedy, o então presidente dos Estados Unidos, Eisenhower, já havia cortado todas as relações com a ilha e empreendido um intencional isolamento do país. Mesmo o governo Kennedy já sinalizava que as expectativas da Aliança eram irrealistas, visto que os Estados Unidos recuaram de importantes acordos sobre produtos básicos com a América Latina, firmados em Punta del Este. De acordo com Pollock, a Aliança começou a “equivocar el camino”.³⁴²

Em um primeiro momento, Prebisch mostrou-se, de um lado, entusiasmado pela dimensão tomada por suas ideias e, de outro, alarmado com o fato de os Estados Unidos as utilizarem como se essas ideias constituíssem um vasto plano de ação concebido por eles. Dosman ressalta que o argentino se encontrava apreensivo com a oposição do Congresso estadunidense e, em especial, com as delegações latino-americanas, que enfrentariam fortes resistências às reformas em seus próprios países. Prebisch havia dito: “Estou muito preocupado com a forma como as coisas estão sendo encaminhadas, [...] suas implicações políticas são muito prejudiciais para a própria Aliança e para o apoio popular amplo que ela exige”.³⁴³

³³⁸ CAYUELA, *Cepal 40 Años (1949-1988)*, p. 38-39.

³³⁹ Listamos outros intelectuais latino-americanos que desempenharam um papel relevante na redação dos programas da Aliança: J. A. Mayobre, Felipe Herrera, J. A. Mora, M. Noriega Morales, J. Sol Castellanos e A. Santa Cruz.

³⁴⁰ POLLOCK, David H.; LOVE, Joseph; KERNER, Daniel, Prebisch en la UNCTAD, *in: Raúl Prebisch: el poder, los principios y la ética del desarrollo*, 1. ed. Argentina, Buenos Aires: BID-INTAL, 2006, p. 63.

³⁴¹ Franco afirma que cada órgão desse comitê desempenhava uma função diferente. Primeiramente, a Organização dos Estados Americanos (OEA) era o componente político. A seguir, o BID, por sua vez, administrava o financiamento. Por último, a CEPAL entraria com o conhecimento, tendo em vista que ela constituía o único desses organismos com enfoque teórico e atento aos problemas da região. FRANCO, *La Invención del ILPES*, p. 87.

³⁴² POLLOCK, La actitud de los Estados Unidos hacia la CEPAL: algunos cambios durante los últimos 30 años, p. 76.

³⁴³ DOSMAN, *Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo*, p. 412.

Em Washington, Prebisch acompanhou o arrefecimento da Aliança de dentro e encontrou dificuldades de toda natureza. Logo de início, Prebisch foi encarregado pelo “Painel dos Especialistas”, sendo o componente da Aliança responsável por revisar, aprovar ou rejeitar planos apresentados pelos governos. Segundo Franco,³⁴⁴ Prebisch idealizou a integração do painel por meio de um comitê permanente ligado à OEA e integrado por sete especialistas dotados de poder executivo, no qual ele ocuparia o cargo de diretor-geral. Todavia, outra proposta foi outorgada, estabelecendo um comitê maior, sem autoridade executiva e cujo manejo era mais difícil: o “comité de los nueve sabios”. Essa opção confinou o argentino à coordenação de um comitê que somente revisava planos de governo.

Em entrevista, Prebisch afirmou que a sua proposta foi bloqueada, devido às objeções do comitê argentino (respaldado pelo presidente Arturo Frondizi), além do fato de o autor ter se tornado alvo das críticas ofensivas e infundadas feitas pelo setor privado norte-americano, que o taxava de “antiempresarial”. Sobre esse evento, Prebisch afirma: “de todo modo que tuve que cooperar con el Comité como consultor *sín ningún poder*”.³⁴⁵ Em seguida, Prebisch acrescenta: “¡Sonaba casi como la ‘Santa Alianza’! No era una alianza: fue un error y un nombre infortunado”.³⁴⁶

De acordo com Dosman,³⁴⁷ no dia oito de junho de 1962, antes do fracasso da Aliança, Prebisch pediu demissão e retornou à CEPAL. Entretanto, o argentino já se encontrava envolvido com a criação de um novo organismo regional (a última das concessões) para a América Latina: o ILPES.

Ainda que o ILPES fosse, de certa forma, uma extensão da CEPAL, ao compartilhar o mesmo prédio em Santiago, a novidade do instituto era o seu maior grau de autonomia, seja no âmbito financeiro, ao obter recursos do BID e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), seja por manter um conselho administrativo separado e livre das normas da ONU.³⁴⁸ Love acrescenta que o instituto também foi um “complemento sociológico” da CEPAL, visto que, nesse órgão, vários sociólogos protagonizaram pesquisas relevantes ao longo da década.³⁴⁹

³⁴⁴ FRANCO, *La Invención del ILPES*, p. 101.

³⁴⁵ POLLOCK; KERNER; LOVE, Entrevista inédita a Prebisch: logros y deficiencias de la CEPAL, p. 19.

³⁴⁶ *Ibid.*, p. 19.

³⁴⁷ DOSMAN, *Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo*, p. 423.

³⁴⁸ Em 1962, foi firmado um acordo que previa a contribuição de mais de 3 milhões de dólares, por parte do Fundo Especial das Nações Unidas, e de 1 milhão de dólares, por parte do BID, para o financiamento do recém-criado instituto. No Anexo A, encontra-se um registro de Prebisch na reunião que garantiu o apoio ao ILPES (FIG. 7). *Ibid.*, p. 395–397; CAYUELA, *Cepal 40 Años (1949-1988)*, p. 40.

³⁴⁹ LOVE, Joseph, *Crafting the Third World: theorizing underdevelopment in Rumania and Brazil*, Califórnia, Estados Unidos: Stanford University Press, 1996, p. 191.

No que se refere à criação do instituto, o projeto que fundou o ILPES foi elaborado pelo próprio Prebisch, a pedido de Paul Hoffman, o diretor do Fundo Especial das Nações Unidas. A criação do instituto foi outorgada pela Resolução 218 (AC.50) e pela 220 (AC.52), durante o oitavo período de sessões da CEPAL, em Santiago, em fevereiro de 1962. No dia 29 de abril do mesmo ano, Prebisch assinou o contrato de diretor-geral, que seria efetivo a partir de julho.³⁵⁰

Para Furtado³⁵¹ e para Franco³⁵², o ILPES também constituiu uma maneira de reter Prebisch no sistema na ONU após o limite de idade, sem sobrecarregá-lo de tarefas administrativas. A inauguração do instituto ocorreu em julho de 1962, e Prebisch foi o primeiro diretor-geral. Quanto às atribuições, o ILPES oferecia cursos e seminários, assim como assessoramentos para governos de toda a América Latina. Ademais, ele consistia em um foro para a elaboração teórica e de pesquisas sobre planificação. Segundo Caldentey, Sunkel e Olivos, o ILPES foi, na visão de Prebisch:

[U]na institución que otorgara más impulso a las actividades de la CEPAL en materia de capacitación y asesoría en los países, y que también contribuyera a repensar sus planteamientos a la luz de las nuevas circunstancias económicas y políticas nacionales, regionales y mundiales.³⁵³

Todos esses recém-criados organismos, apresentados nas linhas anteriores, enfrentaram problemas diante do panorama geopolítico. No final do ano de 1962, a dita “crise dos mísseis” agravou o quadro latino-americano. A princípio, Kennedy ordenou um bloqueio naval a Cuba, exigindo a retirada de mísseis soviéticos que foram instalados na ilha. Como resultado, a possibilidade de um enfrentamento nuclear tornou a Aliança uma questão menor. De acordo com Dosman,³⁵⁴ quando os Estados Unidos conseguiram neutralizar Cuba, a América Latina deixou de ser uma ameaça direta à segurança nacional. Igualmente importante foi o assassinato do presidente Kennedy, em 1963, que representou o último passo para a consolidação da ala mais conservadora na dianteira da política externa estadunidense. Em outros termos, iniciou-se uma “nova virada” geopolítica; agora, porém, houve um endurecimento nas relações com os governos e com os organismos latino-americanos.

³⁵⁰ FRANCO, El ILPES de Prebisch, p. 13–14.

³⁵¹ FURTADO, *Obra Autobiográfica*, p. 407–408.

³⁵² FRANCO, *La Invención del ILPES*, p. 109.

³⁵³ CALDENTEY; SUNKEL; OLIVOS, Raúl Prebisch (1901-1986) Un recorrido por las etapas de su pensamiento sobre el desarrollo económico, p. 19–20.

³⁵⁴ DOSMAN, *Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo*, p. 427–428.

Dessa forma, Love³⁵⁵ ressalta a marginalização dos organismos regionais da América Latina após 1963. A CEPAL, por exemplo, passou a enfrentar problemas orçamentários com o fim do interesse de Washington pela comissão, quando foi desfeita a tripartite OEA-BID-CEPAL – responsável pelo financiamento da comissão. Além disso, no quadro interno, a CEPAL perdia a sua influência *sobre* aos governos, sendo corriqueiramente vinculada ao populismo. Em vista disso, o menor espaço de atuação na América Latina conduziu Prebisch a embarcar na luta por uma agenda global, a cargo da UNCTAD.³⁵⁶

2.1 Raúl Prebisch e a dinâmica institucional da UNCTAD (1964-1969)

A dita “quarta etapa” do pensamento de Raúl Prebisch iniciou quando o autor assumiu o desafio de reformar as relações de poder constituídas no comércio internacional, através da recém-criada UNCTAD. De acordo com Hopenhayn, foi “en realidad una etapa con mucho mayor contenido de acción, aunque su inquietud intelectual no sosegara”.³⁵⁷ Em 1963, Prebisch comprometeu-se a organizar a primeira conferência da UNCTAD, em Genebra, no ano seguinte. Magariños define esse evento na trajetória de Prebisch como “hacia más amplios horizontes”,³⁵⁸ visto que Prebisch agora assumiria, para além da América Latina, o compromisso de lutar por pautas que abrangessem todo o Terceiro Mundo.

A história da criação da UNCTAD estava relacionada às crescentes críticas realizadas por países periféricos, em matéria de comércio internacional, em conferências internacionais sobre o arranjo institucional do Bretton Woods – com destaque ao GATT, que substituiu a Organização Internacional do Comércio (OIC), em 1947, por meio da Carta de Havana. Solís chama a atenção para as mudanças no mapa político mundial. Nesse período, a ONU registrou uma entrada massiva de novos servidores vindos de países em desenvolvimento; com efeito, esses membros “lograron elevar la prioridad concedida por ese organismo internacional a las cuestiones relativas a la cooperación para el desarrollo”.³⁵⁹

³⁵⁵ LOVE, Joseph L., Raúl Prebisch (1901-1986). Su vida y sus ideas, **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 361–365, 1987, p. 364.

³⁵⁶ Em 1963, Prebisch se despediu da CEPAL já com o seu contrato estendido, a pedido de U Thant, enquanto aguardava a chegada do seu sucessor, José Antônio Moyobre. A partir de então, Prebisch aceitou o desafio de dirigir a UNCTAD, mas manteve o seu vínculo com o ILPES. MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 153.

³⁵⁷ HOPENHAYN, Prebisch como Pensador Clásico y Heterodoxo, p. 57.

³⁵⁸ MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 153.

³⁵⁹ SOLÍS, Leopoldo, **La Vida y Obra de Raúl Prebisch**, 1. ed. México: El Colegio Nacional, 1988, p. 100.

Na década de 1960, essas demandas começaram a ser atendidas, conforme o comércio internacional se tornava um dos temas centrais da ONU. Dosman e Pollock³⁶⁰ indicam que, a partir de 1961, as resoluções 1519 e 1707 – estabelecidas na Assembleia Geral da ONU – postularam a defesa do comércio como um instrumento fundamental do desenvolvimento. Derivando-se dessas discussões pleiteadas em fóruns internacionais, em 1962, foi outorgada a criação de uma conferência relativa a assuntos de comércio e desenvolvimento: a UNCTAD.³⁶¹

Apesar do protagonismo, Prebisch, em depoimento, ressaltou que a UNCTAD não havia sido uma ideia sua: “simplesmente me subí al tren cuando ya estaba en marcha”.³⁶² Dosman e Pollock³⁶³ afirmam que Prebisch já havia sido sondado para o cargo desde a *Carta de Punta del Este*, quando o autor se reuniu com Philippe de Seynes – diretor do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU (DAES) – e com outros executivos de comissões regionais. Nesse episódio, Prebisch afirmou que esse foi um momento oportuno para ele explicar o seu ponto de vista com relação ao elo entre comércio e desenvolvimento. Desde então, o DAES orientou aos organismos regionais o fortalecimento da perspectiva do comércio do Terceiro Mundo.

Quando a UNCTAD foi aprovada, em 1962, a escolha do primeiro secretário-geral do recém-criado organismo ficou entre dois nomes: o australiano John Crawford e Prebisch. Com relação a esse evento, Prebisch comentou sobre os apoios fundamentais que recebeu de Wladek Malinowski (economista e servidor da ONU) e de membros de distintas delegações de países do Terceiro Mundo, que pressionaram U Thant por sua escolha.³⁶⁴ Iníiguez³⁶⁵ comenta que a escolha de Prebisch para o cargo era natural, visto que o autor angariou certa projeção internacional desde a *Conferencia sobre Problemas del Desarrollo*, em Cairo, no ano de 1962. Conforme Sunkel,³⁶⁶ o resultado desse episódio mostrou que Prebisch e que a CEPAL haviam consolidado certa influência em países da África e da Ásia. Para Prebisch, tratava-se do clima “tercermundista” em que foi criada a UNCTAD. Nas palavras do autor:

³⁶⁰ DOSMAN, J. Edgar; POLLOCK, David H., *Hasta la UNCTAD y de Regreso: divulgando el evangelio, 1964-1968*, in: LORA, Jorge; MALLORQUÍN, Carlos (Orgs.), **Prebisch y Furtado: el estructuralismo latinoamericano**, 1. ed. México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999, p. 200–202.

³⁶¹ É pertinente ressaltar que, até então, não se sabia se a UNCTAD seria uma conferência única ou um órgão permanente vinculado à ONU. O seu futuro seria decidido na primeira conferência, em 1964.

³⁶² MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 153.

³⁶³ DOSMAN; POLLOCK, *Hasta la UNCTAD y de Regreso: divulgando el evangelio, 1964-1968*, p. 200–201.

³⁶⁴ Em entrevista, Prebisch lembra que o Brasil, o México e, surpreendentemente, a Argentina apoiaram a sua candidatura na UNCTAD. Fora da América Latina, até mesmo a URSS declarou apoio. POLLOCK; LOVE; KERNER, *Prebisch en la UNCTAD*, p. 49-50.

³⁶⁵ INÍGUEZ, Carlos Piñeiro, **Herejías Periféricas: Raúl Prebisch: vigencia de su pensamiento**, 1. ed. Argentina, Buenos Aires: Nuevohacer, 2003, p. 82.

³⁶⁶ SUNKEL, *Reflexiones sobre la vida y obra de Raúl Prebisch*, p. 29.

Yo no conozco los entretelones, pero sospecho que hubo una puja muy grande para evitar que un economista subdesarrollado se hiciera cargo de esta organización. El candidato australiano era excelente, pero sin duda no hubiera representado en forma genuina los puntos de vista de los países en desarrollo.³⁶⁷

Dessa forma, Prebisch, ao aceitar esse posto, assumiu o compromisso de corrigir desequilíbrios históricos entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento,³⁶⁸ por um lado, confrontando os organismos de comércio e de finanças internacionais criados no pós-guerra e, por outro lado, estabelecendo um novo foro internacional para debater, denunciar e modificar a atual ordem de comércio internacional. Em resumo, “el ‘Señor Desarrollo de América Latina’ se convirtió en el ‘Señor Diálogo Norte-Sur’”.³⁶⁹ Dito isso, nossa exposição sobre a passagem de Prebisch pela UNCTAD foi dividida em duas subseções, as quais representam as duas conferências da UNCTAD sob a égide de Prebisch: (i) O otimismo da conferência de Genebra (1964); e (ii) A desilusão da conferência de Nova Delhi (1968). Em cada uma das partes, descreveremos, com precisão, os informes elaborados por Prebisch, bem como as suas estratégias diplomáticas e de atuação para cada uma das conferências.

2.1.1 O otimismo da Conferência de Genebra (1964)

Em 1963, Prebisch presidiu o Comitê Preparatório para a primeira conferência da UNCTAD, agendada para o ano seguinte. De fato, o prazo era curto e a tarefa grandiosa. Prebisch, como secretário-geral, entre suas primeiras medidas, trouxe o canadense David Pollock como seu assistente especial dessa missão.³⁷⁰ Além disso, a escolha da “hiperconservadora” Genebra como sede e local da primeira reunião não foi coincidência, pois a cidade era onde também estava a sede do GATT, “organismo rival”.³⁷¹ No que se refere à base teórica, Prebisch não negou o resgate de seus trabalhos empreendidos na CEPAL. É sabido que, desde o primeiro informe, Prebisch mostrou-se preocupado com o intercâmbio recíproco

³⁶⁷ MAGARIÑOS, *Diálogos con Raúl Prebisch*, p. 154.

³⁶⁸ Nesta seção em especial, substituímos as expressões “centro” e “periferia” por “países desenvolvidos” e “países em desenvolvimento”. Justificamos isso em razão de seguirmos o próprio vocabulário de Prebisch nos informes elaborados para a UNCTAD. Esses termos faziam parte do vocabulário utilizado em ambientes institucionais na época.

³⁶⁹ DOSMAN; POLLOCK, *Hasta la UNCTAD y de Regreso: divulgando el evangelio, 1964-1968*, p. 203.

³⁷⁰ Desde a CEPAL, Pollock estava entre os membros de confiança de Prebisch. O canadense foi o membro oficial de assuntos econômicos da comissão no México, no Chile e nos Estados Unidos, entre 1950 e 1963. Anos mais tarde, Pollock, em entrevista, lembra que Prebisch disse que sua função era “¡Estar donde yo esté!”. No Anexo A, encontram-se registros de Prebisch no comitê preparatório e como secretário-geral da UNCTAD (FIG. 9 e 10). POLLOCK; LOVE; KERNER, *Prebisch en la UNCTAD*, p. 49.

³⁷¹ DOSMAN; POLLOCK, *Hasta la UNCTAD y de Regreso: divulgando el evangelio, 1964-1968*, p. 206–207.

e, mais tarde, insistiu em seus textos sobre a necessidade de exportar manufaturas.³⁷² O próprio Prebisch afirmou, em entrevista, que a “CEPAL había preparado, es decir, había pavimentado el camino para la creación de la UNCTAD al presentar los problemas del comercio internacional”;³⁷³ logo adiante, o autor acrescenta: “Bueno, era una prolongación natural de esas ideas, con todas las modificaciones que con los años fue aconsejable introducir. Y con apoyo político, lo que significaba un gran cambio”.³⁷⁴

A partir do Comitê Preparatório, Prebisch desenvolveu estratégias e estruturou a UNCTAD. Algumas das principais diretrizes do organismo foram: (a) combate ao protecionismo, em especial às tarifas do setor agrícola dos países desenvolvidos; (b) criação de fundos de estabilização para reduzir a volatilidade dos preços de matérias-primas exportadas pelos países em desenvolvimento; (c) promoção do financiamento externo para o desenvolvimento; (d) elaboração de programas de assistência técnica; (e) regulação de corporações multinacionais e promoção de transferência tecnológica; e, por último, (f) criação de medidas para a ampliação do comércio e de incentivos para a cooperação internacional.³⁷⁵ Esse conjunto de medidas constituiu as bases do que Prebisch nomeou Nova Ordem Econômica Internacional (NOEI). Ela seria marcada pela cooperação e pelo desenvolvimento, em contraste com o GATT, que prezava somente a liberalização do comércio desde o pós-guerra.

Diante disso, é certo que Prebisch reconhecia as dificuldades que teria para reformar todo o comércio internacional.³⁷⁶ No entanto, o cenário de criação da UNCTAD mostrava-se favorável.³⁷⁷ De modo geral, tratava-se de um período de transformação; a fisionomia do cenário mundial alterou-se com o movimento de descolonização em marcha no continente africano; movimento esse que, no que lhe dizia respeito, expandia o número de nações do dito Terceiro Mundo, representadas pela ONU. Além do mais, até mesmo a URSS declarou apoio à criação da UNCTAD. Em alternativa, havia forte resistência por parte dos Estados Unidos e do Reino Unido. Entretanto, em 1963, surgiu uma geração norte-americana engajada nas propostas

³⁷² Prebisch afirma, em entrevista a Magariños, que suas ideias sobre cooperação internacional nasceram no informe *La Cooperación Internacional en la Política de Desarrollo Latinoamericano*, elaborado em 1954 para a Conferência da Quitandinha da CEPAL. MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 144; PREBISCH, Raúl, *La Cooperación Internacional en la Política de Desarrollo Latinoamericano*, in: GURRIERI, Adolfo (Org.), **La Obra de Prebisch en la Cepal**, 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1982, v. 1, p. 298–393.

³⁷³ POLLOCK; LOVE; KERNER, Prebisch en la UNCTAD, p. 49.

³⁷⁴ *Ibid.*, p. 55.

³⁷⁵ CALDENTEY; SUNKEL; OLIVOS, Raúl Prebisch (1901-1986) Un recorrido por las etapas de su pensamiento sobre el desarrollo económico, p. 21.

³⁷⁶ Prebisch, em entrevista, disse que “lo mismo ocurre con los grandes países. ¿Qué interés tienen ellos en modificar el *statu quo* en materia de comercio mundial?”. MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 155.

³⁷⁷ O clima esperançoso sobre a criação da UNCTAD pode ser descrito pelo próprio Magariños, que foi representante da delegação uruguaia durante a conferência de Genebra. Em depoimento sobre esse evento, o autor afirma que “parecia posible en 1964”. *Ibid.*, p. 22.

progressistas de Kennedy. Além disso, a declaração positiva do presidente do Banco Mundial, George Woods, gerou euforia, ao oferecer suporte à UNCTAD, para a realização de reformas estruturais no comércio mundial.³⁷⁸ Em suma, Prebisch entendia o sistema internacional como “una lucha abierta”,³⁷⁹ e trabalhou exaustivamente para reformar essa estrutura.

No que se refere às tarefas do comitê preparatório, Prebisch trabalhou produzindo uma nutrida documentação para servir de base para a primeira conferência. Todavia, o autor não se limitou a isso. Ao mesmo tempo, ele iniciou uma verdadeira “caravana diplomática”, na qual visitou, em pouco mais de um mês, uma série de países de diferentes continentes, o que Dosman chamou de difusão do “evangelho da CEPAL”.³⁸⁰ Em entrevista, Prebisch comentou sobre o ocorrido, dizendo “di así una vuelta al mundo. Visité los principales países desarrollados y una serie de países en desarrollo en los tres continentes, más en Asia y en África, desde luego, que en la América Latina, cuyos problemas conocía mejor”.³⁸¹

Nesse sentido, o primeiro relatório da UNCTAD foi escrito enquanto Prebisch saltava pelos oceanos, em busca de apoio para o organismo. No ano seguinte, Prebisch apresentou o documento intitulado *Nueva Política Comercial para el Desarrollo*.³⁸² Nas palavras do autor, “mi informe fue, en realidad, un planteamiento general, una síntesis”.³⁸³

O ponto de partida da discussão empreendida por Prebisch foi o questionamento das metas estabelecidas pela ONU para a década do desenvolvimento. Segundo o autor, “no se pude postular un 5% de desarrollo en los países sin aceptar también todas sus consecuencias implícitas en las tasas de crecimiento de las exportaciones e importaciones”.³⁸⁴ Prebisch explicou que, para um país em desenvolvimento, a aceleração da taxa de crescimento quase sempre requer um investimento adicional de máquinas e de equipamentos, o que, com efeito, implicaria o crescimento das importações a um ritmo superior à renda global. Analogamente, as exportações precisariam, inevitavelmente, crescer a uma taxa também superior, a fim de evitar desequilíbrios na balança de pagamentos. Prebisch ainda afirmou que a taxa pactuada

³⁷⁸ DOSMAN, Edgar J.; POLLOCK, David H., Raúl Prebisch, 1901-1971: la búsqueda constante, in: IGLESIAS, Enrique V. (Org.), **El Legado de Raúl Prebisch**, USA, Washington: BID, 1993, p. 34; POLLOCK; LOVE; KERNER, Prebisch en la UNCTAD, p. 40.

³⁷⁹ DOSMAN; POLLOCK, Hasta la UNCTAD y de Regreso: divulgando el evangelio, 1964-1968, p. 206.

³⁸⁰ Valemo-nos aqui do capítulo 18 do livro: DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**.

³⁸¹ Prebisch ainda comentou que essas viagens foram fundamentais para a elaboração do seu relatório. Com isso, ele pôde entender os problemas compartilhados entre os países, bem como as especificidades regionais. MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 156.

³⁸² PREBISCH, *Nueva Política Comercial para el Desarrollo*.

³⁸³ MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 156.

³⁸⁴ Prebisch se refere à taxa estipulada pela ONU para o crescimento da década de 1960, que era superior ao praticado no decênio anterior (4,4%). PREBISCH, *Nueva Política Comercial para el Desarrollo*, p. 14.

(5%) era insatisfatória para esses países. Dado o ritmo de crescimento populacional vigente na época (de 2,2% para o decênio anterior), o aumento da renda *per capita* seria exíguo, sendo necessitados cerca de 80 anos para se alcançar o padrão de renda média de países da Europa Ocidental. Em resumo:

[T]rátase de un déficit virtual y no real; porque si no se logra la solución de este problema los países en desarrollo se verán a reducir su ritmo de crecimiento, salvo que estén dispuestos a conseguir ritmos más elevados con un exagerado costo económico y social, y serias consecuencias políticas.³⁸⁵

Essa explanação realizada por Prebisch ocorreu para mostrar a interdependência entre o comércio e o desenvolvimento. Para o autor, não bastaria estabelecer uma taxa de crescimento; seria preciso criar condições internas e internacionais para se assegurar o crescimento dentro de um quadro política e socialmente aceitável. Como dito linhas acima, Prebisch retomou as formulações de seus escritos inaugurais para explicar os fatores externos. Nesse seguimento, Prebisch tratou do crescimento inferior das exportações de matérias-primas e de alimentos, para justificar a deterioração dos termos de troca e, por consequência, a tendência persistente ao estrangulamento externo. Além disso, Prebisch sublinhou as dificuldades que assolavam os processos de industrialização no Terceiro Mundo, com mercados estreitos e com barreiras à exportação de manufaturas.³⁸⁶

Para os já familiarizados com as teses da CEPAL, a novidade estava na atualização para o contexto da UNCTAD; por exemplo, a conhecida ISI era substituída por Industrialização por Substituição de Exportações (ISE), isto é, uma industrialização por agrupações regionais. A adaptação de antigas teses fazia autores como Pollock, Love e Kerner afirmarem que “si no eran un *cepalismo* de principio a fin, decididamente eran adaptaciones internacionales del programa regional”.³⁸⁷

É pertinente ressaltar que o informe de Prebisch não se resumia a um robusto diagnóstico sobre os problemas que assolavam os países em desenvolvimento. Prebisch não ocultou a sua intenção de criticar toda a ordem internacional instaurada no pós-guerra. Inicialmente, Prebisch atestou as virtudes advindas com o GATT. A saber, ele teve um papel crucial na reversão do cenário anterior, pautado pela proliferação de restrições comerciais e pelo estabelecimento de mecanismos para que os países pudessem formular reclamações e consultas. Contudo, os últimos informes e as últimas conferências tarifárias do organismo não

³⁸⁵ *Ibid.*, p. 15.

³⁸⁶ *Ibid.*, p. 19–37.

³⁸⁷ POLLOCK; LOVE; KERNER, Prebisch en la UNCTAD, p. 40.

resultaram em benefícios plausíveis para os países em desenvolvimento. O GATT desconsiderava, desde a sua criação, que esses países iniciavam a tecnificação de sua agricultura, além da luta indispensável pela industrialização em curso.³⁸⁸ Para Prebisch, os códigos, as regras e os princípios elaborados à luz do GATT não respondiam às necessidades do Terceiro Mundo; eram meras noções abstratas, que desdenhavam as diferenças estruturais entre os grandes centros industriais e os países em desenvolvimento. De acordo com Prebisch, por detrás do GATT, havia a intuição errônea, “según la cual bastaría eliminar los impedimentos que estorben el libre juego de esas fuerzas en la economía internacional para expandir el intercambio con recíprocas ventajas para todos”.³⁸⁹

Sendo assim, na perspectiva de Prebisch, o próprio aparelho institucional estabelecido no pós-guerra para o controle do comércio e das finanças internacionais contribuía, portanto, para a geração de estruturas de comércio desiguais.³⁹⁰ Em sua postulação, o autor questionou a falsa reciprocidade que estava contida na Carta de Havana, de 1947. Citando um caso análogo, para o autor, o protecionismo não deveria ser aplicado de forma igualitária entre distintos países. Enquanto, por um lado, o protecionismo, praticado por países em desenvolvimento, não prejudicava o curso do comércio mundial, por outro lado, quando praticado na produção agrícola dos países industriais, ele resultava em efeitos nocivos ao comércio, reduzindo a capacidade de importação dos países em desenvolvimento.

Nesse sentido, a crítica de Prebisch ocorreu em razão do excessivo número de países desenvolvidos que ditavam as rodadas de liberalização do GATT e, em contrapartida, faziam uso de condutas protecionistas em excesso sobre as suas agriculturas. Prebisch era agressivo, afirmando que “cabe así preguntarse, ante todo, si la exageración del proteccionismo agrícola en los países industriales, con vistas a la autarquía, está de acuerdo con ese espíritu del GATT, con ese objetivo de ampliar el intercambio y no de restringirlo”.³⁹¹

Destarte, Maciel³⁹² destaca que se tratava de um legítimo confronto de posições divergentes para a reformulação do sistema internacional, visto que a posição ideológica-filosófica de Prebisch se chocava com a postura do GATT e com a do FMI. Com base nisso,

³⁸⁸ PREBISCH, *Nueva Política Comercial para el Desarrollo*, p. 38-39.

³⁸⁹ *Ibid.*, p. 16.

³⁹⁰ BAHADIAN, Adhemar Gabriel, *A Tentativa do Controle do Poder Econômico nas Nações Unidas: estudo do conjunto de regras e princípios para o controle das práticas comerciais restritivas*, Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão/Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1992, p. 35.

³⁹¹ PREBISCH, *Nueva Política Comercial para el Desarrollo*, p. 42.

³⁹² MACIEL, George A., Prefácio, *in*: BAHADIAN, Adhemar Gabriel (Ed.), *A Tentativa do Controle do Poder Econômico nas Nações Unidas: estudo do conjunto de regras e princípios para o controle das práticas comerciais restritivas*, Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão/Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1992, p. 10.

Prebisch explicou no informe que “hay que distinguir claramente entre esta reciprocidad convencional y la reciprocidad real”.³⁹³ Para o autor, a “reciprocidade real” (ou “implícita”) estaria no reconhecimento dessas diferenças estruturais. Desse modo, um dado país em desenvolvimento tende a importar mais do que exportar; com efeito, um país desenvolvido deve conceder preferências, sem exigir reciprocidade, visto que o acréscimo das exportações dos países em desenvolvimento resultaria no aumento das importações dos bens dos países desenvolvidos.³⁹⁴

De acordo com Pollock, grande parte do esforço de Prebisch foi constituído pela tradução de conceitos em políticas operacionais concretas.³⁹⁵ Como um resultado disso, a principal contribuição de Prebisch para esse terreno foi a formulação dos marcos iniciais para se discutir um Sistema Geral de Preferências (SGP), no qual se incorporava o componente estrutural. Dessa forma, o autor distinguiu preferências por (i) gerais e (ii) parciais; na sequência, ele perfilou preferências entre países industrializados, países em desenvolvimento e, mais importante, preferências entre esses dois grupos. Com isso, seria possível “extender a estos países [em desenvolvimento] las rebajas arancelarias que se otorgan los países avanzados sin exigirles reciprocidad”.³⁹⁶

Em linhas gerais, o SGP idealizado por Prebisch era uma revisão do sistema de preferências do GATT; nos termos do autor, “todo esto tendría que revisarse ahora”.³⁹⁷ De acordo com o autor, o GATT apresentava moldes rígidos para tratar preferências entre países em desenvolvimento, sustentando o módulo tradicional de intercâmbio, no qual os países em desenvolvimento quase não realizavam comércio com os seus iguais. Além de tudo, o uso excessivo de preferências parciais somente fortalecia um comércio de tipo bilateral, que nada incrementava as correntes de comércio.³⁹⁸ Prebisch era agressivo quanto à conduta passiva do GATT dentro dessa teia de relações de poder no comércio internacional. Nos termos do autor:

No hay que olvidar, sin embargo, en todo esto que el GATT no es una entidad abstracta de vida propia e independiente. Es lo que los gobiernos han querido que fuera. De sus actitudes, de su decisión política depende, que los acontecimientos tomen un nuevo curso del desarrollo.³⁹⁹

³⁹³ PREBISCH, *Nueva Política Comercial para el Desarrollo*, p. 41.

³⁹⁴ É digno de nota que Prebisch enfatizou o caráter temporário dessas preferências. Na medida em que tais disparidades fossem esvaídas, não haveria mais a necessidade da implementação dessas medidas. *Ibid.*, p. 41–43.

³⁹⁵ POLLOCK, Raúl Prebisch Visto Desde Washington. Una percepción Cambiante, p. 369.

³⁹⁶ PREBISCH, *Nueva Política Comercial para el Desarrollo*, p. 44.

³⁹⁷ *Ibid.*, p. 48.

³⁹⁸ Com relação ao tema, Prebisch citou, como exemplos, as preferências que a França, até pouco tempo, mantinha com as suas antigas colônias. *Ibid.*, p. 44–50.

³⁹⁹ *Ibid.*, p. 51.

Por outro lado, Prebisch vislumbrou um sistema internacional com preferências gerais estabelecidas em favor do comércio multilateral, com incentivos aos regionalismos e com concessões a favor de países em desenvolvimento. Em tese, essa era a NOEI vislumbrada por Prebisch. Iñíguez não esconde que, nas intenções de Prebisch:

[H]abía un dejo de sano utopismo en la propuesta: era una búsqueda concreta del abstracto "bien común universal": la paz mundial, el bien máspreciado, podría ser uno de los inmediatos logros de su aplicación. La dinámica del capitalismo mundial era todavía fuerte, pero no llegaba a las periferias, hundidas en el atraso.⁴⁰⁰

Ao detalhar o seu projeto, Prebisch explicou que não se tratava puramente de preferências comerciais; seria necessária uma agenda ampla designada aos países em desenvolvimento. Entre essas pautas, estavam: convênios para a exportação de produtos primários; compromissos no campo da cooperação financeira; investimentos em infraestrutura; promoção de exportações industriais, entre outros. Entre essas ações, destacamos os convênios expressos por meio de financiamentos compensatórios,⁴⁰¹ não sujeitos à amortização ou aos juros, para ressarcir as perdas decorrentes da deterioração dos termos de troca sobre os produtos primários.⁴⁰²

Além disso, o informe de Prebisch também era uma verdadeira defesa ao planejamento econômico, diante do clima tenso da Guerra Fria. Couto⁴⁰³ chama a atenção para a frequência com que Prebisch utilizou os termos “racionalidade” e “cálculo” ao fazer referência ao planejamento. Além disso, era claro o exercício de retórica de Prebisch, quando tratava desses temas em disputa. Ao abordar o planejamento como uma forma de pleitear recursos internacionais, havia sempre o cuidado de mostrar a compatibilidade com a iniciativa privada, ao mesmo tempo em que o autor argumentava sobre a necessidade de se ampliar o comércio com o mundo socialista (ainda muito fechado).

Outrossim, Prebisch foi cuidadoso ao apresentar a sua proposta, não a vendendo como uma prestação de contas à periferia. Ao contrário, o argentino insistiu nos ganhos mútuos obtidos pela cooperação internacional, mesmo para os países desenvolvidos. Prebisch também não poupou críticas aos países em desenvolvimento, com relação às suas insistentes resistências às reformas. Nesses termos, Hodara resume bem a intenção de Prebisch, ao dizer que “no piensa

⁴⁰⁰ IÑÍGUEZ, *Herejías Periféricas: Raúl Prebisch: vigencia de su pensamiento*, p. 84.

⁴⁰¹ Na obra de 1963, Prebisch já havia discutido a necessidade de um fundo ou de algum tipo de taxa que compensasse os países produtores de produtos primários dos efeitos negativos dos ciclos econômicos. PREBISCH, *Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*, p. 102–104.

⁴⁰² PREBISCH, *Nueva Política Comercial para el Desarrollo*, p. 55–71.

⁴⁰³ COUTO, *O Pensamento de Raúl Prebisch*, p. 121.

en ruptura con el norte sino en una diversificación de los intereses mutuos y en una elevación de la ‘voz’ (en el sentido hirschmaniano) de la periferia”.⁴⁰⁴

De forma geral, esse informe constituiu uma medula teórica e um guia de ação para a primeira conferência em Genebra – UNCTAD I. Dosman e Pollock⁴⁰⁵ descrevem que se tratou de uma “maratona” extensa – uma vez que a conferência iniciou no dia 23 de março de 1964 e seguiu até junho – e grande – uma vez que ela incorporou mais de quatro mil delegados e oficiais de 119 países, sem contar os meios de comunicação e as instâncias governamentais de todo o globo. De modo geral, a dinâmica da conferência passava por numerosas reuniões simultâneas com grupos variados; entre essas reuniões, havia algumas com grupos pequenos e de alto nível. Havia também secretarias responsáveis por guiar as discussões. Nas palavras de Prebisch, “presentar ciertas ideas básicas, dejar que los gobiernos las discutan y no estar allí interfiriendo o tomando partido. Y si los gobiernos no se ponen de acuerdo, o si la orientación del acuerdo es inconveniente, entonces sí intervenir. Y así fue”.⁴⁰⁶

Prebisch chegou a Genebra no dia 27 de abril. Pollock,⁴⁰⁷ seu assistente, afirmou que a maior parte do tempo despendido por Prebisch transcorreu em longas reuniões, em grupos de contato, em conferências e em difíceis negociações. Em entrevista, Prebisch destacou a falta de consenso, afirmando que cada parte tinha o seu ponto de vista. Com relação a uma das reuniões, afirmou: “habremos estado allí unos 10 u 11 días, mañana, tarde y noche, buscando esa conciliación. Hasta que por fin se llegó a ella, a último momento”.⁴⁰⁸ Em relação à postura de Prebisch, o economista Hans Singer (que esteve presente em algumas sessões) afirmou que os primeiros discursos do argentino eram esperançosos. Cruz, por seu turno, elogiou a atuação do autor como secretário-geral, dizendo que:

[P]residía con gran autoridad, esas reuniones, en las cuales participaban personalidades de la categoría de Michel Debré y James Callaghan, ambos ministros de Finanzas, respectivamente, de Francia y la Gran Bretaña, y en otras ocasiones primeros ministros de sus países.⁴⁰⁹

⁴⁰⁴ HODARA, **Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional**, p. 130.

⁴⁰⁵ DOSMAN; POLLOCK, Raúl Prebisch, 1901-1971: la búsqueda constante, p. 205.

⁴⁰⁶ MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 157.

⁴⁰⁷ POLLOCK, Raúl Prebisch Visto Desde Washington. Una percepción Cambiante, p. 369.

⁴⁰⁸ MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 158.

⁴⁰⁹ CRUZ, Hernán Santa, La Proyección Latinoamericana y Mundial de la Obra de Raúl Prebisch, **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 371–373, 1987, p. 373.

Seja como for, pôde-se verificar em Genebra um verdadeiro fórum *sui generis*, no qual as decisões eram tomadas via consenso. Bahadian⁴¹⁰ aponta o duplo caráter dessa conferência: por um lado, ela consistia em um espaço de denúncia de comportamentos enquadrados como impeditivos ao desenvolvimento; por outro lado, ela também consistia em um instrumento de reformas graduais e consensuais das relações internacionais. O fato era que Prebisch havia se tornado o teórico e o porta-voz do Terceiro Mundo e, com isso, precisava de uma boa diplomacia para enfrentar desafios de toda ordem. Nesses termos, Prebisch precisava de apoio; logo, ele era cuidadoso com cada detalhe, como a contratação de uma equipe plural para os cargos do organismo.

Nessa perspectiva, a tarefa inicial era, portanto, tornar a UNCTAD um organismo permanente. A posição dos países sobre o tema foi possibilitando a formação de grupos que compartilhavam experiências e problemas. Por um lado, países como os Estados Unidos e outros países desenvolvidos (denominados Grupo B), inclinaram-se para que, em vez da UNCTAD, fosse criada uma divisão dentro do Departamento Econômico e Social da ONU. Por outro lado, outra vertente, liderada pela URSS e por um grupo de países em desenvolvimento, queria logo a criação de um tipo de organização mundial para o comércio.⁴¹¹

Dentro desse quadro, é importante assinalar outro evento crucial: a formação do Grupo dos 77 (G-77), em 1962.⁴¹² Esse movimento marcou a organização política de países do Terceiro Mundo de todo o globo. Na América Latina, a Comissão Especial de Coordenação Latino-Americana (CECLA), criada em 1963, atuou como uma filial do G-77.⁴¹³ Ao mesmo tempo, países como a Índia, a Iugoslávia e o Egito também se reuniram, como delegações do Terceiro Mundo.⁴¹⁴

Aqui, interessa destacar as disputas desses países no seio da UNCTAD I. De forma geral, a NOEI de Prebisch dependia, mais do que da retórica, da colaboração do Terceiro Mundo. Quanto ao G-77, Cayuela afirma que esses países “votaran como bloque y plantearon

⁴¹⁰ BAHADIAN, A **Tentativa do Controle do Poder Econômico nas Nações Unidas: estudo do conjunto de regras e princípios para o controle das práticas comerciais restritivas**, p. 35–36.

⁴¹¹ Prebisch esclareceu que essas eram as posições mais extremas. MAGARIÑOS, **Diálogos con Raúl Prebisch**, p. 157.

⁴¹² A rigor, Dowbor afirma que esse movimento foi lançado, em 1956, em Bandung-Indonésia, onde se reuniram, pela primeira vez, os representantes do dito Terceiro Mundo. Estiveram presentes 29 países da África e da Ásia. A expressão iniciou como uma vaga política, mas, na década seguinte, alcançou ampla mobilização internacional. DOWBOR, Ladislau, **Formação do Terceiro Mundo**, 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 101–102.

⁴¹³ Cayuela salienta que a UNCTAD apressou a organização do G-77. Na América Latina, foram realizadas reuniões importantes. Destacam-se os eventos em Mar del Plata, em 1963, e em Brasília, dois meses antes da conferência UNCTAD I, onde foi elaborado o documento *América Latina y la Conferencia de las Naciones Unidas sobre Comercio y Desarrollo*. CAYUELA, **Cepal 40 Años (1949-1988)**, p. 41.

⁴¹⁴ DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 507; DOSMAN; POLLOCK, *Hasta la UNCTAD y de Regreso: divulgando el evangelio, 1964-1968*, p. 202.

una plataforma que parecía tomada de los textos originales de la CEPAL”.⁴¹⁵ Em oposição, em 1961, o Grupo B, que já dominava o FMI e o GATT, articulou-se com a criação da OCDE. Em vista desse quadro, a menos que o G-77 mantivesse uma agenda unificada, não haveria mudança na estrutura de poder internacional.

Diante disso, Dosman e Pollock⁴¹⁶ afirmam que Prebisch não teve alternativa senão orientar o G-77 e neutralizar a oposição da OCDE, argumentando sobre benefícios mútuos. Como uma consequência da postura de Prebisch, acumularam-se críticas e acusações, por parte da OCDE, sobre uma “violação da neutralidade” do organismo.⁴¹⁷ Em entrevista, Prebisch contou sobre as críticas infundadas que recebeu. Segundo o autor, uma “posición muy equivocada porque no podía tenerse neutralidad si se trataba de modificar el estado de cosas existente. Es ridículo”. Adiante, acrescentou: “explique cómo no debiera serse neutral en este caso, aunque sí objetivo e imparcial. Eran dos posiciones perfectamente compatibles”.⁴¹⁸ Prebisch ainda lembrou que o GATT, desde muito antes, atuava a favor da ideologia econômica dos países avançados: “¿Por qué apuntar a la UNCTAD para acusarla de ‘subjetividad’, y no hacer lo mismo con el FMI, el Banco Mundial y el GATT?”.⁴¹⁹

No que se refere às propostas para a UNCTAD I, Prebisch retornou ao programa esboçado em seu informe. Um dos primeiros temas postos em discussão foram as *commodities*. De acordo com Pollock,⁴²⁰ Prebisch buscou estabelecer compromissos oficiais entre os países do Norte e do Sul para obter nesses mercados, no curto prazo, convênios de estabilização e, no longo prazo, um Programa Integrado de Produtos Básicos, apoiado em uma reserva previamente estabelecida. Em entrevista, Prebisch afirmou que “esta era una forma de regular el mercado: las fluctuaciones de los mercados de productos primarios”⁴²¹. Com relação a esse tema, houve êxitos logo na primeira conferência, quando grandes passos foram dados na direção de um Acordo Internacional do Açúcar. No entanto, na UNCTAD I, também havia resistência, em especial por parte dos Estados Unidos, que, desde a morte de Kennedy, vinham promovendo investidas contra a fundação da UNCTAD.⁴²² Ademais, Prebisch alertou que, em grande medida, as objeções também eram do campo ideológico:

⁴¹⁵ CAYUELA, *Cepal 40 Años (1949-1988)*, p. 41.

⁴¹⁶ DOSMAN; POLLOCK, Raúl Prebisch, 1901-1971: la búsqueda constante, p. 37-38.

⁴¹⁷ Além disso, Dosman e Pollock afirmam que os críticos, além de acusarem Prebisch de “lanzar al Norte contra el Sur”, também repetiam velhos jargões ideológicos contra o autor. Diziam que ele promovia a indústria à custa da agricultura, o Estado à custa do mercado e restrições externas à custa do mercado interno. *Ibid.*, p. 43.

⁴¹⁸ MAGARIÑOS, *Diálogos con Raúl Prebisch*, p. 156-157.

⁴¹⁹ DOSMAN; POLLOCK, Raúl Prebisch, 1901-1971: la búsqueda constante, p. 38.

⁴²⁰ POLLOCK, Raúl Prebisch Visto Desde Washington. Una percepción Cambiante, p. 369.

⁴²¹ POLLOCK; LOVE; KERNER, Prebisch en la UNCTAD, p. 52.

⁴²² POLLOCK, La actitud de los Estados Unidos hacia la CEPAL: algunos cambios durante los últimos 30 años, p. 76-77.

Recuerdo que un hombre del gremio de Productores de Cacao de Estados Unidos vino a verme y dijo ‘mire, nosotros nos oponemos a la regulación del mercado’ [...]. Ellos [Estados Unidos] no querían hacer nada que significase una intervención al libre juego del mercado.⁴²³

Na UNCTAD I, o âmago das propostas de Prebisch estava no SGP, que, como já dito, garantiria concessões aos países em desenvolvimento, sem requerer reciprocidade. É pertinente ressaltar que a instalação de um SGP resultaria, necessariamente, na suspensão da Cláusula da Nação Mais Favorecida do GATT, a qual favorecia o comércio bilateral e não equitativo. Nesse aspecto, Prebisch enfatizou a importância desse novo sistema para fechar a “brecha comercial”, mediante (a) a melhoria da capacidade de negociação de produtos primários e (b) a viabilização da exportação de manufaturas do Terceiro Mundo, procurando reorientar o conceito de indústria incipiente em âmbito mundial.⁴²⁴

Em outro momento da conferência, Prebisch dedicou esforços para novos códigos de conduta para as empresas transnacionais (ETNs) e para os serviços marítimos para o Terceiro Mundo. Além disso, ele trabalhou pela implementação do serviço de financiamento compensatório dentro do FMI. Conforme Singer,⁴²⁵ esse último ponto retomava velhas propostas pleiteadas por Keynes, e rechaçadas em *Bretton Woods*.

À luz desses fatos, Prebisch, durante os três meses da UNCTAD I, expôs, para um auditório mundial, argumentos robustos que justificavam a transição para uma NOEI. De fato, os objetivos eram muitos, e havia disputas com várias linhas de frente, o que fez com que muitas das propostas forjadas por Prebisch fossem retomadas nas conferências seguintes.⁴²⁶ Perto do fim da conferência, Prebisch obteve concessões cruciais, as quais – sob a relutância da OCDE e com o surpreendente apoio do Banco Mundial – garantiram à UNCTAD o título de órgão permanente da ONU, formado por 55 membros. É digna de nota a *Declaração Conjunta dos Setenta e Sete Países em Desenvolvimento*, realizada em 15 de junho de 1964 e, em dezembro do mesmo ano, cristalizada na Resolução n. 1995 (XIX) da ONU.⁴²⁷

⁴²³ POLLOCK; LOVE; KERNER, Prebisch en la UNCTAD, p. 52–53.

⁴²⁴ *Ibid.*, p. 41–42; POLLOCK, Raúl Prebisch Visto Desde Washington. Una percepción Cambiante, p. 369.

⁴²⁵ SINGER, Hans, Comentarios sobre “Raúl Prebisch, 1901-1971: la búsqueda constante”, in: IGLESIAS, Enrique V. (Org.), *El Legado de Raúl Prebisch*, USA, Washington: BID, 1993, p. 47.

⁴²⁶ Já prevendo isso, Prebisch constituiu três comitês permanentes, com o intuito de preparar o terreno para a próxima conferência, em Nova Deli: um foi sobre produtos primários, outro sobre manufaturas e o último sobre financiamento. POLLOCK; LOVE; KERNER, Prebisch en la UNCTAD, p. 42.

⁴²⁷ COUTO, Joaquim Miguel, Raúl Prebisch e a concepção e evolução do sistema centro-periferia, *Revista de Economia Política*, v. 37, n. 37 (1), p. 65–87, 2017, p. 81–82; DOSMAN; POLLOCK, Hasta la UNCTAD y de Regreso: divulgando el evangelio, 1964-1968, p. 207; INÍGUEZ, *Herejías Periféricas: Raúl Prebisch: vigencia de su pensamiento*, p. 82–83.

2.1.2 A desilusão na Conferência de Nova Delhi (1968)

O encerramento da UNCTAD I ocorreu em clima de euforia, com a definição das áreas e dos temas-chave para a atuação do organismo, que agora se enquadrava como um órgão permanente. Todavia, ainda era necessário preparar o terreno para a próxima conferência, que aconteceria na cidade de Nova Delhi, em 1968. De modo análogo, Prebisch precisaria iniciar um novo ciclo de viagens, a fim de assegurar um apoio prévio para a sua agenda de uma NOEI, sem mencionar o novo informe, que ele precisaria escrever como texto base para essa conferência.

Logo de imediato, Dosman e Pollock⁴²⁸ afirmam que Prebisch, inicialmente, precisou despende um longo período em tarefas de maior urgência. A estrutura do organismo precisava ser definida, o que incluía: (a) desenhar um novo secretariado capaz de garantir a autonomia da UNCTAD, escapando do controle do DAES; (b) negociar a estrutura governante da UNCTAD; e, por último, (c) contratar um corpo técnico executivo, sem se descuidar do equilíbrio regional. A figura abaixo (FIG. 2), embora de 1968, ajuda a ilustrar o trabalho de Prebisch a respeito da composição dos funcionários da UNCTAD, em contraste com o organismo rival, o GATT.

Figura 2. Origem regional dos funcionários da UNCTAD e do GATT em 1968

Região	UNCTAD	GATT
Ocidental (Grupo B)	22	35
Socialistas (menos Iugoslávia)	8	0
Outros (Grupo dos 77)	18	9
África	(7)	(1)
Ásia (com a Iugoslávia)	(6)	(5)
América Latina	(5)	(3)
Desconhecidos	2	3

*A tabela inclui os funcionários que ocupavam os postos mais significativos.

Fonte: Retirado de Nye⁴²⁹

De modo geral, as atividades da UNCTAD tiveram início em 1966, após a resolução de todas as tarefas bases. O plano de Prebisch era chegar à Índia com alguns acordos previamente definidos, tais como a garantia de canais de financiamento para o Terceiro Mundo, de acordos internacionais sobre produtos primários e de preferências sobre a exportação de manufaturas aos países em desenvolvimento. A primeira pauta foi o financiamento, em razão de a UNCTAD

⁴²⁸ DOSMAN; POLLOCK, *Hasta la UNCTAD y de Regreso: divulgando el evangelio, 1964-1968*.

⁴²⁹ NYE, J. S., *La UNCTAD bajo Prebisch: la estructura de influencia*, **Foro Internacional**, v. 12, n. 3(47), p. 308–339, 1972, p. 337.

desfrutar dos vínculos estabelecidos na última conferência com George Woods – presidente do Banco Mundial. Em resumo, a proposta para o Banco seria o oferecimento de “un financiamiento para compensar la inesperada caída de los ingresos por exportaciones de las naciones en vías de desarrollo, que podría poner en peligro los planes de desarrollo”.⁴³⁰ Essa proposta foi outorgada em uma reunião em abril de 1966, e teria o apoio de instituições como a Associação Internacional de Desenvolvimento (AID), o *International Bank for Reconstruction and Development* (IBRD) e a *International Finance Corporation* (IFC).

Prebisch, mais tarde, reconheceu que essa reunião representou “el pináculo del optimismo, antes de que se infiltrara el espíritu de críticas y cinismo”.⁴³¹ Após esse episódio, pôde-se verificar uma mudança na opinião internacional, que abriu uma fase de retrocesso na busca pela NOEI. O projeto de financiamento do Banco Mundial logo arrefeceu, diante das crescentes objeções do FMI e de países como os Estados Unidos e a França, até chegar a um ponto morto com a saída do presidente Woods do Banco Mundial. Ao lado disso, a dificuldade de se firmarem acordos sobre os mercados de alimentos também deteriorou a confiança sobre a UNCTAD. Países da África, decepcionados com a negociação do cacau e com os escassos representantes, passaram a denunciar um suposto favoritismo dos países centrais na UNCTAD.⁴³² A última pá de cal foi dada pelos organismos rivais. Por um lado, o GATT – buscando fazer com que os países em desenvolvimento retirassem o apoio dado à UNCTAD – criou uma comissão interna sobre comércio e desenvolvimento, em 1965, e, desde a Rodada de Kennedy, em 1964, incentivou os países do grupo B a somente negociarem acordos de produtos dentro do organismo. O FMI, por seu turno, negou à UNCTAD informações necessárias para o estudo das políticas implementadas pelos organismos e pelas entidades internacionais.⁴³³

Como visto, as expectativas positivas desvaneceram a partir de 1966. Lira⁴³⁴ sugere uma explicação a partir do momento histórico de cada conferência. Enquanto o relatório da UNCTAD I foi redigido no início da década de 1960, quando ainda persistia uma considerável dinâmica no capitalismo mundial; em contrapartida, a conjuntura dos anos de preparação para a UNCTAD II consistia em um momento histórico no qual as contradições do capitalismo já se haviam se tornado visíveis. Nessas circunstâncias, países industriais passaram a enfrentar níveis de inflação crescente, crises políticas e instabilidades causadas pela queda do ouro.⁴³⁵ Além do

⁴³⁰ DOSMAN; POLLOCK, *Hasta la UNCTAD y de Regreso: divulgando el evangelio, 1964-1968*, p. 211.

⁴³¹ *Ibid.*, p. 213.

⁴³² *Ibid.*, p. 215–16.

⁴³³ POLLOCK; LOVE; KERNER, *Prebisch en la UNCTAD*, p. 43.

⁴³⁴ LIRA, Máximo, *La Larga Marcha de Prebisch Hacia la Crítica del Capitalismo Periférico y su Teoría de la Transformación de la Sociedad*, *El Trimestre Económico*, v. 53, n. 211(3), p. 451–476, 1986, p. 461.

⁴³⁵ Retomamos essa conjuntura na seção seguinte (2.3).

mais, novos episódios da Guerra Fria endureceram as relações Norte-Sul. Na América Latina, o esfacelamento da Aliança para o Progresso, ao lado da invasão norte-americana da República Dominicana, em 1965, marcou o desinteresse pela região. O centro das atenções desviou-se para o Sudeste Asiático, a partir das intervenções no Vietnã.⁴³⁶

Em vista dessa conjuntura, o fracasso inicial da UNCTAD conduziu Prebisch a reorientar a estratégia do organismo; dessa forma, ele abandonou uma agenda de mudanças profundas, optando por “cambios progresivos, con una lucha centímetro a centímetro y tema por tema hasta conseguir reformar el sistema internacional de comercio”.⁴³⁷ Entretanto, os conflitos não cessaram, e os obstáculos multiplicaram-se. Nos anos que antecederam a UNCTAD II, os países do Grupo B, organizados na conferência do GATT em 1967, passaram a explorar com maestria as divisões latentes entre os países signatários do G-77, separando, assim, os interesses dos países pelos seus distintos graus de desenvolvimento em cada uma das regiões.⁴³⁸ A ofensiva de Prebisch já não funcionava como antes, visto que os fundamentos teóricos da CEPAL, implícitos em seus discursos, já não se mostravam tão persuasivos. De acordo com Dosman e Pollock, “el mecanismo institucional que había creado en Ginebra ya no funcionaba”.⁴³⁹

Em suma, a apuração dessas disputas institucionais designaria a função de cada organismo nas relações internacionais. Nesse sentido, o GATT pretendia minar o posto da UNCTAD, permitindo-lhe somente desempenhar um papel de mero apoio e de deliberação, ao passo que o GATT garantiria a sua autoridade em assuntos relativos ao comércio e ao desenvolvimento.⁴⁴⁰ Portanto, esse quadro polarizado⁴⁴¹ justificava a importância da UNCTAD II para a sobrevivência da NOEI. No que se refere aos últimos preparativos para a UNCTAD II, Prebisch preparou um documento intitulado *Hacia una Estrategia Global del Desarrollo*,⁴⁴² no qual orientou os países a uma estratégia global sustentada pelo tripé formado pela política

⁴³⁶ DOSMAN; POLLOCK, Raúl Prebisch, 1901-1971: la búsqueda constante, p. 36-41; CAYUELA, **Cepal 40 Años (1949-1988)**, p. 42.

⁴³⁷ DOSMAN; POLLOCK, *Hasta la UNCTAD y de Regreso: divulgando el evangelio*, 1964-1968, p. 216.

⁴³⁸ Pollock, Love e Kerner afirmam que, desde então, o G77 se dividiu entre países que exportam petróleo, países que exportam matéria-prima e países que exportam alimentos. Até mesmo os países africanos que tinham preferências comerciais com a União Europeia retiraram o seu apoio ao SGP.

POLLOCK; LOVE; KERNER, Prebisch en la UNCTAD, p. 43.

⁴³⁹ DOSMAN; POLLOCK, Raúl Prebisch, 1901-1971: la búsqueda constante, p. 34.

⁴⁴⁰ DOSMAN; POLLOCK, *Hasta la UNCTAD y de Regreso: divulgando el evangelio*, 1964-1968, p. 219.

⁴⁴¹ Enquanto a UNCTAD era duramente atacada pela sua ineficiência, havendo sugestões de que a sua sigla indicava “*Under No Circumstances Take Any Decisions*”, o GATT, por sua vez, era criticado por sua inação. Alguns países sugeriam que a sigla indicava, na verdade, “*General Agreement to Talk and Talk*”. BABAI, Don, *General Agreement on Tariffs and Trade*, in: KRIEGER, Joel (Org.), **Oxford Companion to Politics of the World**, Estados Unidos, Nova York: Oxford University Press, 1993; POLLOCK; LOVE; KERNER, Prebisch en la UNCTAD, p. 43.

⁴⁴² PREBISCH, *Hacia una Estrategia Global del Desarrollo*.

comercial, pela cooperação financeira internacional e pela política interna de desenvolvimento para cada um dos países. O próprio Prebisch, em poucas linhas, descreveu a sua intenção por trás do informe:

Se ha escrito este segundo informe bajo el signo de una gran responsabilidad: exponer ese problema de fondo, procurando evitar funestas dilataciones. Sigue al primero con cuatro años de diferencia. En el primero había juicios y aspiraciones que hoy parecen realistas y entonces acaso no se tomaban por tales. Hay también una dinámica de los conceptos, un notorio proceso de cambio. Quiera entonces considerarse este informe como una expresión de un sincero empeño de impulsar este proceso, informe escrito con la convicción profunda de que es muy grande lo que hoy está en juego en este planeta, y muy promisoría esta aventura humana del Tercer Mundo, si se emprende con realismo, con ese realismo que está enseñando a dominar eficazmente las fuerzas del desarrollo económico y social.⁴⁴³

O cerne da argumentação de Prebisch foi o apontamento dos erros da tentativa de se estabelecer uma “ordem institucional” no pós-guerra sem se considerar a especificidade do Terceiro Mundo. O ponto de partida do autor foi jogar luz às contradições resultantes do processo de mudanças tecnológicas dos anos recentes. Se, num extremo, os países em desenvolvimento, ao receberem a tecnologia, tal qual existia naqueles anos, foram atingidos por tensões no campo social, em razão de volumosas exigências de capital, no outro extremo, mesmo os países centrais de menor progresso econômico encontraram problemas. Nos termos do autor, “se ha disipado la ilusión de que el progreso económico de los centros se irradiaría hacia el resto del mundo impulsando su desarrollo. [...] En verdad, el progreso técnico en los centros industriales tiende a concentrar sus frutos donde ellos se producen”.⁴⁴⁴

Para Prebisch, essa era a essência do processo de desenvolvimento. Não havia, no centro, poder de irradiação espontâneo do progresso técnico; ao contrário, esses países eram capazes de atrair capital dos países em desenvolvimento, o que ampliava as contradições desses últimos. Diante disso, na falta de uma autêntica política de cooperação comercial e financeira, o comércio mundial do pós-guerra resultou na formação de zonas (agrupamentos regionais e sub-regionais) cada vez mais fechadas. Prebisch citou, como exemplo, a Comunidade Econômica Europeia (CEE) e a exclusão dos países socialistas dessa comunidade, o que gerou a criação do Conselho de Assistência Econômica Mútua (CAEMU).⁴⁴⁵ Além disso, havia também o caso dos países latino-americanos, os quais se viram “forzados a continuar su

⁴⁴³ *Ibid.*, p. 440.

⁴⁴⁴ *Ibid.*, p. 434.

⁴⁴⁵ A sigla oficial para o Conselho de Assistência Econômica Mútua é CAEM; porém, adotamos CAEMU para não gerar confusão com a sigla CAEM, anteriormente referenciada para o *Centro de Altos Estudios Militares*.

característico fraccionamiento en microcosmos industriales llevando a costosos extremos su política de sustitución de importaciones”.⁴⁴⁶

De acordo com Prebisch, esses eventos colocaram o tema do comércio na ordem do dia. A UNCTAD I mostrou a gravidade do problema, e, desde então, houve uma crescente repercussão nos fóruns internacionais. O exemplo mais claro, citado pelo argentino, foi a última Assembleia Geral da ONU, na qual, através da Resolução 2296 (XXXII), reconheceu-se “la urgente necesidad de mejorar la situación económica de los países en desarrollo mediante la adopción de medidas apropiadas por los países desarrollados y los países en desarrollo, contribuyendo así a la formulación de una estrategia global del desarrollo”.⁴⁴⁷

Em linhas gerais, enquanto os centros industriais inauguraram uma “nova ordem” no pós-guerra, os países em desenvolvimento ainda se encontravam à deriva nesse processo. Segundo Prebisch, um aparelho institucional, na direção da NOEI, deveria, de antemão, responder às exigências dos problemas do Terceiro Mundo. Em entrevista, Prebisch comenta sobre o cuidado que teve ao fundamentar as suas propostas para a UNCTAD II. Nos termos do autor, “ninguna propuesta práctica puede estar desprovista de una base teórica”.⁴⁴⁸

Essa cautela poderia ser facilmente notada ao longo de seu informe, que conceitua e esclarece cada um dos termos. Nesse sentido, uma “estratégia global de desenvolvimento” era, para Prebisch, um conjunto de diretrizes que visam a “extender a la periferia de la economía mundial un designo que los centros industriales se han trazado desde hace algunos decenios en su ámbito interno: obrar deliberadamente sobre las fuerzas del desarrollo económico y social”.⁴⁴⁹ Conforme Magariños, era uma estratégia que merecia o adjetivo de global.⁴⁵⁰ Para efetua-la, Prebisch explicou sobre a necessidade de essa estratégia responder aos objetivos do planejamento (racionalidade e cálculo), definindo, assim, também o que entendia por estratégia:

[E]s pues acción concertada de países periféricos y centros industriales. No consiste, por cierto, en un inventario de medidas independientes y tomadas bajo el imperio de exigencias inmediatas y cambiantes, sino de un conjunto sistemático de medidas esenciales, en que cada una está de tal suerte trabada con las otras, que la falta o insuficiencia de algunas afecta el pleno cumplimiento de los objetivos que todas ellas persiguen en el marco de una estrategia global.⁴⁵¹

⁴⁴⁶ PREBISCH, Hacia una Estrategia Global del Desarrollo, p. 412.

⁴⁴⁷ *Ibid.*, p. 438.

⁴⁴⁸ POLLOCK; LOVE; KERNER, Prebisch en la UNCTAD, p. 60.

⁴⁴⁹ PREBISCH, Hacia una Estrategia Global del Desarrollo, p. 407.

⁴⁵⁰ MAGARIÑOS, **Díálogos con Raúl Prebisch**, p. 24.

⁴⁵¹ PREBISCH, Hacia una Estrategia Global del Desarrollo, p. 422.

Diante disso, a proposta almejada por Prebisch era entender o desenvolvimento como um problema comum, o qual envolveria responsabilidades compartilhadas e implementações de acordos. O desenvolvimento global, para Prebisch, possibilitaria incorporar os países em desenvolvimento nos circuitos do comércio mundiais, o que ofereceria uma nova fronteira para a expansão comercial, a qual forneceria vantagens recíprocas. Para esse fim, Prebisch alertou que uma estratégia global deveria, necessariamente, envolver mecanismos que possibilitassem a transição dos países periféricos, garantindo-lhes aptidão para crescer por si mesmos.⁴⁵² A rigor, em seu informe, Prebisch insistiu na necessidade de se preencher a “brecha comercial” e a “brecha de poupança” dos países em desenvolvimento.⁴⁵³ A primeira se refere à diferença entre o crescente requerimento de investimento e a poupança interna, com a defesa dos súbitos comportamentos do centro com a taxa de juros. A última se refere à necessidade de se abrirem mercados para exportação, em especial, de manufaturas. Entre os mecanismos necessários, Prebisch elencou um conjunto de políticas e de diretrizes defendidas desde o primeiro informe; entre as principais, estão acordos comerciais sobre produtos primários, financiamento suplementar e implementação do SGP.

Após ter viajado por 1.320.000 km em serviço internacional e após ter concluído o segundo informe, Prebisch deu início à UNCTAD II, em Nova Delhi, ocorrida entre os meses de fevereiro e março de 1968. De acordo com Pollock, Love e Kerner,⁴⁵⁴ a conferência contou com 137 países, 44 organizações internacionais e 965 reuniões de trabalho, distribuídas ao longo de oito semanas. Quando observado em conjunto, percebe-se que o quadro no qual a UNCTAD II estava inscrita era outro, muito distinto do de quatro anos atrás. *A priori*, Dosman e Pollock⁴⁵⁵ afirmam que a fala de abertura da conferência, realizada pela primeira-ministra Indira Gandhi, ocorreu no momento da “Ofensiva do Tet”, no Vietnã, a qual marcou o início da derrota dos Estados Unidos nessa guerra.⁴⁵⁶

De fato, o panorama não estava favorável à cooperação; ademais, o G-77, principal representante da NOEI, regressou a Nova Delhi desintegrado e dividido por rivalidades regionais. O exemplo mais claro foi a Guerra Árabe-Israelense em 1967, a qual reduziu o papel do Egito – um dos países-chave no apoio à UNCTAD. Maciel,⁴⁵⁷ por sua vez, sublinhou a quebra de unidade do G-77, ressaltando as rachas no grupo africano e árabe, em virtude do

⁴⁵² *Ibid.*, p. 435–437.

⁴⁵³ POLLOCK; LOVE; KERNER, Prebisch en la UNCTAD, p. 42.

⁴⁵⁴ *Ibid.*, p. 43.

⁴⁵⁵ DOSMAN; POLLOCK, Raúl Prebisch, 1901-1971: la búsqueda constante, p. 38–39.

⁴⁵⁶ No Anexo A, encontram-se alguns registros de Prebisch durante a UNCTAD II (FIG. 11 e 12).

⁴⁵⁷ MACIEL, Prefácio, p. 9–10.

petróleo e de interesses econômicos e ideológicos distintos. Além disso, havia fatores de ordem externa, como o aumento da dívida externa dos países do Terceiro Mundo. Nem mesmo da solidariedade latino-americana Prebisch pôde se valer. Dosman e Pollock⁴⁵⁸ mostram como os países da região estavam relutantes em cooperar na conferência. Alguns países temiam as preferências dos países africanos recém-independentes pela CEE; entre os países latino-americanos, a delegação do Brasil (sob ditadura militar) destacou-se, por ter causado diversos atritos no curso das conferências.⁴⁵⁹

De modo geral, a UNCTAD II concentrou-se no temário das negociações iniciadas em Genebra. As discussões previstas sobre o SGP foram duras; Prebisch criticou abertamente os países industriais, por se negarem a financiar o déficit externo dos países em desenvolvimento por intermédio do FMI e do Banco Mundial, além de nutrirem tarifas onerosas contra a manufatura do Terceiro Mundo.⁴⁶⁰ Na liderança desse movimento “antirreformas”, estavam os Estados Unidos. Pollock afirma que, em Nova Delhi, o país alterou a estratégia utilizada em Genebra. Em vez de atacar diretamente as ideias de Prebisch, agora o país dirigia-se contra a UNCTAD. Desse ponto de vista, a tática foi “ignorar sus paradigmas teóricos iniciales y tratar mejor de bloquear la aplicación de esas ideas mediante maniobras dilatorias en el seno de la UNCTAD”;⁴⁶¹ as instruções recebidas pelos representantes dos Estados Unidos foram as seguintes: “por ningún concepto acepten compromiso definitivo alguno, pero muéstrense cooperativos”.⁴⁶² Mais tarde, em entrevista, Prebisch mostrou a sua decepção quanto à postura dos Estados Unidos, dizendo: “es una desgracia. Nunca fue enemigo de Estados Unidos, siempre tuve una posición realista como funcionario de una nación y como funcionario internacional. [...] Ellos siempre me visualizaron como alguien que se oponía a ellos”.⁴⁶³

Em vista desses eventos, Prebisch começou a tomar conhecimento da própria situação: a UNCTAD II estava inerte. Em entrevista, Prebisch comentou sobre o tipo de resistência que enfrentou na UNCTAD, sendo ela muito distinta daquelas ocorridas no seu período na CEPAL. Nos termos do autor:

[...] [C]on UNCTAD el caso era diferente. Allí, la relación de fuerzas era distinta. Es verdad que había una mayoría de países en desarrollo, pero países desarrollados eran

⁴⁵⁸ DOSMAN; POLLOCK, Raúl Prebisch, 1901-1971: la búsqueda constante, p. 39-40.

⁴⁵⁹ O Brasil, desde 1967, vinha jogando um jogo de duas pontas entre o GATT e a UNCTAD. Contudo, a conferência em Nova Delhi foi o estopim, quando o embaixador brasileiro Oliveira atacou Prebisch, chamando-o de traidor do Terceiro Mundo. Fora isso, o país produziu uma série de desacordos com a delegação argentina. DOSMAN; POLLOCK, Hasta la UNCTAD y de Regreso: divulgando el evangelio, 1964-1968, p. 220.

⁴⁶⁰ POLLOCK; LOVE; KERNER, Prebisch en la UNCTAD, p. 42.

⁴⁶¹ POLLOCK, Raúl Prebisch Visto Desde Washington. Una percepción Cambiante, p. 369.

⁴⁶² *Ibid.*, p. 369.

⁴⁶³ POLLOCK; LOVE; KERNER, Prebisch en la UNCTAD, p. 63.

muy poderosos, intelectualmente y políticamente, y oponían resistencia. Se discutía cada resolución. Había votos negativos o abstenciones. De modo que la escena era bastante distinta para mí. Y naturalmente, los programas no eran tan homogéneos como en la periferia latinoamericana.⁴⁶⁴

Na dianteira desse quadro, restou a Prebisch priorizar, como estratégia, os problemas de curto prazo. Sintomaticamente, ele comprometeu-se com as negociações no campo da matéria-prima e no dos alimentos; porém, logo “se dio cuenta de que los líderes de los países industriales se interesaban en concertar acuerdos de productos básicos sólo cuando sus países eran los exportadores”.⁴⁶⁵ Em seus discursos, Prebisch foi brutalmente franco, ressaltando que a NOEI constituía um compromisso entre os três mundos; com efeito, seriam necessárias medidas convergentes entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Desse modo, Prebisch não poupou críticas ao G-77, lembrando-lhes que a ação primordial ainda recaía sobre eles, isto é, uma política interna de desenvolvimento. E quanto aos países da OPEP que abandonaram a causa, o autor comentou em entrevista: “los peores ricos son los pobres que se han visto enriquecidos. Pobre la UNCTAD... arranco con semejante energía y entusiasmo”.⁴⁶⁶

Essa descrição acima, referida ao conjunto de reuniões de Nova Delhi, apenas ilustra o terreno pantanoso que Prebisch precisou trilhar. Em síntese, a UNCTAD II concluiu com o pessimismo das expectativas frustradas. Apesar disso, houve conquistas e logros parciais, os quais Prebisch classificou como “positivos, pero muy limitados”.⁴⁶⁷ De acordo com Williams,⁴⁶⁸ Prebisch, amparado por diplomatas latino-americanos, trabalhou na reversão da atitude negativa por parte dos Estados Unidos quanto ao SGP. As divergências quase ocasionaram o estancamento dessa política; contudo, no estágio final da conferência, houve um compromisso para a sua implementação. Outro logro parcial foi o avanço nas Práticas Comerciais Restritivas, com o convencimento dos países sobre a necessidade de se incrementar a legislação vigente. Coube a Prebisch, como secretário-geral, preparar um esboço para a próxima fase de discussões.

De forma coerente com o que foi dito acima, alguns acordos foram concluídos em Nova Delhi. A começar, Rosenthal⁴⁶⁹ menciona a subscrição de um conjunto de tratados firmados

⁴⁶⁴ *Ibid.*, p. 61.

⁴⁶⁵ LOVE, Raúl Prebisch (1901-1986). Su vida y sus ideas, p. 364.

⁴⁶⁶ No Anexo A, encontra-se o registro do último discurso de Prebisch na UNCTAD II (FIG. 13). POLLOCK; LOVE; KERNER, Prebisch en la UNCTAD, p. 59.

⁴⁶⁷ DOSMAN; POLLOCK, Hasta la UNCTAD y de Regreso: divulgando el evangelio, 1964-1968, p. 220.

⁴⁶⁸ WILLIAMS, Marc, **Third World Cooperation: the group of 77 in UNCTAD**, Londres: Printer Publishers Ltd, 1991, p. 121.

⁴⁶⁹ ROSENTHAL, Gert, La Influencia de las Ideas de Raúl Prebisch en Materia de Comercio Exterior, **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 404-408, 1987, p. 407.

entre consumidores e produtores sobre produtos básicos, tratados esses que se estendiam desde a conferência de Genebra. Esses acordos foram consubstanciados no Programa Integrado de Commodities (PIC), que atuaria sobre os preços desses produtos, com o fim de fomentar exportações; entre eles, houve um importante tratado sobre o açúcar. Cruz,⁴⁷⁰ por sua vez, alude à garantia de transferência de 1% do produto nacional industrializado e 0,70% daquele em recursos públicos entre os países industriais e os países em desenvolvimento. Também é digna de nota a declaração de “perdão” de dez anos sobre a cláusula da “nação mais favorecida”, obtida pelos países do G-77 sobre os membros do GATT, medida que favoreceu a exportação dos países em desenvolvimento.⁴⁷¹

Ao fim e ao cabo, embora a UNCTAD tenha produzido resultados relevantes, a conferência de Nova Delhi não gerou nenhum novo acordo importante, apenas concessões demagogas. Prebisch, em seu ensaio biográfico, confessou: “no tuve éxito”.⁴⁷² A essa altura, o autor esperava já ter conseguido reformas mais profundas e significativas, no caminho para a NOEI. Diante disso, concordamos com Torres,⁴⁷³ quando ele postula que, nesses anos, Prebisch esteve a ponto de perceber, nos foros internacionais, que as relações de poder internacionais são constituídas por estruturas quase intransponíveis. Sendo assim, era preciso mais que um esforço de persuasão ou de boa diplomacia. Em entrevista, Prebisch pareceu reconhecer isso, ao dizer:

[...] [L]os gobiernos de los países desarrollados nunca aceptarían ceder el poder del (Banco Mundial, FMI y BID) a la UNCTAD. Lo cual es correcto. Una cosa es crear la atmósfera política adecuada para la discusión y la elaboración de programas, y para la orientación, si se desea, de estas instituciones. Pero éstas son instituciones ejecutivas. Y no puede suponer que el Banco – ya sea el Banco Mundial o el BID – fuese manejado por deudores [...]. Lo máximo que podía lograr la UNCTAD (y esto podría haber resultado muy importante) era ser el centro de la elaboración de nuevas ideas y su transformación en fuerzas políticas en movimiento.⁴⁷⁴

Após a conferência de Nova Delhi, o contrato de Prebisch foi renovado por mais três anos. Entretanto, no fim do ano, já circulava, entre os integrantes da UNCTAD, a intenção do autor de deixar o organismo, o que foi concretizado através de uma carta de demissão em março

⁴⁷⁰ CRUZ, La Proyección Latinoamericana y Mundial de la Obra de Raúl Prebisch, p. 373.

⁴⁷¹ LOVE, Joseph L.; POLLOCK, David H.; KERNER, Daniel, Aquellos viejos tiempos: la formación teórica y práctica de Raúl Prebisch en la Argentina. Una entrevista realizada por David Pollock, **Desarrollo económico**, v. 41, n. 164, p. 531–554, 2002, p. 534.

⁴⁷² PREBISCH, Cinco Etapas de mi Pensamiento sobre el Desarrollo, p. 1086.

⁴⁷³ TORRES, Adriana López, **Evolución y originalidad en el pensamiento económico y social de Raúl Prebisch**, Tese de Doutorado, Universidad Complutense de Madrid, Espanha, Madrid, 2015, p. 23.

⁴⁷⁴ POLLOCK; LOVE; KERNER, Prebisch en la UNCTAD, p. 44–45.

do ano seguinte.⁴⁷⁵ Pollock⁴⁷⁶ sublinha que, depois desse evento, curiosamente, houve um “abandono benigno” de Prebisch por parte dos Estados Unidos. Sem uma base institucional, Prebisch deixaria, ao menos por ora, de ser uma ameaça.⁴⁷⁷ Quanto ao futuro da UNCTAD, Cruz⁴⁷⁸ afirma que o órgão começou a declinar com a saída de Prebisch. No entanto, nas conferências posteriores da UNCTAD (1972, 1976 e 1979), houve conquistas importantes de pautas postas em discussão durante a fase em que Prebisch esteve na liderança do organismo.⁴⁷⁹

2.2 Cooperação e reformas, as diretrizes de Raúl Prebisch

Como delineado neste capítulo, a “quarta fase” do pensamento de Raúl Prebisch teve início com a chegada do autor em Genebra para assumir a direção da recém-criada UNCTAD, no ano de 1964 (tema tratado na seção 2.1). Prebisch afirmou, mais tarde, que não avançou em sua teoria nessa etapa, pois “no tenía tiempo para las lucubraciones teóricas”,⁴⁸⁰ em razão de manter-se integralmente dedicado à compreensão dos problemas da cooperação internacional dentro de organismos internacionais e regionais, como a UNCTAD, o ILPES e o BID. Em vista disso, nesta seção, daremos continuidade à trajetória institucional de Prebisch, abordando agora o período imediato à sua saída da UNCTAD em 1969, quando o autor novamente “vestia su pensamiento con ropajes institucionales y empleaba a esas instituciones para contar con los medios para traducir sus ideas en políticas”.⁴⁸¹

Como dito anteriormente, o clima, na sua despedida da UNCTAD, foi de desencanto com as reformas no comércio internacional. Com relação a esse cenário, Dosman chega a afirmar que, “depois de 700 mil milhas aéreas voadas desde 1964 e com uma artrite mais forte, Prebisch estava esgotado e desiludido, atormentado por um mal-estar crescente. Seu dilema pessoal tinha piorado”.⁴⁸² O primeiro encargo de Prebisch após a demissão foi na sede do

⁴⁷⁵ Prebisch justificou-se ao organismo, alegando problemas de saúde. No entanto, Dosman sugere que o autor, além de decepcionado com esses anos, estava inclinado a voltar a trabalhar pela América Latina, visto que ele havia sido sondado para um grande trabalho a cargo do BID. Voltaremos a tratar desse tema na seção (2.2). DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 502.

⁴⁷⁶ POLLOCK, Raúl Prebisch Visto Desde Washington. Una percepción Cambiante, p. 370.

⁴⁷⁷ Vale ressaltar que, nesse mesmo ano, Prebisch recebeu indicação ao Prêmio Nobel de Economia pelo economista Gunnar Myrdal. Entretanto, os vencedores foram os economistas Jan Tinbergen e Ragnar Frisch.

⁴⁷⁸ CRUZ, La Proyección Latinoamericana y Mundial de la Obra de Raúl Prebisch, p. 373.

⁴⁷⁹ Para um maior aprofundamento do tema no período que se estende, ver: BAHADIAN, **A Tentativa do Controle do Poder Econômico nas Nações Unidas: estudo do conjunto de regras e princípios para o controle das práticas comerciais restritivas**, p. 35-87; DOWBOR, **Formação do Terceiro Mundo**, p. 101-102; UNCTAD, **The History of UNCTAD 1964-1984**, Nova York, Estados Unidos: UNITED NATIONS, 1985.

⁴⁸⁰ PREBISCH, Cinco Etapas de mi Pensamiento sobre el Desarrollo, p. 1086.

⁴⁸¹ SPROUT, Ronald V.A., El pensamiento de Prebisch, **Revista de la Cepal**, n. 46, p. 188-203, 1992, p. 201.

⁴⁸² DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 500.

ILPES, no Chile, local em que ele manteve o seu posto de diretor-geral, mesmo durante o período turbulento pelo qual passou em Genebra.

No entanto, “o instituto estava à deriva desde que Prebisch partira para Genebra [...]. A questão da liderança estava pendente”.⁴⁸³ Desde 1964, as visitas de Prebisch ao instituto foram poucas e breves, o que gerou um clima de “abandono”, o que Franco denominou “el síndrome del padre ausente”.⁴⁸⁴ Nesse ínterim, Dosman descreve que somente metade da equipe cumpria horário de trabalho e que o instituto estava politizado, diante da polarização política no Chile. Além disso, escândalos administrativos, em 1968, prejudicaram a imagem do instituto na região.⁴⁸⁵

É preciso ter em mente que a crise do ILPES não se resumia à desordem. O instituto perdia paulatinamente a sua autonomia e as suas fontes de recurso, à medida que os governos da região perdiam o interesse pelas pesquisas ofertadas. Na segunda metade da década de 1960, vários países reduziram e restringiram o apoio ao ILPES. Nesse cenário, Dosman relata que pesquisas relevantes em curso foram vetadas, devido às ameaças de cortes ao orçamento do instituto, o que fez com que o ILPES perdesse membros renomados, como Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso e Osvaldo Sunkel.⁴⁸⁶

Além disso, Franco⁴⁸⁷ sublinha que, na ausência de Prebisch, o último suspiro criativo do ILPES foi o livro *Discusiones sobre Planificación*,⁴⁸⁸ publicado em 1966. Em resumo, “situações assim não encorajavam novas ideias, de modo que o ILPES tinha poucas publicações para mostrar após oito anos de existência”.⁴⁸⁹ Em depoimento, Prebisch descreve as suas primeiras impressões sobre o organismo ao voltar da UNCTAD:

⁴⁸³ *Ibid.*, p. 509.

⁴⁸⁴ FRANCO, *La Invención del ILPES*, p. 19.

⁴⁸⁵ Em entrevista concedida para Pollock, Prebisch comentou sobre o seu retorno ao ILPES, afirmando que estava “sin entusiasmo. Al ILPES le faltan recursos. Arrastra una existencia muy precaria. No cuenta con un equipo permanente de investigación. Y América Latina necesita un equipo de investigación que complemente la labor de la CEPAL”. POLLOCK; KERNER; LOVE, Entrevista inédita a Prebisch: logros y deficiencias de la CEPAL, p. 21.

⁴⁸⁶ A título de exemplo, o governo brasileiro chegou a ser riscado dos nomes dos países que apoiavam o ILPES. No que se refere às pesquisas em curso, Furtado e Cardoso tiveram seus trabalhos pioneiros sobre multinacionais vetados, por pressão do governo militar brasileiro. Ademais, o próprio Prebisch precisou reimprimir, sob ameaça de cortes de recursos por parte dos Estados Unidos, um estudo importante sobre marginalização dirigido pelo argentino José Nun. DOSMAN, *Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo*, p. 509–510, 617.

⁴⁸⁷ FRANCO, *El ILPES de Prebisch*, p. 20.

⁴⁸⁸ INSTITUTO LATINOAMERICANO Y DEL CARIBE DE PLANIFICACIÓN ECONÓMICA Y SOCIAL (ILPES), *Discusiones sobre planificación: informe de un seminario*, 6. ed. México: Siglo Veinteuno Editores, 1975.

⁴⁸⁹ DOSMAN, *Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo*, p. 509–510., p. 509-510.

[Mi] preocupación al volver [fue que] *el Instituto estaba dogmatizado y politizado. ¿Cómo se seleccionaba a buena parte de los profesores del Instituto? Por amistad ideológica.* Se trajo como profesores a personas inteligentes que aprovecharon al Instituto para expresar sus convicciones ideológicas y no para presentar un cuadro claro de los problemas que tenemos. El Instituto [...] se salió de las manos por una indisciplina mental y política que le hizo mucho daño [...].⁴⁹⁰

Diante dessas circunstâncias, Prebisch, ao retornar às suas atividades no instituto, elaborou um plano de ação para que o ILPES retomasse o seu pleno funcionamento. Esse plano continha disposições práticas, como a formulação de um novo programa de profissionalização para latino-americanos residentes e a realização de seminários entre ministros do planejamento de toda a região. No que se refere à produção teórica, Prebisch instituiu um novo projeto de publicações acadêmicas, denominado “o volume”, no qual ofereceria uma análise multidisciplinar do desenvolvimento latino-americano. Em outros termos, esse projeto seria “uma ‘vulgata’, nas palavras dele [Prebisch], para especialistas em desenvolvimento, um trabalho inédito que afirmaria a autoridade intelectual do instituto na América Latina”.⁴⁹¹ Após a convincente demonstração de capacidade de liderança, Prebisch logo partiu para Washington, onde, a cargo do BID, deveria elaborar um relatório para a 11ª reunião anual do conselho diretor do banco, em Punta del Este, marcada para o ano seguinte.

De acordo com Solís,⁴⁹² a ideia inicial do relatório de Prebisch, mais tarde intitulado *Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina*,⁴⁹³ veio de uma demanda do então presidente colombiano Carlos Lleras Restrepo, durante a 9ª reunião do BID, em abril de 1968. Nesse evento, foi exigido ao BID um estudo profundo sobre a América Latina, que considerasse o saldo dos esforços recentes de cooperação internacional e que, ao mesmo tempo, devesse sugerir políticas econômicas internas. Hodara⁴⁹⁴ sustenta que o relatório também constituía uma demanda por um estudo semelhante aos conjuntos de informes que circulavam pelo mundo no final da década de 1960 (Informes Person, Tinbergen e Rockefeller, entre outros). De modo geral, esse relatório faria parte das comemorações do 10º aniversário do BID.

Em 1970, o relatório foi concluído e publicado por Prebisch. O resultado foi uma rica e extensa pesquisa com projeções, dados estatísticos e uma profunda análise do financiamento dos países da região. Em adição, Sunkel⁴⁹⁵ destaca que Prebisch também pretendia realizar uma revisão das políticas de desenvolvimento praticadas na região, que levasse em conta a recente

⁴⁹⁰ Grifo do autor. FRANCO, El ILPES de Prebisch, p. 41.

⁴⁹¹ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 511.

⁴⁹² SOLÍS, La Vida y Obra de Raúl Prebisch, p. 105–106.

⁴⁹³ PREBISCH, *Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina*.

⁴⁹⁴ HODARA, Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional, p. 110.

⁴⁹⁵ SUNKEL, Reflexiones sobre la vida y obra de Raúl Prebisch, p. 38.

experiência asiática, a qual o autor acompanhou durante o seu serviço internacional na UNCTAD. No que se refere ao processo de elaboração, Dosman relata que, apesar do baixo orçamento, Prebisch pôde contar com uma equipe qualificada, formada, em sua maioria, por membros do BID, da CEPAL e do ILPES, tendo Enrique Iglesias como o seu principal colaborador.⁴⁹⁶

Do ponto de vista teórico, a publicação de Prebisch reuniu conceitos de obras anteriores e análises previamente realizadas para a UNCTAD. De certo modo, *Transformación y Desarrollo* consistiu em uma extensão da tese de insuficiência dinâmica (discutida no primeiro capítulo). Em depoimento, Iglesias relatou que o traço de Prebisch presente nesse relatório era a mescla de ideia e práxis:

Yo recuerdo esa actitud iconoclasta de Prebisch en los largos años que estuve junto a él en esta Casa y en Washington, D.C. Recuerdo de una frase que él repetía cuando preparaba el informe *Transformación y Desarrollo en el año 1970*: ‘no lean tanto, observen la realidad y piensen’. Él decía eso en un tono un poco en broma y un poco en serio, pero en el fondo transmitía un mensaje muy interesante.⁴⁹⁷

Nesse relatório, Prebisch descreveu com clareza um receituário reformista, levantando diretrizes e políticas direcionadas aos países da América Latina. Pollock⁴⁹⁸ chama a atenção para o fato de que, desde o fracasso da UNCTAD – e embora Prebisch ainda conservasse temas como restrição externa e brechas de divisas –, foi a partir desse estudo que o peso do problema “externo” foi saindo de cena na obra do autor. O reflexo desses anos de UNCTAD levou a trabalhos posteriores cada vez mais voltados para dentro, isto é, para os problemas internos.⁴⁹⁹ Dito isso, nesta seção, retomamos brevemente algumas considerações teóricas de Prebisch, para, posteriormente, delinear o receituário do autor e identificar quais foram as inovações feitas nesse relatório.

Em suma, Prebisch seguiu a sua proposta teórica iniciada no início da década; isto é, ele visou a “uma linha de argumentação sobre a relação orgânica entre o modo de acumulação de capital e o padrão de distribuição da renda, ligando os movimentos internos e os internacionais

⁴⁹⁶ O relatório também contou com Manuel Balboa, Bejamin Hopenhayn, Ricardo Cibotti, Norberto Gonzalez, Oscar Bardeci e Giner de los Ríos. DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 512, 518.

⁴⁹⁷ IGLESIAS, Enrique V., Tres Grandes Vertientes del Pensamiento de Prebisch, in: OCAMPO, José Antonio (Org.), **El Desarrollo Económico en los Albores del Siglo XXI**, 1. ed. Colombia, Bogotá: CEPAL/Alfaomega, 2004, p. XLIX–LIII.

⁴⁹⁸ POLLOCK, Raúl Prebisch Visto Desde Washington. Una Percepción Cambiante, p. 370.

⁴⁹⁹ No último capítulo (3), ficará clara a ênfase do autor na busca por uma saída ao subdesenvolvimento no plano interno.

da desigualdade”.⁵⁰⁰ Como visto, o conceito de “suficiência dinâmica” foi fundamental para mensurar a dinâmica das economias latino-americanas. Em 1970, esse conceito foi frequentemente utilizado por Prebisch de forma operacional, por meio de projeções que tinham o intuito de mensurar o esforço que uma determinada economia necessitaria realizar a fim de alcançar o nível de absorção necessário para o controle do processo de urbanização em marcha. Prebisch inferiu que o continente necessitava de uma taxa de crescimento de 8% ao ano, superior à taxa estabelecida pela ONU para a segunda década do desenvolvimento (6%). Para que isso ocorresse, Prebisch advertiu que a taxa de inversão precisaria saltar de 18% para 27% ao ano, além de haver a necessidade de adentrar o comércio regional.⁵⁰¹

No que se refere aos obstáculos para a absorção de mão de obra, Prebisch⁵⁰² reafirma que se tratava de um problema estrutural, o qual advinha da formação de uma estrutura concentrada e voltada para fora. Todavia, o autor listou algumas forças que, nos tempos recentes, vinham se opondo à exigência de absorção da força de trabalho. Algumas menções de Prebisch foram: (i) o crescimento extraordinário da população, acompanhado do êxodo rural, teria requerido uma acumulação muito grande de capital; (ii) os padrões de consumo supérfluos dos estratos superiores, que conspiram contra a acumulação de capital, teriam sido difundidos a toda a sociedade, através dos meios de comunicação de massa; e, por fim, (iii) ainda havia as contradições da técnica moderna, que expulsava a mão de obra, ao passo que exigia amplos volumes de capital. Ainda sobre o tema, Prebisch qualificou a discussão, diferenciando uma absorção produtiva de uma absorção espúria da força de trabalho.⁵⁰³ Nesse sentido, o problema do desemprego estrutural deveria absorver a população em atividades que envolvessem a acumulação de capital, a qual, no que lhe dizia respeito, pudesse direcionar o excedente para um novo investimento produtivo. Em alternativa, nos países latino-americanos, a absorção teria sido feita por meio de vagas de emprego artificiais criadas pelo Estado, ou por meio do

⁵⁰⁰ PEDRÃO, Evocação de Raúl Prebisch: latino-americano e homem do mundo, p. 10.

⁵⁰¹ Conforme Dosman, essas cifras foram obtidas por meio de um modelo econométrico desenvolvido pela equipe de pesquisa chefiada pelo cepalino Manuel Balboa. O próprio Prebisch confessou que não entendia de computador, “até trabalhar com Balboa”. Em um discurso pronunciado em 1970, Prebisch afirmou que já vinham sendo praticados exercícios econométricos no ILPES e na CEPAL a partir de um computador emprestado. Na ocasião, ele disse: “[...] considero que es muy conveniente tener esa maquinita para nuestros ejercicios”. DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 616; PREBISCH, Raúl, Discurso pronunciado por el Dr. Raúl Prebisch, Director General del ILPES, en el Comité Plenario de la CEPAL, 1970, p. 6.

⁵⁰² PREBISCH, **Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina**, p. 3–10.

⁵⁰³ De acordo com Pedrão, Prebisch estaria recuperando o conceito ricardiano de trabalho redundante, no qual o desemprego era determinado pelo sistema social de produção, e não por outra via. PEDRÃO, Evocação de Raúl Prebisch: latino-americano e homem do mundo, p. 11.

incremento da ociosidade do setor de serviços, o que, por resultado, não geraria um novo impulso destinado à acumulação.

A posição de Prebisch em relação aos problemas elencados o levou à formulação de um receituário reformista, com base no eixo crescimento-distribuição. Para o autor, era necessário obter um ritmo mais intenso de acumulação de capital. Para isso, faziam-se necessárias medidas redistributivas, ou seja, que retirassem os obstáculos estruturais ao crescimento e que propagassem o progresso técnico para massas crescentes. Tratando primeiramente das reformas, Prebisch defendeu exaustivamente a introdução de reformas estruturais que fossem capazes de liberar as forças do desenvolvimento. De acordo com o autor, fatores como a expansão de mercados, a definição da tecnologia e a ampliação da capacidade de poupança eram ingredientes essenciais para se efetuar a modernização da estrutura econômica. Prebisch ressaltava ainda que reformas estruturais dentro do sistema político e social sob o comando deliberado do Estado seriam precondições para se evitar o colapso de um projeto de desenvolvimento nacional. Dadas essas questões, o receituário de Prebisch inseria, na agenda dos países, medidas como a transformação dos seus regimes de posse de terra e as modificações na estrutura industrial; além disso, o autor salientou a importância da educação. Prebisch falou abertamente sobre a eliminação de privilégios (proteção excessiva) e sobre as medidas distributivas de renda.

No que tange à estrutura agrária, Prebisch alegou que o problema da desigualdade de renda era um reflexo do passado colonial da América Latina. Os péssimos padrões de distribuição de renda vigentes na região criaram uma classe com um padrão de renda elevado, que dispõe de um nível alto de consumo, direcionado a formas improdutivas de capital. Como uma parte considerável do consumo dessa classe surgia de privilégios da sua posição dominante, o progresso técnico se tornava refém dessa estrutura de renda, que inibia qualquer incentivo ao desenvolvimento. Em vista desses problemas, Prebisch⁵⁰⁴ sinalizou a urgência da realização de ações para a compreensão do consumo desses estratos superiores, ao lado da utilização de medidas progressivas de redistribuição de renda. Como efeito, haveria, por lado, um esforço maior de poupança destinado ao investimento produtivo; por outro lado, o aumento da renda que alcançasse as camadas inferiores possibilitaria a absorção de uma maior quantidade de mão de obra por unidade de capital investido – devido ao fato de a reorientação da demanda beneficiar indústrias com menor coeficiente de capital. De modo geral, Prebisch tratava de uma política de distribuição dinâmica da renda; isto é:

⁵⁰⁴ PREBISCH, *Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina*, p. 205–211.

[C]onsistía esta política en elevar la productividad y el ingreso de ese grupo rezagado mediante una más intensa acumulación de capital (tanto en bienes físicos como en formación humana), sin perjuicio de algunas sensatas medidas de redistribución inmediata. La mayor acumulación era, y sigue siendo, indispensable, para emplear productivamente la fuerza de trabajo que el funcionamiento del sistema tiende al excluir del desarrollo.⁵⁰⁵

Entre as reformas estruturais propostas por Prebisch, o carro-chefe foi a reforma agrária, posto que a estrutura da terra atuava como um fator debilitante para a mobilidade social e para o progresso técnico. Como sabido, as causas desse problema estavam vinculadas à forma arcaica da estrutura agrária presente nos países de origem colonial, descrita por Prebisch, estrutura essa caracterizada pela monopolização da terra em poucas mãos e pela proliferação de minifúndios. Esses fatores conviviam, simultaneamente, com uma oferta abundante de mão de obra, o que facilitava a apropriação dos frutos do progresso técnico pelos grandes proprietários de terra e, além disso, estimulava o êxodo rural. Na compreensão de Prebisch:⁵⁰⁶

[...] [D]e todos modos, no hay razones para suponer que el curso de hechos cambie de manera significativa mientras no se transforme la estructura agraria a fin de dar tierra al campesino que no la tiene y aumentar la superficie del que la tiene, en la medida que lo haga posible la presión demográfica. En esta forma aquél podrá participar de modo más equitativo en las ventajas del progreso técnico siempre que las actividades no agrícolas aprovechen productivamente la mano de obra redundante en la agricultura, además de la mejora indispensable en los métodos de mercadeo. Sin ello, continuaría acentuándose la disparidad social.

Nesse panorama, Prebisch insistiu que a solução estaria além de programas meramente redistributivos; ela deveria priorizar a condução de uma reforma agrária que alterasse o regime de posse de terra vigente na região. Para Prebisch, a realização dessa reforma elevaria o nível de vida precário da população rural latino-americana e possibilitaria uma melhor utilização da terra disponível. Como resultado, a reforma agrária atenuaria os efeitos da pressão demográfica sobre o processo de industrialização substitutiva, segurando a população rural no campo.

O crescimento populacional foi outro tema crucial no receituário de Prebisch,⁵⁰⁷ visto que o extraordinário crescimento da população exigia um esforço cada vez maior de acumulação para incorporar a força de trabalho existente. Segundo Prebisch,⁵⁰⁸ os avanços

⁵⁰⁵ O trecho refere-se ao pronunciamento de Prebisch para os 30 anos da CEPAL. PREBISCH, Raúl, Los 30 años de la CEPAL: exposición del señor Raúl Prebisch, *Revista de la Cepal*, n. 6, p. 286–288, 1978, p. 288.

⁵⁰⁶ PREBISCH, *Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina*, p. 205.

⁵⁰⁷ Anteriormente, Prebisch costumava se esquivar do tema do crescimento populacional, justificando que “sin embargo, no abordaremos aquí este delicado aspecto, pues entran en juego factores que rozan sentimientos profundos de la población latinoamericana y no es al economista, como tal, a quien corresponde sugerir las soluciones adecuadas”. PREBISCH, *Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*, p. 43.

⁵⁰⁸ PREBISCH, *Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina*, p. 215–219.

científicos e tecnológicos que a região vinha acompanhando fizeram com que a taxa de mortalidade reduzisse significativamente; em oposição a essa questão, não houve modificações psicológicas no que tange à atitude das famílias a respeito dessa taxa. Diante disso, o receituário de Prebisch inseriu as políticas demográficas como um dos elementos de uma estratégia de desenvolvimento econômico e social, em favor de uma política deliberada de planejamento familiar, na qual a educação era uma base essencial.⁵⁰⁹ Com relação ao tema, o autor ressaltou que a taxa de natalidade da região desceria espontaneamente, à medida que os países atingissem um grau maior de desenvolvimento, quando alcançassem uma melhora de alguns hábitos familiares. Porém, Prebisch também afirmava que, quanto antes esses hábitos fossem difundidos e as medidas de controle de natalidade fossem praticadas, mais depressa seria possível reverter os efeitos negativos do crescimento populacional para a suficiência dinâmica.

De acordo com Gurrieri,⁵¹⁰ o papel concedido ao Estado no processo de desenvolvimento conduziu Prebisch a observar o plano político. O autor preocupava-se com a interferência de grupos nas decisões políticas, e também com a visão negativa que vinha se consolidando sobre a atuação do Estado, podendo-se falar de uma crise de planejamento na América Latina, que, aos termos de Prebisch, seria “algo más que la crisis de un método o de una técnica, pues los obstáculos que se oponen a la planificación son los mismos que dificultan el avance de la concepción estratégica de desarrollo”.⁵¹¹ Desse modo, o problema não se encontrava apenas nos responsáveis pelo planejamento, que não se preocupavam em formular em tempo hábil uma estratégia concreta e livre de interesses pessoais que servisse de orientação para uma política de desenvolvimento. Para Prebisch, a questão estava além disso. O autor considerava que o próprio ato de planejar, ou de interferir, estava sofrendo uma resistência na América Latina, especialmente, por parte dos estratos dominantes. Com efeito, a ação do Estado era somente admitida para a preservação da ordem existente. Quando se tratava de modificá-la, encontravam-se inúmeras barreiras.

Do ponto de vista dos problemas externos, Prebisch, após a decepção em Genebra, mostrou-se menos esperançoso com respeito às brechas comerciais habilitadas por países centrais, mas ainda ressaltava a necessidade de se realizarem cooperações. Com relação ao tema, o autor elegeu a cooperação internacional como uma ferramenta para atenuar a restrição

⁵⁰⁹ Conforme Couto e Couto, as considerações do autor sobre o tema populacional eram derivadas de um estudo realizado por ele no Centro Latino-Americano de Demografia (CELADE), no qual mostrou que, quanto menor o nível da renda, menor era a educação e maior era a natalidade. COUTO; COUTO, Um Libertador das Ideias: o pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch, p. 66.

⁵¹⁰ GURRIERI, La Dimensión Sociológica en la Obra de Prebisch, p. 163.

⁵¹¹ PREBISCH, *Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina*, p. 228.

externa e para melhor articular as indústrias latino-americanas aos mercados regionais e ao mundial.⁵¹² Entretanto, ele salienta a importância de essa cooperação ser compatível com a autonomia de decisões da nação. Nos termos de Prebisch:

[D]esde luego, un país tiene que tomar sus decisiones consultando lo que su propio interés le aconseja, y teniendo en cuenta sus relaciones con los otros países [...]. Sin esa autonomía de decisiones no sería posible llegar a soluciones políticamente sólidas y estables, por palpables que sean en sus efectos directos las medidas de cooperación internacional.⁵¹³

De modo geral, na visão do autor, uma política de cooperação internacional consistia, fundamentalmente, na combinação de esforços internos e externos, fragmentados em torno de reformas e de acordos no âmbito financeiro e no comercial.⁵¹⁴ A princípio, a cooperação financeira, para Prebisch, estaria vinculada à resolução das dificuldades de origem interna nas economias da América Latina. A título de exemplo, com a cooperação, os países signatários poderiam evitar um esforço individual de acumulação profundo e prolongado. Segundo Prebisch, as medidas empreendidas deveriam ter como base a complementação da poupança interna na América Latina; sendo assim, cada país poderia reduzir a dependência do capital estrangeiro para o financiamento de grandes projetos industriais. Além disso, a proposta de cooperação financeira também deveria contar com medidas de reciprocidade, as quais impedissem a concentração do poder nas mãos dos países credores. Dadas essas questões, o repasse de recursos deveria, impreterivelmente, ser realizado por instituições multilaterais, guiadas com base nos princípios do multilateralismo financeiro.

Para tratar dos persistentes problemas de estrangulamento externo, a cooperação comercial entraria em cena. De acordo com Prebisch, o livre jogo dos mercados nunca se mostrou oportuno para a experiência de desenvolvimento latino-americana. Nesse sentido, propor qualquer tipo de abertura comercial na periferia com relação aos países centrais não faria mais do que ampliar a frequência e a gravidade dos desequilíbrios externos, reforçando, assim, o papel da periferia de exportador de alimentos e de matérias-primas. Diante dessa situação, Prebisch ressaltou que não seria justo exigir que países com níveis de desenvolvimento tão distintos se submetessem às mesmas regras comerciais; desse modo, o autor voltou a destacar

⁵¹² O tema da cooperação internacional esteve no centro das discussões empreendidas por Prebisch no seu período como diretor-geral da UNCTAD, tratado no capítulo anterior.

⁵¹³ PREBISCH, *Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina*, p. 157.

⁵¹⁴ As considerações do autor sobre o tema encontram-se na terceira parte do livro *Transformación y Desarrollo*, denominada “Cooperación Internacional y Dependencia”. PREBISCH, *Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina*.

a importância da integração regional, para que houvesse um incentivo à continuidade das importantes transformações da estrutura produtiva na América Latina.

Como enfatizado aqui, ao longo de sua produção teórica, Prebisch, em especial na obra *Transformación y Desarrollo*, apontou as injustiças reinantes no capitalismo internacional e no modo específico de funcionamento das economias latino-americanas; como solução, o autor inclinou-se à intervenção estatal para a solução das falhas encontradas. Segundo Salem,⁵¹⁵ Prebisch, nesse período, era um partidário do sistema capitalista e acreditava na “idea de que el sistema funcionará bien en el largo plazo si se le aplican medidas correctivas, y así proveerá un máximo bienestar para todos”. Dito de outro modo, procuramos ressaltar que Prebisch atuou na década de 1960 como um legítimo reformista, atribuindo ao Estado a tarefa de executar profundas reformas estruturais aos países da América Latina. Em busca de uma síntese, com respeito ao entorpecimento do processo de desenvolvimento na América Latina, o autor comentou:

Una gran tarea la que se tiene por adelante. Es de gran importancia la estructura del poder; y también la tienen en grado sumo las ideas que guían a quienes ahí participan, la convicción de que es posible, con gran esfuerzo, superar esta crisis y dar fuerte impulso al desarrollo, sin seguir sacrificando la equidad distributiva ni comprometiendo seriamente el sentido mismo de cohesión nacional. De no contar con él, no podría el desarrollo asentarse sobre bases firmes perdurables.⁵¹⁶

Antes de encerrar o tema, é preciso ressaltar que a obra *Transformación y Desarrollo* também carrega elementos de crítica ao capitalismo periférico, crítica essa que, na última etapa do pensamento de Prebisch, seria mais bem formalizada. Nesse sentido, Sprout propõe ler essa obra como um “documento de transición, en que se vinculaban sus antiguas ideas con otras que iban apareciendo, muchas de las cuales seguiría afinando el resto de sus días”.⁵¹⁷ Podemos destacar nessa obra alguns temas inusitados tratados pelo autor. Ele escreveu sobre Karl Marx e o socialismo, considerando o socialismo real um método de desenvolvimento, não uma transição para outra forma de organização social; além disso, o autor levantou a necessidade de se incorporar a concorrência ao mundo socialista, para se garantir o seu sucesso.

Couto e Couto⁵¹⁸ são outros dos autores que sublinham que a formulação da “Teoria da Transformação” de Prebisch (a partir de 1976) teria suas raízes mais profundas nessa obra, uma vez que o autor comentou, em alguns trechos, sobre a socialização de grandes empresas e uma

⁵¹⁵ SALEM, El pensamiento de Raúl Prebisch: una visión alternativa, p. 631.

⁵¹⁶ PREBISCH, *Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina*, p. 233.

⁵¹⁷ SPROUT, Ronald V.A., El pensamiento de Prebisch, *Revista de la Cepal*, n. 46, p. 188–203, 1992, p. 189.

⁵¹⁸ COUTO; COUTO, Um Libertador das Ideias: o pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch, p. 66.

vez que criticou veementemente o sistema capitalista. Nos termos de Prebisch, “estas consideraciones no sólo atañen a la gestión económica. Cualquier sistema que no corrija la insuficiencia dinámica de la economía y no promueva una más equitativa distribución del ingreso habrá perdido irremisiblemente su justificación de prolongarse”.⁵¹⁹

Por esse mesmo ângulo, Prebisch, nessa obra, expressou de forma mais clara a impossibilidade de se discutirem os problemas da América Latina sem se transcender a esfera econômica. Felipe Herrera, no prólogo da obra, nota esse processo, ao afirmar que o “informe hace explícito un elemento básico que con frecuencia queda al margen de los esquemas meramente técnicos de más sencillo manejo: esto es en esencia un proceso de cambio y transformación sociocultural”.⁵²⁰ Podemos notar esses traços quando Prebisch critica a estrutura de poder presente na América Latina e a tendência ao “immediatismo redistributivo” no enfrentamento do problema. Além disso, Prebisch comentou sobre o ônus da técnica no meio ambiente e sobre a tendência a se incentivar o consumo prematuro e insustentável. Couto e Couto⁵²¹ chegaram a afirmar que, nessa obra, estava o início de uma preocupação com a iniciativa privada estrangeira, devido à sua superioridade técnica e econômica. Por fim, enfatizamos um último excerto, no qual Prebisch caracterizou a crise do período como a “crise do desenvolvimentismo”. Conforme Prebisch:

[L]a insuficiencia dinámica no es un fenómeno episódico, sino la expresión de la crisis profunda de la fase de desarrollo que comienza en la gran depresión mundial de los años treinta. Esta fase ha cumplido hace tiempo su papel y está provocando otra crisis – una crisis notoria –, sobre todo en hombres de nuevas generaciones que se asoman por primera vez a la economía y a las ciencias sociales. Es la crisis del ‘desarrollismo’.⁵²²

Esses aspectos repercutiram na apresentação do relatório do BID, em Punta del Este. De acordo com Dosman, a fala de Prebisch causou desconforto, ao sugerir que a América Latina “estaria fadada a extremismos políticos se não acelerasse o crescimento econômico”.⁵²³ O autor enfatizou a gravidade da crise através do panorama social e condenou os governos da região, em especial, o populismo immediatista. Em razão disso, “disseram que o tom do relatório era sombrio, mas Prebisch negou que fosse ‘fatalista’, argumentando que era ‘apenas realista’”.⁵²⁴

⁵¹⁹ PREBISCH, *Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina*, p. 20.

⁵²⁰ HERRERA, Felipe, Prólogo, in: PREBISCH, Raúl, *Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina*, 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1970, p. 7.

⁵²¹ COUTO; COUTO, Um Libertador das Ideias: o pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch, p. 65.

⁵²² Grifo nosso. PREBISCH, *Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina*, p. 22.

⁵²³ DOSMAN, *Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo*, p. 515.

⁵²⁴ *Ibid.*, p. 514.

Após essa exposição, damos continuidade, na próxima seção, ao mapeamento da constelação intelectual em torno de Raúl Prebisch a partir da década de 1970.

2.3 A América Latina e as transformações das décadas de 1960 e 1970

Dando continuidade à exploração sobre a história da América Latina iniciada no capítulo anterior (1.1 e 1.4), vimos que os crescentes obstáculos enfrentados pelos países da região – a saber, a dificuldade de dar seguimento aos projetos de industrialização em sua “fase difícil”, ao lado da emergência de graves problemas sociais – marcaram os primeiros anos da década de 1960. Como visto no primeiro capítulo, esse quadro conduziu a reivindicações sociais por reformas estruturais ou de base. Além disso, também ocorreu a emergência de teóricos do desenvolvimento preocupados com a esfera social.

De modo geral, enquanto a primeira metade da década de 1960 foi marcada essencialmente pela desaceleração, os anos que a sucederam assinalaram um novo ciclo expansivo. Conforme Ffrench-Davis, Muñoz e Palma,⁵²⁵ a região passou por um acelerado crescimento, cujo auge foi no ano de 1973. Nesse período, as taxas anuais de crescimento chegaram a 5,9%; além disso, no mesmo período, a produção manufatureira cresceu 7,3%. Bielschowsky acrescenta que o setor externo também colaborou, apresentando uma expansão anual das exportações de 7,1%.⁵²⁶ Esse cenário, em especial, mostrou-se favorável para a retomada dos processos de industrialização em vários países da América Latina, pois havia sido possível acumular divisas e usufruir da liquidez internacional prevalecente.

No entanto, se a retomada do crescimento, por um lado, afastou qualquer tipo de tese estagnacionista por parte dos economistas, por outro lado, os problemas enfrentados no início da década permaneceram sem solução. Quer dizer, o crescimento era acompanhado por graves injustiças sociais (marginalização e concentração da renda). Ao que tudo indica, tratava-se de um crescimento “maligno”,⁵²⁷ visto que as pressões por reformas foram contidas por repressões sociais, enquanto alastraram-se regimes ditatoriais pelos países do Cone-Sul, a começar pelo Brasil, no ano de 1964, seguido pela experiência argentina e pela chilena, respectivamente, no ano de 1966 e no de 1973.⁵²⁸ Nesta seção, pretende-se tratar das transformações sucedidas na

⁵²⁵ FFRENCH-DAVIS; MUÑOZ; PALMA, *Las Economías Latinoamericanas, 1950-1990*, p. 109.

⁵²⁶ BIELSCHOWSKY, *A Trajetória Histórica do Pensamento da Cepal: 1948-1998*, p. 73.

⁵²⁷ Tal expressão foi cunhada pelo economista Ignacy Sachs, em discurso proferido na CEPAL em 1968. *Ibid.*, p. 76.

⁵²⁸ MARTÍN, Juan Jesús Morales, *La Sociología del Desarrollo en América Latina: una tensión permanente entre democracia y crecimiento económico*, **Espacio Abierto: Cuaderno Venezolano de Sociología**, v. 25, n. 3, p. 171–181, 2016, p. 175.

América Latina de meados da década de 1960 até a década seguinte, destacando as mutações do sistema capitalista no período e as experiências dos países da região com os seus projetos de desenvolvimento.

2.3.1 Transformações no sistema capitalista na década de 1970

Como tratado na primeira seção deste capítulo, desde o pós-guerra, vigorou por quase todo o globo um movimento de expansão econômica sem precedentes. É difícil pensar-se em uma experiência única; todavia, em busca de uma síntese, é possível falar em traços internos e externos que caracterizavam o período. No âmbito interno, uma série de mecanismos macroeconômicos de inspiração keynesiana era utilizada para a regulação do desempenho econômico interno, fundamentalmente, o produto e o emprego. A novidade foi o aparecimento de “economias mistas”, com mais funções delegadas ao Estado na esfera econômica. No campo externo, havia uma nova ordem regulatória, sob a égide dos Estados Unidos, cujo marco principal foi a criação de um regime financeiro-comercial, Bretton Woods, que assegurou o comércio entre os países no pós-guerra.⁵²⁹

Esse modelo já apresentava um desgaste no fim dos anos sessenta e se interrompeu logo no início da década seguinte. Dosman e Pollock⁵³⁰ mostram que as crises que assolaram os países industriais no fim dos anos sessenta escancararam a fragilidade do sistema. Grandes espaços comerciais como Londres sofreram com a instabilidade do mercado financeiro, devido à forte queda do valor do ouro. No que tange aos mecanismos da economia internacional, o fim da conversibilidade do dólar em ouro, junto com a desvalorização dessa mesma moeda, havia sido o prelúdio do fim do Bretton Woods. Entretanto, foi no ano de 1971, com o abandono, por parte dos Estados Unidos, do modelo de paridades fixas de câmbio, que o sistema desmantelou por completo. A partir de então, o câmbio flutuante tornou-se usual, e a ausência de mecanismos de coordenação internacional configurou a economia internacional na década de 1970.

No domínio interno, conflitos entre lucros e salários e o recrudescimento do fenômeno inflacionário em inúmeros locais (da periferia e do centro) retiraram, paulatinamente, o protagonismo das políticas de orientação keynesiana, ao mesmo tempo em que ocorria uma acolhida empática à agenda neoliberal, isto é, à privatização, à liberalização e à desregulação.⁵³¹

⁵²⁹ HOBBSBAWM, **Era dos Extremos: o breve século XX**, p. 264; FFRENCH-DAVIS; MUÑOZ; PALMA, *Las Economías Latinoamericanas, 1950-1990*, p. 86.

⁵³⁰ DOSMAN; POLLOCK, *Hasta la UNCTAD y de Regreso: divulgando el evangelio, 1964-1968*, p. 216-17.

⁵³¹ FFRENCH-DAVIS; MUÑOZ; PALMA, *Las Economías Latinoamericanas, 1950-1990*, p. 87; HARVEY, David, **Neoliberalismo: história e implicações**, 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011, p. 11-13.

Algumas adversidades também marcaram os anos setenta. Os países viram a o preço da principal matéria-prima industrial, o petróleo, quadruplicar em 1973 e em 1974; com isso, alterou-se toda a estrutura de custo dos países. Com relação a esse evento, Hobsbawm sublinha que o preço do barril, desde o pós-guerra, custava em média menos de dois dólares, o que tornava a energia extremamente barata. Depois de 1973, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), a qual constituía o cartel de produtores de petróleo, “decidiu finalmente cobrar o que o mercado podia pagar”.⁵³²

De fato, a década de 1970 foi um período de transição para um novo modelo, o qual alterava substancialmente as relações de dependência centro-periferia. Segundo Pedrão,⁵³³ a década de 1970 tornou perceptível o reordenamento de forças nas relações entre os países considerados mais ricos, pois o funcionamento da concentração de capital financeiro na economia mundial foi pautado sobre novos níveis e sobre novas condições de endividamento dos países do terceiro mundo. Para o autor, os enormes fluxos de capitais também deixavam os governos em posição vulnerável, o que os levou a perder o controle das taxas de câmbio e, em alguns casos, do volume de dinheiro em circulação. Harvey⁵³⁴ postula que a desigualdade de riqueza saltou aos olhos a partir da implementação de políticas de matriz neoliberal. No centro capitalista, a fatia da renda nacional do 1% mais rico crescia de forma vertiginosa, ao mesmo tempo em que a remuneração do trabalhador passou a representar uma fração exígua do lucro das grandes empresas.

Outrossim, a empresa capitalista também passou por metamorfoses. Eram notórios os níveis de concentração de capital no mundo capitalista nesse período, visto que as grandes empresas multinacionais se disseminavam por todo o globo, a ponto de constituir uma economia cada vez mais transnacional, definida por Hobsbawm como:

[...] [U]m sistema de atividades econômicas para os quais os territórios e fronteiras de Estado não constituem o esquema operatório básico, mas apenas fatores complicados. No caso extremo, passa a existir uma “economia mundial” que na verdade não tem base ou fronteiras determináveis, e que estabelece, ou antes impõe, limites ao que mesmo as economias de Estado muito grandes e poderosas podem fazer.⁵³⁵

Poderíamos ainda acrescentar outros aspectos associados a essa economia transnacional. Primeiro, a formação de uma nova divisão internacional do trabalho a partir da

⁵³² HOBBSAWM, *Era dos Extremos: o breve século XX*, p. 258.

⁵³³ PEDRÃO, O Significado da Revisão do Pensamento da Cepal, p. 14.

⁵³⁴ HARVEY, *Neoliberalismo: história e implicações*, p. 24–27.

⁵³⁵ HOBBSAWM, *Era dos Extremos: o breve século XX*, p. 272.

livre movimentação das ETNs. Stephen Hymer⁵³⁶ foi um dos economistas pioneiros na abordagem dessa situação, tratando das implicações desse fenômeno. Ainda no prelúdio da década de 1970, o autor já afirmava que essas empresas estavam em busca das regiões periféricas para a instalação de suas fábricas, desejando encontrar legislações ambientais frouxas e mão de obra com custo irrisório, enquanto os grandes centros de decisões das empresas eram assegurados nas grandes metrópoles capitalistas. Um segundo fator levantado por Hobsbawm refere-se à eclosão das *offshores*; tal termo apareceu a certa altura da década de 1960 para descrever a prática de registrar a sede legal de uma empresa em territórios quase livres de tributos fiscais e com outras isenções, como os “Miniestados” de Hong Kong e Cingapura. Nos termos do autor, “o mundo mais conveniente para os gigantes multinacionais é aquele povoado por Estados anões, ou sem Estado algum”.⁵³⁷

Ainda com relação à empresa capitalista, é sabido que essas multinacionais se instalaram na América Latina quando alguns países saltaram para a fase “difícil” da industrialização substitutiva. Diante disso, indústrias como as de bens de consumo duráveis trouxeram, em sua composição, efeitos como a exigência de mercados cada vez mais amplos, de investimentos volumosos e de um crescente coeficiente de capital (já tratados na primeira seção). Ao lado disso, o centro capitalista, desde a década de 1960, já realizava investimentos maciços em P&D. Todavia, foi somente na década seguinte que o impacto dessa tecnologia se fez presente na atividade econômica, quando se deu a grande inovação na microeletrônica e na engenharia genética, o que significava que o centro dava um novo salto tecnológico no período.⁵³⁸

2.3.2 O modelo latino-americano de crescimento com endividamento

Até aqui, pretendemos mostrar que o capitalismo, na década de 1970, retirou parte de suas rédeas e transformou-se em um espaço de circulação do capital em busca de lucros rápidos, enquanto se difundia um aparelho produtivo que repelia a mão de obra e que exigia mais consumidores e ainda mais capital. Nesse contexto, a experiência dos países latino-americanos diante das transformações dificulta falar na América Latina como uma unidade homogênea. Depois do ano de 1973, as diferentes estratégias de planejamento notavam-se com maior clareza. Em termos didáticos, poderíamos pensar em três grupos de países.

⁵³⁶ Apesar de a publicação *Empresas Multinacionales* de Hymer ter sido publicada nos anos setenta, tal obra reunia escritos do autor do decênio anterior. HYMER, Stephen, **Empresas Multinacionales: la internacionalización del capital**, Buenos Aires, Argentina: Ediciones Periferia, 1972.

⁵³⁷ HOBBSAWM, **Era dos Extremos: o breve século XX**, p. 276.

⁵³⁸ HOBBSAWM, **Era dos Extremos: o breve século XX**, p. 276.

Em primeiro lugar, o caso mais geral entre os países da região foi a continuidade dos projetos de industrialização substitutiva. De acordo com Cano,⁵³⁹ o fácil acesso ao capital externo – fosse pela vinda de investimentos diretos, fosse pela via do endividamento, amplamente utilizada – foi crucial para bancar as instalações de indústrias pesadas e a infraestrutura, entre outros grandes projetos nacionais. A industrialização avançou de forma desigual e mais latente, com os países acumulando uma considerável dívida no período. A rigor, o Brasil foi o país que mais avançou seguindo esse modelo.

Em segundo lugar, outros países do Cone-Sul, por seu turno, abandonaram radicalmente os seus projetos de industrialização, abrindo o comércio e as finanças à livre circulação. Esse segundo grupo de países era composto por Chile, Argentina e, com menor ênfase, Uruguai. Nos anos setenta, tais países foram laboratórios de uma série de medidas e de ajustes ortodoxos, que resultaram na retirada da primazia do Estado no que se refere às decisões econômicas, valorizando-se novamente a via exportadora como a atividade principal.⁵⁴⁰ De acordo com Di Filippo,⁵⁴¹ essas políticas, ditas monetaristas, dominaram a cena econômica a partir da ascensão de Ronald Reagan nos Estados Unidos, de Margaret Thatcher na Grã-Bretanha e, mais tarde, de Helmut Kohl na Alemanha, o que deu início ao que se convencionou chamar de “Revolução Conservadora”. Como apontou Hobsbawm,⁵⁴² velhos crentes da equação do livre mercado, como o austríaco Hayek, ignorados desde a década de 1940, voltavam a ter voz entre as ideias econômicas.

O último caminho enveredado por alguns países da América Latina raiou com os incentivos concedidos, na crise do petróleo de 1973, para os exportadores de petróleo da região; isto é, os termos de intercâmbio alteraram-se a favor desses países. Dessa maneira, países como Venezuela, México⁵⁴³ e Peru obtiveram consideráveis benefícios no período; desde então, eles vêm orientando as suas respectivas estratégias de desenvolvimento para a produção de petróleo. Os resultados foram diversos. Enquanto a Venezuela viu as suas exportações subirem de 3.100

⁵³⁹ CANO, Wilson, *América Latina: do desenvolvimentismo ao neoliberalismo*, in: FIORI, José Luís (Org.), **Estado e Moedas no Desenvolvimento das Nações**, Petrópolis: Vozes, 1999, p. 294.

⁵⁴⁰ *Ibid*, p. 294.

⁵⁴¹ DI FILIPPO, Armando, *The Structuralism of Prebisch and the Integration of Latin America*, in: FERNÁNDEZ, VICTOR RAMIRO; BRONDINO, Gabriel (Orgs.), **Development in Latin America: critical Discussions from the Periphery**, London, United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2019, p. 223.

⁵⁴² HOBBSAWM, **Era dos Extremos: o breve século XX**, p. 266.

⁵⁴³ É pertinente ressaltar a especificidade do caso do México, que, mesmo investindo largamente na produção de petróleo, também dava continuidade à industrialização planejada – assim como no caso do Brasil – pela via do endividamento externo. De acordo com Ffrench, Muñoz e Palma, o país concentrou-se na implantação de *maquilas*, plantas industriais que realizavam a produção parcial da manufatura; em outros termos, elas restringiam-se a tarefas como montagens, empacotamentos e outros serviços destinados a mercadorias de procedência estrangeira. FFRENCH-DAVIS; MUÑOZ; PALMA, *Las Economías Latinoamericanas, 1950-1990*, p. 124.

milhões de dólares, em 1972, para 11.300 milhões, logo em 1974, o Peru converteu-se em exportador de petróleo, mas veio a se frustrar, quando se deu conta de que as reservas de petróleo eram menores do que o estimado.⁵⁴⁴

Ao mesmo tempo em que esses países trilharam estratégias distintas, os projetos de integração regional arrefeciam na América Latina. A nova era de governos militares na região dificultou a cooperação entre os países signatários da ALALC; esses países preferiram competir a cooperar. Com relação ao tema, Dosman destaca dois eventos do período: (i) as disputas entre Brasil e Argentina, os quais estavam com as suas fronteiras praticamente fechadas ao comércio; e (ii) o conflito entre Honduras e El Salvador, conflito esse que destruiu o MCCA.⁵⁴⁵ No quadro externo, a chegada do republicano Nixon em 1969 serviu para reestabelecer a política do “*big stick*”⁵⁴⁶ e para acirrar o clima de Guerra Fria. Logo no início dos anos setenta, Nixon incitou a criação de uma aliança entre os regimes militares e os Estados Unidos, para coordenar a repressão aos opositores das ditaduras e para fazer frente à *Organización Latinoamericana de Solidaridad* (OLAS), criada em Cuba no ano de 1967. Conforme Di Filippo, “there emerged, then, a *sui generis* species of ‘cooperation’ between military dictatorships (Plan Condor) with the objective of coordinating repression on a South American scale”.⁵⁴⁷

Nessa situação, seja para dar continuidade aos projetos industriais, seja para atenuar problemas com a balança de pagamentos e com outras restrições, de modo geral, os países da América Latina, ao longo da década de 1970, acumularam crescentes dívidas externas, as quais vincularam as economias latino-americanas aos mercados financeiros internacionais. Esse modelo de crescimento com endividamento não tardou a gerar graves danos aos países, vide o alto comprometimento do débito externo, com juros e amortizações em relação às reservas. Além disso, em vários países, a inflação insuflou tensões sociais. Cano⁵⁴⁸ comenta que o esse cenário se agravou quando a política dos países desenvolvidos passou a influenciar diretamente a estabilidade econômica dos países latino-americanos; a súbita alta dos juros nos Estados Unidos, a partir de 1978, colocou em situação calamitosa muitas empresas e muitos bancos privados que haviam contraído dívidas externas. Palma⁵⁴⁹ ressalta que, entre 1977 e 1981, o

⁵⁴⁴ *Ibid*, p. 103-104.

⁵⁴⁵ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 513.

⁵⁴⁶ “*Big stick*” refere-se a diplomacia agressiva estadunidense, utilizada para manter o controle sobre todo o continente americano. Para mais detalhes sobre o tema, ver: CERVO, Amado Luiz, **Relações Internacionais da América Latina: de 1930 aos nossos dias**, 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

⁵⁴⁷ DI FILIPPO, The Structuralism of Prebisch and the Integration of Latin America, p. 222.

⁵⁴⁸ CANO, América Latina: do desenvolvimentismo ao neoliberalismo, p. 295.

⁵⁴⁹ PALMA, Gabriel, Latin America During the Second Half of Twentieth Century: from the “age of extremes” to “age of end of the history” Uniformity, in: CHANG, Ha-Joon (Ed.), **Rethinking Development Economics**, London, United Kingdom: Anthem Press, 2003, p. 127.

FED triplicou os juros estadunidenses, e o resultado quase imediato foi uma quebra generalizada de empresas e de instituições financeiras na América Latina, salvo em casos em que os governos asseguraram os compromissos externos, por meio da “estatização da dívida”.

Todavia, o advento de uma segunda crise petroleira, em 1978, ao lado da alta ainda mais vertiginosa dos juros após 1979, desdobrou-se na quebra financeira inevitável dos Estados da América Latina, cujos casos mais notórios foram os do Brasil, da Argentina e do México.⁵⁵⁰ Nesse sentido, o “cerne do projeto de desenvolvimento dessas nações”, nos termos de Visentine,⁵⁵¹ foi abalado pela conjuntura que, *a posteriori*, enfraqueceu a noção de planejamento como um todo. Nessa lógica, a década seguinte, na América Latina, poderia ser resumida na existência de Estados com baixa credibilidade, os quais necessitavam negociar as suas dívidas com os países centrais a juros elevados e sob a imposição de ajustes e de reformas neoliberais, promovidos também por esses países.

2.4 Novos ares na década de 1970: a questão da interdisciplinaridade

Como sabido, o debate do subdesenvolvimento da América Latina passou por transformações, desde a emergência de uma teoria do desenvolvimento autônoma no pós-guerra. Inicialmente, na América Latina, à luz das teses iniciais da CEPAL, parecia que alguns países estavam em condições de completar a formação de um setor industrial e, com isso, alcançar o desenvolvimento autossustentado. No entanto, desde fins da década de 1950, essa perspectiva estava desvanecendo, visto que novos elementos foram incrementados para a compreensão do desenvolvimento; houve, sobretudo, a incorporação da estrutura social. Nesta seção, pretendemos, sucintamente, estender essas discussões do fenômeno do desenvolvimento para a década de 1970, quando alguns autores, preocupados com a temática, projetavam uma nova luz aos temas já discutidos. Depois disso, tencionamos expor os últimos rumos da produção teórica da CEPAL para esse período.

2.4.1 Desenvolvimento e interdisciplinaridade nos anos setenta

Como visto anteriormente (seção 1.3), ao longo da década de 1960, os temas da distribuição de renda e da marginalidade rural e urbana aproximaram sociólogos e economistas

⁵⁵⁰ CANO, América Latina: do desenvolvimentismo ao neoliberalismo, p. 295-297.

⁵⁵¹ VISENTINE, Paulo Fagundes, *A Projeção Internacional do Brasil 1930-2012*, São Paulo: GEN Atlas, 2013, p. 74.

quanto ao tratamento da questão do desenvolvimento; assim, a “sociologia do desenvolvimento” entrou em voga no período. O clima presente era de crítica às interpretações exclusivamente econômicas do fenômeno do desenvolvimento, o que motivou debates por todo o globo. O próprio ambiente institucional mostrou que absorvia e que estimulava essas discussões. Conforme Garza,⁵⁵² a ONU, na segunda metade da década de 1960, despendeu significativos esforços institucionais para superar o enfoque anterior, substituindo-o por uma análise capaz de incorporar aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, os quais foram objetos de dezenas de artigos, congressos e seminários no período. De acordo com Bielschowsky, uma expressão desse movimento foi a “Declaração sobre o Progresso e o Desenvolvimento Social”, aprovada no ano de 1969 pela Assembleia Geral da ONU; ela foi elaborada “de maneira a destacar o desenvolvimento social como o grande objetivo da humanidade, e a estabelecer um consenso filosófico universal sobre as normas sociais do desenvolvimento”.⁵⁵³

Wolfe⁵⁵⁴ aponta que esse esforço de desenvolvimento analítico realizado pela ONU levou, no ano de 1971, à criação de um projeto interdisciplinar para a preparação de um “enfoque integrado do desenvolvimento”, como ficou conhecido na época. Os resultados desse ambiente de debate presente na ONU foram apresentados em 1972 no *Informe sobre un Criterio Unificado para el Análisis y la Planificación del Desarrollo*.⁵⁵⁵ Devido à vinculação da CEPAL como órgão oficial da ONU, a linha de estudos do desenvolvimento integral passou rapidamente a integrar a agenda da comissão. Sobre a temática, Bielschowsky⁵⁵⁶ resalta que a CEPAL, desde então, passou a responder formalmente ao mandato conferido em Assembleia Geral da ONU, para avaliar a possibilidade de uma estratégia de desenvolvimento para a América Latina dentro de um critério unificado, isto é, que conciliasse diversas áreas de conhecimento. Como sublinha Garza,⁵⁵⁷ o resultado imediato, no que tange às produções teóricas da CEPAL, foi a tentativa de fundamentar uma abordagem interdisciplinar conhecida como “estilos de desenvolvimento”, a qual tratamos adiante.

⁵⁵² GARZA, Esthela Gutiérrez, *Estilos de Desarrollo versus Acumulación*. Aportaciones Teóricas de dos Escuelas de Pensamiento: la teoría de la Cepal y la Teoría de la Regulación, **Investigación Económica**, v. 51, n. 202, p. 109–129, 1992, p. 111.

⁵⁵³ BIELSCHOWSKY, A Trajetória Histórica do Pensamento da Cepal: 1948-1998, p. 77.

⁵⁵⁴ WOLFE, Marshall, El Desarrollo Esquivo: la búsqueda de un enfoque unificado para el análisis y la planificación del desarrollo, **Revista de la Cepal**, n. 17, p. 7–49, 1982.

⁵⁵⁵ NAÇÕES UNIDAS, **Informe sobre un Criterio Unificado para el Análisis y la Planificación del Desarrollo. Informe Preliminar del Secretario General de las Naciones Unidas**, Nova York, Estados Unidos: Nações Unidas, 1973.

⁵⁵⁶ BIELSCHOWSKY, A Trajetória Histórica do Pensamento da Cepal: 1948-1998, p. 78.

⁵⁵⁷ GARZA, *Estilos de Desarrollo versus Acumulación*. Aportaciones Teóricas de dos Escuelas de Pensamiento: la teoría de la Cepal y la Teoría de la Regulación, p. 112.

De fato, a análise integrada do desenvolvimento havia se tornado alvo de reflexão para autores renomados envolvidos no debate do subdesenvolvimento da América Latina. Segundo Cayuela, “así como originalmente se hablaba de centro-periferia, industrialización sustitutiva e integración, ahora se discurría sobre desarrollo integral, planificación del desarrollo y reformas estructurales”.⁵⁵⁸ Nesse seguimento, a obra de Cardoso e Faletto *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*⁵⁵⁹ fazia uma referência clara ao movimento interdisciplinar do desenvolvimento, criticando abordagens que se limitavam a sinalizar os efeitos econômicos sobre os sociais. Para os autores, não se tratava de agregar outras esferas de conhecimento, ou de substituir uma interpretação econômica por uma análise sociológica; faltava “uma análise integrada que forneça elementos para dar resposta de forma mais ampla e matizada às questões gerais sobre as possibilidades de desenvolvimento ou estagnação dos países latino-americanos”.⁵⁶⁰

Dessa maneira, a teoria da dependência de Cardoso e Faletto foi fundada no quadro de uma visão unificada do desenvolvimento. Por meio desse enfoque, os autores foram capazes de elaborar uma análise das vinculações entre as relações externas e as forças internas de dominação social para cada caso específico de subdesenvolvimento, incorporando as classes sociais e o poder político. Ao inserirem as vinculações externas, os autores puderam jogar luz sobre a evolução da estrutura de poder, sobre a natureza do Estado e sobre o papel das firmas transnacionais no estágio atual dos países dependentes; conseqüentemente, eles consolidaram uma análise interdisciplinar capaz de conciliar relações internas-externas de uma determinada nação.

Mais adiante, Celso Furtado foi outro autor relevante, que revisou as suas concepções sobre o desenvolvimento no sentido da interdisciplinaridade. A obra *Pequena Introdução ao Desenvolvimento: enfoque interdisciplinar*,⁵⁶¹ publicada em 1980, propôs contribuir para a criação de uma linguagem comum aos distintos ramos das ciências sociais e para a elaboração de um quadro social que permitisse compreender a realidade em suas múltiplas dimensões.

Nessa obra, Furtado defendeu que a ideia de desenvolvimento estaria associada a três dimensões básicas: (i) o incremento da eficácia social da produção; (ii) a satisfação das necessidades elementares da população e (iii) a consecução de objetivos almejados por grupos

⁵⁵⁸ CAYUELA, *Cepal 40 Años (1949-1988)*, p. 40.

⁵⁵⁹ CARDOSO; FALETTO, *Dependência e Desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica*.

⁵⁶⁰ *Ibid.*, p. 15.

⁵⁶¹ O texto base para o livro foi anteriormente publicado na revista *Ensaio de Opinião*, no ano de 1979. FURTADO, Celso, *Pequena Introdução ao Desenvolvimento: enfoque interdisciplinar*, 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1981.

dominantes. Com efeito, o estudo do desenvolvimento deveria necessariamente, para Furtado, envolver o estudo de uma teoria da acumulação, da estratificação social e do poder, com o objetivo de constituir um ponto de convergência entre as distintas ciências sociais e, como consequência, apreender o desenvolvimento como um processo global.

De forma geral, pretendemos apontar os rumos das discussões subjacentes à evolução da Teoria do Desenvolvimento na América Latina. Como visto até aqui, o salto para a década de 1970 deslocou o debate teórico para o campo interdisciplinar, envolvendo desde tecnocratas de organismos internacionais, até teóricos que revisaram as suas respectivas interpretações, em busca de uma visão integral para o estudo do fenômeno do desenvolvimento. Esse ambiente seria fundamental para a elaboração, a partir de 1976, da sua tese do capitalismo periférico – alvo do terceiro capítulo.

2.4.2 A CEPAL e o enfoque de estilos de desenvolvimento

Nos anos setenta, a produção teórica da CEPAL aparentava atualizar-se diante das discussões recentes sobre o desenvolvimento, acima apresentadas, e buscava responder ao cenário de transformações políticas e socioeconômicas presentes no período. Em 1976, a recém-criada *Revista de la Cepal*, dirigida por Raúl Prebisch, transformou-se no principal espaço para a divulgação do pensamento estruturalista latino-americano.⁵⁶² Já na primeira edição, a revista abriu as suas primeiras páginas com reflexões sobre democracia e desenvolvimento.⁵⁶³ Em uma nota introdutória da revista, Enrique Iglesias não escondeu preocupações com o cenário de mudanças presentes nos âmbitos regional e internacional, em especial, na esfera social. Além disso, a abordagem de estilos de desenvolvimento foi apresentada logo em seguida, como uma via de interpretação para a compreensão dos problemas da América Latina; nas palavras do autor, “no menos importante son las revisiones de los *estilos de crecimiento* y desarrollo que se perfilan en los países de la región dentro de modalidades propias de cada caso”.⁵⁶⁴

Desse modo, pretendemos aqui estender a construção da constelação intelectual em torno de Prebisch – tarefa iniciada no capítulo anterior (seção 1.3). Como visto acima, a abordagem de estilos de desenvolvimento tornou-se a principal linha interpretativa da CEPAL nesse período.⁵⁶⁵ Em um primeiro momento, os artigos seminais de Aníbal Pinto e Jorge

⁵⁶² No capítulo seguinte, abordamos com mais detalhes o momento de criação da revista (seção 3.1).

⁵⁶³ MARTÍN, La Sociología del Desarrollo en América Latina: una tensión permanente entre democracia y crecimiento económico, p. 176.

⁵⁶⁴ Grifo nosso. IGLESIAS, Enrique V., La Revista de la Cepal, *Revista de la Cepal*, n. 1, p. 5–6, 1976, p. 5.

⁵⁶⁵ Bielschowsky caracteriza as ênfases centrais presentes em cada período no pensamento da CEPAL, sendo que, na década de 1970, a discussão de “estilos de desenvolvimento” integrou o centro do debate das reflexões sobre o

Graciarena, publicados na edição 1 da *Revista de la Cepal*, protagonizaram a discussão, ao despenderem esforços para a construção do enfoque dos estilos de desenvolvimento.⁵⁶⁶

No caso de Pinto, seu artigo, denominado *Notas sobre Estilos de Desarrollo en América Latina*,⁵⁶⁷ inseriu a discussão de estilos no núcleo do pensamento da CEPAL. De forma geral, um estilo de desenvolvimento seria a junção entre o conceito de sistema (capitalismo e socialismo) e estrutura (desenvolvimento e subdesenvolvimento). O emprego dessas duas categorias dentro de situações básicas poderia classificar Estados nacionais e os seus estilos de desenvolvimento. Na compreensão de Pinto, o estilo de desenvolvimento seria: “la manera en que dentro de un determinado sistema se organizan y asignan los recursos humanos y materiales con el objetivo de resolver los interrogantes sobre qué, para quiénes y cómo producir bienes y servicios”.⁵⁶⁸ Assim, é estabelecida uma relação estreita com a distribuição e com a organização dos componentes relacionados à produção. Dessa forma, a abordagem elaborada pelo autor permitiria compreender, dentro da dinâmica, as tendências e o modo de funcionamento de um determinado estilo, assim como identificar quem vem sendo favorecido (ou marginalizado) no livre movimento de um dado estilo de desenvolvimento.

Compondo a mesma edição da revista, o argentino Jorge Graciarena conferiu uma carga interdisciplinar ao enfoque de estilos, incorporando o interesse de classe e o poder político à discussão. Em seu artigo *Poder y Estilos de Desarrollo* (1976), Graciarena levantou, primeiramente, a falta de uma teoria do Estado que retirasse a falsa noção de neutralidade desse ator no processo de desenvolvimento e, em segundo lugar, a necessidade de se inserir a questão do “poder”, a fim de revelar que a escolha de um estilo se parecia mais com uma arena na qual grupos sociais disputam a máquina estatal. Portanto, um estilo de desenvolvimento seria “una especie de integración de las estrategias de desarrollo con los factores de poder que hacen posible su realización en un sistema económico y social históricamente determinado, y orientado hacia ciertos objetivos”.⁵⁶⁹

subdesenvolvimento na comissão. BIELSCHOWSKY, Cinquenta Anos de Pensamento na Cepal - uma resenha, p. 19.

⁵⁶⁶ Rodríguez e Bieschowsky apontam que o conceito de “estilos de desenvolvimento” era anterior às publicações da *Revista de la Cepal*. Esse conceito foi utilizado pela primeira vez em 1969, no documento intitulado *Estilos de Desarrollo*, elaborado pelo *Centro de Estudios del Desarrollo* (CENDES), sob a direção do argentino Oscar Varsavsky. RODRÍGUEZ, *O Estruturalismo Latino-Americano*, p. 313–315; BIELSCHOWSKY, *A Trajetória Histórica do Pensamento da Cepal: 1948-1998*, p. 75–78; CENTRO DE ESTUDIOS DEL DESARROLLO (CENDES), *Estilos de Desarrollo: grupo de modelos matemáticos*, *El Trimestre Económico*, v. 36, n. 144(4), p. 517–576, 1969.

⁵⁶⁷ PINTO, Aníbal, *Notas Sobre Estilos de Desarrollo en América Latina*, *Revista de la Cepal*, n. 1, p. 97–128, 1976.

⁵⁶⁸ *Ibid.*, p. 104.

⁵⁶⁹ GRACIARENA, Jorge, *Poder y Estilos de Desarrollo. Una perspectiva heterodoxa*, *Revista de la Cepal*, n. 1, p. 173–193, 1976, p. 186., p. 186.

Por esse ângulo, Graciarena inseriu o conceito de estilos em um plano histórico; o estilo seria o resultado de uma estratégia mobilizada por coalizões de classes, estratégia essa que se esgota em um dado momento, devido a contradições intrínsecas ao modelo. Quando esgotado, tal estilo poderia ser substituído por outro que melhor refletisse o novo quadro social e os seus conflitos subjacentes. Portanto, transitar de um estilo de desenvolvimento para outro requeria, de antemão, coalizões opostas às atuais, que podem representar uma descontinuidade com o estilo vigente ou apenas uma nova combinação dos elementos anteriores.

Após essas publicações, a temática dos estilos de desenvolvimento ganhou um novo impulso a partir da emergência do debate sobre o meio ambiente. No plano internacional, com o relatório *The Limits to Growth*,⁵⁷⁰ discutido no Clube de Roma, em 1972, os problemas ambientais alcançaram um certo protagonismo, o que conduziu o ECOSOC à organização da Conferência de Estocolmo. Essa conferência colocou face a face países do primeiro ao terceiro mundo, os quais discutiram temas econômicos e sociais.⁵⁷¹

No que se refere à América Latina, a importância crescente dos problemas do desenvolvimento da região, no que concerne ao meio ambiente (recursos naturais, contaminação etc.), constou como o incentivo principal para que a CEPAL e para que o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) patrocinassem um projeto intitulado *Estilos de Desarrollo y Medio Ambiente en la América Latina*, iniciado no ano de 1978. Esse projeto, que reuniu teóricos renomados do desenvolvimento, pôde contar com a coordenação de Osvaldo Sunkel e Nicolo Gligo, e com colaboração de outros teóricos, como Armando Di Felippo e até mesmo Raúl Prebisch, o qual, nesse momento, presidia a *Revista de la Cepal*. Além disso, dentro do programa, esses autores:

[...] [F]ueron estudiar y esclarecer las interrelaciones de los estilos de desarrollo prevaecientes en la América Latina y de utilización de recursos; promover el interés por estilos optativos de desarrollo que propicien mejores condiciones ambientales y una mejor utilización de los recursos, y proponer medidas que tiendan a mejorar las condiciones de vida en general y las condiciones del medio ambiente en particular, incluyendo las que tienen como meta el desarrollo de un estilo optativo.⁵⁷²

⁵⁷⁰ MEADOWS, Donella H. *et al*, **The Limits to Growth**, 5. ed. New York: Universe Books, 1972.

⁵⁷¹ Para uma melhor descrição do cenário, ver Machado e Nascimento. MACHADO, V. de F., **A Produção do Discurso do Desenvolvimento Sustentável: de Estocolmo a Rio 92**, Tese de Doutorado, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2005; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do, Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico, **Estudos Avançados**, v. 26, n. 74, 2012.

⁵⁷² SUNKEL, Osvaldo; GLIGO, Nicolo, Prólogo, in: SUNKEL, Osvaldo; GLIGO, Nicolo (Orgs.), **Estilos de Desarrollo y Medio Ambiente en la América Latina**, México: Fondo de Cultura Económica, 1980, p. 7.

No ano seguinte, os resultados do projeto foram divulgados através de um seminário regional com o mesmo nome do projeto, realizado na cidade de Santiago do Chile entre 19 e 23 de novembro de 1979.⁵⁷³ Entre esse conjunto de trabalhos, os marcos teóricos da dimensão ambiental no enfoque de estilos foram delineados no texto *La Interacción entre los Estilos de Desarrollo y el Medio Ambiente en la América Latina*,⁵⁷⁴ elaborado por Sunkel. É por meio desse texto que pretendemos expor brevemente o tema.

O ponto de partida de Sunkel foi notar que, até o momento, a discussão de estilos de desenvolvimento adoecia, em razão de ao menos duas falhas. A primeira fazia referência ao fato de o enfoque não dar conta das transformações internacionais e das circunstâncias que haviam modificado o modelo centro-periferia. Outro ponto levantado pelo autor foi a falta de atenção dada à dimensão ambiental.⁵⁷⁵ Com base nesses pontos, Villamil⁵⁷⁶ sustenta que a grande novidade do autor foi o conceito de “estilo ascendente”. Para Sunkel, embora o desenvolvimento do capitalismo nos diferentes países tenha levado a condições particulares, com possibilidades únicas de desenvolvimento, os países industrializados, como Estados Unidos, Japão e alguns países da Europa, não apenas apresentaram a capacidade de reproduzir um estilo internamente, mas também se mostraram capazes de projetá-lo internacionalmente.

De acordo com Sunkel, em cada momento histórico, o capitalismo poderia ser caracterizado por um “estilo ascendente” capaz de produzir “una simbiosis y homogeneización del estilo de desarrollo contemporáneo que supera las características nacionales de sus países de origen y que se ha denominado en este estudio el estilo transnacional”.⁵⁷⁷ Esse “estilo transnacional”, por seu turno, seria o estilo que vigorou desde o pós-guerra, sob a égide dos Estados Unidos, quando o sistema capitalista passou a funcionar de modo integrado, homogeneizando produção, consumo e tecnologia. De acordo com o autor, a dotação de recursos dos Estados Unidos foi favorável para esse país. Isso motivou, desde o seu começo, a formação de um estilo que se caracterizou, de um lado, pelo uso extensivo de recursos não renováveis e, de outro, pelo uso intensivo de capital e de energia. A rigor, o uso do petróleo, que era um insumo barato, e a emergência de empresas multinacionais foram, em grande

⁵⁷³ Os estudos apresentados no seminário foram publicados no ano seguinte, compilados em dois volumes, sob a organização de Sunkel e de Gligo, com o mesmo título do projeto e do seminário: *Estilos de Desarrollo y Medio Ambiente en la América Latina*. SUNKEL, Osvaldo; GLIGO, Nicolo (Orgs.), **Estilos de Desarrollo y Medio Ambiente en la América Latina**, 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1980.

⁵⁷⁴ SUNKEL, Osvaldo, La interacción entre los estilos de desarrollo y el medio ambiente en América Latina, in: SUNKEL, Osvaldo; GLIGO, Nicolo (Orgs.), **Estilos de Desarrollo y Medio Ambiente en la América Latina**, México: Fondo de Cultura Económica, 1980, p. 9–64.

⁵⁷⁵ *Ibid.*, p. 10.

⁵⁷⁶ VILLAMIL, José J., Concepto de Estilos de Desarrollo: una aproximación, 1979, p. 6.

⁵⁷⁷ SUNKEL, La interacción entre los estilos de desarrollo y el medio ambiente en América Latina, p. 22.

medida, determinantes desse estilo ascendente que caracterizava a organização e o funcionamento do capitalismo mundial naquele momento.⁵⁷⁸

Diante dessas considerações, Sunkel sublinhou que os problemas ambientais e sociais deveriam ser discutidos com o reconhecimento da existência de um estilo ascendente a nível mundial ou regional e de um outro estilo dominante (ou em decadência) no âmbito nacional. O estilo transnacional, até então, havia definido o petróleo como um insumo crucial para o pleno funcionamento da atividade econômica, e os países da América Latina encontraram-se vulneráveis quanto à autonomia de decisão sobre suas estratégias de desenvolvimento. Com relação à discussão, Sunkel esclareceu que um estilo ascendente não era constituído por traços inevitáveis ou por imposições incontornáveis. Ao contrário, um estilo alternativo poderia ser modificado, como um resultado de contradições e de lutas entre forças sociais, *à lá* Graciarena.

Em síntese, ao longo do segundo capítulo, preocupamo-nos, essencialmente, com a passagem de Prebisch por diversos organismos, regionais e internacionais, na defesa da América Latina e, em certo momento, do Terceiro Mundo. Caminhando para os anos setenta, temos um Prebisch que considerou irrisório o saldo de suas conquistas na UNCTAD, tomando consciência de que, para mudar as regras de comércio internacional, não bastava uma boa diplomacia. Havia uma estrutura de poder internacional que ele era incapaz de modificar. O próprio Prebisch, alguns anos depois, reconheceu a importância dessa conferência, ao dizer que:

[...] [A]unque mis actividades en la UNCTAD interrumpieron mis estudios teóricos pude ampliar el campo de mis conocimientos y obtener una perspectiva mejor del funcionamiento del sistema, tanto en el centro como en la periferia, y de las complejidades de su relación, lo que contribuyó a la quinta etapa de mi pensamiento.⁵⁷⁹

Do ponto de vista da discussão teórica, Prebisch observou os rumos do debate do subdesenvolvimento da América Latina, no qual autores do seu círculo pessoal incorporavam, nas suas análises, outras esferas de conhecimento – fenômeno conhecido como abordagem integral do desenvolvimento. Os indícios mencionados aqui foram percebidos por Prebisch no início da década de 1970. O autor se deu conta de que os meios pensados por ele para se alcançar o desenvolvimento não conduziram aos fins imaginados e, diante desse reconhecimento, viu-se em um novo momento de revisão crítica do seu pensamento.

⁵⁷⁸ Vale ressaltar que, na perspectiva de Sunkel, um estilo transnacional não se refere a uma estratégia elegida por empresas multinacionais, mas sim a uma tendência homogeneizante de economias e de sociedades mundiais, tendência essa não necessariamente prevista nem controlada por empresas. *Ibid.*, p. 28.

⁵⁷⁹ PREBISCH, Cinco Etapas de mi Pensamiento sobre el Desarrollo, p. 1086–1087.

3. CRISE E TRANSFORMAÇÃO NO PENSAMENTO DE RAÚL PREBISCH (1976-1986)

A literatura sobre o pensamento de Raúl Prebisch é extensa em relação a certos períodos de sua vida –como os seus primeiros anos na CEPAL. Em relação a outros momentos, no entanto, a produção é quase exígua. Do mesmo modo que Mallorquín⁵⁸⁰ destaca um “Prebisch inexplorado” no período entre 1943-1948, ressaltamos aqui o mesmo fenômeno para os anos que precedem a primeira publicação de Prebisch para uma crítica ao capitalismo periférico em 1976.⁵⁸¹ O próprio Prebisch, em seu ensaio biográfico,⁵⁸² contribuiu para ocultar esse período, uma vez que sinalizou que a sua quarta etapa compreendeu o momento em que ele esteve à frente da UNCTAD (1964-1969). Mais adiante, ao mencionar a sua última etapa, Prebisch indicou que o seu início ocorreu em 1976, não mencionando nada acerca da primeira metade dos anos setenta. Nos termos do autor:

Esta etapa se inició en realidad cuando, tras muchos años de fructífero servicio internacional, pude liberarme de las responsabilidades ejecutivas y la CEPAL me puso a cargo de su revista, donde resumí mis ideas en una serie de artículos que me sirvieron de base para escribir *Capitalismo periférico. Crisis y transformación*.⁵⁸³

Entendemos que a escassa publicação do autor nesse período (1971-1975) ajuda a explicar essa ausência, uma vez que a última grande produção teórica que antecedeu a quinta etapa do pensamento de Prebisch foi *Transformación y Desarrollo*⁵⁸⁴, de 1970 (discutida na seção 2.2). Além disso, Dosman mostra que esse não foi um período fácil na trajetória do autor. Nessa época, Prebisch manteve-se atarefado nos mais diversos cargos, prestando serviços internacionais enquanto enfrentava problemas financeiros, o que o levou a declarar que havia se tornado um “diarista internacional”. Nas palavras do autor, isso “significa dizer que passei a trabalhar para ganhar dinheiro”.⁵⁸⁵ Em vista disso, ocupamo-nos, brevemente, em encontrar elementos da trajetória (intelectual e institucional) de Prebisch que sinalizem um prelúdio aos seus textos inaugurais da “quinta” e “última” etapa de seu pensamento.

⁵⁸⁰ MALLORQUÍN, Carlos, Raúl Prebisch inexplorado (1943-1949), **Cuadernos sobre Relaciones Internacionales, Regionalismo y Desarrollo**, v. 2, n. 3, p. 11–58, 2007.

⁵⁸¹ PREBISCH, Crítica al Capitalismo Periférico.

⁵⁸² PREBISCH, Cinco Etapas de mi Pensamiento sobre el Desarrollo.

⁵⁸³ *Ibid.*, p. 1087.

⁵⁸⁴ PREBISCH, **Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina**.

⁵⁸⁵ Prebisch em carta para Chistopher Eickenstein, seu velho companheiro da UNCTAD, em março de 1973. DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 525.

Dando início à exploração, o ciclo após a sua renúncia da UNCTAD, em 1969, não foi de descanso. Magariños descreve esses anos como “las fronteras del mundo”, pois Prebisch “infatigablemente recorrió asesorando, aconsejando, iluminando a pueblos y gobiernos”.⁵⁸⁶ Como já dito em algum lugar, Prebisch, inicialmente, despendeu os seus esforços na reforma do ILPES e na elaboração de um relatório para o BID, no ano de 1970. Desde então, os cargos de Prebisch foram diversos. Ele manteve-se vinculado à ONU, na chamada “segunda década do desenvolvimento”, quando se tornou conselheiro de questões econômicas de U Thant (o secretário-geral da ONU).

Ao mesmo tempo, a atenção de Prebisch foi dividida com o ILPES, no qual se manteve até janeiro de 1973.⁵⁸⁷ Nesses anos, o instituto ainda se encontrava em crise permanente e sob constantes ameaças de retorno à estrutura da CEPAL. Segundo Franco,⁵⁸⁸ o fato de o ILPES não ter recebido uma posição similar à da CEPAL – de órgão permanente da ONU – manteve o instituto dependente dos recursos do PNUD e do apoio de governos da região – que eram cada vez mais escassos. Dosman⁵⁸⁹ afirma que a crise de financiamento se tornou patente quando o instituto sofreu uma série de cortes drásticos, que o levaram a ficar com somente 40% dos seus recursos.

Em depoimento, Prebisch respondeu sobre a questão “¿Quién es el responsable de los problemas del Instituto?”⁵⁹⁰ e não poupou críticas aos rumos tomados por sua equipe. Prebisch insistiu no erro da equipe em atribuir a origem de todos os problemas como externa ao instituto. Nos termos do autor, “no cometamos el error craso de creer que estas cosas suceden porque nos atacan desde afuera. Sí, nos han atacado [...], pero *el Instituto como también la CEPAL [...], ha dado motivos para que se les ataque [...]*”.⁵⁹¹

De acordo com Prebisch, o ILPES havia se tornado dogmatizado e politizado, sobretudo, após a polarização instaurada no Chile com a UP de Allende. Além disso, o autor afirmou que a assessoria do instituto “se había convertido en una entidad independiente, *otro instituto dentro*

⁵⁸⁶ MAGARIÑOS, *Diálogos con Raúl Prebisch*, p. 27.

⁵⁸⁷ No dia 24 de janeiro de 1973, Prebisch, em carta fechada, renunciou ao cargo de diretor-geral do ILPES. No Anexo A, encontra-se um registro de Prebisch em atividade pelo ILPES, em 1970 (FIG. 14). FRANCO, *El ILPES de Prebisch*, p. 41.

⁵⁸⁸ *Ibid.*, p. 36–40.

⁵⁸⁹ DOSMAN, *Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo*, p. 521–524.

⁵⁹⁰ Valemo-nos da publicação de Franco para o acesso a alguns trechos do depoimento dado por Prebisch sobre o ILPES, após ter deixado o instituto. Franco afirma que Prebisch “se negó a escribir sus memorias, pero aceptó conversar y que se grabaran unas conversaciones con algunos de sus colaboradores”. Ressaltamos que esse documento ainda não se encontra disponível para acesso. FRANCO, *El ILPES de Prebisch*, p. 41.

⁵⁹¹ Itálico do autor. *Ibid.*, p. 42.

del Instituto”,⁵⁹² que atuava guiada por dogmas, camuflando-os como “ideias do instituto”, e que rejeitava o apoio dos membros mais experientes do organismo. Em 1972, no prólogo de um estudo do ILPES, encontramos Prebisch postulando que o instituto:

[...] Necesita nutrirse de experiencias humanas directamente unidas a la realidad, es decir, a la experiencia vital de hombres que han pasado por el gobierno de sus países y que se han enfrentado a necesidades y problemas concretos y han tenido que satisfacerlos y resolverlos con los instrumentos que estaban a su alcance, pero acudiendo al mismo tiempo a su imaginación y audacia creadoras.⁵⁹³

O argentino ainda estendeu a sua crítica à CEPAL, por meio de uma analogia à dinâmica das ETNs; ele considerou à falta de inovação de ambos os organismos como a razão da crise que os assolava:

[...] Si algo caracteriza a las corporaciones transnacionales es que cuando una innovación prende y la desarrollan, los otros [competidores] promueven otras innovaciones. La vitalidad de esas corporaciones las lleva a contratar los mejores cerebros y mantener un ritmo continuo en generar innovaciones. La institución que se queda en lo que hizo en el pasado [...] se queda atrás y cae [...]. Nosotros comenzamos con innovaciones en materia de desarrollo. Pero ellas cristalizaron, las tomaron otros, las absorbió el mercado, el mercado político, y [...] comenzamos a perder impulso. [...] *No atraemos gente porque se pierde el espíritu innovador y este se pierde porque no se refuerza el cuadro de investigadores*. Es el caso clásico, biológico diría, de una entidad que ha perdido la fuerza. Solo que en el caso de la CEPAL esa arteriosclerosis es prematura.⁵⁹⁴

Em seguida, ele acrescentou:

Entonces, hay que recuperar el sentido de la innovación, con el riesgo consiguiente: alguna va bien; otra va mal. Pero si la CEPAL no sigue innovando continuamente, no va a tener mucho peso en América Latina. Podrá organizar reuniones, pero no va a influir sobre el pensamiento latinoamericano. Eso es lo esencial. Y yo creo que tiene la gente para hacerlo.⁵⁹⁵

De fato, a CEPAL manifestava sinais de esgotamento. Bianchi⁵⁹⁶ sublinha que, na primeira metade da década de 1970, haviam desaparecido a efervescência e a criatividade que estiveram presentes nas suas duas primeiras décadas. O autor aponta para uma queda no nível

⁵⁹² Itálico do autor. *Ibid.*, p. 41.

⁵⁹³ PREBISCH, Raúl, Prólogo, in: SILVA, Sergio Molina (Ed.), **El Proceso de Cambio en Chile: la experiencia 1965-1970**, Chile, Santiago: Editorial Universitaria, 1972, p. XI.

⁵⁹⁴ Itálico do autor. FRANCO, El ILPES de Prebisch, p. 42.

⁵⁹⁵ *Ibid.*, p. 42–43.

⁵⁹⁶ BIANCHI, Andrés, La CEPAL en los años setenta y ochenta, in: COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL) (Org.), **La CEPAL en sus 50 Años: notas de un seminario conmemorativo**, Chile, Santiago: Nações Unidas, 2000, p. 43–45.

técnico dos integrantes da comissão, traduzida na precária atenção dada aos problemas conjunturais e de curto prazo dos países latino-americanos. Ademais, prevalecia no autor uma preocupação sobre a escassa representatividade geográfica no corpo técnico do organismo, visto que a sua sede em Santiago estava dominada, quase que exclusivamente, por chilenos e por argentinos. Esses dois fatores faziam com que governos da região preferissem contar com estudos de pesquisadores residentes em universidades e em centros de pesquisa – locais que haviam se multiplicado no período.

Dando sequência à trajetória institucional de Prebisch, podemos citar os mais variados tipos de participações do autor nos organismos regionais e internacionais nesse período.⁵⁹⁷ Em 1971, Prebisch viu, no fim do *Bretton Woods*, a necessidade de se analisarem os impactos desse evento para as relações entre Estados Unidos e América Latina. Para esse fim, propôs um seminário para o BID, organizado pelo ILPES, em Washington, reunindo economistas tarimbados, como Gottfried Haberler.

Couto⁵⁹⁸ afirma que, a partir de então, Prebisch seguiu transitando para cargos com cada vez menor responsabilidade, a fim de obter tempo livre para outras atividades. Nesse sentido, no ano de 1973, Prebisch aceitou o convite para atuar no PNUMA, em Nairóbi. No mesmo ano, Prebisch também foi convidado para atuar como assessor externo do recém-criado painel da ONU sobre empresas multinacionais, o qual reuniu vinte especialistas de países desenvolvidos e atrasados, e até mesmo dos países socialistas. Em maio de 1974, a sua última missão a cargo da ONU foi chefiar a Operação de Emergência da ONU para os países mais gravemente afetados pela alta vertiginosa do preço do petróleo no ano anterior. Essa missão retomou o ambiente de discussões Norte-Sul, o que fez com que Prebisch viajasse a serviço para países como Argélia, Itália, Líbia, Irã, entre outros.⁵⁹⁹

No quadro latino-americano, as instituições da região perdiam vitalidade. Quanto à CEPAL, ao mesmo tempo em que a comissão ganhou projeção mundial – a partir da criação da UNCTAD, em 1964 –, de outro ponto de vista, o papel institucional da comissão se viu em constante redução, o que para Pollock⁶⁰⁰ era um paradoxo. Após 1973, organismos como a

⁵⁹⁷ Uma curta descrição da atuação de Prebisch nesses cargos encontra-se no capítulo 19 da obra de Dosman, intitulado “Provações em Washington”. DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**.

⁵⁹⁸ COUTO, Raúl Prebisch e a concepção e evolução do sistema centro-periferia, p. 83.

⁵⁹⁹ Encontramos um documento de circulação interna produzido por Prebisch referente a essa missão. Tal documento foi destinado ao secretário-geral da ONU e estava preenchido com soluções transitórias e estruturais para a alta do preço do petróleo. Para mais detalhes, ver: PREBISCH, Raúl, Informe Reservado al Secretario General de las Naciones Unidas sobre “Los Recursos Excedentes del Petróleo y el Nuevo Orden Económico Mundial”, 1974.

⁶⁰⁰ POLLOCK, La actitud de los Estados Unidos hacia la CEPAL: algunos cambios durante los últimos 30 años, p. 77.

Aliança para o Progresso debilitaram-se, o que gerou uma sensação de desinteresse no desenvolvimento da América Latina. Pollock⁶⁰¹ explica esse movimento através das relações Estados Unidos-CEPAL. Se, por um lado, a popularização da chamada Escola da Dependência nos Estados Unidos desviou a preocupação ideológica da CEPAL, por outro lado, a criação de um órgão exclusivo para membros latino-americanos, denominado *Comité de Expertos Gubernamentales de Alto Nivel* (CEGAN), gerou um clima de rejeição à América Latina, visto que países desenvolvidos – Estados Unidos, Canadá, França, Reino Unido, entre outros –, que sempre participaram das sessões da CEPAL, não poderiam mais acompanhar as decisões da região. Além disso, Dosman⁶⁰² acrescenta que, desde a queda de Allende, em 1973, a agenda da Guerra Fria norte-americana abandonou outra vez a América Latina, concentrando-se no Oriente.

Nesse contexto, Prebisch também dedicou os seus esforços para evitar o desmoronamento dos organismos de integração regional e sub-regional, com destaque para o caso que tem sido o mais penoso: o da ALALC.⁶⁰³ Schatan⁶⁰⁴ comenta que, nesse período, Prebisch participou de intermináveis discussões em defesa da ALALC, nas quais notou que os chefes de governo apenas esquivavam-se dos objetivos do mercado comum; eles interessavam-se mesmo pelos privilégios comerciais e pelas vantagens individuais. Em razão disso, esses organismos se tornavam estéreis. Ademais, Felipe Herrera⁶⁰⁵ conta que, entre 1974 e 1975, ele esteve com Prebisch por um longo período em Caracas, para a redação de um convênio constitutivo que marcaria a criação do *Sistema Económico Latinoamericano* (SELA), o que alerta para a permanência do interesse de Prebisch no assunto. Mais tarde, Prebisch comentou, em entrevista, quando perguntado sobre o tema da integração:

Este es un asunto muy cerca de mi corazón. Considero de vital importancia para América Latina impulsar este concepto. ¿Por qué no avanzó más allá de cierto punto? No fue un fracaso. Pero tampoco fue un éxito. Fue una mediocridad, una mediocridad latinoamericana típica.⁶⁰⁶

⁶⁰¹ *Ibid.*, p. 78–79.

⁶⁰² DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 542.

⁶⁰³ Vale ressaltar que o tema de um dos poucos escritos de Prebisch desse período foi a integração. PREBISCH, Raúl, La integración Económica en América Latina, in: BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO (BID); INSTITUTO PARA LA INTEGRACIÓN DE AMÉRICA LATINA (INTAL) (Orgs.), **La Integración Latinoamericana en una Etapa de Decisiones**, 1. ed. Argentina: Banco Interamericano de Desarrollo (BID), 1973, p. 29–45.

⁶⁰⁴ SCHATAN, Jacobo, Raúl Prebisch, Maestro y Guía, **Investigación Económica**, v. 45, n. 177, p. 303–313, 1986, p. 311.

⁶⁰⁵ HERRERA, Felipe, Homenaje a Raúl Prebisch, in: ONU/CEPAL (Org.), **América Latina en la Economía Mundial: seminario en homenaje al Dr. Raúl Prebisch**, Chile: ONU/Cepal/INTAL, 1988, p. 73.

⁶⁰⁶ POLLOCK; KERNER; LOVE, Entrevista inédita a Prebisch: logros y deficiencias de la CEPAL, p. 21.

Embora, nesses anos, Prebisch tenha ficado completamente imerso na atividade institucional, notamos alguns indícios que apontam para a intenção do autor de revisar o seu pensamento. Do ponto de vista da trajetória intelectual, Prebisch, desde o fracasso da UNCTAD, “reflejaba la creciente convicción de que su antiguo paradigma de las Naciones Unidas ya no se aplicaba a la América Latina que surgía al iniciarse los años setenta”.⁶⁰⁷ Prebisch, em entrevista, afirmou que vislumbrava a necessidade de uma renovação intelectual da CEPAL, ao dizer que “además, la CEPAL no era una universidad; era un organismo de las Naciones Unidas que respondía a las necesidades de los gobiernos de América Latina”.⁶⁰⁸ Portanto, a comissão precisava resgatar a sua criatividade intelectual.

Desse modo, reconhecemos que Prebisch, em alguma medida, também se voltou para a investigação teórica, pois mesmo os seus trabalhos institucionais retomavam temas que ele tratou mais tarde, como empresas multinacionais e problemas ambientais. Franco comenta que, no ano de 1970, Prebisch propôs suspender por um ano o Curso Básico ofertado pelo ILPES, com o propósito de repensá-lo e de atualizá-lo perante “la posibilidad de condensar el pensamiento que se ha venido elaborando sobre desarrollo”.⁶⁰⁹

Logo em janeiro de 1971, Prebisch seguiu para os Estados Unidos, para dirigir um curso de pós-graduação de treze semanas na Universidade Columbia.⁶¹⁰ Sprout alega que essas aulas “lo sirvieron de punto de partida para la reconsideración de sus ideas”.⁶¹¹ No mesmo ano, Prebisch chegou a dizer, em uma carta para Magarariños:

No sé si sabrás que estoy ahora en plena aventura académica. He inaugurado en la Universidad de Colombia un curso sobre Latinoamérica que dura un semestre y que a un esfuerzo intelectual muy serio, pues no he querido repetir mi informe al BID [*Transformación y Desarrollo*], sino explayarme holgadamente en el campo de la interpretación teórica, así como en los elementos políticos del desarrollo. Estoy dictando unas conferencias y me será grato enviártelas oportunamente para tu solaz y aburrimiento.⁶¹²

No entanto, a exposição de Prebisch no décimo quinto período de sessões da CEPAL, em março de 1973, deixou de girar em torno do conteúdo do seu informe do BID. Nessa ocasião, o pronunciamento de Prebisch era esperado, em razão da comemoração dos 25 anos da

⁶⁰⁷ DOSMAN; POLLOCK, Raúl Prebisch, 1901-1971: la búsqueda constante, p. 12.

⁶⁰⁸ *Ibid.*, p. 32.

⁶⁰⁹ FRANCO, El ILPES de Prebisch, p. 28.

⁶¹⁰ Dosman sublinha que Prebisch também foi convidado por Rosentein-Rodan para dar aulas em Boston, mas ele recusou. No ano de 1973, Prebisch também chegou a coordenar um seminário intitulado *School of Advanced International Studies*, na Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos. DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 522-526.

⁶¹¹ SPROUT, El pensamiento de Prebisch, p. 189.

⁶¹² MAGARIÑOS, **Díálogos con Raúl Prebisch**, p. 174.

comissão; porém, o autor logo alertou que não estava ali para tecer memórias do passado: “No estoy todavía en ese estado de ánimo”.⁶¹³ Em uma sessão plenária, o argentino advogou sobre a questão “¿por qué hablar de un capitalismo periférico?”,⁶¹⁴ chamando a atenção para as contradições fundamentais desse sistema na periferia. Nessa exposição, Prebisch utilizou, pela primeira vez, parte da terminologia (estratos sociais, sociedade de consumo, entre outros) que, mais tarde, compareceu nos seus ensaios publicados a partir de 1976.

À vista disso, observamos que Prebisch, ao longo desses anos, perdia relevância no debate político e institucional, enquanto acompanhava por dentro a desestruturação das instituições que ele mesmo havia ajudado a criar. Ao mesmo tempo, o autor também reconhecia a necessidade de uma profunda revisão teórica no seu pensamento, a fim de que ele desse conta das transformações em curso. Hodara⁶¹⁵ afirma que a idade avançada de Prebisch, ao lado das constantes transformações na conjuntura regional, orientou o autor a abandonar esse ambiente institucional. Dosman sintetiza bem esse momento de transição para a quinta etapa do pensamento do autor, ao dizer que:

Prebisch percebeu que estava fora das redes de poder, que a nova geração o via mais como um velho estadista do que como um tomador de decisões e, portanto, que seu papel adequado era moldar ideias, mais do que trabalhar dentro do sistema. Precisava mudar de rumo, começar uma nova fase, livre das burocracias internacionais que ele mesmo tinha concebido e moldado, mas onde não se encaixava mais. E nunca tinha sido tão urgente apresentar novas análises e ideias, diante das mudanças que varriam a América Latina e o sistema internacional. Era essencial, decidiu, participar do diálogo global com voz independente.⁶¹⁶

3.1 O capitalismo periférico de Prebisch, um projeto de análise (1976-1978)

Aos 75 anos de idade e livre de tarefas institucionais, Raúl Prebisch inaugurou a sua quinta e última etapa intelectual na direção da *Revista de la Cepal*, na cidade de Santiago, no Chile. A criação da revista (pela CEPAL) tinha vínculo direto com a conjuntura latino-americana. Nesse período, conforme as ditaduras se alastravam pelo Cone Sul, a sede da CEPAL tornava-se um ambiente acolhedor para o exílio de renomados economistas e sociólogos interessados em pensar a sociedade latino-americana como um laboratório de

⁶¹³ PREBISCH, Raúl, Exposición del Dr. Raúl Prebisch en la Sesión Plenaria del 24 de marzo de 1973, 1973, p. 2.

⁶¹⁴ *Ibid.*, p. 2.

⁶¹⁵ HODARA, Prebisch y Urquidí: vidas paralelas, p. 54.

⁶¹⁶ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 533.

transformações políticas, econômicas e sociais. No entanto, Martín⁶¹⁷ e Fiori⁶¹⁸ afirmam que o golpe de Estado do Chile, em setembro de 1973, alterou as feições desse cenário. A partir de então, foi inaugurado no país um novo modelo de desenvolvimento, influenciado pela experiência da ortodoxia da Escola de Chicago. Assim sendo, a comissão passou a dividir influência com a ascensão do neoliberalismo; além disso, ela “estava agora sitiada em uma capital hostil, com alguns de seus funcionários declarados *persona non grata* pelos militares”.⁶¹⁹

Dessa forma, como meio de defesa contra os eventos recentes e como estratégia de retomada da criatividade da comissão, criar e editar a *Revista de la Cepal*, em 1976, foi uma forma de assegurar um terreno para discussões críticas, no pior período da ditadura de Pinochet. A convite de Enrique Iglesias – diretor executivo da CEPAL desde 1972 –, a revista foi dirigida inicialmente por Raúl Prebisch, com o valoroso apoio do sociólogo Adolfo Gurrieri, que solicitava artigos por carta e definia temas.⁶²⁰ De forma geral, a revista serviu de escaudouro para trabalhos de autores renomados da região, como Osvaldo Sunkel, Jorge Graciarena, Fernando Henrique Cardoso, Aníbal Pinto, entre outros.⁶²¹

Em resumo, foi na *Revista de la Cepal* que Prebisch pôde dedicar-se a uma nova série de publicações que marcaram a “quinta etapa, probablemente la última, de mi pensamiento sobre los problemas del desarrollo”.⁶²² O próprio autor se dizia um “novo Prebisch”; ao ser perguntado sobre “quantos ‘Prebischs’ havia?”, respondeu: “hay como tres o cuatro, a Dios gracias. He ido evolucionando en mi manera de pensar”.⁶²³ De fato, era uma nova fase, e Prebisch mostrava-se empolgado com a sua volta à cidade de Santiago. O argentino teria dito, nesse ano, que “gostaria de ter mais quarenta anos para ver as mudanças que se seguiram”.⁶²⁴

Antes de avançar, entendemos como um erro tratar como um fato isolado esse movimento crítico iniciado por Prebisch em 1976. Segundo Hodara,⁶²⁵ entre as décadas de 1970

⁶¹⁷ MARTÍN, La Sociología del Desarrollo en América Latina: una tensión permanente entre democracia y crecimiento económico, p. 173.

⁶¹⁸ FIORI, As Trajetórias Intelectuais do Debate sobre o Desenvolvimento na América Latina, p. 31.

⁶¹⁹ DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 527.

⁶²⁰ No Anexo A, encontra-se um registro de Prebisch com a sua equipe da *Revista de la Cepal* (FIG. 15). *Ibid.*, p. 539–540.

⁶²¹ Com a sua criação, essa revista veio a substituir o *Boletín Económico de América Latina*, que circulava desde 1956. Prebisch permaneceu na direção da revista até a sua morte, no ano de 1986. TORRES, Miguel; HOFMAN, André, Cem Números da Revista CEPAL: mil olhares sobre o desenvolvimento da América Latina e do Caribe, *Revista de la Cepal*, n. especial, p. 9–25, 2010, p. 12.

⁶²² PREBISCH, Cinco Etapas de mi Pensamiento sobre el Desarrollo, p. 1087.

⁶²³ CLARÍN, A cien años de su nacimiento. Prebisch, el hombre que influyó 50 años en la economía, *La Nación*, 17 de abril de 2001.

⁶²⁴ DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 542.

⁶²⁵ HODARA, Joseph, **Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional**, 1. ed. México: El Colegio de México, 1987, p. 12.

e 1980, pairou um “pessimismo gravitacional” em torno dos teóricos que se debruçavam sobre a questão do subdesenvolvimento. Hodara atribui esse sentimento ao contexto vivenciado pelos autores. De fato, os anos setenta trouxeram transformações em todas as partes, porém, sem modificar antigas mazelas que afligiam a região periférica. O mundo estava mudando, e os autores precisavam apreender essas transformações. Prebisch, em entrevista concedida no ano de 1978, afirmou algo nessa direção: “the world can not continue as it is. [...] Because I see the world swept by a process of change”.⁶²⁶

Em razão disso, precisamos resgatar os principais delineamentos dessa conjuntura (já esboçados na seção 2.3). Se, por um lado, o contexto latino-americano era alarmante, marcado pela regressão dos indicadores sociais e pelo avanço do autoritarismo, traduzido em ditaduras militares, por outro lado, as elevadas taxas de inflação e de desemprego nos Estados Unidos e em países da Europa Ocidental anunciavam que nem mesmo o centro capitalista estava imune a essas questões. O cenário era de mudanças globais, o que fez Harvey postular que “os futuros historiadores poderão coerentemente ver os anos 1978-80 como um ponto de ruptura revolucionário na história social e econômica do mundo”.⁶²⁷

De modo geral, essa descontinuidade poderia ser notada no declínio das políticas de orientação keynesiana e, simultaneamente, no acolhimento das diretrizes e das ideias de matriz neoliberal, que preconizavam a retirada da primazia do Estado no planejamento econômico e em áreas do bem-estar social. No que se refere à América Latina, a conjuntura de crise internacional terminou criando um refluxo às ideias e às práticas inspiradas na agenda da CEPAL, o que acelerou a crise do “paradigma do desenvolvimento”.⁶²⁸ Dito de outro modo, a temática do desenvolvimento perdia a função de núcleo organizador dos objetivos dos *policy makers* e do debate entre os intelectuais da região.

Nesse sentido, estamos tratando novamente de uma “crise teórica”, cujos efeitos refletiam diretamente nas condutas dos intelectuais envolvidos nessa causa. Em 1979, Dudley

⁶²⁶ Essa entrevista foi concedida no ano de 1978. GAUHAR, Altaf; PREBISCH, Raúl, Raul Prebisch, **Third World Quarterly**, v. 2, n. 1, p. 14–20, 1980, p. 14.

⁶²⁷ HARVEY, **Neoliberalismo: história e implicações**, p. 11.

⁶²⁸ Utilizamos “paradigma do desenvolvimento” num sentido similar ao de “ciclo ideológico do desenvolvimento”, utilizado por Bielschowsky para o caso brasileiro entre 1930 e 1964, e, mais tarde, estendido até a década de 1980 por Malta *et. al.* Ver: MALTA, Maria Mello de *et al.*, A história do pensamento econômico brasileiro entre 1964 e 1989: um método para discussão, *in*: MALTA, Maria Mello de (Org.), **Ecos do Desenvolvimento: uma história do pensamento econômico brasileiro**, Rio de Janeiro: IPEA / Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011, p. 23–52.

Seers⁶²⁹ já se referia à “morte” da Teoria do Desenvolvimento. Em 1981, Albert Hirschman,⁶³⁰ por sua vez, atestou a perda da vitalidade dos estudos nessa área, sugerindo que não havia motivos para isso, visto que os problemas originários desse campo (marginalidade, desigualdade e pobreza extrema) não haviam sido solucionados no Terceiro Mundo.

Verificamos esse mesmo movimento em outros autores estruturalistas do círculo intelectual de Prebisch: Celso Furtado e Osvaldo Sunkel, cada qual à sua maneira, apresentaram diagnósticos cada vez mais céticos para o caso latino-americano. Segundo Bianchi, dentro da própria CEPAL “[...] impartían un cierto tono pesimista a no pocos de los documentos preparados por la institución”.⁶³¹ Contudo, nem todos os autores trilham o mesmo caminho: houve quem requalificou as suas ideias na direção do neoliberalismo, como o economista brasileiro Pedro Malan, que abandonou a sua formação “cepalina” e se aproximou da ortodoxia liberal. Por fim, o próprio Hans Singer, da Tese Prebisch-Singer, reconheceu a similaridade da sua trajetória com a de Prebisch, alegando também ter rompido com a sua carreira no serviço internacional por motivos semelhantes. Ele teria dito:

Me incorporé a las Naciones Unidas a comienzos de 1947 – dos años antes que Raúl Prebisch – y dejé el organismo el mismo día que él lo hizo, a fines de marzo de 1969, y por razones muy similares a las suyas [de Prebisch]. Sin entrar a comparaciones indebidas, también sentí la necesidad de regresar a una atmosfera menos burocrática y más académica para refrescar mis ideas y expresarme más libremente. Mi IDS [Institute of Development Studies] fue el ILPES de Raúl Prebisch. Yo habría dejado las Naciones Unidas antes, durante los días sombríos del “McCarthyismo”.⁶³²

Visto por esse ângulo, o caso de Prebisch seria somente mais um de uma extensa lista de autores que haviam reavaliado as suas ideias. Nos anos de 1970, existia uma certa convergência entre teóricos que haviam acreditado na superação do subdesenvolvimento e que viram, nesses últimos anos, o processo de “modernização” colidir com uma estrutura social concentrada, a qual não permitia que taxas crescentes de acumulação fossem traduzidas em melhorias no nível de vida de grande parte da população. É dentro desse quadro que nos dedicamos, no restante deste capítulo, a expor o que houve de específico no movimento de inflexão teórica atribuído a Prebisch.

⁶²⁹ SEERS, Dudley, *The Birth, Life and Death of Development Economics: (revisiting a Manchester Conference)*, **Development and Change**, v. 10, p. 707–719, 1979.

⁶³⁰ Artigo originalmente publicado em 1981. HIRSCHMAN, Albert Otto, *The Rise and Decline of Development Economics*, in: ADELMAN, Jeremy (Org.), **Essays in Trespassing**, Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 266–284.

⁶³¹ BIANCHI, La CEPAL en los años setenta y ochenta, p. 45.

⁶³² SINGER, Comentarios sobre “Raúl Prebisch, 1901-1971: la búsqueda constante”, p. 50.

Um traço dessa singularidade de Prebisch foi a forma que o autor encontrou para divulgar as suas ideias. Ao assumir a direção da *Revista*, o argentino iniciou um projeto de análise que ele mesmo denominou “crítica ao capitalismo periférico”, divulgado através de uma trilogia de extensos artigos publicados na revista. Os dois primeiros artigos foram intitulados (i) *Crítica al Capitalismo Periférico* (publicado em 1976); e (ii) *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema* (publicado em 1978). Em ambos os artigos, Prebisch preocupou-se em interpretar criticamente o funcionamento do capitalismo na periferia. Por último, a publicação (iii) *Hacia una Teoría de la Transformación*, de 1980, encerrou a trilogia⁶³³ com a indicação de delineamentos para se transformar o sistema capitalista. No ano seguinte, tais artigos foram sintetizados na obra *Capitalismo Periférico: crisis y transformación*; o autor escreveu, em uma nota desse livro, que essa obra representava a última etapa do seu “pensamento cepalino”.⁶³⁴

Esse conjunto de publicações referenciadas acima significaram uma nova fase do pensamento de Raúl Prebisch, a qual divergiu, em vários sentidos, de toda a sua produção anterior. Como já introduzido, Prebisch, nesses textos, realizou uma atualização da abordagem do subdesenvolvimento da América Latina, por meio do estudo do *modus operandi* do capitalismo periférico. Como saída, Prebisch receituou a superação do capitalismo periférico, propondo uma transformação de todo o sistema de organização econômica e social.

Logo no primeiro artigo, tornou-se claro que o tom de crítica de Prebisch havia aumentado, visto que o autor passou a criticar sistematicamente diagnósticos ditos reformistas para a América Latina que ele mesmo havia defendido no decênio anterior. Conforme Gurrieri, Prebisch “ya no cree que una combinación de reformas estructurales, fuerte acumulación de capital y cooperación internacional pueda desarrollar a los países de la periferia; para lograr este objetivo era necesario transformar las raíces del sistema”.⁶³⁵ Em suma, o próprio Prebisch reconheceu isso, ao dizer que ocorreu “um giro ideológico nesta nova fase do meu pensamento”.⁶³⁶

Ainda nessa perspectiva, cabe também destacar os aspectos-chave dessa fase intelectual do autor. Inicialmente, destacamos o maior grau de autonomia nos seus textos, em contraste com as suas publicações anteriores. O trabalho de Bianchi⁶³⁷ mostra como o vocabulário de

⁶³³ É pertinente ressaltar que essa “trilogia” recebeu um artigo extra, em 1979, devido ao aprofundamento do debate em torno do liberalismo no Chile. O artigo adicional foi o seguinte: PREBISCH, Raúl, Las Teorías Neoclásicas del Liberalismo Económico, *Revista de la Cepal*, n. 7, p. 167–188, 1979.

⁶³⁴ PREBISCH, *Capitalismo Periférico: crisis y transformación*, p. 10.

⁶³⁵ GURRIERI, La Dimensión Sociológica en la Obra de Prebisch, p. 166.

⁶³⁶ PREBISCH, Raúl, Prefácio, in: RODRÍGUEZ, Octavio (Ed.), *Teoría do Subdesenvolvimento da Cepal*, Rio de Janeiro: Editora Forense, 1981, p. 11.

⁶³⁷ BIANCHI, Ana Maria, Para Auditórios Diferentes, Diferentes Argumentos: retórica econômica nos primórdios da escola latino-americana, in: GALA, Paulo; REGO, José Marcio (Orgs.), *A História do Pensamento*

Prebisch e o tom de crítica alteravam-se conforme o público-alvo do autor. Nesse sentido, na qualidade de diretor-geral de organismos regionais e internacionais, isso sempre implicou um grau maior de neutralidade nos relatórios por ele produzidos. Nas palavras do próprio Prebisch, “eu não podia apresentar um relatório aos governos pregando a necessidade de implementar medidas internas drásticas porque eles responderiam drasticamente, pedindo minha cabeça em vez de aceitar minhas ideias”.⁶³⁸

Em alternativa, como veremos adiante, Prebisch passou a criticar abertamente a hegemonia dos países centrais, condenando empresas multinacionais e dirigentes locais, além de ter passado a adotar o termo “dependência” como uma categoria teórica em seu vocabulário. De acordo com Hodara, “desembarazado de inhibiciones tecnoburocráticas, Prebisch acomete una crítica severa al capitalismo trunco de la periferia y a las instituciones centrales que lo representan y regulan”.⁶³⁹

É pertinente ressaltar até mesmo os traços menos expressivos desse “novo” Prebisch. Nessa etapa, Hodara denota o caráter ensaístico⁶⁴⁰ adotado pelo autor, que se distingue do que Gunnar Myrdal denominou “diplomacia del lenguaje”: uma escrita formal que respeita os imperativos burocráticos das organizações.⁶⁴¹ Prebisch demonstrou uma consciência disso em 1979, ao escrever: “pois bem, fiz um modesto ensaio no qual ainda estou trabalhando”.⁶⁴² De modo geral, a trilogia do capitalismo periférico era a “obra derradeira”⁶⁴³ de um possível “último” Raúl Prebisch, que havia abandonado o seu “otimismo medular”⁶⁴⁴ presente em suas obras anteriores, substituindo-o por um marcado pessimismo em relação ao funcionamento do sistema capitalista na periferia.

Diante dessas questões, entraremos agora propriamente na obra de Prebisch. Optamos aqui pela exposição da produção teórica do autor em perspectiva, ou seja, por meio da

Econômico como Teoria e Retórica: ensaios sobre metodologia em economia, São Paulo: Editora 34, 2003, p. 231–250.

⁶³⁸ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 540.

⁶³⁹ HODARA, Joseph, El Capitalismo Periférico Tardío Según Prebisch: reflexiones, **El Trimestre Económico**, v. 55, n. 219(3), p. 579–604, 1988, p. 580.

⁶⁴⁰ Entendemos como “ensaio”, nos termos de Adorno, um convite às formas criativas de reflexão. Alguns traços que o diferem da modalidade da monografia são: (i) o frequente uso de generalizações, nem sempre fundamentadas; (ii) um menor rigor metodológico; (iii) uma ausência de preocupação com uma construção fechada. Para uma melhor compreensão, ver o primeiro texto, “Ensaio como Forma”, da obra: ADORNO, Theodor W., **Notas de Literatura I**, 1. ed. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, [1958] 2003.

⁶⁴¹ HODARA, Prebisch y Urquidí: vidas paralelas, p. 58.

⁶⁴² PREBISCH, Prefácio, p. 10.

⁶⁴³ FLECHSIG, Steffen, Em memória de Raúl Prebisch (1901-1986), **Revista de Economia Política**, v. 11, n. 1(41), p. 92–107, 1991, p. 98.

⁶⁴⁴ HODARA, **Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional**, p. 111.

observação da sua trilogia de artigos, mencionados linhas acima.⁶⁴⁵ Nesta seção, iniciamos a discussão pelas duas primeiras obras de Prebisch (1976 e 1978), pois esses dois artigos têm em comum o objetivo de compreender os mecanismos subjacentes que compõem o capitalismo periférico.

Destarte, dividimos essa seção em três subtópicos: (i) “A índole do capitalismo periférico”, em que discutiremos a nova interpretação de Prebisch sobre o desenvolvimento periférico; (ii) “As novas relações centro-periferia”, em que discutimos o papel dessas relações no pensamento de Prebisch; e, por fim, (iii) “A releitura do processo de desenvolvimento latino-americano”, em que o autor discute as transformações recentes no capitalismo periférico.

3.1.1 A índole do capitalismo periférico

Raúl Prebisch propôs, nas primeiras páginas da primeira edição da *Revista de la Cepal*, “apresentar los rasgos, relaciones y problemas fundamentales que caracterizan al capitalismo periférico”.⁶⁴⁶ Assim, teve início um projeto de análise que se estendeu aos anos que seguem essa publicação. Em 1978, Prebisch lançou o seu segundo trabalho, afirmando que ele significava uma ampliação da análise; ademais, “siegue a nuestra anterior ‘Crítica al capitalismo periférico’ y precede a una ulterior ‘teoría de la transformación’”.⁶⁴⁷

Em tese, tratava-se de uma trilogia de artigos em que Prebisch colocou à prova a tarefa de interpretar o processo recente de desenvolvimento da periferia, buscando entender por que os vínculos entre economia e sociedade no capitalismo periférico geravam repressão e desigualdade. Para Vuskovic,⁶⁴⁸ a teoria do capitalismo periférico fazia parte da “aventura intelectual” iniciada por Prebisch em 1949. Por ora, é preciso compreender que as teses de Prebisch receberam uma “nova roupagem” nesse período, mas voltaremos ainda a essa discussão após a apresentação das ideias centrais do autor.

Como dito, o objetivo de Prebisch era compreender a índole do capitalismo periférico; no entanto, ele logo ressaltou: “me ciño al ámbito latinoamericano es porque me muevo allí con menos dificultades”.⁶⁴⁹ O ponto de partida de Prebisch foi abandonar certos mitos

⁶⁴⁵ Faremos o uso do livro de síntese apenas quando for necessário complementar ou atualizar alguma questão tratada pelo autor. Com isso, priorizamos uma apresentação em perspectiva da produção bibliográfica de Prebisch. PREBISCH, **Capitalismo Periférico: crisis y transformación**.

⁶⁴⁶ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 7.

⁶⁴⁷ PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 181.

⁶⁴⁸ VUSKOVIC, Pedro, Raúl Prebisch y su Teoría del Capitalismo Periférico, **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 409–413, 1987, p. 409.

⁶⁴⁹ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 8.

subentendidos nas análises do desenvolvimento, como a visão de que a periferia poderia “desarrollarse a imagen y semejanza de los centros”.⁶⁵⁰ Acreditava-se que a penetração da técnica dos países centrais seria suficiente para a difusão dos frutos do progresso técnico; ao mesmo tempo, isso contribuiria para a consolidação do processo democrático. Desse modo, as primeiras linhas dessas publicações mostravam o caráter de autocrítica desses escritos; Prebisch, em entrevista, reconhecia ter compartilhado essas crenças, ao dizer “we thought that an acceleration of the rate of growth would solve all problems. Now we know that does not happen”.⁶⁵¹

Para escapar desses mitos, Prebisch propôs uma interpretação multidisciplinar, que fosse capaz de captar a natureza multifacetada do desenvolvimento. Sprout⁶⁵² afirma que Prebisch consolidou um método de interpretação com base em três dimensões: espaço, tempo e interdisciplinar. O próprio Prebisch, em seus escritos, denominou esse método “análise global do desenvolvimento”; nele, haveria uma dupla determinação. Ele era global, de um lado, em razão da necessidade de incorporar o capitalismo periférico como parte integrante do fenômeno geral do capitalismo; de outro, em razão de sobrepor uma análise econômica, subordinando-a a outras esferas de conhecimento, isto é, incorporando à análise fenômenos sociais, políticos, ambientais e culturais.⁶⁵³

Dessa forma, a nova abordagem de Prebisch significou a renovação dos seus antigos conceitos, como o de centro-periferia, que precisaria introduzir “algunas consecuencias muy importantes de la hegemonía de los centros”.⁶⁵⁴ Para mais, Prebisch enriqueceu o seu arsenal teórico, com a incorporação de categorias sociológicas, o que Gurrieri chamou de “enfoque sociológico histórico-estrutural”.⁶⁵⁵ Diante dessa nova postura, Prebisch comentou: “yo no sé si después de esta exposición se me llamará estructuralista. Rechazo clasificarme y que me clasifiquen. Pero reconozco que hay que entrar a fondo en el examen estructural del capitalismo periférico”.⁶⁵⁶

Em vista disso, Prebisch legitimou o estudo do desenvolvimento como um fenômeno global, sinalizando que o capitalismo periférico foi forjado no signo da hegemonia secular do centro. Nesse sentido, Prebisch sublinhou que o capitalismo, em seu livre curso, sustentava uma

⁶⁵⁰ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 167.

⁶⁵¹ GAUHAR; PREBISCH, Raul Prebisch, p. 18.

⁶⁵² SPROUT, El pensamiento de Prebisch, p. 201.

⁶⁵³ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 179; PREBISCH, Crítica al Capitalismo Periférico, p. 8.

⁶⁵⁴ PREBISCH, Cinco Etapas de mi Pensamiento sobre el Desarrollo, p. 1088.

⁶⁵⁵ GURRIERI, La Dimensión Sociológica en la Obra de Prebisch, p. 174.

⁶⁵⁶ PREBISCH, Crítica al Capitalismo Periférico, p. 50.

dinâmica centrípeta, na qual a acumulação de capital e o progresso técnico concentravam-se no centro. Portanto, o esquema centro-periferia compartilhava a existência de um capitalismo inovador (centro) ao lado de um capitalismo imitativo (periferia) que arcava com os custos do seu atraso histórico.⁶⁵⁷ Para um melhor esclarecimento, recorremos à própria definição do autor:

[...] [C]om efeito, caracterizo capitalismo periférico como um processo dinâmico de propagação e irradiação de técnicas, ideias, ideologias e instituições dos centros numa estrutura social – a da periferia – que é fundamentalmente diferente. Isto acarreta contradições muito importantes, tanto no desenvolvimento interno da periferia como nas relações com os centros, desenvolvidas sob a hegemonia destes últimos.⁶⁵⁸

Para Prebisch, o fato de o centro sustentar um capitalismo inovador nunca significou a possibilidade de uma expansão espontânea do seu padrão de vida para a periferia. Ao contrário, o desenvolvimento do capitalismo periférico carregava um sentido próprio; esse desenvolvimento era excludente e conflitivo. Ele era excludente, devido ao fato de não ser capaz de incorporar, no curso do seu desenvolvimento, grandes massas populacionais. Ele era conflitivo, devido ao fato de as mutações produzidas nas estruturas sociais resultarem em conflitos distributivos entre os que participam, de algum modo, dos frutos do progresso técnico. Prebisch acrescentou ainda que, nos últimos decênios, o avanço ininterrupto do processo de industrialização na periferia havia gerado resultados muito distintos do centro; as disparidades sociais alargaram-se e, com efeito, escancarou-se a coexistência de dois extremos sociais: a opulência e a extrema pobreza, o privilégio e a exclusão.

Prebisch ratificou que a formação dessa estrutura social concentrada tinha relação com a dinâmica do capitalismo imitativo. Para ele, a periferia não copiava apenas as técnicas e as instituições, mas também os padrões de consumo. Nos termos de Prebisch, havia “la imitación exagerada y prematura de las pautas de consumo de los centros”.⁶⁵⁹ Esse foi um dos fatores que, desde muito cedo, possibilitou a formação e o desenvolvimento do que Prebisch denominou “sociedade privilegiada de consumo”; no que lhe dizia respeito, “la sociedad de consumo es, pues, incompatible con la integración social de las grandes masas rezagadas”.⁶⁶⁰

Em suma, para Prebisch, traços como desigualdade e incapacidade de absorção da mão de obra eram falhas inerentes ao capitalismo na periferia. Ele poderia até se desenvolver e

⁶⁵⁷ *Ibid.*, p. 9; PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 191–192.

⁶⁵⁸ PREBISCH, *Prefácio*, p. 10.

⁶⁵⁹ PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 168.

⁶⁶⁰ Trecho retirado da fala do pronunciamento de Prebisch referente à comemoração dos 30 anos da CEPAL. PREBISCH, *Los 30 años de la CEPAL: exposición del señor Raúl Prebisch*, p. 288.

alcançar critérios de eficácia econômica, mas era incapaz de garantir eficácia social. Gurrieri nota, nessa etapa, a presença de novas feições no pensamento de Prebisch sobre desenvolvimento, em uma transição de uma “idea inicial casi estrictamente económica hasta otra en la cual se entremezclan los elementos económicos con los sociales y los políticos”.⁶⁶¹

Na busca de explicar esses problemas sociais crônicos da periferia, bem como a dificuldade de se conciliar desenvolvimento com democracia, Prebisch debruçou-se sobre os mecanismos que regem o funcionamento do capitalismo periférico. Antes de avançar, é preciso entender que o núcleo do desenvolvimento econômico, para Prebisch, consistia no progresso técnico. Esse processo atuava mediante a transferência da força de trabalho de camadas técnicas de menor produtividade para outras com maior produtividade e capacitadas para oferecer melhores salários. Como bem lembra Sember, o progresso técnico, em Prebisch, “está en el centro de las respuestas, no por el progreso en sí, sino por la distribución de sus frutos, que permitirían elevar el nivel de vida de las masas”.⁶⁶²

Figura 3. Essência do Desenvolvimento Econômico para Prebisch



Fonte: Elaboração própria com base em: PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 182.

No entanto, a singularidade do desenvolvimento tardio da periferia havia resultado no fenômeno da heterogeneidade estrutural; “ello impide que la fuerza de trabajo se va ocupando en las capas superiores, en que se manifiesta incesantemente el progreso técnico, aumente sus ingresos en forma correlativa al aumento de productividad”.⁶⁶³ Nesses termos, essa heterogeneidade era sustentada pelo fenômeno da insuficiência dinâmica (tratado na seção 1.2), no qual o ritmo de acumulação insuficiente criava uma grande massa de trabalhadores

⁶⁶¹ GURRIERI, La Dimensión Sociológica en la Obra de Prebisch, p. 160.

⁶⁶² SEMBER, Florencia, Prebisch y los frutos del progreso técnico, **Puente@ Europa**, año VI-número especial, p. 36–41, 2008, p. 41.

⁶⁶³ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 182.

desocupados ou em camadas técnicas com produtividade exígua, o que contribuía para deprimir o conjunto dos salários dessa economia.⁶⁶⁴

De forma geral, esse quadro foi o ponto de partida da teorização de Prebisch. O desenvolvimento periférico era, fundamentalmente, um fenômeno de penetração de novas camadas técnicas, o que resultava em problemas distributivos, cujos efeitos se estendiam para os campos social, político e cultural. Com esse intuito, Prebisch mobilizou o conceito de “excedente econômico” como base para a compreensão dos fenômenos do capitalismo periférico. Gurrieri⁶⁶⁵ trata o tema como um resgate de Prebisch da tradição da escola clássica, em especial, de David Ricardo. Di Filippo⁶⁶⁶, por seu turno, afirma que esse conceito tinha uma longa trajetória; porém, ele foi reformulado “dentro de este marco más amplio que configura lo que podríamos denominar la economía política de Prebisch”.⁶⁶⁷

Em linhas gerais, Prebisch postulou o conceito de excedente para retratar a dinâmica estrutural do capitalismo periférico. Esse sistema se distinguia por sua marcada heterogeneidade estrutural, a qual, por seu turno, permitia a retenção de um excedente. Com efeito, Flechsig⁶⁶⁸ comenta que o excedente era um subproduto de uma “anomalia” da esfera distributiva. Nos termos de Prebisch, “podríamos definirlo como aquella parte de ese fruto que, en la medida en que no fue compartido por una parte de la fuerza de trabajo en el juego espontáneo de mercado, tiende a quedar en manos de los propietarios”.⁶⁶⁹ Embora ainda abstrato, esse conceito permitia o autor dar um passo adiante, visto que a índole do capitalismo periférico seria expressa pela dinâmica da formação, da apropriação, da distribuição e do uso desse excedente.

Em princípio, Prebisch sinalizou que a formação do excedente apresentaria um vínculo estreito com o processo produtivo: “entre la instalación del capital fijo y el afloramiento de bienes finales se desenvuelve un proceso”.⁶⁷⁰ Simplificando, a renda obtida com os bens finais permitiria cobrir os custos dos empresários e, com sucesso, o processo produtivo poderia

⁶⁶⁴ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 23–25.

⁶⁶⁵ GURRIERI, *La Economía Política de Raúl Prebisch*, p. 83–85.

⁶⁶⁶ DI FILIPPO, Armando, Continuidad y Cambio en la Obra de Prebisch (su concepto de excedente), in: LORA, Jorge; MALLORQUÍN, Carlos (Orgs.), **Prebisch y Furtado: el estructuralismo latinoamericano**, 1. ed. México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999, p. 179.

⁶⁶⁷ É pertinente destacarmos o protagonismo de Di Filippo em seus estudos sobre o excedente, visto que o autor elaborou um apêndice explicativo sobre o conceito de excedente, que foi incorporado, em 1981, ao livro *Capitalismo Periférico*, de Prebisch. DI FILIPPO, Armando, *La Tesis del Excedente y la Realización de la Plusvalía en Marx*, in: PREBISCH, Raúl (Ed.), **Capitalismo Periférico: crisis y transformación**, 1 ed. (primeira reimpressão). México: Fondo de Cultura Económica, [1981] 1984, p. 115–119.

⁶⁶⁸ FLECHSIG, Em memória de Raúl Prebisch (1901-1986), p. 101.

⁶⁶⁹ PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 196.

⁶⁷⁰ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 34.

continuar indefinidamente. Nesse ínterim, o âmago do processo estava apoiado no aumento da produtividade oriundo do progresso técnico. A técnica trazia consigo uma redução do uso da força de trabalho, a fim de obter uma determinada quantia de bens e a queda correspondente dos custos. Todavia, em uma economia em crescimento, as rendas despendidas hoje seriam sempre inferiores às de ontem e ao montante recuperado no fim do processo.⁶⁷¹

Devido a isso, Prebisch ressaltou que esse impasse era solucionado pelo lado monetário; o autor defendia que o processo produtivo não seria concebido sem a expansão da oferta monetária. Conforme Prebisch, era a autoridade monetária, através de mecanismos expansivos, que garantia funções como o aumento da demanda pelos bens futuros e pelo financiamento do capital circulante. Esse excesso de demanda era o que impedia a queda do preço, o que permitia a quem possuísse os meios produtivos captar primeiramente o incremento da produtividade.⁶⁷²

Ainda que o excedente apresente laços com a dinâmica monetária, Prebisch esclareceu que não se tratava de um fenômeno puramente monetário.⁶⁷³ A formação do excedente era atribuída à dinâmica estrutural do processo produtivo, e a sua apropriação e a sua distribuição eram regidas pela composição de poder de grupos da estrutura social. Nesse sentido, Prebisch distinguiu, em sua análise, o tecido social em três distintos estratos sociais, os quais, por meio de suas relações de poder, vinham travando um conflito distributivo pelo excedente.

Entre eles estavam (i) os estratos superiores, representados por uma camada social que detinha em suas mãos a maior parte da posse dos meios de produção, garantindo, assim, uma apropriação primária do excedente. Prebisch também incluiu nesse estrato os grupos que serviam diretamente aos donos dos meios produtivos, sejam as forças de trabalho qualificadas em matéria de direção e de organização de grandes empresas, sejam outras diferentes formas de vinculação, as quais abarcavam os serviços bancários, financeiros e profissionais que gravitavam em postos estatais e que serviam diretamente aos interesses dos estratos superiores.⁶⁷⁴

No outro extremo, encontravam-se (ii) os estratos inferiores, retratados pela parcela populacional empregada em atividades de baixas produtividade e remuneração. Nas palavras

⁶⁷¹ Não cabe aqui apresentar em detalhes todos os mecanismos da esfera produtiva. O próprio Prebisch, referindo-se ao tema, escreveu: “estas explicaciones, un tanto tediosas”. PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 203.

⁶⁷² É pertinente ressaltar que Prebisch, ao longo de sua obra, usou indistintamente as expressões “captação do incremento da produtividade” ou “fruto do progresso técnico”. PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 10–11, 34–35.

⁶⁷³ Prebisch também explicou que o conceito de excedente era distinto do de lucro, adotado pelos neoclássicos. O excedente era estrutural e tendia a reter-se, diferentemente do caráter transitório do lucro teorizado pelos neoclássicos, que tenderia a desaparecer com a concorrência. PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 195.

⁶⁷⁴ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 20.

de Prebisch, “el ritmo inadecuado de acumulación de capital y de formación humana no les permite participar en el fruto del progreso técnico, salvo en escasa medida”.⁶⁷⁵ De acordo com Prebisch, essa parcela da população excluída dos frutos do desenvolvimento compunha o que “ahora ha dado en llamarse la pobreza crítica”.⁶⁷⁶

No meio desses, havia um último grupo, que vinha crescendo simultaneamente ao aprofundamento do processo de modernização da estrutura produtiva em curso. Prebisch os denominou (iii) estratos intermediários. Parte dos membros desse grupo conservava pequenas e médias empresas, ou, em sua maioria, apresentava qualificações que lhe possibilitavam ingressar em atividades cuja penetração técnica permitia uma melhor remuneração. Conforme Prebisch, a característica essencial desses estratos era “su empeño en compartir con los estratos superiores el fruto de la creciente productividad. Los resultados dependen de una combinación de poderes”.⁶⁷⁷

Quanto ao olhar de Prebisch para o tecido social, o próprio Prebisch esclareceu que “estoy discurriendo, desde luego acerca de grupos sociales y no de individuos”.⁶⁷⁸ Além disso, o autor ressaltou que não se tratava de uma “escala quantitativa”; o foco não era a renda, mas sim as funções desses grupos no sistema.⁶⁷⁹ Dentro dessa lógica, a abordagem do autor não foi orientada por critérios marxistas, isto é, por uma observação das relações sociais de produção. Flechsig advoga que essas relações “eram determinadas segundo características de classe secundárias, derivadas do processo tecnológico ou da distribuição, como ‘camadas técnicas’ ou ‘estratos sociais’, segundo a renda alcançada”.⁶⁸⁰

Com isso, no curso do processo de desenvolvimento, era a dinâmica estrutural do excedente que moldava a composição do tecido social e a estrutura de poder. Prebisch mostrou como esses estratos – dotados ou não de poder econômico e de influência política – desencadearam um verdadeiro conflito distributivo. A princípio, os estratos superiores asseguraram uma posição favorável nessa disputa, visto que eles captavam primariamente o incremento técnico, em virtude da sua propriedade dos meios de produção. A partir disso, era desenvolvido um complexo fenômeno redistributivo sobre o excedente, pelo qual os demais estratos (inferiores e intermediários), para o acréscimo da renda privada, dependiam do ritmo

⁶⁷⁵ *Ibid.*, p. 20

⁶⁷⁶ PREBISCH, Raúl, “Decimoseptimo periodo de sesiones de la comisión economica para América Latina” Exposición de Raúl Prebisch, **Revista de la Cepal**, n. 3, p. 288–293, 1977, p. 288.

⁶⁷⁷ PREBISCH, Crítica al Capitalismo Periférico, p. 20.

⁶⁷⁸ *Ibid.*, p. 14.

⁶⁷⁹ É digno de nota apontar como o vasto conhecimento de Prebisch sobre a estrutura econômica e social argentina transbordava nesses artigos, visto que o tecido social em três camadas, desenhado por ele, vestia bem o caso do desenvolvimento argentino. Devemos essa observação a Mauricio Chalfin Coutinho.

⁶⁸⁰ FLECHSIG, Em memória de Raúl Prebisch (1901-1986), p. 101.

de absorção da mão de obra fomentada pela acumulação de capital ou do uso de benefícios do aparelho estatal.⁶⁸¹

Como visto, “el así llamado juego espontáneo de la economía responde en realidad a esas relaciones de poder, a los intereses e impulsos que las mueven”.⁶⁸² Segundo Prebisch, essa desigualdade entre os estratos tenderia a agravar-se com o tempo, em razão da predisposição do sistema de concentrar ainda mais os meios produtivos.⁶⁸³ O autor explicou isso através da natureza das ditas indústrias modernas: por um lado, elas requeriam cada vez mais capital para a implementação de novas camadas tecnológicas, requisitos esses restritos aos estratos superiores; por outro lado, o acesso às novas camadas técnicas trazia consigo o incremento na produtividade, isto é, um excedente adicional captado antecipadamente pelos estratos superiores. Nos termos do autor, “la concentración engendra pues la concentración. Se refuerza así el poder económico de los estratos superiores en el juego espontáneo de las leyes del mercado”.⁶⁸⁴

O uso do excedente foi o último componente listado por Prebisch dessa trama. É preciso saber que o excedente detinha o potencial de acumulação de capital de uma economia; por meio dele, seriam criados postos de trabalho, o que permitiria a disseminação dos frutos para os demais estratos de uma economia. No entanto, nos casos de desenvolvimento periférico, esse esforço de acumulação (ou coeficiente de inversão) precisaria ser superior aos de países centrais, em virtude da baixa capacidade acumulativa, do baixo nível de renda e das contradições da técnica moderna poupadora de mão de obra.⁶⁸⁵

Para Prebisch, o capitalismo periférico encontrou empecilhos para cumprir esses requisitos de acumulação: “conspira contra ello la imitación del consumo de los centros, gracias sobre todo a la capitación primaria de la mayor parte de los frutos del avance técnico por los estratos superiores”.⁶⁸⁶ Em outros termos, o excedente não era plenamente empregado para a acumulação; em vez disso, ele era desviado pelos estratos superiores e utilizado para a

⁶⁸¹ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 14.

⁶⁸² *Ibid.*, p. 10.

⁶⁸³ Conforme Rodríguez, na obra de Prebisch, a distribuição de renda se referia a dois aspectos: em primeiro lugar, a tendência à concentração funcional da renda, isto é, o excedente cresceria a uma proporção maior do que a massa de salários; em segundo lugar, a tendência à concentração pessoal da renda, isto é, o acréscimo entre a faixa dos 10% mais ricos, devido, por um lado, “à dispar evolução dos ganhos de produtividade e do salário no setor moderno, e por outro, à exígua remuneração da mão de obra ocupada nos setores atrasados”. RODRÍGUEZ, **O Estruturalismo Latino-Americano**, p. 454.

⁶⁸⁴ PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 183.

⁶⁸⁵ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 11.

⁶⁸⁶ *Ibid.*, p. 25.

“imitación exagerada y prematura de las pautas de consumo de los centros”.⁶⁸⁷ Essa lógica era alimentada pelo que Prebisch denominou “sociedade privilegiada de consumo”.

Prebisch esclareceu que essa sociedade de consumo foi constituída através de uma dupla determinação. Ela foi forjada tanto pelo próprio dinamismo interno do capitalismo periférico, visto que esse capitalismo não funciona sem o excedente, quanto pela relação secular desenvolvida com os centros capitalistas, sobretudo, pelas distintas formas de difusão de pautas de consumo absorvidas pelo capitalismo periférico, ou imitativo. Quanto aos seus efeitos, o autor listou a tendência ao aumento do consumo sem uma acumulação prévia e a modificação de padrões de consumo que guiaram as feições da industrialização do período. Nos termos do autor, “por aquí es por donde se desvanece indefinida del capitalismo periférico y su papel esencial en la difusión del bienestar humano”.⁶⁸⁸

De acordo com Prebisch, essa sociedade de consumo se desenvolveu dentro de si mesma de forma indefinida e ininterrupta, não existindo qualquer mecanismo de regulação dentro do capitalismo que fosse capaz de se opor ao seu desenvolvimento. Prebisch questionou, inclusive, a validade da dita austeridade, tão preconizada pela teoria dominante, visto que essa teoria ignorava o consumo, santuário dos estratos superiores. Nas palavras do autor, “no hay tal austeridad en el capitalismo periférico, expuesto cada vez más a la imitación de las modalidades de consumo de los centros”.⁶⁸⁹ É nesse sentido que Hodara⁶⁹⁰ salienta que a crítica de Prebisch à sociedade privilegiada de consumo, antes de ser parte do seu diagnóstico, era, sobretudo, uma denúncia.

Até aqui, verificamos que a sociedade privilegiada de consumo, ao retirar parte do potencial de acumulação previsto, mostrava-se incompatível com a eficácia social do sistema. No entanto, esse não foi o único determinante listado por Prebisch. Essa sociedade havia se enraizado no tecido social e combinava-se com outros elementos que pressionavam o excedente. Diante disso, Prebisch revisou as suas reflexões sobre a técnica, trazendo as suas devidas implicações sobre o excedente econômico.

Primeiramente, a técnica carregava em si dois efeitos: (i) o aumento da produtividade, que resultava em um menor emprego da força de trabalho por unidade de capital e, simultaneamente, (ii) o acréscimo de potencial de acumulação de capital, o que permitiria ampliar o excedente que, por seu turno, seria capaz de remediar o menor uso da mão de obra

⁶⁸⁷ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 168.

⁶⁸⁸ *Ibid.*, p. 169.

⁶⁸⁹ *Ibid.*, p. 209.

⁶⁹⁰ HODARA, Las Confesiones de Don Raúl. El Capitalismo Periférico, p. 232.

através de um novo ciclo acumulativo. Entretanto, Prebisch alertou que, cada vez mais, a técnica moderna apresentava, em sua essência, a qualidade de poupar mão de obra: “se discurre entonces acerca de la necesidad de desenvolver una técnica adecuada a las condiciones periféricas”.⁶⁹¹

Em seus escritos, Prebisch insistiu nos efeitos da técnica sobre o tecido social: por um lado, a técnica havia concentrado cada vez mais poder nos estratos superiores e, nos últimos decênios, havia favorecido o crescimento de parte dos estratos intermediários, com qualificação suficiente para se empregarem em setores vinculados às novas camadas tecnológicas; por outro lado, a composição da estrutura social, em última instância, determinava a intensidade e a extensão das formas técnicas empregadas. Nesses termos, tanto a técnica exercia influência sobre os estratos sociais quanto acontecia o inverso. Nas palavras do autor:

A mi juicio el problema radica fundamentalmente en la estructura social donde penetra la técnica más que en la índole de ésta. Afirmo esto porque aunque esa técnica tiende a emplear cada vez menos fuerza de trabajo, gracias a su creciente productividad, ello trae consigo, asimismo, un potencial cada vez mayor de acumulación de capital. Si este potencial se empleara eficazmente, el progreso técnico tendería a multiplicar incesantemente el empleo; pero no sucede así. Este potencial se malogra en gran parte y aquí encontramos uno de los fenómenos más importantes del desarrollo periférico, si no el más importante.⁶⁹²

No mesmo sentido, esse outro excerto retirado de Prebisch ilustra a relação estreita entre a técnica e a estrutura social:

Ahora bien, las relaciones de poder que emergen de la estructura de la sociedad determinan, en última instancia, la distribución del ingreso. Y la forma de esta distribución condiciona la penetración de la técnica y el aumento consiguiente de productividad.⁶⁹³

Observa-se, diante dessa argumentação, que, para Prebisch, eram as relações de poder que definiriam a distribuição de renda e a forma de penetração da técnica. De acordo com Pedrão, Prebisch deixou de se preocupar com os efeitos genéricos do progresso técnico, passando a discutir o controle da tecnologia. “Não se trata de um progresso técnico positivo ou negativo em relação com a sustentação da taxa de crescimento do produto social, mas de um instrumento central do poder econômico”.⁶⁹⁴ Para compreender o significado desse controle

⁶⁹¹ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 197.

⁶⁹² *Ibid.*, p. 197.

⁶⁹³ PREBISCH, Crítica al Capitalismo Periférico, p. 19.

⁶⁹⁴ PEDRÃO, Evocação de Raúl Prebisch: latino-americano e homem do mundo, p. 10.

tecnológico no pensamento de Prebisch, o próximo passo seria estender os vínculos entre a técnica e as modalidades de consumo.

Para tal, Prebisch adentrou uma discussão acerca da natureza da técnica. Em *Crítica al Capitalismo Periférico*, a evolução da técnica manifestava-se por duas formas, havendo uma dicotomia entre produtividade e eficácia. Em sua postulação, a noção de produtividade “conciérne al esfuerzo humano cada vez menor que se requiere para producir una misma cuantía de bienes y servicios gracias al aumento de capital en bienes físicos, así como del que se invierte en la formación de fuerza de trabajo cualificada”.⁶⁹⁵ Para Prebisch, o acréscimo da produtividade era o que permitia o aumento da renda, o que possibilitava a acumulação de uma quantia cada vez maior de capital. No caso da eficácia, o seu aumento:

[E]xige de igual manera acrecentar la cantidad de capital por persona, pero no ya para disminuir la fuerza de trabajo necesaria, sino para crear nuevos bienes o nuevas formas de ellos que sean más eficaces. [...] más eficaces por ser de superior calidad o por prestar mejor servicio que los bienes precedentes, o por responder a exigencias de ostentación o jerarquía social.⁶⁹⁶

Desse modo, no pensamento de Prebisch, a associação da eficácia com a diversificação incessante de novos bens e serviços constituiria o elemento de ligação com a sociedade privilegiada de consumo e com os valores que a sustentam. Prebisch aprofundou essa discussão em *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema*, quando trouxe novos conceitos sobre as formas de reprodução do capital. Primeiramente, o autor empregou o conceito de “capital reprodutivo” para expresar o tipo de acumulação que “contribuye a acrecentar la productividad y multiplicar el empleo en la medida en que el fruto de esta mayor productividad se destina a la acumulación”.⁶⁹⁷ Em outros termos, era atribuída a esse capital a capacidade de frear a absorção regressiva da mão de obra.

No outro extremo, estava o “capital consuntivo” (ou não reprodutivo), que atendia aos critérios da eficácia da técnica, discutida acima. Isto é, “en vez de aumentar la productividad mejora la eficacia de los bienes así como su aptitud para responder a consideraciones de jerarquía social y a la manipulación incesante de la así llamada soberanía del consumidor”.⁶⁹⁸ Prebisch afirmou que esses conceitos eram fundamentais para a compreensão do funcionamento do capitalismo periférico; porém, era preciso ter em mente que se tratava de abstrações. Ambas

⁶⁹⁵ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 21.

⁶⁹⁶ *Ibid.*, p. 21.

⁶⁹⁷ PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 186.

⁶⁹⁸ *Ibid.*, p. 187, 213.

as formas de capital se misturavam, e “esta dicotomía conceptual no debiera llevarnos a pensar que se trata de técnicas separadas. Están unidas en evolución”.⁶⁹⁹

O interesse de Prebisch por esses conceitos foi trazer à tona os efeitos resultantes da evolução da técnica e da forma de acumulação ditados pela sociedade privilegiada de consumo. Como dito, para Prebisch, a distribuição de renda era resultado imediato dos embates na estrutura social. Portanto, tal como no capitalismo periférico, uma estrutura de poder e de renda concentrada determinava, em última instância, o crescimento desigual da demanda, o qual, no que lhe dizia respeito, incitava “nuevas formas de diversificación de capital imitativo, las que también provienen de incesantes innovaciones en los centros”.⁷⁰⁰

Nesses termos, a diversificação atendia ao incremento do capital consuntivo, em detrimento do capital reprodutivo. Prebisch mostrou como esse fenômeno aparecia, em distintos graus, em todos os tipos de bens e de serviços, mesmo nos alimentos. No entanto, foi na indústria de bens de consumo duráveis que a diversificação se cristalizou e se enraizou no sistema produtivo, formando um mercado de fluxo contínuo de “bens novos ou de melhor qualidade que os preexistem, para os quais canalizam as sucessivas ampliações da demanda”.⁷⁰¹ Além disso, o caráter transnacional dessas empresas garantia o compartilhamento imediato das formas de consumo praticadas no centro.⁷⁰²

Em resumo, segundo Prebisch, a diversificação acentuou a tendência excludente do sistema, uma vez que ela desviava o uso do capital do seu sentido reprodutivo. Com efeito, a lógica do processo acumulativo foi modificada, necessitando-se, cada vez mais, despender volumosos blocos de investimento para a substituição prematura de camadas tecnológicas – dotadas de um elevado coeficiente de capital – e para a qualificação da mão de obra dessas novas camadas. Nos termos de Prebisch:

Insisto pues en que se trata de un fenómeno de irracionalidad por el cual nuevas capas técnicas eliminan prematuramente capas técnicas precedentes en desmedro de la ocupación y el producto global. Tarde o temprano las capas técnicas precedentes tendrían que eliminarse pero en un orden racional, esto es, a medida que la acumulación de capital permita absorber la fuerza de trabajo que así ya desplazado.⁷⁰³

⁶⁹⁹ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 21.

⁷⁰⁰ PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 210.

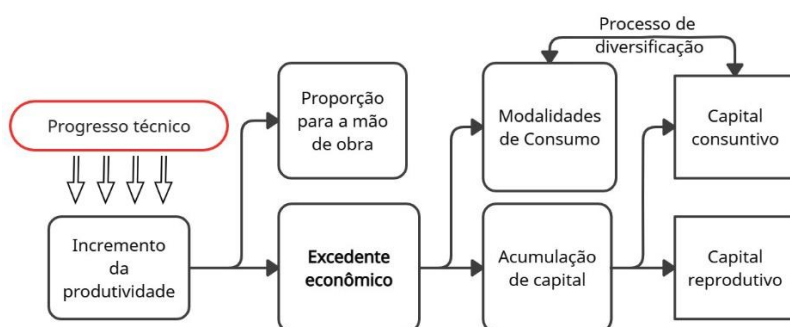
⁷⁰¹ RODRÍGUEZ, *O Estruturalismo Latino-Americano*, p. 454.

⁷⁰² PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 186.

⁷⁰³ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 29.

Coerentemente com a explanação acima, o intuito de Prebisch era chamar a atenção de que o progresso técnico não poderia ser um fim em si mesmo e de que o seu uso não deveria estar restrito ao capital estrangeiro, muito menos à lógica reprodutiva da sociedade privilegiada de consumo. Nessas condições, a técnica agravava os traços excludentes do sistema capitalista, aumentando o *gap* que impedia que os frutos da produtividade chegassem aos estratos inferiores. A figura abaixo (FIG. 4) pretende sintetizar o conjunto das explicações sobre a dinâmica do excedente.

Figura 4. Síntese do esquema teórico de Prebisch



Fonte: Elaboração própria.

Dentro dessa teorização, o Estado também foi apontado como um agente importante no conflito distributivo pelo excedente. Fernández e Ormaechea⁷⁰⁴ sustentam que o Estado, para Prebisch, deixou de ser concebido *ex ante* como uma simples ferramenta de planejamento econômico, tornando-se *ex post* um ator cujo envolvimento poderia gerar obstáculos à industrialização e ao desenvolvimento social. Nas palavras do autor, “el Estado es en realidad una expresión de aquellas relaciones de poder”.⁷⁰⁵

De acordo com Prebisch, por muito tempo, o Estado constituiu uma ferramenta utilizada pelos estratos superiores para a obtenção de privilégios, tais como subsídios, reservas de mercado, direitos aduaneiros e isenções de tributos. Recentemente, o crescimento e a organização política dos estratos intermediários têm capturado o Estado para a sua defesa dos efeitos perversos do desenvolvimento, sobretudo, o desemprego estrutural. Nesses termos, o Estado era movido por uma “una constelación interna de interés”.⁷⁰⁶

⁷⁰⁴ FERNÁNDEZ, Victor Ramiro; ORMAECHEA, Emilia, Prebisch, o Estado e o Pensamento Estruturalista, in: BRANDÃO, Carlos Antônio (Org.), **Teorias e Políticas do Desenvolvimento Latino-Americano**, 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2018, p. 94.

⁷⁰⁵ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 218.

⁷⁰⁶ *Ibid.*, p. 221.

Por esse ângulo, embora a intenção dessas camadas inferiores, ao usar o Estado, fosse a de reduzir a desigualdade distributiva, Prebisch ressaltou que, muitas vezes, os efeitos desse uso eram prejudiciais para o processo acumulativo⁷⁰⁷. Prebisch referia-se ao desenvolvimento desproporcional de alguns serviços estatais, que retiravam recursos potenciais de acumulação; com efeito, “el Estado se convierte en una fuerza económicamente desacumuladora”.⁷⁰⁸ Como exemplo, o argentino citou certas atividades administrativas e a criação de monumentos; com relação à empresa pública, o autor comentou:

La empresa pública, en algunos casos, es una alternativa a la empresa transnacional, y en otros podría justificarse por el carácter monopolístico del servicio. Pero no puede negarse que en trasfondo de ciertas razones ideológicas que llevan a extender las funciones del Estado, se halla el afán de encontrar fuentes de ocupación, que por su insuficiencia dinámica, la economía no ha conseguido proporcionar”.⁷⁰⁹

Segundo Sember,⁷¹⁰ é preciso esclarecer que o ponto de Prebisch não era a atribuição, à atividade estatal, de um rótulo de ineficiente, ou um posicionamento contrário à intervenção estatal, tal como faziam os neoclássicos. Para o autor, o problema não estava diretamente na empresa pública, mas sim na forma que esses serviços assumiram, diante de um tecido social mediado por um conflito distributivo. Desse modo, esses serviços estatais eram capazes de absorver parte da força de trabalho redundante, “pero no se trata de una absorción genuina, que responda a necesidades efectivas, sino de absorción espuria ante todo en los servicios del Estado”.⁷¹¹ Adiante, Prebisch completou que essa absorção “no deja de ser contraproducente, pues significa aparar recursos, que podrían dedicarse a la acumulación, con lo cual tiene a acentuarse aquella insuficiencia”.⁷¹²

Até aqui, buscamos apresentar a interpretação de Prebisch do funcionamento do capitalismo periférico e demonstrar que a dinâmica singular desse sistema resultava inevitavelmente em traços como desigualdade e subemprego e que essa dinâmica contribuía para a formação de um acirrado conflito distributivo. Adiante, deslocamo-nos para a interpretação dos “fatores externos” no pensamento de Prebisch.

⁷⁰⁷ Prebisch, no seu livro de síntese, denominou o fenômeno de desperdício de recursos pelo Estado “hipertrofia do Estado”. PREBISCH, **Capitalismo Periférico: crisis y transformación**, p. 18–19.

⁷⁰⁸ HODARA, **Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional**, p. 87–88.

⁷⁰⁹ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 24.

⁷¹⁰ SEMBER, Florencia, Prebisch, la Planificación del Desarrollo y la Necesidad de Transformación del Capitalismo Periférico, in: ODISIO, Juan; ROUGIER, Marcelo (Orgs.), **Estudios sobre Planificación y Desarrollo**, Argentina, Buenos Aires: Lenguaje Claro, 2016, p. 309–310.

⁷¹¹ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 24., p. 24.

⁷¹² *Ibid.*, p. 24.

3.1.2 As novas relações centro-periferia

O projeto de análise de Prebisch também incluiu os fatores externos que aprofundavam os traços perversos do capitalismo periférico. Em seus escritos, Prebisch ressaltou que os países centrais vinham participando desmesuradamente da gestação e da captação do excedente da periferia. No entanto, nessa última etapa intelectual, o olhar do autor para esse fenômeno era distinto, por dois motivos. Em primeiro lugar, por não ter se limitado à extração de renda da periferia através da deterioração dos termos de troca ou de outro fenômeno puramente econômico. De acordo com Prebisch, havia um “sistema de relações de poder”, que deveria ser entendido por meio de articulações políticas e de interesses de grupos de poder no plano internacional. O segundo motivo estava atrelado às decepções acumuladas por Prebisch em sua trajetória institucional; sobretudo, ao desencanto com o progresso da UNCTAD (tema do capítulo anterior).⁷¹³ Após 1976, Prebisch abandonou a fantasia da NOEI e passou a pensar em vias de superação do subdesenvolvimento por meio de mudanças na estrutura de poder interna. Nas palavras do autor, “[...] digámoslo rotunda y francamente: la responsabilidad de transformar el sistema es nuestra”.⁷¹⁴

Embora Prebisch tenha reconhecido o fato de não poder contar com as transformações externas, ainda assim, era preciso estudá-las. Para tal, a tarefa inicial do autor foi aprimorar o conceito de centro-periferia, o qual não era mais somente circunscrito à má distribuição do progresso técnico. Nos termos de Prebisch, “hay que buscar respuestas en la formación estructural de la periferia y en su articulación de intereses con los centros”.⁷¹⁵

Nesse sentido, Prebisch tratou das relações centro-periferia em termos de “hegemonia”, uma vez que a periferia se desenvolveu sob a influência secular dos países centrais. Desse modo, as relações centro-periferia não eram compostas por estruturas estáticas. Essa hegemonia experimentou mutações históricas; ela “responde siempre a una combinación de intereses económicos, políticos y estratégicos de fuerte gravitación en el desarrollo periférico”.⁷¹⁶ É pertinente ressaltar que, nesse tabuleiro montado por Prebisch, os Estados Unidos ainda ocupavam o posto de centro cíclico principal – tal como em seu manifesto de 1949.

⁷¹³ Em 1978, em depoimento, o autor retomou eventos de sua passagem pela UNCTAD, em que visitou uma série de governos muito resistentes à promoção de mudanças na estrutura de comércio internacional. Para o autor, ao seguir tal rota, “se corre el riesgo de desviar la atención del problema global del desarrollo, que exige transformaciones fundamentales y también cambios de gran aliento en ‘las concepciones de cooperación internacional’”. PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 179.

⁷¹⁴ *Ibid.*, p. 179.

⁷¹⁵ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 60.

⁷¹⁶ *Ibid.*, p. 58.

A partir desses argumentos, Prebisch esclareceu que a base da hegemonia do centro decorria, em grande medida, da sua superioridade econômica e técnica, enquanto a sua influência incontestável sobre a periferia era resultado do seu poder político. Prebisch afirmou que o centro apresentava diferentes formas de ação e de persuasão para promover os seus interesses: concessões comerciais, envio de recursos financeiros, ajuda militar, uso de instrumentos de comunicação para angariar apoio na opinião pública e, eventualmente, medidas punitivas, com base no emprego da força.⁷¹⁷

No que se refere à articulação entre centro e periferia, essa articulação era imposta através de uma combinação de interesses entre estratos superiores de ambas as regiões. Dito de outro modo, havia grupos dotados de poder no centro que partilhavam o seu poder econômico e político com grupos privilegiados da periferia, o que garantia a sua interferência sobre a região periférica. Prebisch logo classificou essa associação como dependência, fazendo uso desse conceito em seu diagnóstico.

Segundo Mallorquín, o conceito de dependência, nos anos setenta, estava na ordem do dia.⁷¹⁸ O próprio Prebisch afirmou que a origem do conceito era remota: “se introdujo en los primeros escritos de la CEPAL y [...] después se enriqueció con valiosas aportaciones de diversos economistas y sociólogos acerca de la significación de la dependencia”.⁷¹⁹ De modo geral, para Prebisch, a dependência era o que, de fato, sustentava a hegemonia secular do centro; da mesma forma, a dependência também poderia assumir diversas faces.

Nesse cenário, Prebisch delineou uma teia de relações de poder no plano internacional, composta por vários atores e instituições, que representavam “la constelación de intereses en los centros”.⁷²⁰ Destarte, Prebisch retirou o véu sobre os organismos internacionais e mostrou como a lógica desses órgãos atendia aos interesses do centro. O autor citou, como exemplo, os recursos das entidades de crédito internacional, os quais dependiam do respaldo do centro – de seus governos e de seus mercados financeiros.

Diante disso, Prebisch insistiu que havia uma intencionalidade nas deliberações políticas do centro, a fim de se manter o *status quo*. Ainda que as orientações desses países centrais aparentassem, em um primeiro olhar, um caráter político imediatista, essas decisões constituíam uma estratégia cujo horizonte era projetado a longo prazo. Sintomaticamente, Prebisch também endereçou críticas ao principal instrumento de contato entre centro-periferia: o capital

⁷¹⁷ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 240.

⁷¹⁸ MALLORQUÍN, Aventuras y Desventuras de un Economista Brasileño (circa 1964-1976), p. 37-38.

⁷¹⁹ PREBISCH, Crítica al Capitalismo Periférico, p. 71.

⁷²⁰ *Ibid.*, p. 68.

estrangeiro. Para o argentino, esse capital conduzia, em sua essência, os interesses (econômicos e políticos) do centro, o que permitia a esse centro participar plenamente do conflito distributivo na periferia. Nas palavras do autor:

Compréndese ahora que cuando el capital privado extranjero se inserta la formación estructural de la periferia lleva en sí un poder externo considerable que sobrepasa y apoya al poder interno que adquiere por su inserción. Comparte así con los estratos superiores el poder económico y político que éstos tienen por concentrar en sus manos la mayor parte de los medios de producción.⁷²¹

Sprout⁷²² indica que, vistos em sua totalidade, os fatores externos apontados por Prebisch ilustram como o atraso periférico envolvia poderosos interesses externos apoiados por grupos internos; isto é, havia uma articulação interna-externa. Pedrão afirma que o esquema concebido por Prebisch mostrou como o parasitismo dos estratos superiores “deu lugar à criação de elites nacionais sempre a serviço de poderes externos”.⁷²³ Em suma, era nesse terreno que se reproduzia a dependência; contudo, ainda era preciso que:

[...] [C]onsidérese, sin embargo, que el concepto de dependencia exige entrar a fondo en el problema, analizar los factores subyacentes y el juego de las relaciones de poder. Más aún, este término suele también englobar otros fenómenos característicos del capitalismo imitativo. Son fenómenos de irradiación de los centros, que no subordinan a la periferia económica o políticamente, ni la obligan a hacer o dejar de hacer en el juego de las relaciones de poder.⁷²⁴

Essas afirmações ensejam o reconhecimento da existência de outras dimensões contidas na dependência periférica. Nesses termos, Prebisch ressaltou que a formação da periferia ocorreu com a presença da enorme herança cultural e ideológica do centro, “con lo cual manifiestan una vez más su propensión imitativa, su carencia de autenticidad”.⁷²⁵ Portanto, as instituições, as técnicas e, em especial, o padrão de consumo do chamado “capitalismo imitativo” descrito por Prebisch eram modelados pelo exterior.

Em sua explicação, os aspectos culturais ganharam certa notoriedade. Prebisch sinalizou que os interesses do centro giravam “de más en más en torno a la sociedad de consumo, expresión conspicua del capitalismo imitativo de la periferia”.⁷²⁶ Devido à falta de

⁷²¹ *Ibid.*, p. 69.

⁷²² SPROUT, Ron, Repensando a Prebisch, in: LORA, Jorge; MALLORQUÍN, Carlos (Orgs.), **Prebisch y Furtado: el estructuralismo latinoamericano**, 1. ed. México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999, p. 157–158.

⁷²³ PEDRÃO, Evocação de Raúl Prebisch: latino-americano e homem do mundo, p. 7.

⁷²⁴ PREBISCH, Crítica al Capitalismo Periférico, p. 71.

⁷²⁵ *Ibid.*, p. 58.

⁷²⁶ *Ibid.*, p. 58.

autenticidade, a periferia se viu obrigada a incorporar técnicas do centro que respondessem às exigências da sociedade de consumo. Seja como for, no pensamento de Prebisch, a dependência cultural era o que impedia a periferia de:

[A]provechar el ingente caudal científico y tecnológico de los centros para adaptar la técnica a las condiciones objetivas de la periferia, para ampliar la esfera estrecha de las opciones tecnológicas, para impulsar nuestro propio sentido innovador.⁷²⁷

Aqui interessa destacar que, em cada momento do desenvolvimento periférico, surgiram “nuevas formas de dependencia que llevan a un país periférico a hacerlo que de otro modo no haría, o a abstenerse de hacer lo que quisiera hacer”.⁷²⁸ No estágio de desenvolvimento da época, “llamada modernización de los países, como en la internacionalización de la producción”,⁷²⁹ Prebisch apontou as ETNs como agressivos agentes globais que carregavam os interesses do centro. Essas empresas compartilhavam o seu poder com os estratos superiores da periferia; e, uma vez dentro, chegavam a superá-los.

Para Prebisch, as ETNs estavam entre os principais fatores que sustentavam o mito de que era possível se tornar imagem e semelhança do centro. O argentino argumentou que: “cometen un grave error quienes piensan que esta forma de participación de los centros en el desarrollo periférico va a contribuir primordialmente a fortalecer allí el capitalismo y asegurarle un desenvolvimiento regular y vigoroso”.⁷³⁰ Segundo Flechsig,⁷³¹ Prebisch submeteu as ETNs à crítica, revelando as suas práticas nocivas ao meio ambiente, os seus comportamentos monopolistas e as suas estreitas associações com “grupos dominantes” da sociedade privilegiada de consumo.

Nas postulações de Prebisch, as ETNs, inicialmente, apresentavam-se como expressões autênticas da livre concorrência internacional. Entretanto, as suas intenções estavam restritas ao potencial mercado interno dos países periféricos; isto é, “contribuye notable a la internacionalización de las formas de consumo, pero menos a la internacionalización de la producción estimulada en los centros por el avance tecnológico”.⁷³² Além disso, essas empresas eram criteriosas na escolha dos setores de atuação, selecionando primeiramente ramos

⁷²⁷ *Ibid.*, p. 72.

⁷²⁸ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 193.

⁷²⁹ *Ibid.*, p. 241.

⁷³⁰ PREBISCH, Crítica al Capitalismo Periférico, p. 64.

⁷³¹ FLECHSIG, Em memória de Raúl Prebisch (1901-1986), p. 99.

⁷³² PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 231.

industriais que não entrassem em concorrência direta com o centro. Ademais, algumas dessas empresas buscavam usufruir de proteções ou de subsídios, enquanto outras visavam a leis flexíveis para a extração de recursos naturais estratégicos.⁷³³

De forma geral, as ETNs intervieram diretamente nas decisões de desenvolvimento da periferia, ao elegerem a técnica ou ao interferirem em outras decisões internas. Outrossim, essas empresas participavam da geração do excedente; porém, quase sempre o traduziam em volumosas remessas financeiras ao exterior, as quais geralmente acentuavam o estrangulamento externo. “Y si aquellas remesas se reinvierten, aumenta el poder de las empresas transnacionales en desmedro del sentido de identidad nacional y de autonomía de decisiones”.⁷³⁴

Nesse percurso, ainda restava explicar o que, de fato, essas empresas produziam em solo periférico. Nos termos de Prebisch, as ETNs “realmente prefieren dedicarse en la periferia a la producción de bienes que corresponden a innovaciones precedentes y que los centros van dejando atrás por el avance de otras innovaciones”.⁷³⁵ Em tese, elas produziam o que já era fabricado no centro; no entanto, sempre uma etapa técnica abaixo. Prebisch declarou que se enganou quem contou com o papel das ETNs na transferência tecnológica; o desfecho da implementação dessas empresas foi a entrega de um padrão tecnológico pautado por um fluxo contínuo de novos bens de consumo duráveis. Isso, em outros termos, serviu à exaltação da sociedade privilegiada de consumo.

De fato, as ETNs não deveriam ser interpretadas como uma contribuição dos países centrais ao desenvolvimento periférico. Ainda assim, era preciso ter em mente que essas empresas não representavam a medula do problema; elas constituíam somente uma das suas manifestações. Prebisch insistiu que o capitalismo periférico dispunha de uma dinâmica própria e excludente. Portanto, se o excedente gerado na região fosse destinado à acumulação, como se deve, não haveria um campo tão propício para as ETNs. E é também pela mesma razão que a sociedade privilegiada de consumo não era sustentada por fatores externos. Prebisch, mais de uma vez, pontuou que essa sociedade apresentava raízes firmes na estrutura desigual de renda, resultante do jogo interno das relações internas de poder. Nas palavras do autor:

Si por arte de magia desaparecieran en la periferia, no por ello se evaporaría el excedente ni se eliminarían las tendencias excluyentes y conflictivas del sistema. Tampoco se corregirían por ese solo hecho aquellas disparidades estructurales en las

⁷³³ *Ibid.*, p. 172.

⁷³⁴ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 68.

⁷³⁵ PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 193.

relaciones centro-periferia. Pero se aliviarían, sin duda alguna, los consabidos fenómenos de dependencia.⁷³⁶

Até aqui, empenhamo-nos em apresentar o *modus operandi* do capitalismo periférico, tal como descrito por Prebisch (subseção 3.1.1). Em sequência, buscamos entender o lugar desse tipo específico de capitalismo dentro do sistema centro-periferia (3.1.2), para, enfim, continuarmos a exploração, apresentando a nova leitura de Prebisch para o desenvolvimento periférico.

3.1.3 Releitura do processo de desenvolvimento latino-americano

Em sua última fase intelectual, Raúl Prebisch dirigiu um novo olhar sobre o processo de desenvolvimento periférico. Sember⁷³⁷ aponta o caráter de autocrítica do autor, quando Prebisch mostrou que o crescimento virtuoso obtido por alguns países da periferia havia trazido consequências negativas, seja em razão de esses países forjarem um tecido industrial voltado para atender formas de consumo incompatíveis com a acumulação de capital, seja em razão de as transformações estruturais alcançadas incitarem conflitos sociais cada vez mais latentes. Tal como escreveu no subtítulo do seu artigo de 1978, tratava-se de “reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años”.⁷³⁸

Nessa ótica, Prebisch logo esclareceu que a sua análise estava restrita aos países que alcançaram certo grau de desenvolvimento industrial e que haviam iniciado o que o autor chamou de “democratização” – tratamos adiante desse tema. Desse modo, a sua teorização não envolvia “aquellos países de industrialización incipiente, en donde una proporción considerable de la fuerza de trabajo se encuentra en la agricultura”.⁷³⁹ Para Love,⁷⁴⁰ Prebisch, em grande medida, ocupou-se do Cone-Sul, onde regimes militares estavam no poder (tema das seções 1.4 e 2.3).

De modo geral, Prebisch recorreu ao estudo das mutações da estrutura produtiva e do tecido social dos países periféricos, por meio da articulação de elementos econômicos, sociopolíticos e culturais (o que é representado na FIG. 5). Como consequência, o argentino notou que, no curso dessas transformações, o capitalismo periférico reproduziu uma nova

⁷³⁶ *Ibid.*, p. 172.

⁷³⁷ SEMBER, Prebisch y los frutos del progreso técnico, p. 41.

⁷³⁸ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años.

⁷³⁹ PREBISCH, Crítica al Capitalismo Periférico, p. 55.

⁷⁴⁰ LOVE, Joseph L., Raúl Prebisch (1901-1986). Su vida y sus ideas, *Revista Comercio Exterior*, v. 37, n. 5, p. 361-365, 1987, p. 365.

estrutura de poder, a qual carregava em si uma tendência inerente à crise. Nos termos de Flechsig,⁷⁴¹ “crise passou a ser uma categoria central em seu pensamento”.

Figura 5. Interpretação de Prebisch sobre o desenvolvimento periférico



Fonte: Elaboração própria.

Antes de avançarmos, é importante observar que a novidade na exposição de Prebisch foi a mobilização, no seu diagnóstico, do conceito de “poder”. Para Prebisch, eram as relações de poder que, em última instância, determinavam a distribuição de renda. Portanto, o autor examinou de que forma os estratos sociais mobilizavam diferentes formas de poder para interferir na disputa pelo excedente. Prebisch esclareceu: “conste que nos estamos ocupando de ello [poder] sólo en lo que concierne a los fenómenos distributivos”.⁷⁴²

Di Filippo⁷⁴³ sublinha que Prebisch estabeleceu uma tipologia das formas de poder que operavam na estrutura social da periferia. De acordo com Prebisch, o jogo das relações de poder se manifestava tanto na órbita do mercado quanto na do Estado. O primeiro desses dois grupos era representado por fontes de poder obtido abaixo do império das leis de mercado, e desdobrava-se no poder (i) econômico e no (ii) social.

O (i) poder econômico era outorgado pela posse dos meios produtivos, que se encontravam essencialmente nos estratos superiores. Prebisch explica que a dimensão desse poder dependia do que ele chamou de “*escala de tenencia*”; isto é, quanto maior fosse a propriedade possuída, maior também seria a quantidade de ferramentas em mãos para se captar parte do excedente. Desse modo, empresas pequenas e médias não apresentariam as mesmas facilidades na obtenção de recursos financeiros e no acesso à técnica moderna. Ademais, empresas pequenas despendiam parte considerável do lucro na gestão da propriedade. Nesse

⁷⁴¹ FLECHSIG, Em memória de Raúl Prebisch (1901-1986), p. 98.

⁷⁴² PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 218–219.

⁷⁴³ DI FILIPPO, The Structuralism of Prebisch and the Integration of Latin America, p. 224.

sentido, “la propagación de la técnica y la estructura socioeconómica tienden a favorecer los poderosos y no a los débiles”.⁷⁴⁴

Outras formas de poder econômico decorriam de atividades complementares ligadas, em sua maior parte, ao sistema bancário e financeiro. Essas atividades não geravam excedente pelo incremento da produtividade; porém, elas detinham meios para retê-lo, dada a sua relevância no financiamento do capital circulante. Além do mais, Prebisch não descartou manifestações desse poder em atores externos, a exemplo das ETNs.⁷⁴⁵

O (ii) poder social, por seu turno, envolvia dois elementos: oportunidade de formação e possibilidade de uso dessa formação obtida. Esse poder ganhava proeminência ao passo que a estrutura produtiva se sofisticava, tornando costumeiras trocas de camadas técnicas que exigiam qualificações crescentes da força de trabalho.⁷⁴⁶ Então, a mão de obra com poder social seria capaz de aumentar a sua remuneração, conforme se qualificava. Para fins didáticos, Prebisch propõe pensar em termos de “escala de qualificação”:

[...] [P]ues bien, cuanto más se sube en la escala de cualificaciones, tanto más influye el poder social. En otro extremo de la escala se encuentra la fuerza de trabajo simples, privada de cualificaciones. Apenas llega a ella la redistribución espontánea. Pues sobre las remuneraciones de la fuerza de trabajo que se absorbe gravita pesadamente el bajo nivel de la que queda sin absorber por la insuficiencia de acumulación de capital.⁷⁴⁷

Ainda sobre o tema, Prebisch advertiu que, por de trás do mercado, havia uma estrutura social, o que queria dizer que o poder social “no proviene del juego espontáneo de la economía, sino de la estructura de la sociedad”.⁷⁴⁸ Dessa forma, o poder social era capturado por estratos beneficiados por outras formas de poder. Prebisch citou como exemplo o investimento em educação de alguns países, os quais dedicavam um capital desproporcional à educação superior, em detrimento da educação primária – “en algunos países donde aún no ha logrado extirparse el analfabetismo”.⁷⁴⁹

No que tange à órbita do Estado, Prebisch elencou o poder (iii) político e o (iv) sindical como formas de poder que se expressavam por meio da figura do Estado ou da organização coletiva. De forma geral, o (iii) poder político concerne aos diferentes modos de uso do Estado

⁷⁴⁴ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 220.

⁷⁴⁵ *Ibid.*, p. 219–221.

⁷⁴⁶ *Ibid.*, p. 221–222.

⁷⁴⁷ PREBISCH, Crítica al Capitalismo Periférico, p. 14.

⁷⁴⁸ *Ibid.*, p. 42.

⁷⁴⁹ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 221.

para se ampliar o consumo privado (ou o consumo social, via serviços estatais⁷⁵⁰) de determinado estrato social. Prebisch sublinhou que, em cada estágio de desenvolvimento, havia uma combinação distinta de estratos fazendo uso do poder político. Com o maior alcance do processo de modernização, a organização política dos estratos intermediários era uma evidência das alternâncias desse poder político. Na mesma direção, Prebisch escreveu que:

El Estado, como órgano político, y sujeto, por tanto, a **los cambios en la composición del poder político**, tiene considerable importancia en la distribución del fruto de la mayor productividad mediante los servicios que presta, la ocupación correspondiente y la extracción de ingresos fiscales que costean esos servicios. Desde el punto de vista de la distribución, el Estado es una expresión de las relaciones de poder vigentes.⁷⁵¹

Por fim, o (iv) poder sindical⁷⁵² era uma forma de poder que surgiu para “contrarrestar las consecuencias distributivas del poder económico de los propietarios que concentran en los estratos superiores y el poder social de la fuerza de trabajo favorecida”.⁷⁵³ Em suma, o poder sindical estava no seio do conflito distributivo pelo excedente, simbolizando o que Prebisch chamou de “poder redistributivo” para uma enorme massa de trabalhadores que passou a se organizar em busca de reverter de vez a sua condição inerte na estrutura social.

Em suma, o novo arcabouço conceitual de Prebisch foi composto por essas formas de poder elencadas acima, somadas aos demais conceitos apresentados anteriormente (na subseção 3.1.1). Com base nessas discussões, Prebisch esboçou uma nova leitura do processo de desenvolvimento periférico, seguindo à risca a sua proposta de conceber uma “análise global do desenvolvimento”.

Dando continuidade à exploração, nos escritos de Prebisch, encontramos certa periodização, com a existência de distintas fases do desenvolvimento periférico; embora essa periodização seja pouco precisa, optamos pela sua utilização na exposição da (re)leitura de Prebisch do processo de desenvolvimento. Sobre essa periodização, o próprio Prebisch advertiu

⁷⁵⁰ O termo “consumo social” deve ser entendido aqui como uma variedade de serviços estatais que cobrem gastos dos estratos com saúde, educação, habitação e bem-estar social. PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 42.

⁷⁵¹ Grifo nosso. PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 223.

⁷⁵² No primeiro artigo da trilogia, Prebisch utilizava a expressão “poder gremial” para se referir ao fenômeno, definindo-o da seguinte maneira: “Entendemos por poder gremial el que tienen grupos más o menos extensos de la fuerza de trabajo para, mediante la asociación, elevar sus remuneraciones por sobre las que determinarían espontáneamente las fuerzas del mercado”. No segundo artigo, de 1978, Prebisch substituiu “poder gremial” por “poder sindical”; essa última expressão foi mantida em todos os escritos que seguiram essa publicação. PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 13.

⁷⁵³ PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 222.

que: “si bien conviene precaverse del riesgo de caer en una presentación demasiado esquemática del proceso de democratización”.⁷⁵⁴

Diante dessas questões, Prebisch esboçou como condições iniciais, em sua análise, o período de desenvolvimento *hacia afuera*, que esteve em voga, na maioria dos países periféricos, desde o último quartel do século XIX até o início do século XX. Nesse momento, a dinâmica desses países estava restrita ao setor exportador, sobretudo, às produções de alimentos e de matérias-primas e a atividades conexas. Em razão disso, a base do excedente gerado era canalizada para a demanda externa; o que restava era distribuído pelo mercado entre os poucos que possuíam poder social.⁷⁵⁵

Quanto ao tecido social, o poder político correspondia fundamentalmente aos estratos superiores (proprietários de terra, financistas e grandes comerciantes), os quais, por sua vez, mantinham uma relação estreita com o capital estrangeiro. Em razão disso, “el Estado, en la orientación del gasto público, responde primordialmente a las exigencias de los estratos superiores, así como sus inversiones de infraestructura”.⁷⁵⁶

Essas camadas superiores gozavam de um padrão de consumo elevados, sem que elas fossem perturbadas por conflitos distributivos instaurados pelos estratos intermediários, cuja formação ainda era incipiente. No outro extremo, os estratos inferiores representavam uma proporção muito elevada da mão de obra, a qual era empregada em camadas técnicas de exígua produtividade ou pré-capitalistas. Ademais, essa força de trabalho “se encuentra dispersa y carece de poder alguno en las zonas rurales”.⁷⁵⁷

Como sabido, o período conturbado nos albores do século XX remodelou as relações centro-periferia, o que concedeu à periferia a chance de trilhar uma industrialização espontânea. Segundo Prebisch, o efeito imediato das transformações na estrutura produtiva foi permitir ao excedente agregar outras atividades econômicas. No entanto, as mutações no tecido social ainda eram tímidas. Embora a penetração técnica desses novos setores tenha ampliado o estrato intermediário, os estratos superiores agregavam novos componentes e ainda asseguravam o seu considerável poder político. Em outros termos, “continúan rigiendo plenamente las leyes del mercado en la distribución debido a esa misma debilidad y al empleo de resortes potenciales de

⁷⁵⁴ *Ibid.*, p. 223.

⁷⁵⁵ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 51.

⁷⁵⁶ PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 224.

⁷⁵⁷ *Ibid.*, p. 223.

represión del Estado, listos siempre para aplicarse ante cualquier tentativa de perturbación redistributiva”.⁷⁵⁸

As demais fases elencadas por Prebisch faziam referência ao aprofundamento do processo de industrialização em curso ao longo do século XX. Primeiramente, a propagação de novas técnicas, resultante do triunfo da industrialização, conduziu à concentração urbana e ao êxodo rural. Em sua análise, Prebisch insistiu em mostrar a interdependência entre essas transformações produtivas e as mutações sobre o tecido social. O maior exemplo desse estágio talvez fosse a dilatação dos estratos intermediários, que “van abriendo paso al proceso de democratización, no sin grandes obstáculos y vicisitudes”.⁷⁵⁹

Antes de avançar, é preciso compreender o que de fato Prebisch entendia por “democratização”. De acordo com o autor, a origem do proceso de democratização “acompaña a la evolución del desarrollo y sus transformaciones estructurales y, a la vez, influye en ella. Su alcance y ramificaciones son muy vastos”.⁷⁶⁰ Para Prebisch, esse processo ocorreu quando a força de trabalho, antes desfavorecida, passou a receber um crescente poder sindical e político para angariar uma parcela do excedente econômico e, com isso, fazer frente ao vasto poder econômico dos estratos superiores.

Ainda sobre o tema, Gurrieri e Rodríguez indicam que Prebisch fazia alusão ao momento do estabelecimento de instituições democráticas, por meio das quais os estratos desfavorecidos poderiam se expressar.⁷⁶¹ Prebisch citou como exemplo o uso do poder político pelos estratos intermediários para a obtenção de educação geral e de qualificações que antes eram restritas aos estratos superiores.⁷⁶²

É digno de nota que Prebisch não perdeu de vista a especificidade do desenvolvimento periférico. No pano de fundo da interpretação do autor, consta que, diferentemente do caso do centro, em que o processo de democratização teve início após um considerável impulso de acumulação de capital, na periferia, tal processo foi estabelecido sem acumulação prévia. Em vista disso, Prebisch se propôs a examinar o desenvolvimento da democratização no capitalismo periférico e quais teriam sido as consequências regressivas e as complicações trazidas por esse processo.⁷⁶³

⁷⁵⁸ *Ibid.*, p. 224.

⁷⁵⁹ *Ibid.*, p. 187.

⁷⁶⁰ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 51.

⁷⁶¹ GURRIERI, Adolfo; RODRÍGUEZ, Octavio, *Desarrollo y Democracia en el Pensamiento de Raúl Prebisch*, *Revista Comercio Exterior*, v. 37, n. 5, p. 396–403, 1987, p. 402.

⁷⁶² PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 52.

⁷⁶³ Reiteramos que a temática da “democratização” era uma novidade no diagnóstico de Prebisch. Na última etapa intelectual de Prebisch, o processo de democratização tornou-se praticamente um requisito político para o desenvolvimento. Gurrieri e Rodríguez lembram que, nos anos iniciais da CEPAL, “Prebisch no se inquieta

Dando continuidade à exploração, nessa fase, a democratização ainda se encontrava em gestação. Em razão disso, os estratos superiores conseguiam mitigar o poder sindical e político dos estratos desfavorecidos, poder esse que a democratização vinha trazendo consigo. Nos termos de Prebisch:

[...] [L]a manipulación y la movilización de masas o clientelas dirigidas desde la cúspide del sistema; la cooptación de dirigentes políticos y sindicales y su inserción en el sistema con alguna participación en sus ventajas. La democratización es de todas maneras en gran parte formal, más que sustantivas, y el poder sindical y político se desenvuelve pues dentro de estrechos límites.⁷⁶⁴

Em sequência, a próxima e última etapa listada por Prebisch foi parte do desenvolvimento lógico da fase anterior. Nessa fase, o impulso pela modernização nos países periféricos alterou a dinâmica social, favorecendo o desenvolvimento multiforme dos estratos intermediários à medida que eles exerciam o seu poder político e social. Foi nesse estágio que parte das camadas sociais desfavorecidas:

[...] [S]e desenvuelve[n] en esta forma el sentido de su propia identidad, la conciencia del papel que desempeñan y sus aspiraciones de ascenso social, para cuyo logro el mejoramiento económico es un ingrediente inseparable. La expansión de los estratos medios y el proceso de democratización se refuerzan mutuamente.⁷⁶⁵

No que se refere às transformações, Prebisch chamou a atenção para o impulso de novos movimentos sindicais e políticos, os quais “contribuyen de esta manera a despertar y estimular sus aspiraciones latentes, largamente postergadas”.⁷⁶⁶ Com efeito, a composição dos serviços do Estado foi alterada à medida que camadas ascendentes, por meio de manifestações e de pressões, buscaram ampliar o seu consumo social. De acordo com o argentino:

[...] [Y] en el ejercicio del poder sindical y político se van disolviendo las anteriores relaciones de subordinación al poder de los estratos superiores, de tal suerte que los dirigentes adquieren capacidad de negociación y compromiso, tanto en lo que atañe a

demasiado en sus escritos por el tema de la democracia”. Ambos os autores justificam essa ausência em função da mentalidade da época, em que os economistas acreditavam que a consolidação de uma democracia viria associada a um sólido desenvolvimento econômico. Além disso, suspeitamos que a adoção desses temas por Prebisch apresente alguma relação com o saldo do autor sobre os movimentos por reformas de base, acompanhados por ele de perto na América Latina (abordados na seção 1.4). GURRIERI; RODRÍGUEZ, Desarrollo y Democracia en el Pensamiento de Raúl Prebisch, p. 396.

⁷⁶⁴ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 224.

⁷⁶⁵ PREBISCH, Crítica al Capitalismo Periférico, p. 52.

⁷⁶⁶ *Ibid.*, p. 52.

la redistribución del ingreso y a la ocupación, como a aspiraciones que desbordan el campo económico.⁷⁶⁷

Além disso, Prebisch também destacou a influência dos meios massivos de comunicação e de difusão social na propagação de instituições e de ideias democráticas do centro. Tais elementos faziam com “que en el desarrollo periférico el proceso de democratización tienda a hacerse sentir una fase histórica anterior aquella en que se observó en la evolución característica de los centros”.⁷⁶⁸

Antes de apontar as últimas consequências desse movimento, é preciso retomar algumas breves considerações sobre o conceito de excedente econômico. Lembremo-nos de que, na visão de Prebisch, o excedente representava a parte do fruto de maior produtividade que não era transferida para a força de trabalho desfavorecida. Isso significa que a renda dessa mão de obra crescia a uma taxa menos intensa do que o excedente que era acumulado e retido nas mãos dos donos dos meios produtivos.

No plano teórico, Prebisch tratou dessa questão em termos de “excedente global”, aludindo ao nível agregado dos fatores que compõem o excedente. Em termos diretos, “incluye un componente ya distribuido y apropiado, y otro que deriva de los incrementos en el empleo y en la productividad laboral. Abarca todas las remuneraciones a los propietarios capitalistas de recursos productivos”.⁷⁶⁹ Portanto, esse excedente global tendia a crescer com uma intensidade maior do que o produto global de todo o sistema. Para Prebisch, essa relação era o que permitia aos estratos superiores desenvolverem a sociedade de consumo com intensidade e, simultaneamente, acumular capital para garantir a continuidade desse desenvolvimento.⁷⁷⁰

Tendo isso em mente, ressaltamos que Prebisch entendia como legítima a democratização encabeçada pelos estratos desfavorecidos, uma vez que eles lutavam contra os traços excludentes do capitalismo periférico. No entanto, o autor considerou que “esa confrontación de poderes lleva, con el andar del tiempo, a situaciones conflictivas y a la crisis del sistema”.⁷⁷¹

A explicação dada por Prebisch para o subsequente conflito distributivo considerou os efeitos do poder sindical e político sobre o excedente econômico. Como bem se sabe, o Estado se professava como um ator na luta pelo excedente. Nesse contexto, Prebisch postulou que os

⁷⁶⁷ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 224.

⁷⁶⁸ PREBISCH, Crítica al Capitalismo Periférico, p. 52.

⁷⁶⁹ DI FILIPPO, Continuidad y Cambio en la Obra de Prebisch (su concepto de excedente), p. 180.

⁷⁷⁰ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 170.

⁷⁷¹ *Ibid.*, p. 222.

estratos intermediários “tratan de corregir en la órbita del Estado las consecuencias adversas de las leyes del mercado”.⁷⁷²

Entretanto, o alargamento do Estado foi escoltado pela ineficácia social, desperdiçando-se ainda mais o potencial de acumulação do excedente. Prebisch citou, como exemplos, duas modalidades que foram regularmente utilizadas pelos estratos intermediários. Em primeiro lugar, a ampliação dos serviços do Estado realizada sem qualquer consideração de economicidade e com a sobreposição dos gastos de investimento do Estado. Em segundo lugar, o uso da máquina estatal para a absorção espúria da força de trabalho desempregada ou subempregada, na maioria das vezes, empregando trabalhadores para serviços pouco convencionais e sem critérios de produtividade.

Nesse sentido, o ponto-chave dessa discussão seria compreender que o poder redistributivo da força de trabalho desfavorecida debilitava, gradualmente, o ritmo do crescimento do excedente, com relação ao nível do produto global. Em outros termos, a democratização foi levada a cabo às custas do excedente global. Vale ressaltar que esse mesmo excedente já estava sendo pressionado pelos efeitos regressivos da técnica moderna, ao lado da sucção de renda empreendida pelos países centrais (via transnacionais).

Ademais, era preciso considerar outras adversidades produzidas pelo avanço da democratização em casos de desenvolvimento tardio. Primeiramente, Prebisch sublinhou que esse poder redistributivo (social e político) mostrou-se restrito ao longo do processo, não permitindo uma verdadeira mobilidade social.⁷⁷³ Enquanto uma parcela considerável dos estratos intermediários gozou das transformações produtivas, o mesmo fenômeno não alcançou os estratos inferiores – os quais representam a imensa maioria da população. Nesses termos, agravou-se o abismo entre as camadas médias e as inferiores.⁷⁷⁴

Outra questão a ser considerada foi que a democratização se desenvolveu no seio de uma sociedade privilegiada de consumo. Desse modo, Prebisch mostrou que os estratos intermediários, à medida que ampliavam o seu consumo privado, passaram a responder a critérios de diversificação ou a hierarquias sociais. Como já discutido, trata-se de bens de consumo voltados ao investimento de capital não reprodutivo. De acordo com Prebisch, “el problema distributivo atañe allí principalmente a los estratos intermedios, empeñados en participar cada vez más en la sociedad de consumo”.⁷⁷⁵

⁷⁷² *Ibid.*, p. 225.

⁷⁷³ Prebisch entendia por “mobilidade social” o impulso que “permite a ciertos individuos superar las relaciones de poder que resultan de la estructura social, cualquiera que fuere el lugar originario”. *Ibid.*, p. 228.

⁷⁷⁴ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 42.

⁷⁷⁵ *Ibid.*, p. 55.

Em função disso, Prebisch identificou, no desenvolvimento dos meios de comunicação e de difusão social, mecanismos de transmissão dos valores da sociedade de consumo. Esses aparelhos e essas empresas acobertados pelos princípios liberais (liberdade de expressão e limitação de poder) e camuflados em meio ao processo de democratização se infiltraram no capitalismo periférico, difundindo ideias e ideologias do centro capitalista. Além disso, esses “nuevos órganos se añaden a los que continúan estrechamente vinculados a los estratos superiores”.⁷⁷⁶

Nesse contexto de modernização das economias periféricas, grandes empresas de comunicação, sobretudo, as de rádio e de televisão, adquiriram crescente influência sobre a opinião pública. Não tardou para que grandes mídias, voltadas exclusivamente para a publicidade comercial de grandes empresas, dominassem o cenário econômico. Para Prebisch, “[...] han quedado aquellos tiempos en que el periodismo requería un capital relativamente pequeño y accesible a quienes se proponían divulgar ideas e influir sobre la opinión pública”.⁷⁷⁷ Portanto, era patente a associação do aparelho midiático com a reprodução de novas formas de consumo. Com relação ao fenômeno, Prebisch comenta que ele foi:

[R]esultado del portentoso desenvolvimiento de los medios masivos de comunicaciones y difusión social, cada vez más efectivos en la manipulación de la soberanía del consumidor. Hay también en esos bienes avanzados y en su proliferación elementos de consumo conspicuo y aspiraciones de elevación jerárquica.⁷⁷⁸

Coerentemente com o que foi dito acima, o peculiar processo de democratização seguiu caminhando indiscriminadamente nesses países periféricos. O cenário para um conflito distributivo estava desenhado. Nesse momento, os estratos superiores vinham travando uma disputa no campo político, selando alianças com sindicatos e articulando interesses com lideranças políticas, em busca de moderar o conflito distributivo e de salvaguardar o desenvolvimento regular da sociedade privilegiada de consumo. Prebisch listou alguns mecanismos utilizados por esses estratos:

[...] [C]ontribuciones financieras de los partidos políticos y a sus elementos dinámicos, inserción de personas de gran influencia política en los cuerpos directivos de las empresas o empleo de sus servicios profesionales, así en el campo privado como en las gestiones que realizan ante el Estado; y otras formas de compartimiento por la vía política.⁷⁷⁹

⁷⁷⁶ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 227.

⁷⁷⁷ *Ibid.*, p. 226.

⁷⁷⁸ *Ibid.*, p. 214.

⁷⁷⁹ *Ibid.*, p. 226.

No entanto, ao mesmo tempo em que a democratização conseguiu superar parte desses gargalos, os estratos superiores passaram a notá-la como uma autêntica ameaça à sociedade privilegiada de consumo. Conforme Prebisch, “el avance del proceso de democratización lleva primero a la presión política en favor de medidas compensatorias, y después a la pugna distributiva”.⁷⁸⁰ De modo geral, nesses países, o estopim do processo de democratização ocorreu “cuando el avance va abarcando a los estratos de más abajo [estratos inferiores]”.⁷⁸¹ De outro modo, no plano teórico, Prebisch sinalizou esse limite pelo momento em que o excedente global deixou de crescer a um ritmo superior ao produto global da economia. Nas palavras do autor:

[A]sí pues, en el desenvolvimiento de estas diversas formas de compartimiento se llega a un momento en que el ritmo del excedente se vuelve igual al del producto. tanto más se propaga el poder político o sindical a los estratos inferiores. Tal es el límite al que puede llegar, sin trastornos, el compartimiento de la fuerza de trabajo desfavorecida en el juego del mercado.⁷⁸²

Adiante, Prebisch acrescentou:

Dentro de ese límite la sociedad consumista se encuentra en pleno vigor y podría seguir funcionando regularmente si el poder redistributivo se detuviese allí; pero no hay en esto en ningún principio regulador, como no lo hay en el crecimiento del excedente. Y una vez que se ha adquirido aquella aptitud de compartimiento, la fuerza de trabajo, antes desfavorecida, trata de seguir acrecentando su consumo privado y el de servicios estatales, y aumentando también su empleo en ellos no sólo a expensas del crecimiento del excedente sino del excedente mismo. Esto significa, en buenas cuentas, menoscaba la plenitud de la sociedad privilegiada de consumo y su capacidad de acumulación en serio detrimento de la dinámica del sistema.⁷⁸³

Até aqui, acompanhamos a linha de raciocínio seguida por Prebisch para explicar a raiz do conflito distributivo instaurado nos países de capitalismo periférico. O próximo passo seria entender o desenrolar desse conflito até as suas últimas consequências. Desde então, os estratos superiores, inflamados pelas perdas recentes, utilizaram-se do seu poder econômico, em busca de retaliação. De acordo com Prebisch, “en verdad, su poder no se debilita sino que adquiere nuevo giro”.⁷⁸⁴ Dessa forma, esses estratos, devido ao fato de reterem grande parte dos meios

⁷⁸⁰ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 47.

⁷⁸¹ *Ibid.*, p. 16.

⁷⁸² PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 189.

⁷⁸³ *Ibid.*, p. 189.

⁷⁸⁴ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 15.

de produção, “tratarán de trasladar el alza de remuneraciones a los precios, a fin de defender el excedente”.⁷⁸⁵

Do mesmo modo, o contra-ataque foi iminente. Os estratos intermediários não aceitaram que as conquistas alcançadas retrocedessem. Com efeito, esses estratos, apoiados pelo poder sindical e pelo político, tinham, em mãos, mecanismos de reajustes de remuneração, o que acentuava a pressão sobre o excedente. Prebisch sustentou que esse movimento seguiria de forma ininterrupta até conceber uma espiral inflacionária, “el principio de un nuevo tipo de inflación estructural”.⁷⁸⁶ Prebisch descreveu esse fenômeno em poucas linhas:

En esta forma se desenvuelve la espiral. En efecto, la nueva alza de precios reduce el incremento de consumo que antes habían logrado los grupos de más poder. En tanto que, por un lado, los grupos más rezagados, que no obtienen aún reajuste alguno, sufren una nueva compresión de su consumo. Pero su capacidad de resistencia no es ilimitada. La disparidad se acentúa con la inflación, y la reacción política de los perjudicados termina por forzar al Estado a imponer reajustes globales que dan mayor impulso a la espiral inflacionaria. Tal es la manera en que se propaga la inflación en toda la estructura de la sociedad. Pero como bien se sabe, quedan excluidos principalmente quienes perciben réditos fijos.⁷⁸⁷

Esse novo diagnóstico da inflação apresentado por Prebisch não foi propriamente uma novidade da sua quinta fase intelectual. Em seu ensaio biográfico, o autor esclareceu que a sua interpretação do fenômeno inflacionário apresentava raízes em estudos anteriores⁷⁸⁸ que foram interrompidos quando ele foi recrutado pela UNCTAD.⁷⁸⁹ Nessa etapa, segundo Hodara,⁷⁹⁰ “Prebisch ‘politiza’ a la inflación”, tratando-a como um fenômeno extraeconômico. Segundo Prebisch, “no se trata, en verdad, de la inflación pretérita de estas tierras, sino de un fenómeno nuevo que surge de la pugna distributiva en las relaciones de poder”.⁷⁹¹ Diante disso, é preciso ter em mente que os efeitos dessa espiral inflacionária eram estritamente nocivos ao funcionamento regular do sistema econômico; se eles não fossem atenuados, “la inflación trastorna el sistema y lo desintegra socialmente”.⁷⁹²

⁷⁸⁵ *Ibid.*, p. 43.

⁷⁸⁶ PREBISCH, Cinco Etapas de mi Pensamiento sobre el Desarrollo, p. 1092.

⁷⁸⁷ PREBISCH, Crítica al Capitalismo Periférico, p. 44.

⁷⁸⁸ Prebisch referia-se ao seu estudo de 1961, mencionado na seção 1.2 deste trabalho. PREBISCH, O Falso Dilema entre Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Monetária.

⁷⁸⁹ Importa ressaltar que Prebisch, em caráter de autocrítica, reconheceu que: “en realidad, no pude desentrañar en aquellos años el significado real de la inflación y del proceso de distribución del ingreso”. Supostamente, ele se referia ao seu receituário de cunho ortodoxo praticado no *Plan Prebisch*, na Argentina, em 1955. PREBISCH, Cinco Etapas de mi Pensamiento sobre el Desarrollo, p. 1086.

⁷⁹⁰ HODARA, **Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional**, p. 94.

⁷⁹¹ PREBISCH, Crítica al Capitalismo Periférico, p. 41.

⁷⁹² PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 190.

Nessas circunstâncias, a responsabilidade recai sobre a autoridade monetária, que seria, por definição, “un mecanismo superior de regulación impersonal que se sobrepone el juego espontáneo de la economía, por más que se haya querido exaltar erróneamente el carácter automático de aquél”.⁷⁹³ Prebisch insistiu na especificidade do fenômeno monetário, que tornava inerte a clássica terapêutica monetária à la FMI, que “supone que el mal es efecto de la plétora de dinero”.⁷⁹⁴

Como já assinalado, a autoridade monetária carregava um duplo papel na dinâmica do excedente: (1) financiava o capital circulante e (2) criava demanda para a absorção de novos bens finais. Diante do alastramento da inflação social, a autoridade monetária se viu dentro de um dilema, no qual os seus esforços de combate à inflação mostraram-se contraproducentes. No caso de ela seguir o itinerário voltado para a política monetária expansionista, terminaria alimentando ainda mais a espiral inflacionária, o que geraria um novo movimento de altas de preços, seguido por reajustes. Em alternativa, caso a autoridade se negasse a expandir o crédito, na intenção de evitar a alta dos níveis de preço, o resultado inevitável seria a contração da atividade econômica. Se o mercado não absorve os bens finais, acumulam-se os estoques e, conseqüentemente, abrem-se as portas para o desemprego.⁷⁹⁵

Entendemos que a intenção de Prebisch foi chamar a atenção para a falta de princípios regulatórios no capitalismo periférico. Ao contrário, o processo inflacionário seguiu uma dinâmica própria. De acordo com Rodríguez, Prebisch mostrou como “as regras convencionais de regulação monetária são incapazes de detê-la ou atenuá-la, devido às forças sociais que atuam no seu fundo e que impregnam o próprio aparelho estatal, condicionando inclusive o nível de gasto público”.⁷⁹⁶ Em suma, “hemos asistido así, en América Latina, a un verdadero destronamiento de ella [autoridade monetária]”.⁷⁹⁷

De forma geral, essa foi a explicação dada por Prebisch para a crise que vinha assolando os países de capitalismo periférico. A partir desse ponto, em algum momento, a espiral inflacionária pressionaria pela contração econômica, o que sufocaria a democratização e desencadearia um elevado custo social. Entretanto, no caso dos países onde a correlação de forças entre os estratos sociais foi ainda mais acirrada, a crise poderia trazer uma séria

⁷⁹³ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 41., p. 41.

⁷⁹⁴ *Ibid.*, p. 50.

⁷⁹⁵ *Ibid.*, p. 47–50.

⁷⁹⁶ RODRÍGUEZ, **O Estruturalismo Latino-Americano**, p. 457.

⁷⁹⁷ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 15.

consequência à esfera política: o autoritarismo.⁷⁹⁸ Nesse caso, a desintegração social e o desajuste econômico, cedo ou tarde, levariam “a los estratos superiores a acudir a otro de los resortes del Estado; el resorte de la fuerza”.⁷⁹⁹ Com relação a essa questão, o argentino esclareceu que ela ocorreria:

[...] [S]ea por propia determinación de quienes disponen de ella, sea por la gravitación del poder político en la cúspide del sistema. Se acude al empleo de la fuerza para doblegar o suprimir el poder sindical y poder político de las masas con serio menoscabo de su aptitud de compartimiento. Es posible lograr, de esta manera, restablecer la dinámica de la sociedad de consumo, lo que también permite a los estratos superiores acumular más y consumir más y mejor lo mismo que para los tramos favorecidos de los estratos intermedios”.⁸⁰⁰

Prebisch elencou duas exceções para o caso extremo do uso da força. Primeiramente, em casos nos quais a democracia era meramente representativa, os dirigentes políticos e sindicais se incorporavam de algum modo à estrutura de poder; assim, não se desenvolveria um processo legítimo de democratização. Prebisch pontuou que “el empleo de la fuerza es, en tal caso, accidental o esporádico y no constituye un dato permanente del sistema, salvo de modo potencial”.⁸⁰¹ A outra exceção fazia referência ao caso em que o Estado dispõe de volumosos recursos financeiros provenientes da exploração de recursos naturais (minério ou petróleo). Esses recursos permitem, em alguns casos, melhorar o consumo dos estratos intermediários sem tocar a sociedade privilegiada de consumo. Analogamente, Prebisch sugeriu o porquê de os militares acobertarem os estratos superiores no conflito distributivo:

Si quienes tienen el poder militar en sus manos no se encuentran necesariamente bajo el dominio del poder económico y político de los estratos superiores, cabe preguntarse por qué intervienen para servir a la sociedad privilegiada de consumo. En la respuesta a esta interrogante interviene un complejo conjunto de factores. Pero el fundamental radica en que, al tener los estratos superiores la clave dinámica de tal sistema, esto es la capacidad de acumular capital, se impune dejarles hacer en el afán de restablecer la regularidad del desarrollo. Pero es ingente el costo social, además del costo político.⁸⁰²

⁷⁹⁸ Quando perguntado, em entrevista, onde teria acontecido esse tipo de crise na periferia, Prebisch respondeu: “In some of the most advanced countries of Latin America where the process of democratization has been developing without major restrictions” GAUHAR; PREBISCH, Raul Prebisch, p. 16.

⁷⁹⁹ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 170.

⁸⁰⁰ *Ibid.*, p. 190.

⁸⁰¹ PREBISCH, Crítica al Capitalismo Periférico, p. 16.

⁸⁰² Esse argumento foi encontrado em um documento, escrito em 1980, em que Prebisch pretendeu fazer uma breve síntese dos seus artigos anteriores. PREBISCH, Raúl, La Dinámica del Capitalismo Periférico y su Transformación, 1980, p. 9.

Do ponto de vista do centro capitalista, Prebisch afirmou que esses países se posicionavam em defesa da sua constelação de interesses dentro da periferia. Em meio à crise distributiva, quando a dinâmica da sociedade privilegiada de consumo se encontrava ameaçada, esses países implementavam punições severas à periferia, como a restrição de crédito externo, a imposição de obstáculos comerciais e “otras que por ser muy conocidas y ampliamente practicadas, no se necesita recordar aquí”.⁸⁰³ Quanto ao apoio do centro ao uso da força, Prebisch comentou que:

[...] [E]l empleo de la fuerza permite sofocar transitoriamente los sentimientos de identidad nacional que impugnan la dependencia en la periferia. Restablecidas de este modo las condiciones de convivencia con los centros, convivencia que se limita principalmente a la sociedad privilegiada de consumo, las transnacionales encuentran así un amplio horizonte al que incorporan un renovado impulso al capitalismo imitativo, dentro del ámbito limitado de la sociedad privilegiada de consumo.⁸⁰⁴

Após a implementação do uso da força, a pressão redistributiva era finalmente contida – ou eliminada. Prebisch afirma que o próximo movimento era sempre no sentido de restabelecer os traços desiguais do sistema, reduzindo-se os salários reais e, ao mesmo tempo, retomando-se a dinâmica do excedente. Dito de outro modo, tratava-se de “el quiebre de las instituciones democráticas”.⁸⁰⁵ No entanto, isso não representava uma abertura para uma nova fase harmônica. Segundo Gurrieri, “Prebisch cree que estas restauraciones no son estables, pues las fuerzas democratizadoras volverán a abrirse paso, provocando un nuevo ciclo de redistribución, crisis y restauración”.⁸⁰⁶ Isto é, a própria formação irregular do capitalismo periférico conduziu as mutações da estrutura social para um tipo de circuito fechado, marcado por recorrentes crises distributivas.⁸⁰⁷

Finalizando, Prebisch também sublinhou o reencontro do liberalismo na periferia. Para o autor, o autoritarismo praticado pelos estratos superiores abriu as portas para a retomada do “tresnoitado liberalismo econômico que somente pode ser aplicado uma vez suprimindo o liberalismo democrático”.⁸⁰⁸ Essa era outra especificidade do capitalismo periférico; o

⁸⁰³ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*, p. 70.

⁸⁰⁴ PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 193.

⁸⁰⁵ GURRIERI; RODRÍGUEZ, *Desarrollo y Democracia en el Pensamiento de Raúl Prebisch*, p. 402.

⁸⁰⁶ GURRIERI, Adolfo, *Las Tesis de Prebisch, sobre el Capitalismo Periférico*, in: ONU/CEPAL (Org.), **America Latina en la Economía Mundial: seminario en homenaje al Dr. Raúl Prebisch**, Chile: ONU/Cepal/INTAL, 1988, p. 50.

⁸⁰⁷ PREBISCH, *Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años*, p. 190.

⁸⁰⁸ PREBISCH, *Prefácio*, p. 11.

liberalismo político e o econômico, embora frutos da mesma vertente filosófica, terminam em um antagonismo dramático: o sepultamento da democracia liberal.⁸⁰⁹ Nas palavras do autor:

Así, cuando se acude al empleo de la fuerza para enfrentar la crisis del sistema, las condiciones se tornan favorables a la aplicación de ciertos principios del liberalismo económico, si bien convenientemente aderezados para responder a aquellos intereses y aspiraciones, y no siempre seguidos con inteligente virtuosismo. Sólo que este refloreCIMIENTO tardío del liberalismo económico requiere sofocar el liberalismo político.⁸¹⁰

De forma geral, entre 1976 e 1978, Prebisch denunciou a incompatibilidade do sistema capitalista para os países de desenvolvimento periférico. Formou-se na periferia um tipo de sociedade que transplantou valores, instituições, ideologias, padrões de consumo e modalidades de existência dos países centrais, que eram antagônicos à sua atípica estrutura de poder. A prova decisiva disso estava no fato de, após a importação das instituições democráticas do centro, elas terminarem contidas por uma catastrófica onda de autoritarismo.

Diante disso, o cerne da postulação de Prebisch foi apontar que a implementação de medidas redistributivas sem a desintegração da estrutura social ou sem a alteração do modo de acumulação e de distribuição resultaria inevitavelmente em crise. Enquanto a fonte de acumulação do sistema (o excedente) estivesse restrita a uma pequena fração da sociedade (os estratos superiores), qualquer esforço no sentido de resolver essas falhas do capitalismo periférico seria em vão. Foi com essa “lúcida angustia [...] que [Prebisch] concluye su artículo de 1978”.⁸¹¹

3.2 A utopia de Prebisch, a busca pela transformação (1980)

Nesta seção, saltamos para o último artigo da série do capitalismo periférico elaborada por Raúl Prebisch. Como já dito, havia certa estética por trás da organização dos escritos do autor; enquanto os primeiros artigos dessa série (apresentados na seção 3.1) buscaram exclusivamente entender o *modus operandi* do capitalismo periférico, o artigo *Hacia una Teoría de la Transformación*,⁸¹² publicado em 1980, buscou oferecer uma saída definitiva para

⁸⁰⁹ Não há espaço para discutir em detalhes as contradições do liberalismo evocadas por Prebisch. Para um aprofundamento do tema, ver outros dois artigos publicados em 1979. PREBISCH, Raúl, Planificación, Desarrollo y Democracia, **Crítica & Utopía**, n. 1, p. 1–7, 1979; PREBISCH, Las Teorías Neoclásicas del Liberalismo Económico.

⁸¹⁰ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 171.

⁸¹¹ HOPENHAYN, Prebisch como Pensador Clásico y Heterodoxo, p. 59.

⁸¹² PREBISCH, Raúl, Hacia una Teoría de la Transformación, **Revista de la Cepal**, n. 96, p. 27–71, 2008.

os problemas que assolavam os países de desenvolvimento periférico. Nesse sentido, Prebisch escreveu, na página inicial, que:

Con este artículo el autor pone fin a la serie que iniciara con ‘Crítica al capitalismo periférico’ [...]. Si en todos los anteriores su preocupación principal consistió en interpretar críticamente el funcionamiento del capitalismo periférico y demostrar la incapacidad de la teoría neoclásica para comprenderlo en profundidad, en este procura brindar los lineamientos que debería seguir la transformación de ese sistema.⁸¹³

Na seção anterior, mostramos como Prebisch chegou a um impasse ao analisar as transformações recentes na periferia. Para o argentino, o próprio desenvolvimento do capitalismo periférico gerou um tecido social suscetível ao enfrentamento social, assim como frequentes crises no esquema de acumulação. Além do mais, Prebisch estava ciente de que os caminhos para a periferia estavam selados; assim, ela não poderia contar com mudanças de origem externa. Segundo Vuskovic, Prebisch dizia recorrentemente que “la transformación no podrá venir de fuera, ni en las ideas ni en los hechos: tiene que ser obra nuestra, obra latinoamericana”.⁸¹⁴ Diante disso, Prebisch estava convencido de que a “crisis actual no será superada con medidas superficiales; si se quiere salir de ella y construir una sociedad desarrollada, democrática y equitativa, será necesario que la transformación llegue hasta las raíces del sistema”.⁸¹⁵ Em outros termos, era preciso buscar uma teoria da transformação.

Portanto, foi nesse último artigo que Prebisch delineou pela primeira vez os caminhos e as orientações para se efetuar uma transição para o que ele dizia ser um novo sistema de organização social. No entanto, ressaltamos que, mais do que antes, predominou o traço ensaístico nos escritos do autor. Conforme Sember, Prebisch foi “impreciso al describir el proceso de transición hacia el nuevo sistema y ambiguo a respecto de su funcionamiento”.⁸¹⁶ Hodara, por sua vez, sublinhou que Prebisch nem mesmo indicou “cúal sería el actor de esta transformación”.⁸¹⁷ Em suma, a teoria da transformação consistia em um caminho em aberto para os países periféricos.

Há uma certa percepção, por parte da literatura, de que, na proposta de ação elaborada por Prebisch, “sobresale el profeta”.⁸¹⁸ De um lado, a escrita do texto foi marcada pelos ressentimentos e pelas angústias que afloraram quando Prebisch refletiu sobre a sociedade

⁸¹³ *Ibid.*, p. 27.

⁸¹⁴ VUSKOVIC, Raúl Prebisch y su Teoría del Capitalismo Periférico, p. 409.

⁸¹⁵ PREBISCH, Hacia una Teoría de la Transformación, p. 27.

⁸¹⁶ SEMBER, Prebisch, la Planificación del Desarrollo y la Necesidad de Transformación del Capitalismo Periférico, p. 319.

⁸¹⁷ HODARA, **Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional**, p. 83.

⁸¹⁸ *Ibid.*, p. 94.

privilegiada de consumo. De outro lado, Gurrieri sustenta que as publicações de Prebisch também traziam um “hálito utópico y esperanzado” em relação às possibilidades em jogo.⁸¹⁹ Em vista disso, concordamos com Hodara quanto à necessidade de se relerem os escritos do capitalismo periférico como uma produção confessional:

[...] [Q]ue constituye un quiebre con respecto a escritos anteriores de Prebisch; en esta ocasión pretendo dar un paso adicional: las fervorosas apreciaciones del autor en torno a ‘crisis del capitalismo’, ‘la pugna distributiva’, ‘la sociedad privilegiada’, ‘el juego de poderes’, ‘la transformación’, y temas conexos entrañan las confesiones intelectuales de un hombre que, por encima de los 75 años, liberado de ataduras institucionales y seguro de su gravitación personal, aún vital pero huérfano de ilusiones, colmado por reconocimientos pero esquivado por el premio Nobel, proyecta y lanza a una sociedad que no supo acoger sus enseñanzas.⁸²⁰

Diante dessas considerações, abordamos, nesta seção, a teoria da transformação de Prebisch a partir de dois momentos. Primeiramente, dedicamo-nos a entender do que, de fato, se tratava a transformação proposta por Prebisch e no que ela se diferenciava de outros projetos ideológicos em disputa durante a Guerra Fria (seção 3.2.1). Em segundo lugar, voltamo-nos para as orientações práticas deixadas por Prebisch referentes a como deveria funcionar o seu sistema (3.2.2).

3.2.1 A síntese de Prebisch: entre o socialismo e o liberalismo

A busca por uma teoria da transformação apresentava raízes no que Prebisch denominou “ética do desenvolvimento”. Em sua última etapa, Prebisch se debruçou sobre questões éticas, como: qual deveria ser a função de uma empresa? Qual deveria ser o fim da técnica? A quem pertence o excedente? Para o autor, essas questões careciam de respostas científicas; porém, o encontro com a ética seria fundamental para se pensar um novo sistema. Hopenhayn sustenta que Prebisch buscou realizar “el retorno a la filosofía moral y política de donde nace la teoría económica”.⁸²¹

Segundo Prebisch, a ausência de fundamentos éticos na teoria econômica seria resultado de mais de um século de crenças em um mercado regulador do sistema. Em vista disso, era preciso debater os motivos que lavavam uma sociedade a persistir em um sistema em que o

⁸¹⁹ GURRIERI, La Economía Política de Raúl Prebisch, p. 94.

⁸²⁰ HODARA, Las Confesiones de Don Raúl. El Capitalismo Periférico, p. 606–607.

⁸²¹ HOPENHAYN, Benjamín, Prebisch como Pensador Clásico y Heterodoxo, in: ONU/CEPAL (Org.), **América Latina en la Economía Mundial: seminario en homenaje al Dr. Raúl Prebisch**, Chile: ONU/Cepal/INTAL, 1988, p. 59.

excedente era apropriado por uma pequena fração da sociedade. Nesse raciocínio, o excedente “por su origen y naturaleza, pertenece a toda la colectividad y debe responder al interés colectivo”.⁸²²

De fato, era preciso reformar o sistema. No entanto, Prebisch reconheceu que as falhas do capitalismo periférico não permitiriam correções superficiais. Desse modo, se os fins almejados com o desenvolvimento fossem a garantia de equidade e de valores democráticos e o crescimento autossustentado, era preciso modificar substancialmente a dinâmica do sistema. Nos termos de Prebisch, essas mudanças “requieren la transformación del sistema”.⁸²³

Derivando-se dessas questões, a busca de Prebisch por uma teoria da transformação também era uma rejeição ao leque de opções ideológicas ofertadas pela Guerra Fria. Prebisch rejeitou categoricamente a opção liberal e a socialista. No que se refere ao liberalismo, Prebisch sublinhou que ele era representado pela opção neoclássica, cuja base ideológica estava “en el juego regulador del interés en un régimen de libre competencia”.⁸²⁴ Para a vertente neoclássica, o livre mercado distribuiria com sensatez todos os recursos do sistema. Todavia, Prebisch explicou “que no funciona así el capitalismo periférico”;⁸²⁵ ao contrário, o que acontecia era o desperdício de potencial acumulativo, a desigualdade distributiva, a degradação do meio ambiente e a concentração de poder econômico e político.

Além disso, Prebisch reiterou que faltava ao liberalismo econômico reconhecer que, por trás do mercado regulador, havia uma estrutura de poder que influía diretamente no processo de acumulação e de distribuição. Apesar dessas questões, Prebisch valorizava os elementos políticos do liberalismo, como os direitos do indivíduo, a participação social e todos os valores e todas as instituições por trás da democracia. No entanto, a experiência histórica na periferia vinha mostrando que o florescimento do liberalismo econômico neutralizava, inevitavelmente, o liberalismo político. Nas palavras do autor:

¿Cuál es el concepto del liberalismo democrático? Impedir la concentración del poder político en desmedro de las libertades y derechos de los individuos y de su participación social y política. A su vez el liberalismo económico significa distribuir a toda la colectividad los frutos del desarrollo y difundir así el poder económico, en plena concordancia con aquellos objetivos políticos del liberalismo democrático. Ambos surgieron de una vertiente filosófica común y a pesar de ello se vuelven contradictorios en el capitalismo periférico. El empleo de la fuerza permite restablecer el liberalismo económico - según la opción neoclásica -, sacrificando inexorablemente

⁸²² PREBISCH, Hacia una Teoría de la Transformación, p. 71.

⁸²³ *Ibid.*, p. 29.

⁸²⁴ *Ibid.*, p. 31.

⁸²⁵ *Ibid.*, p. 32.

el liberalismo político. Y ambos liberalismos naufragan en aquella otra opción en que se transfiere al Estado la gestión de la economía.⁸²⁶

No caso do socialismo, Prebisch admitiu que a URSS havia cumprido um esforço memorável no sentido de promover a acumulação e a equidade distributiva, na contramão das forças internacionais. Em entrevista, Prebisch destacou que “nobody thinks, except the communists, in terms of complete transformation of the social system. Most people of democratic inclinations advocate normalization, and redistribution within the system”.⁸²⁷ Entretanto, o autor afirmou que a transformação preconizada pela URSS “no es la que me propongo exponer aquí”.⁸²⁸

A resistência de Prebisch ao socialismo era fundada quase que exclusivamente na sua oposição à socialização e à gestão dos meios produtivos pelo Estado. Prebisch não repudiava a propriedade privada; ao contrário, “como Adam Smith y Lock la considera garantía de la libertad individual”.⁸²⁹ Nos termos do autor, “I don't think property is the origin of inequality in the system. I think that the origin lies in the appropriation of the fruits of technological progress which property allows”.⁸³⁰ Ademais, Prebisch acreditava que a eliminação total do mercado não traria benefícios à organização econômica. Portanto, para o autor, o problema não estava no mercado em si, mas decorria da “estructura social y de las relaciones de poder que pervierten la eficiencia social del sistema por la arbitrariedad de la distribución y la insuficiente acumulación de capital”.⁸³¹

Ainda sobre o socialismo, Prebisch acreditava que esse sistema conduzia à concentração do poder econômico e do político, o que fazia com que ele se desvirtuasse da sua orientação social. De acordo com o argentino, esse regime político se “difiere sustancialmente de los valores que han guiado y siguen orientando las grandes luchas de América Latina en favor de una democracia representativa y participativa, con plena vigencia de los derechos humanos fundamentales”.⁸³² Na mesma direção, selecionamos um depoimento em que Prebisch ressaltou as suas impressões sobre o socialismo real:

Me horroriza el Estado que se ocupa de todo. Y se ocupa porque tiene que poner parches a todos aquellos aspectos en que el mal funcionamiento del sistema lo lleva a

⁸²⁶ *Ibid.*, p. 32.

⁸²⁷ GAUHAR; PREBISCH, Raul Prebisch, p. 19.

⁸²⁸ PREBISCH, *Hacia una Teoría de la Transformación*, p. 31.

⁸²⁹ HODARA, *Las Confesiones de Don Raúl. El Capitalismo Periférico*, p. 241.

⁸³⁰ GAUHAR; PREBISCH, Raul Prebisch, p. 18.

⁸³¹ PREBISCH, *Hacia una Teoría de la Transformación*, p. 45.

⁸³² *Ibid.*, p. 44.

intervenir. ¿Por qué? Porque se abstiene de intervenir en los datos fundamentales: la acumulación y distribución de la que hablamos.⁸³³

Em suma, Prebisch repelia ambas as vertentes, pois “en uno [liberalismo], a un autoritarismo coyuntural que consagra la inequidad social del sistema; y en otro [socialismo], a un autoritarismo estructural inspirado en un concepto de equidad social”.⁸³⁴

Não obstante, Prebisch também guardava críticas à socialdemocracia. Em suas palavras, “al hacerlo quiero manifestar expresamente que no me inspiro en las corrientes de la socialdemocracia de Europa Occidental, donde esclarecidos latinoamericanos creen encontrar la solución de nuestros problemas”.⁸³⁵ Prebisch reconheceu os resultados obtidos por essa corrente em países centrais, sobretudo, a difusão dos frutos do desenvolvimento para uma ampla parcela da população. Todavia, no caso do capitalismo periférico, essas políticas de orientação social-democrata não vinham surtindo efeito. De acordo com o autor, a periferia ainda precisava enfrentar, ao mesmo tempo, problemas nos âmbitos da acumulação e da distribuição. Sob outra perspectiva, Prebisch assinalou que não se podia perder de vista o fato de que a periferia forjou um tecido social completamente distinto daquele dos países centrais – no que se refere ao grau de concentração de poder econômico e político. Nos termos de Prebisch:

Y no podríamos invocar, como en aquellas latitudes, la así llamada economía social de mercado, porque la estructura social que está detrás del mercado en la periferia latinoamericana es fundamentalmente diferente de los países que alcanzaron un alto grado de desarrollo.⁸³⁶

Diante desse quadro, o desejo de Prebisch não era contemplado por nenhuma das vertentes ideológicas em disputa na Guerra Fria. O autor almejava um sistema que garantisse a equidade social com o vigor do desenvolvimento, além da participação popular dentro de um processo democrático. Essa insatisfação conduziu o argentino a propor uma nova saída, que fosse radical a ponto de transformar o sistema, mas que considerasse a especificidade dos casos do capitalismo periférico. Para Nakhlé, Prebisch buscou uma “tercera vía entre las ideologías enfrentadas durante la Guerra Fría”.⁸³⁷ E essa via não deveria ser preenchida com lições e com modelos históricos formulados para os países do centro, tampouco deveria ser composta por ideias formuladas por autores que não se debruçaram sobre o caso periférico. Dito de outro

⁸³³ NEUSTADT, Bernardo, Entrevista a Raúl Prebisch y Juan Alemann, **Revista Extra**, n. ano XV. n. 170, 1979.

⁸³⁴ PREBISCH, Hacia una Teoría de la Transformación, p. 31.

⁸³⁵ *Ibid.*, p. 32.

⁸³⁶ *Ibid.*, p. 33.

⁸³⁷ NAKHLÉ, Guillermo E., Raúl Prebisch, entre la teoría y la práctica, **Ensayos Económicos/Banco Central de la República Argentina**, n. 61/62, p. 275–303, 2011, p. 294.

modo, “escapemos a una dependencia intelectual que entorpece la visión de los problemas nuestros. Ello exige hacer bien explícitos nuestros objetivos y, sobre todo, subrayar clara y distintamente los valores que los inspiran”.⁸³⁸

À luz dessas características, Prebisch esboçou a sua transformação por meio do que chamou de síntese entre socialismo e liberalismo, “o, si se quiere, una versión del socialismo basada en la libertad del individuo y en nuevas formas de convivencia social”.⁸³⁹ Para Di Filippo, Prebisch havia construído “su utopía personal”.⁸⁴⁰ No que tange ao liberalismo, Prebisch resgatou os valores democráticos e a liberdade econômica e política, assim como os direitos humanos, que são inerentes a esse sistema. No que tange ao socialismo, Prebisch resgatou características coletivas referentes à correção das disparidades estruturais da renda, por meio do controle da geração e da distribuição do excedente. Em resumo, “esta síntesis sería la respuesta de la periferia a la especificidad de su transformación”.⁸⁴¹

Diante dessas questões, o propósito de Prebisch era atacar a origem de todas as falhas do capitalismo periférico: o excedente. Como já discutido, o uso do excedente não respondia a critérios sociais; ele era apropriado por uma fração da sociedade e “su racionalidad responde primordialmente al ámbito limitado de la sociedad privilegiada de consumo”.⁸⁴² Em razão disso, Prebisch propôs que esse sistema deveria garantir o “uso social do excedente”; isto é, o Estado teria que determinar de que forma o excedente seria empregado na acumulação e de que forma ele seria distribuído para a sociedade. Como resultado, “el uso social del excedente permitirá imprimir al nuevo sistema una dinámica fundamentalmente diferente de la que caracteriza al capitalismo periférico”.⁸⁴³

Partindo dos elementos fixados acima, precisamos destacar alguns pontos centrais que compõem a síntese concebida pelo autor. Primeiramente, o Estado foi percebido como uma variável decisiva, uma vez que a chave dinâmica do sistema seria retirada dos estratos superiores e transferida para o Estado. Para que isso ocorresse, “el Estado no necesita tomar la propiedad de aquellos medios productivos, sino determinar cómo ha de emplearse el excedente para cumplir los objetivos de la transformación”.⁸⁴⁴

Com isso, o Estado receberia novas e complexas funções com relação à divisão do excedente entre acumulação, distribuição e serviços estatais. No entanto, o critério de atuação

⁸³⁸ PREBISCH, Hacia una Teoría de la Transformación, p. 33.

⁸³⁹ *Ibid.*, p. 32.

⁸⁴⁰ DI FILIPPO, Continuidad y Cambio en la Obra de Prebisch (su concepto de excedente), p. 185.

⁸⁴¹ PREBISCH, Hacia una Teoría de la Transformación, p. 55.

⁸⁴² *Ibid.*, p. 34.

⁸⁴³ *Ibid.*, p. 34.

⁸⁴⁴ *Ibid.*, p. 37.

do Estado seria pautado por formas democráticas de participação popular, as quais visassem à garantia do horizonte social do sistema. Então, a velha planificação seria substituída pela planificação social; isso quer dizer que as grandes decisões que orientassem a regulação do sistema deveriam estar subordinadas a decisões políticas tomadas democraticamente.⁸⁴⁵ Prebisch sintetizou esse processo em entrevista, ao dizer que:

The state can appropriate the surplus without appropriating the means of production. You transfer to the state only a part of the surplus using the other part for redistribution. Latin American countries have had a very quick rate of growth but they have failed to distribute income in a dynamic way. That is what is compelling me to advocate another solution which is the appropriation of the social surplus combined with a national redistribution of income and resources.⁸⁴⁶

Para além dos elementos econômicos e políticos, Prebisch tinha em mente que a transição só seria completada quando a estrutura social fosse dissolvida. Então, era preciso dissociar os fatores econômicos da estrutura social. Nesse sentido, a proposta do argentino também considerou a transição para outro tipo de sociedade democrática e equitativa, que rompesse “com a hegemonia cultural dos países centrais”.⁸⁴⁷ Para isso, era preciso aplicar medidas a fim de corroer o excesso de poder econômico e político dos estratos, bem como de romper com os valores que embasavam a sociedade privilegiada de consumo.

No campo da cultura, Prebisch sustentou que era preciso definir quais seriam os objetivos e os valores dessa nova sociedade, para, em sequência, “crear las condiciones propicias al surgimiento y fructificación de tales valores. Y también a la recuperación de ciertos principios éticos que naufragan en el juego del mercado”.⁸⁴⁸ Se, por um lado, essa transformação era crucial para a coesão social do sistema, por outro lado, era novamente tarefa do Estado – por meio de instituições como escolas e meios de comunicação e de difusão social – fomentar novos valores culturais, voltados para a equidade. De acordo com Prebisch:

¿Por qué no emplear esos medios para elaborar y propagar valores humanos que el consumo conspicuo está sufocando? ¿Por qué no habrán de surgir nuevas motivaciones que frenan la penetración del interés económico más allá de lo que exige la eficacia económica del sistema?⁸⁴⁹

⁸⁴⁵ *Ibid.*, p. 37–38.

⁸⁴⁶ GAUHAR; PREBISCH, Raul Prebisch, p. 18.

⁸⁴⁷ PEDRÃO, Evocação de Raúl Prebisch: latino-americano e homem do mundo, p. 12.

⁸⁴⁸ PREBISCH, Hacia una Teoría de la Transformación, p. 33.

⁸⁴⁹ *Ibid.*, p. 33.

Tal como se pôde verificar, essa “transformação” vislumbrada por Prebisch era parte de um longo processo. Portanto, ainda que fosse instaurado o “uso social do excedente”, enquanto não fosse remodelado o tecido social – eliminando-se as disparidades de poder econômico e social, ou removendo-se os valores por trás da sociedade de consumo –, a “transformação” não estaria completa. Prebisch sustentou que, após esse período de transição, “la pugna distributiva que ahora trastorna el funcionamiento del sistema habría sido sustituida entonces por una disciplina inspirada en consideraciones de equidad social compatible con la eficiencia económica del nuevo sistema”.⁸⁵⁰

3.2.2 A cartilha da transformação

Após delinear os marcos teóricos da teoria da transformação, damos continuidade à “narrativa utópica” de Prebisch, descrevendo as orientações deixadas pelo autor. De modo geral, Prebisch sustentou que não havia uma receita para a transformação; ele dizia que era possível que se tivesse que ir por etapas.⁸⁵¹ Gurrieri e Rodríguez afirmam que Prebisch ofereceu as diretrizes gerais; porém, a transformação era um caminho em aberto.⁸⁵² Hodara, por seu turno, insistiu no caráter meramente exploratório da “práxis transformadora” delineada por Prebisch.⁸⁵³ Em seu último livro, Prebisch escreveu:

Sencillamente, transformar el sistema. Sencillamente es una forma de decir. Porque no es nada sencillo. Primero, porque no creo que se haya llegado a la convicción de que es indispensable esta acción transformadora. Segundo porque – que yo sepa – todavía no se ha discutido a fondo este problema ni en los centros ni en la periferia. Y tercero, porque la transformación va a encontrar obstáculos formidables en los intereses que afecta.⁸⁵⁴

Uma primeira questão a ser discutida seria: como, de fato, aconteceria essa “transformação”? Com relação a essa indagação, Prebisch insistiu que não existia uma fórmula e que as transformações poderiam ocorrer de formas distintas em diferentes países. Em entrevista, ele declarou que: “It may be sudden and it may be gradual. I am not particular about property”.⁸⁵⁵ O que podemos afirmar é que Prebisch entendia que essa transformação passaria

⁸⁵⁰ *Ibid.*, p. 33.

⁸⁵¹ Para essa parte, retiramos alguns elementos do projeto de transformação de Prebisch da seção “Transformación del modo de acumulación”, do seu último livro. PREBISCH, Raúl, **La Crisis del Desarrollo Argentino: de la frustración al crecimiento vigoroso**, Buenos Aires, Argentina: El Ateneo, 1986, p. 93.

⁸⁵² GURRIERI; RODRÍGUEZ, Desarrollo y Democracia en el Pensamiento de Raúl Prebisch, p. 403.

⁸⁵³ HODARA, El Capitalismo Periférico Tardío Según Prebisch: reflexiones, p. 594.

⁸⁵⁴ PREBISCH, **La Crisis del Desarrollo Argentino: de la frustración al crecimiento vigoroso**, p. 86.

⁸⁵⁵ GAUHAR; PREBISCH, Raul Prebisch, p. 18.

por uma mudança na estrutura de poder, mudança essa que aconteceria pela via democrática ou pela autoritária. Apesar de evitar professar um caminho, o argentino deixou clara a sua não adesão a qualquer tipo de “violência transformadora”. Prebisch comenta essa questão:

*Which course a society will adopt is not a matter of theory. It is largely a matter of circumstances. Even changes brought about through a democratic process can result in violence. But I would not advocate force because I am opposed to force both by principle and temperament.*⁸⁵⁶

No caso da via democrática, Prebisch alegou que o projeto de transformação deveria ser enviado ao Congresso e que essa transformação deveria ser alcançada mediante um consenso democrático, por meio de uma ampla participação popular. O autor ainda alertou que seria indispensável persuadir a opinião pública sobre os nossos problemas estruturais e sobre a necessidade de se evitarem os erros do passado. “Hay que contar con el gran fondo de sensatez de la opinión publica”.⁸⁵⁷ Ademais, Prebisch sinalizou a respeito dos impasses da transição; os planejadores inevitavelmente se deparariam com massas ansiosas por resultados instantâneos. Nos termos do autor, “in a democratic system you probably would have to make some immediate concessions and initiate determined policies of social transformation”.⁸⁵⁸ Em alternativa, a transformação pela via autoritária poderia ocorrer sem vir a transformar o sistema. Se, por um lado, mudanças repentinas encurtariam a transição para um novo sistema, por outro lado, o processo poderia ocorrer com a manutenção de hierarquias e de antigas estruturas políticas, as quais atuariam para impedir uma transformação legítima. Em entrevista, Prebisch disse:

I am very concerned because the use of force cannot be maintained indefinitely. There will be a growing pressure for the restoration of institutional normality. Now, if institutional normality is restored without transforming the social system you are bound to have yet another period of social conflict resulting in the use of force. This is my great worry in Latin America, my great concern.⁸⁵⁹

Em sequência, é preciso ter em mente que essa transformação vislumbrada por Prebisch envolveria mudanças nos modos de acumulação e de distribuição. Ao definir o “uso social do excedente”, Prebisch postulou que o primeiro desafio estaria na definição da dinâmica da acumulação, que, por sua vez, estaria associada ao uso dos meios produtivos. Como visto, o

⁸⁵⁶ Grifo nosso. *Ibid.*, p. 19.

⁸⁵⁷ PREBISCH, *La Crisis del Desarrollo Argentino: de la frustración al crecimiento vigoroso*, p. 92.

⁸⁵⁸ GAUHAR; PREBISCH, Raul Prebisch, p. 19.

⁸⁵⁹ *Ibid.*, p. 19.

autor não era contra a propriedade privada, mas desejava alcançar “formas democráticas de propriedade”, as quais corroessem o excesso de poder econômico. Conforme Flechsig, Prebisch posicionava-se contra o capital monopolista e contra latifúndios nacionais; além disso, ele não excluía a possibilidade de nacionalização de ETNs.⁸⁶⁰ Ademais, todas as empresas deveriam seguir uma disciplina de acumulação, na qual acrescentariam “la cuantía del excedente que se dedica a la acumulación a expensas del consumo de los propietarios de los medios productivos”.⁸⁶¹

De forma geral, Prebisch orientou três distintas formas de acumulação que poderiam ser praticadas e combinadas pelo novo sistema. Em primeiro lugar, Prebisch considerou a difusão do novo capital entre a força de trabalho, o que significaria abrir espaço para a crescente participação da mão de obra na gestão das empresas.⁸⁶² Tal medida representaria uma forma de impedir a concentração do capital, forma essa que, paulatinamente, levaria à gestão autônoma das grandes empresas.⁸⁶³ Nos termos do autor:

La importancia de la acumulación por parte del personal de las empresas va mucho más allá de una operación redistributiva. En efecto, la difusión del nuevo capital iría acrecentando la proporción de la propiedad de los medios productivos en manos del personal. Llegaría así un momento en que este adquiriera una mayoría que le permitiera asumir la gestión de las empresas, transformadas en empresas de gestión autónoma, tanto con relación a quienes concentraban el capital como al Estado.⁸⁶⁴

A segunda forma de acumulação seria a mais tradicional, na qual ainda seria mantida a gestão da empresa pelos proprietários dos meios produtivos. Prebisch esclareceu que essa via estaria circunscrita às pequenas e às médias empresas; à medida que essas empresas aumentassem de tamanho, elas deveriam abrir caminhos para formas de gestão autônomas.⁸⁶⁵ Nesse caso, seria obrigatória a acumulação pelos atuais proprietários dos meios produtivos, que teriam uma compensação na forma de uma taxa sobre o capital.⁸⁶⁶ “En pocas palabras, la

⁸⁶⁰ FLECHSIG, Steffen, Em memória de Raúl Prebisch (1901-1986), *Revista de Economia Política*, v. 11, n. 1(41), p. 92–107, 1991, p. 103.

⁸⁶¹ PREBISCH, Hacia una Teoría de la Transformación, p. 34.

⁸⁶² *Ibid.*, p. 34.

⁸⁶³ Em seu último livro, Prebisch revelou que a sua defesa da ideia de autogestão das empresas decorria de discussões que teve em duas visitas à Suécia em anos recentes. Além disso, o autor apontou que essas experiências deveriam ser testadas inicialmente em empresas públicas. PREBISCH, *La Crisis del Desarrollo Argentino: de la frustración al crecimiento vigoroso*, p. 94.

⁸⁶⁴ PREBISCH, Hacia una Teoría de la Transformación, p. 39.

⁸⁶⁵ *Ibid.*, p. 39.

⁸⁶⁶ Prebisch comentou que haveria uma dificuldade natural, fruto da atividade empresarial do restante do excedente. Ao contrário da formulação neoclássica, não haveria um ponto de equilíbrio no qual os lucros seriam dissolvidos pela concorrência. Desse modo, a separação do lucro era uma tarefa empírica, que deveria considerar a “cartilha” de disciplina da acumulação. *Ibid.*, p. 36.

dinámica del nuevo sistema requiere, por un lado, incentivos a la propiedad y, por otro, la necesidad de acumular como condición ineludible de la redistribución del excedente a la fuerza de trabajo”.⁸⁶⁷

A acumulação estatal seria a última forma listada pelo autor. Dessa maneira, parte do tecido produtivo ainda deveria ser composta por empresas estatais regidas por critérios de eficiência. Prebisch afirmou que se tratava de uma “socialización parcial [que] sería compatible con una efectiva pluralidad política, a diferencia de la socialización general”.⁸⁶⁸ No que se refere à atuação da empresa pública, Hodara sustenta que, para Prebisch, estas empresas “constituyen el pararrayos de la extranjerización de las economías”.⁸⁶⁹ Além disso, tais empresas estariam restritas a setores-chave, buscando a harmonização com as outras formas de propriedade. De acordo com Prebisch:

[S]e refieren, sobre todo, a aquellos casos de actividades que por su índole se sustraen a la concurrencia en el mercado, a casos donde por su dimensiones y complejidad técnica es importante la proporción por parte del Estado, y al designio de contrarrestar la penetración de la empresa extranjera en campos privativos de decisión del país.⁸⁷⁰

Com relação à atividade estrangeira (as ETNs), o posicionamento de Prebisch alternava-se entre a nacionalização dessas empresas e um controle maior sobre as suas atividades. Para Prebisch, as ETNs possuíam um problema para a acumulação, “pues contrariamente a lo que acontece en el caso de las empresas del país, el uso de parte del excedente se realiza fuera de la jurisdicción nacional”.⁸⁷¹ Além disso, essas empresas retiravam, paulatinamente, parte da autonomia dos países periféricos, ao definirem a orientação tecnológica e os critérios referentes às organizações da produção e do consumo dos estratos. Em entrevista, Prebisch explicou que o tratamento deveria variar conforme o tipo de empresa estrangeira:

Well, there are two types. First, there are those that are serving the consumption society directly. If you could restrict them, to speak mechanically, by abolishing the imitation consumption element in society, part of the transnational structure will collapse. If it does not collapse, it will get much less business than it gets now. The second type of transnationals could be very important for introducing the right type of technology provided we can agree on new rules for the game.⁸⁷²

⁸⁶⁷ *Ibid.*, p. 36–37.

⁸⁶⁸ *Ibid.*, p. 35.

⁸⁶⁹ HODARA, El Capitalismo Periférico Tardío Según Prebisch: reflexiones, p. 592.

⁸⁷⁰ PREBISCH, Hacia una Teoría de la Transformación, p. 40.

⁸⁷¹ *Ibid.*, p. 40.

⁸⁷² GAUHAR; PREBISCH, Raul Prebisch, p. 17.

Seja como for, era preciso estabelecer um regime especial para a atuação das empresas que se esquivaram do crivo da nacionalização. Ao mesmo tempo, seria preciso não perder de vista que essas empresas carregavam os interesses da sociedade privilegiada de consumo; então, qualquer tentativa de aproveitar a herança científica contida nelas deveria ocorrer no sentido de “crear formas propias y auténticas para influir deliberadamente y con claros objetivos sobre las fuerzas del desarrollo”.⁸⁷³ Em contrapartida, Prebisch também levantou a possibilidade de uma união entre países da periferia para a criação de ETNs que se orientassem pelos objetivos comuns da região. Nos termos do autor, essas empresas “podrían desempeñar un papel muy importante en dicha sustitución colectiva de importaciones, especialmente en bienes de capital y bienes intermedios de complejidad técnica”.⁸⁷⁴

Após definir o ritmo e as possíveis formas de acumulação, era preciso enfrentar o problema distributivo. De acordo com Prebisch, para compreender a índole desse problema, “debe tenerse presente la composición heterogénea de la fuerza de trabajo y las relaciones de poder que ella genera, contrariamente a lo que suele suponerse en algunos razonamientos inspirados en la errónea noción de dualidad social”.⁸⁷⁵ Segundo Prebisch, parte desse distúrbio seria resolvido a partir do “uso social do excedente”; ou seja, as novas formas de acumulação, listadas anteriormente, permitiriam absorver cada vez mais parte da força de trabalho excluída dos frutos do progresso técnico. Portanto, a acumulação e a distribuição estariam unidas no que o autor chamou de “redistribuição dinâmica da renda”.⁸⁷⁶ Entretanto, a solução definitiva viria somente com a transformação da estrutura de poder, estrutura essa que, em última instância, era o que determinava a distribuição de renda.

Partindo dessa perspectiva, Prebisch listou medidas que deveriam ser postas em prática no combate à disparidade social. Por um lado, Prebisch propôs uma nova legislação fiscal para enfrentar a desigualdade de caráter estrutural. Em seus escritos, o argentino recomendou taxar diretamente o excedente para fins distributivos e orientou a utilização de impostos diretos redistributivos para desestimular o consumo privilegiado.⁸⁷⁷ Por outro lado, Prebisch insistiu que o distúrbio distributivo também apresentava raízes na enorme desigualdade funcional presente na estrutura social dos países de capitalismo periférico. O autor se referia à má distribuição do poder social, a qual era representada nesses países por enormes contingentes

⁸⁷³ PREBISCH, *Capitalismo Periférico: crisis y transformación*, p. 208.

⁸⁷⁴ PREBISCH, *Hacia una Teoría de la Transformación*, p. 70.

⁸⁷⁵ *Ibid.*, p. 35.

⁸⁷⁶ No capítulo anterior, explicamos que esse conceito se referia ao impulso na acumulação de capital sem prejuízo a medidas redistributivas. Tal conceito já fazia parte do diagnóstico do autor na década de 1960.

⁸⁷⁷ PREBISCH, *La Crisis del Desarrollo Argentino: de la frustración al crecimiento vigoroso*, p. 89–92.

populacionais carentes de uma qualificação mínima. Dito de outro modo, a própria composição da estrutura de poder entorpecia a mobilidade social.

Como saída, Prebisch avaliou que a solução para “el problema consiste en eliminar el elemento residual de privilegio contenido en estas últimas, antes que sofocar arbitrariamente los incentivos”.⁸⁷⁸ Dessa forma, o problema distributivo somente poderia ser sanado após um extenso período de transição, no qual o Estado precisaria democratizar os mecanismos de formação, de capacitação e de qualificação social para os estratos inferiores e intermediários. Com relação ao tema, Prebisch comentou que:

[...] [L]a solución no está en menoscabar a quienes disponen de ellas [las cualificaciones] (o combatirlos políticamente), sino en eliminar en formas progresivas ese poder social, brindando a todos, en especial a quienes vegetan en los estratos inferiores, adecuadas oportunidades de formación y movilidad social.⁸⁷⁹

De modo geral, esses foram os delineamentos deixados por Prebisch para a implementação da sua dita síntese entre o liberalismo e o socialismo. Vuskovic afirma que, no fim, Prebisch reconhecia que se tratava de um caminho longo e árduo, mas que não havia outra opção.⁸⁸⁰ Em 1980, Prebisch finalizou a sua série sobre o capitalismo periférico com “grandes y angustiosas incógnitas”⁸⁸¹ em relação ao destino da periferia. Em seus últimos parágrafos, o autor esclareceu quais as eram suas intenções no último artigo. Nas palavras do autor:

[E]s también ingente la responsabilidad de la periferia. No creo, sin embargo, que nos encontremos aún preparados para cumplir la gran tarea de transformación, de donde el sentido último de estas páginas. Si logran provocar una discusión a fondo, si llevan a profundizar la significación de los hechos y discurrir cómo habríamos de actuar sobre ellos para conseguir los grandes objetivos del desarrollo, estas páginas habrán conseguido el propósito que las inspira.⁸⁸²

Em seguida, o argentino acrescentou:

[N]o es solo asunto nuestro, sobra decirlo. En el empeño por esclarecer y persuadir hay que llegar también a los centros, quienes allí buscan afanosamente dar respuesta a los problemas del mundo de hoy, un mundo muy diferente del de ayer, tanto por las grandes posibilidades que ofrece como por los grandes riesgos que presenta. Posibilidades y riesgos que, unos y otros, debemos afrontar sin demora, sin que nos intimide la imagen del pasado. Pues también nos corresponde una clara

⁸⁷⁸ PREBISCH, Hacia una Teoría de la Transformación, p. 37.

⁸⁷⁹ *Ibid.*

⁸⁸⁰ VUSKOVIC, Raúl Prebisch y su Teoría del Capitalismo Periférico, p. 412.

⁸⁸¹ PREBISCH, Hacia una Teoría de la Transformación, p. 71.

⁸⁸² *Ibid.*, p. 71.

responsabilidad moral al participar en esta gran aventura humana del desarrollo; al menos en las ideas quienes ya no podríamos hacerlo en la acción.⁸⁸³

Antes de finalizarmos, resta-nos discutir do que de fato se tratava a teoria da transformação de Prebisch. Tal como postula Hodara, é correto assegurar que Prebisch jamais propôs uma revolução nos termos soviéticos; ele nem mesmo compartilhou essa base ideológica.⁸⁸⁴ No entanto, os seus escritos se direcionaram para a necessidade de romper com o capitalismo periférico e de optar por uma atípica terceira via, a qual reuniria elementos do socialismo e do liberalismo.

É preciso ressaltar que a classificação desse “novo sistema” delineado por Prebisch dividiu opiniões na literatura. Notamos que a maioria dos autores concordam que Prebisch formulou um tipo peculiar de proposta socialista. Entre eles, Couto declara que Prebisch se aproximou do socialismo em seus últimos trabalhos.⁸⁸⁵ Hodara considera que Prebisch tornou-se um propagador de ideias referentes ao socialismo utópico.⁸⁸⁶ Sprout, por sua vez, opina que Prebisch pretendia chegar a alguma forma de socialismo de mercado.⁸⁸⁷

Por último, Lira foi o que mais enfatizou o contato de Prebisch com o socialismo. De acordo com o autor, Prebisch, ao propor a sua teoria da transformação, rompeu com uma visão estereotipada e rígida do socialismo. Embora Prebisch não diga de maneira direta, “es una opción socialista, si bien diferente de la cristalizada en la teoría y la práctica del ‘socialismo real’”.⁸⁸⁸ Na contramão desses autores e em uma crítica à postulação de Lira, Sember sustenta que “no está claro que el nuevo sistema no sea capitalista”,⁸⁸⁹ visto que esse sistema conservava a propriedade privada dos meios produtivos e, apesar do uso social do excedente, ainda garantia uma remuneração ao capital dos proprietários das empresas. Portanto, para a autora, essa “transformação” deveria ser abordada em termos de um “capitalismo planificado”.

Diante dessa controvérsia, posicionamo-nos ao lado de Sember, pois não havia elementos suficientes para vincular Prebisch à tradição do socialismo utópico. Nesse sentido, acreditamos que a “Teoria da Transformação” de Prebisch não era anticapitalista; porém, ela era, de fato, revolucionária, diante da conjuntura alarmante em que se encontrava a América

⁸⁸³ *Ibid.*, p. 71.

⁸⁸⁴ HODARA, **Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional**, p. 127.

⁸⁸⁵ COUTO, O pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch, p. 57.

⁸⁸⁶ HODARA, **Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional**, p. 93.

⁸⁸⁷ SPROUT, El pensamiento de Prebisch, p. 193.

⁸⁸⁸ LIRA, La Larga Marcha de Prebisch Hacia la Crítica del Capitalismo Periférico y su Teoría de la Transformación de la Sociedad, p. 468.

⁸⁸⁹ SEMBER, Prebisch, la Planificación del Desarrollo y la Necesidad de Transformación del Capitalismo Periférico, p. 320.

Latina no período. Ademais, a proposta do argentino do “uso social do excedente” constituiria, simultaneamente, uma forma de se trazer justiça social ao sistema, forçando a distribuição desse excedente, e um modo de dinamizar o capitalismo periférico, com a potencialização do ritmo de acumulação de capital.

Portanto, a última fase intelectual de Prebisch não o converteu em um revolucionário *à la* Ruy Mauro Marini. É preciso esclarecer que Prebisch não era um dogmático; ao contrário, ele desejou, a todo momento, esquivar-se desse quadro de polarização ideológica da Guerra Fria, “porque no quiero caer en nuevos dogmas”.⁸⁹⁰ Em seus últimos escritos, Prebisch debruçou-se sobre a especificidade do caso periférico, a fim de confeccionar uma proposta autêntica na direção de uma sociedade autônoma, equitativa e democrática. Em entrevista, quando perguntado se ele se enxergava como um revolucionário, Prebisch respondeu que: “I don't think I am a revolutionary. I am advocating deep social changes. At my stage in life I can only present ideas”.⁸⁹¹

Esse tipo de associação errônea é resultado de intérpretes que retiraram as suas conclusões quase que exclusivamente dos escritos de Prebisch, sem verificar a sua atuação nesse período. Como veremos adiante (seção 3.4), os últimos anos de Prebisch foram marcados por embates muito similares aos do seu passado; ele vestiu-se novamente de diplomata, em busca de concessões do centro capitalista, o que ele mesmo considerava, nos seus textos, como inconcebível. Por fim, sustentamos a importância de se olhar esse movimento de crítica ao capitalismo periférico como uma prestação de contas do seu passado realizada pelo próprio autor; isto é, ele se afastava dos seus antigos receituários que haviam sido esmagados pelo autoritarismo e se distanciava dos seus diagnósticos que se mostravam como obsoletos diante das novas feições do capitalismo na segunda metade da década de 1970.

3.3 O impacto da obra *Capitalismo Periférico* de Prebisch

Após o esforço empreendido na apresentação da crítica ao capitalismo periférico (seção 3.1) e da teoria da transformação (3.2) de Raúl Prebisch, nesta seção, tratamos da repercussão da obra. Em outras palavras, discutiremos o seu impacto inicial, bem como a sua recepção nos círculos acadêmicos e institucionais. Antes de tudo, é preciso ressaltar que Prebisch teve um árduo trabalho na divulgação do seu pensamento, por meio de conferências, palestras e da submissão dos seus textos a críticas em revistas científicas.

⁸⁹⁰ PREBISCH, *La Crisis del Desarrollo Argentino: de la frustración al crecimiento vigoroso*, p. 86.

⁸⁹¹ GAUHAR; PREBISCH, Raul Prebisch, p. 18.

Nessa etapa, Prebisch teve como objeto de análise a periferia do sistema, o que lhe incentivou a difundir o seu trabalho para além da América Latina. De acordo com Dosman,⁸⁹² Prebisch realizou frequentes viagens oferecendo palestras na Espanha, no Japão, nos Estados Unidos, no Canadá e no Oriente Médio. Além disso, ele foi chamado mais de uma vez por seus colegas Dudley Seers e Hans Singer para realizar palestras na Universidade Sussex, na Inglaterra.

De modo geral, a obra final de Prebisch gerou múltiplas reações. Para Gurrieri,⁸⁹³ os escritos de Prebisch foram bem recebidos por aqueles que se opunham aos regimes militares e pelos que colaboraram na tarefa funesta de combater a influência neoliberal. Aníbal Pinto,⁸⁹⁴ por sua vez, ressalta que alguns dos leitores se opuseram ao seu radicalismo quanto ao “uso social do excedente”. Prebisch incomodou outros, tanto pela sua desconfiança em relação à propriedade pública, quanto pela quase abolição do papel da esfera privada.

No entanto, Hodara⁸⁹⁵ sublinha que “no cabe surpreenderse de que esta obra postrera de Prebisch no haya tenido los ecos y alcances de su paradigmático pronunciamiento de 1949”; isto é, tratava-se de um momento muito distinto daquele em que a CEPAL representava (quase) o monopólio do pensamento latino-americano. Muito já havia mudado desde então. Grande parte das universidades norte-americanas e mundiais baseavam as suas análises em ferramentas matemáticas.⁸⁹⁶ Na América Latina, em específico, Mallorquín lembra que essa era a “época del pleno apogeo de la teoría de la ‘dependencia’”, e, ao mesmo tempo, da retomada do pensamento liberal, com a ascensão do “monetarismo”.⁸⁹⁷ Mesmo dentro da *Revista de la Cepal*, como discutido antes, o pensamento de Prebisch dividia espaço, em desvantagem, com a temática dos estilos de desenvolvimento, que estava em voga.

Portanto, esse novo quadro tornou esse “último” Prebisch um personagem pouco conhecido na constelação intelectual latino-americana dos anos setenta.⁸⁹⁸ De acordo com Pedrão,⁸⁹⁹ muitos ainda se valiam de suas teses iniciais, e parte de suas ideias foi reduzida a chavões; ademais, a atualização de Prebisch em relação à problemática do subdesenvolvimento

⁸⁹² DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 542.

⁸⁹³ GURRIERI, Adolfo, Raúl Prebisch (1901-1986), *Desarrollo Económico*, v. 26, n. 103, p. 477-478, 1986, p. 478.

⁸⁹⁴ PINTO, Raúl Prebisch (1901-1986), p. 11.

⁸⁹⁵ HODARA, Prebisch y Urquidí: vidas paralelas, p. 58.

⁸⁹⁶ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 552.

⁸⁹⁷ MALLORQUÍN, Aventuras y Desventuras de un Economista Brasileño (circa 1964-1976), p. 77.

⁸⁹⁸ No ano de 1977, Prebisch foi novamente inscrito no Prêmio Nobel de Economia; porém, dessa vez, o pedido foi indeferido. DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 551.

⁸⁹⁹ PEDRÃO, Evocação de Raúl Prebisch: latino-americano e homem do mundo, p. 7-8.

raramente foi exposta em seus elementos essenciais. Dosman⁹⁰⁰ acrescenta que, quando Prebisch não era simplesmente esquecido, era difamado e acusado de ter orientado a América Latina ao rumo errado.

Tendo discutido essas questões, dividimos o restante da seção em duas partes. Primeiramente, concentramo-nos na exposição das críticas aos textos de Prebisch em circulação no período. Logo após, notamos a necessidade de dar um passo para trás, a fim de discutir as principais influências que orientaram diretamente a elaboração teórica do autor em sua última etapa intelectual.

3.3.1 Críticas e repercussões das últimas teses de Prebisch

O conjunto da obra *Capitalismo Periférico* circulou pelos organismos regionais e pelas universidades durante o período de sua elaboração (1976-1981). Como já mencionado, houve críticas de diferentes filiações às teses de Prebisch, algumas delas encomendadas pelo próprio autor na *Revista de la Cepal*. Nosso objetivo aqui é expor esse conjunto de críticas iniciais, em busca de compreender a recepção das teses de Prebisch.⁹⁰¹ Para isso, recorreremos inicialmente aos relatos da obra biográfica de Dosman.⁹⁰² As conclusões pessimistas de Prebisch foram duramente criticadas desde os círculos políticos de Washington até a América Latina. Em correspondência, Sidney Weintraub, L. Harrison, e Robert E. Culbertson acusavam Prebisch de generalizar o baixo desempenho da Argentina para países como o Brasil e o México – que seguiram crescendo –, o que levou o autor a ser tachado de “Cavaleiro do Apocalipse”.

No campo acadêmico, Dosman afirma que os elogios foram escassos. Primeiramente, o marxista chileno Heraldo Muñoz reprovou Prebisch pelo seu suposto mau uso de Marx, Lênin e Luxemburgo. Entre os teóricos da CEPAL, o chileno Osvaldo Sunkel não escondeu o seu incômodo com relação às pontas soltas deixadas por Prebisch e à falta de uma teoria do Estado. Outros colegas, como Octavio Rodríguez, lamentaram a imprecisão de Prebisch na utilização de termos como “superávit estrutural”. Por outro lado, outros estruturalistas, como Benjamin

⁹⁰⁰ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 547–554.

⁹⁰¹ Não pretendemos, através da literatura secundária, expor as críticas encabeçadas por seus intérpretes; apenas nos concentramos na recepção da produção teórica de Prebisch.

⁹⁰² DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 547–554, 620.

Hopenhayn,⁹⁰³ “leal ayudante [de Prebisch] e solucionador de problemas”⁹⁰⁴ no ILPES, publicaram textos de divulgação da análise de Prebisch.

Como comentamos no início deste capítulo, Prebisch divulgou os seus escritos na forma de extensos artigos e ele fez questão de sujeitá-los à crítica em diversos espaços.⁹⁰⁵ Nas palavras do autor, “lo sometí a la crítica de muy calificados y penetrantes colegas”.⁹⁰⁶ Antes da publicação, a tríade de artigos inaugurais de Prebisch passou pela leitura dos cepalinos Manuel Balba, Jorge Graciarena, Octavio Rodríguez e Adolfo Gurrieri,⁹⁰⁷ com destaque para o chileno Aníbal Pinto, que, nas palavras de Prebisch, “ha sido un crítico paciente y penetrante de mis páginas”.⁹⁰⁸

Prebisch contou que foram realizados eventos para discutir os seus escritos no México; primeiramente, um seminário organizado por Sidney Rosental – diretor da subseção da CEPAL. Mais tarde, o evento ocorreu no *Centro de Capacitación y Desarrollo* (CECADE), organizado por Mauricio Campillo, José Ibarra e Octavio Rodríguez. De acordo com Prebisch, “fueron reuniones muy provechosas pues recibí críticas y sugerencias útiles, que en buena parte han sido publicadas en la *Revista de la CEPAL*”.⁹⁰⁹ A cargo do ILPES e do CELADE, Prebisch comentou que um grupo de economistas “discutieron conmigo algunas páginas”.⁹¹⁰

Além disso, não podemos perder de vista que revistas científicas também foram espaços de discussão para o *Capitalismo Periférico*. Prebisch, como diretor da *Revista de la Cepal*, preparou duas edições (números 4 e 11) em que autores da CEPAL teceram críticas dirigidas aos seus textos. Além disso, houve resenhas críticas publicadas em outras revistas, como *Crítica & Utopía* e *Araucaria de Chile*. Dedicamos o espaço que nos resta para tratarmos dessas publicações.

Dando início à discussão, a *Revista de la Cepal* número 4, de 1977, colocou em pauta a discussão do primeiro artigo de Prebisch: *Crítica al Capitalismo Periférico*.⁹¹¹ De forma geral, assim como Kossarev, os autores consideraram esse artigo como “un importante avance en el

⁹⁰³ HOPENHAYN, Benjamín, Algunas Notas sobre el “Capitalismo Periferico” de Raúl Prebisch, *Revista Desarrollo Económico*, v. 22, n. 86, p. 287–294, 1982.

⁹⁰⁴ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 509.

⁹⁰⁵ Não cabe aqui entrarmos em detalhes; porém, notamos que Prebisch, até a publicação do seu último artigo, em 1980 (*Hacia una Teoría de la transformación*), e, posteriormente, na sua obra de síntese (*Capitalismo Periférico*), incorporou e respondeu indiretamente a uma parte das críticas a ele endereçadas (porém, sem fazer menção a elas).

⁹⁰⁶ PREBISCH, *Capitalismo Periférico: crisis y transformación*, p. 29.

⁹⁰⁷ Encontramos essa lista de autores em notas de rodapé dos seguintes artigos: PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 167; PREBISCH, *Hacia una Teoría de la Transformación*, p. 28.

⁹⁰⁸ PREBISCH, *Capitalismo Periférico: crisis y transformación*, p. 10.

⁹⁰⁹ *Ibid.*, p. 11.

⁹¹⁰ *Ibid.*, p. 11.

⁹¹¹ PREBISCH, *Crítica al Capitalismo Periférico*.

desarrollo de la teoría de la ‘economía periférica’ y eleva el nivel de análisis del desarrollo de América Latina gracias a sus nuevos enfoques socioeconómicos”.⁹¹² Todavía, os autores não deixaram de notar problemas na análise de Prebisch. Marshall Wolfe, diretor da Divisão de Desenvolvimento Social da CEPAL, reconheceu que há uma finalidade normativa na proposta de Prebisch, proposta essa que envolveria não apenas transformações na forma de organização produtiva, mas também uma mudança de valores. Com isso, surgem algumas questões não respondidas pelo autor:⁹¹³ quem seriam os agentes transformadores? O quão profunda e traumática deve ser essa transformação? Não bastaria uma mudança de estilo, ou os males da periferia exigiam mudanças dessa envergadura? O ponto de Wolf era que Prebisch apenas se limitou “a formular algunas discretas sugerencias acerca de lo que puede hacerse y de quiénes deben hacerlo”.⁹¹⁴

Wolf questionou Prebisch com relação a quem o seu estudo foi dirigido e ao que era esperado que os seus destinatários fizessem. Diante disso, Wolf alerta a respeito da importância de não se iludir com tecnoburocracias – as quais habitualmente exageram sobre o seu conhecimento da própria sociedade – e a respeito da importância de não contar com os que realmente detêm o poder, visto que eles apenas fazem mudanças no sentido de evitar uma verdadeira mudança, além de interpretarem como desejam a noção de valores democráticos. Com relação ao combate à sociedade de consumo, Wolf salienta a necessidade de se ampliar a sua teorização. Primeiramente, Prebisch deveria se atentar mais ao estudo das elites externas e dos seus vínculos com as decisões externas. Em segundo lugar, as contradições produzidas no seio dessa sociedade fazem com que estratos intermediários desejem somente reduzir a distância dos superiores e com que as massas não se diferenciem muito dos outros estratos, “votando por un paraíso que sólo puede ser real mientras estén excluidas de él”.⁹¹⁵ Em resumo, a crítica de Wolf mostrou a Prebisch as dificuldades implícitas da transformação desenhada por ele, ressaltando os perigos de se proporem receitas radicais, porém, simplificadas.

Outras considerações vieram do funcionário da subsede da CEPAL no México, Joseph Hodara. Hodara, de modo semelhante a Wolf, sublinhou as fraquezas analíticas de Prebisch, afirmando que, em sua teorização, “ni los actores de las contradicciones, ni sus nexos, ni el

⁹¹² KOSSAREV, Eugeni, Comentario sobre el artículo de Raúl Prebisch “Crítica al capitalismo periférico”, *Revista de la Cepal*, n. 4, p. 191–203, 1977, p. 191.

⁹¹³ É preciso lembrar, como tratado nas seções anteriores (3.1 e 3.2), que havia uma “estética” na publicação de Prebisch e que apenas o último artigo da “trilogia”, publicado em 1980, trataria dessas questões. Nesse sentido, essas críticas antecedem a nossa exposição da seção anterior (3.2).

⁹¹⁴ WOLFE, Marshall, Comentario sobre el artículo de Raúl Prebisch “Crítica al capitalismo periférico”, *Revista de la Cepal*, n. 4, p. 217–222, 1977, p. 218.

⁹¹⁵ *Ibid.*, p. 221.

desenlace son puestos satisfactoriamente de relieve”.⁹¹⁶ Hodara notou certo abuso nas generalizações, ao vislumbrar um centro e uma periferia homogêneos, sem uma captação das suas discontinuidades e dos distintos contextos; além do mais, a teorização careceria de mais detalhes sobre o funcionamento dos canais de dominação interno e externo que gravitam ao redor do capitalismo periférico.

Os autores Octavio Rodríguez e Eugenio Kossarev⁹¹⁷ deram ênfase aos mecanismos econômicos da análise de Prebisch. Para Rodríguez, a proposta do autor era uma síntese entre os argumentos cepalinos, complementada por uma análise de corte sociopolítico. O cerne da crítica de Rodríguez foi afirmar que a dita análise global de Prebisch não foi exitosa no seu processo de incorporação, uma vez que terminou privilegiando a esfera da distribuição, em detrimento da esfera da produção. Rodríguez cita, como exemplo, a ênfase dada à inadequação da densidade de capital sobre o emprego, com Prebisch descuidando-se do efeito positivo sobre a acumulação e, no que lhe diz respeito, sobre o emprego. Além do mais, existiam outros fatores que pesariam negativamente muito mais ao emprego, como a produção de bens agrícolas. Rodríguez também rechaçou a associação de Prebisch entre as postulações sobre o padrão de consumo e os seus vínculos com a estrutura produtiva. De forma geral, Rodríguez questionou a validade geral do fenômeno do consumo imitativo como um padrão geral de economias subdesenvolvidas, apontando casos recentes: “Resumiendo las críticas anteriores, puede decirse que, a nuestro entender, el artículo comentado no contiene un examen suficientemente amplio y riguroso de las relaciones entre acumulación, tecnología y empleo”.⁹¹⁸

Kossarev, por sua vez, criticou a opção teórica de Prebisch pela abordagem do excedente. Para o autor, contar com o conceito de excedente, desejando ampliar a dinâmica da produção, resultou em ainda mais dificuldades, uma vez que Prebisch teria descuidado de um dos principais componentes do conteúdo social: a força de trabalho e a sua participação no produto final.⁹¹⁹ Por último, Kossarev apontou ambiguidades conceituais no texto de Prebisch, além de incoerências lógicas no argumento do autor, referentes ao fato de ele criticar e, ao mesmo tempo, propor mecanismos reguladores do capitalismo.

⁹¹⁶ HODARA, Joseph, Comentario sobre el artículo de Raúl Prebisch “Crítica al capitalismo periférico”, **Revista de la Cepal**, n. 4, p. 187–190, 1977, p. 189.

⁹¹⁷ Rodríguez e Kossarev eram funcionários da CEPAL. O primeiro foi consultor da Divisão Econômica da CEPAL, e o último foi funcionário da Divisão de Comércio Internacional e Desenvolvimento da CEPAL.

⁹¹⁸ RODRÍGUEZ, Octavio, Comentario sobre el artículo de Raúl Prebisch “Crítica al capitalismo periférico”, **Revista de la Cepal**, n. 4, p. 203–216, 1977, p. 208.

⁹¹⁹ KOSSAREV, Comentario sobre el artículo de Raúl Prebisch “Crítica al capitalismo periférico”, p. 196.

Em 1979, a publicação de Prebisch do artigo *Planificación, Desarrollo y Democracia*, na revista *Crítica&Utopía*⁹²⁰ foi acompanhada de uma crítica elaborada pelo argentino Roque Carranza. A explanação de Carranza centrou-se em quatro pontos: (i) no Cone Sul, os estratos médios estiveram mais interessados em mimetizar o consumo em vez da participação política (democratização), sendo essa realidade distinta da explicação proposta por Prebisch; (ii) a explicação da crise do sistema é puramente preditiva e sustentada por falhas de análise sociológica; (iii) a proposta do “uso social do excedente” diz pouco a respeito de como funcionariam essas transferências e as funções do Estado; e, finalmente, (iv) o conceito de planificação proposto por Prebisch é restrito; era preciso incluir a análise dos grupos de poder e, a partir deles, definir as opções viáveis; sem isso, o resultado conduziria à formulação de planos inoperantes. Nas palavras de Carranza:

[P]ara concluir, es cierto que hay fuerzas que llevan a conflictos en el sistema capitalista, pero no hay que omitir la función moderadora del sistema político, ni creer que esas fuerzas han sido las únicas responsables de las crisis que hoy nos preocupan. Han existido también ciertas falacias que han ayudado en medida no desdeñable, y hay que aprender de la experiencia para no repetir errores.⁹²¹

Em 1980, a *Revista de la Cepal* voltou a reunir os seus integrantes para debater as demais publicações de Prebisch. Gert Rosenthal,⁹²² diretor da subsede da CEPAL no México, situou o trabalho de Prebisch como um novo episódio dentro do debate “*la mano invisible*” versus “*dirigismo*”, debate esse ainda mais polarizado, desde a comprovada ineficácia da Aliança para o Progresso. Rosenthal também considerou o artigo de Prebisch como uma abertura de novas áreas de investigação para os membros da CEPAL.

A crítica de Isaac Cohen, funcionário da subsede da CEPAL no México, concentrou-se na dimensão política. De acordo com Cohen, quando Prebisch finalmente chegou à sua Teoria da Transformação, os elementos políticos já não possuíam a mesma importância que foi atribuída na primeira parte da análise. Para o autor, Prebisch não esclareceu quais os elementos do liberalismo político que seriam absorvidos em sua proposta, como os partidos políticos, uma estrita separação dos poderes, entre outros. Prebisch tampouco mencionou como preservar as liberdades individuais dentro de um sistema com limitações ferozes sobre o consumo. Cohen também questionou a falta de clareza sobre essa transformação. O autor afirmou que o argentino

⁹²⁰ PREBISCH, *Planificación, Desarrollo y Democracia*.

⁹²¹ CARRANZA, Roque, A Propósito de “Planificación, Desarrollo y Democracia” de Raúl Prebisch, *Crítica&Utopía*, n. 1, p. 1–2, 1979, p. 2.

⁹²² ROSENTHAL, Gert, Sobre el Artículo de Raúl Prebisch “Hacia una Teoría de la Transformación”, *Revista de la Cepal*, n. 11, p. 163–168, 1980.

somente sinalizou a importância de se modificar a estrutura de poder, sem entrar na análise dos distintos atores do sistema político e das suas alianças. Por fim, Prebisch parecia “aspirarse a la existencia de un sistema político en el que la equidad sea aportada desde afuera, por alguien no identificado, y donde nada se dice acerca del poder que posee para hacerlo”.⁹²³

A última crítica dessa edição foi produzida pelo chileno Fernando Fajnzylber.⁹²⁴ Primeiramente, o autor discordou das relações estabelecidas por Prebisch entre a imitação das formas de consumo e a acumulação de capital. Fajnzylber afirmou que essa tendência à homogeneização do padrão de consumo era um traço característico da economia mundial contemporânea, não uma especificidade do desenvolvimento da América Latina. Ademais, países como a Coreia e o Japão teriam passado pelo mesmo transplante de formas de consumo, sem isso ter acarretado problemas; ao contrário:

[N]o se tradujo por un trasplante masivo de empresas occidentales para producir dichos bienes. La existencia de burguesías nacionales poderosas, con proyectos nacionales definidos, unida a una diversidad de otros factores histórico-culturales conocidos, permitió compatibilizar el patrón imitativo de consumo con una estructura productiva cuyo centro de gravedad estaba en grupos nacionales capaces de competir internacionalmente e, inclusive, en aquellos mercados donde esos bienes se habían originado.⁹²⁵

Ainda com relação ao processo de acumulação, Fajnzylber afirma que o peso excessivo dado à esfera da distribuição ocasionou distorções no entendimento do processo produtivo. O autor cita, como exemplo, a dinâmica do excedente, na qual os níveis de remuneração acima da produtividade permitiam a formação de um excedente destinado, em parte, à acumulação. Fajnzylber afirma que essa condição não seria suficiente, visto que o processo histórico mostrou casos na América Latina nos quais taxas elevadas de remuneração não resultaram em investimentos. Além disso, Prebisch, em nenhum momento, explorou os determinantes da produtividade, o que explicaria o porquê de a realidade escapar de sua interpretação.

Em 1982, notamos outra importante publicação, em uma revista espanhola intitulada *Araucaria de Chile*, criada por intelectuais chilenos exilados devido ao golpe militar de 1973. Na edição de número 18, o economista Orlando Caputo, filiado à teoria marxista da dependência, produziu uma crítica agressiva às publicações recentes de Prebisch. Como nos

⁹²³ COHEN, Isaac, Sobre el Artículo de Raúl Prebisch “Hacia una Teoría de la Transformación”, **Revista de la Cepal**, n. 11, p. 168–169, 1980, p. 169.

⁹²⁴ Fajnzylber era codiretor do Projeto Conjunto de Bens de Capital da *Nacional Financiera* no México. FAJNZYLBER, Fernando, Sobre el Artículo de Raúl Prebisch “Hacia una Teoría de la Transformación”, **Revista de la Cepal**, n. 11, p. 170–181, 1980.

⁹²⁵ *Ibid.*, p. 171.

referimos no primeiro capítulo (seção 1.3), a Teoria Marxista da Dependência surgiu nos anos sessenta, nutrida pelo esforço de crítica às ideias fundadoras de Prebisch na CEPAL. Nesse artigo, Caputo deixou claro que as discordâncias com Prebisch permaneciam, além de ressaltar a sua preocupação com a influência exercida pelo autor em suas últimas publicações: “no nos cabe duda, tendrá una seria repercusión en los círculos académicos y políticos”.⁹²⁶

Caputo preocupou-se em combater o núcleo da construção teórica de Prebisch, a partir de uma perspectiva marxista. Primeiramente, Caputo rechaçou a explanação de Prebisch a respeito da formação do excedente, em que esse excedente seria o fruto de uma “anomalía”. Como já visto, para Prebisch, parte do produto gerado seria, então, transformado em excedente na periferia, devido ao fato de a remuneração da força de trabalho estar estabelecida sempre abaixo do nível de produtividade. De acordo com Caputo, o erro de Prebisch foi definir o conceito de excedente negando a sua origem no processo produtivo, ou seja, por meio da extração de mais-valor da força de trabalho, no curso do processo de acumulação. Portanto, “la producción del excedente y su apropiación por los dueños del capital no es una anomalía sino el resultado lógico y permanente de la forma de funcionamiento del capitalismo”.⁹²⁷

Com isso, toda a argumentação de Prebisch estava concentrada essencialmente no progresso técnico e na sua distribuição interna e externa; na concepção de Caputo, isso seria insuficiente para uma análise dita estrutural. De acordo com o autor, faltava a Prebisch incluir em sua abordagem as relações sociais de produção; isto é, abarcar as possíveis conexões entre as relações do capital e a força de trabalho, para, então, descobrir a exploração da força de trabalho. Caputo acrescentou que:

En la definición y en el carácter estructural del excedente de Prebisch, lo formulado anteriormente en el sentido de desconocer la explotación económica queda de manifiesto al plantear su origen no en la producción, sino en la distribución. Si la producción se distribuye según la productividad marginal de los factores en la formación del producto global, no hay explotación.⁹²⁸

Por fim, Caputo acusa Prebisch de nem mesmo ter superado de fato as concepções neoclássicas em seus escritos. Para o autor, Prebisch aceitava a formulação teórica central neoclássica em sua definição de excedente, quando trabalhava com a noção de que os fatores, em seu curso normal, seriam remunerados pela produtividade marginal. Nesse sentido, a formação do excedente na periferia não seria uma exceção, uma vez que, em qualquer lugar do

⁹²⁶ CAPUTO, Orlando, El Capitalismo Periférico Según Prebisch. Notas críticas a su interpretación reciente, *Araucaria de Chile*, n. 18, p. 55–76, 1982, p. 58.

⁹²⁷ *Ibid.*, p. 59.

⁹²⁸ *Ibid.*, p. 62.

mundo, o capitalismo pagaria aos trabalhadores de acordo com o produto do trabalho gerado diretamente por eles.

Como ilustrado acima, as publicações de Prebisch geraram discussões com economistas da tradição estruturalista e do marxismo. De modo geral, poderíamos sintetizar tais críticas a partir de três grandes temas: (i) apontamentos sobre as falhas na abordagem global vislumbrada por Prebisch; (ii) insuficiências na análise econômica, em especial, a respeito do conceito de excedente; e, por último, (iii) incômodos com a pouca descrição ofertada em relação à teoria da transformação, seja sobre a transição, seja sobre o funcionamento do novo sistema. Dosman afirma que, diante das críticas, “Prebisch manteve suas posições. Estava no período final de sua vida. Escrevia a partir de uma imensa experiência como um grande economista intuitivo convertido em profeta; não visava a publicações acadêmicas”.⁹²⁹

3.3.2 As influências teóricas do capitalismo periférico de Prebisch

Após discutir a repercussão da produção teórica de Prebisch, direcionamo-nos a jogar uma luz sobre as principais referências teóricas que nutriram as últimas teses do autor. Engana-se quem pensa que essa é uma tarefa trivial. Em sua obra derradeira, *Capitalismo Periférico*, não há uma única filiação clara, Prebisch faz uma verdadeira mistura de elementos teóricos e, ao mesmo tempo, mantém a originalidade do núcleo central da sua análise. Outro problema está nas suas referências, ou na falta delas. Como postula Rego,⁹³⁰ o ensaio de Harold Bloom intitulado *A Angústia da Influência*,⁹³¹ assim como na literatura, é válido também para a Economia. Nesse sentido, os grandes autores não têm o hábito de revelar por completo as suas referências e, quando escrevem, têm consciência apenas de si mesmos e daqueles precursores que desejam superar.

Na última etapa intelectual de Prebisch, as referências foram ainda mais escassas no seu texto.⁹³² Hodara acusa o autor de ter ignorado por completo outros teóricos que partiam da perspectiva desigual do desenvolvimento. Entretanto, Hodara reconhece que esse era um traço que o acompanhou durante toda a trajetória de Prebisch, “como si ‘lo académico’ fuera un hato

⁹²⁹ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 553.

⁹³⁰ REGO, José Marcio, A “Angústia da Influência” em Smith, Hirschman e Furtado, in: BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; REGO, José Marcio (Orgs.), *A Grande Esperança em Celso Furtado: ensaios em homenagem aos seus 80 anos*, São Paulo: Editora 34, 2001, p. 185–197.

⁹³¹ BLOOM, Harold, *Angústia da Influência: uma teoria da poesia*, 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

⁹³² No que se refere às referências, um dos poucos traços notados na obra de Prebisch eram as citações de documentos da CEPAL sobre temas específicos ou sobre a conjuntura latino-americana.

de abstracciones inútiles”.⁹³³ De outro ponto de vista, Di Filippo⁹³⁴ afirma que, nessa fase em específico, Prebisch carecia de colaboradores que o apoiassem no trabalho de edição de seus escritos; daí a ausência de notas de pé de página ou de referências sistemáticas.⁹³⁵

Seja como for, alguns autores, de forma indireta, sugeriram vertentes que compuseram a trajetória intelectual de Prebisch.⁹³⁶ Portanto, há certa discussão que percorre a literatura, embora essa discussão seja quase restrita ao período inicial de Prebisch na liderança da CEPAL. Entre esses, Hodara destacou-se, na tentativa de sinalizar as referências por trás do *Capitalismo Periférico* de Prebisch. Hodara sustenta que havia três grandes vertentes que guiaram Prebisch. A primeira referência era o “trabalhismo inglês” na obra *Contemporary Capitalism*⁹³⁷ de John Strachey, pois “encontré en este autor pensamientos paralelos a los de Prebisch”.⁹³⁸ De modo geral, Strachey discutiu as mutações do capitalismo no pós-guerra, utilizando variáveis muito semelhantes às de Prebisch. O autor falou em “poder extraeconômico” sobre os preços, “correlação de forças”, “politização generalizada dos mercados” e enfrentamento distributivo; além disso, Strache ressaltou os nexos entre progresso técnico e a acumulação de capital. Por outro lado, Strachey confiava na neutralidade da intervenção estatal e na compatibilidade entre capitalismo e democracia, pontos os quais não foram partilhados por Prebisch para a sua análise do caso periférico.

Hodara também defende uma inspiração neomarxista na obra de Prebisch, referindo-se ao “conjunto de pensadores que se empeñaron en mantener y criticar, simultáneamente, la profecía socioeconómica de Marx”.⁹³⁹ Hodara fala em uma ampla gama de referências, apontando semelhanças com György Lukács,⁹⁴⁰ em relação à irracionalidade do capitalismo; com Antonio Gramsci,⁹⁴¹ em relação à formação de blocos históricos; além de contatos com os trabalhos da Escola de Frankfurt, de Herbert Marcuse⁹⁴² e de Theodor Adorno,⁹⁴³ sobre a dinâmica da repressão. A respeito da transnacionalização dos mercados, Hodara sugere que as

⁹³³ HODARA, Prebisch y Urquidí: vidas paralelas, p. 56–58.

⁹³⁴ DI FILIPPO, Continuidad y Cambio en la Obra de Prebisch (su concepto de excedente), p. 173.

⁹³⁵ Isso fica claro ao se contrastar esse texto com o relatório do BID produzido por Prebisch em 1970. Como mostramos no capítulo anterior (seção 2.2), Prebisch tinha uma grande equipe nesse projeto.

⁹³⁶ Utilizamos aqui o termo “indireta” no sentido de que quase nunca era o objetivo do artigo traçar as suas referências, apenas indicar um tema que brevemente cruzava o texto.

⁹³⁷ STRACHEY, John, *Contemporary Capitalism*, Londres: Victor Gollancz Ltd, 1959.

⁹³⁸ HODARA, El Capitalismo Periférico Tardío Según Prebisch: reflexiones, p. 596.

⁹³⁹ *Ibid.*, p. 598.

⁹⁴⁰ LUKÁCS, György, *História e Consciência de Classe: estudos sobre dialética marxista*, São Paulo: Martins Fontes, [1972] 2012.

⁹⁴¹ GRAMSCI, Antonio, *A Concepção Materialista da História*, São Paulo: Paz e Terra, 1972.

⁹⁴² MARCUSE, Hebert, *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

⁹⁴³ ADORNO, Theodor W, *Dialética do Esclarecimento*, Filosofia edition. Rio de Janeiro: Zahar, [1944] 2011.

teses do sistema-mundo, de Immanuel Wallerstein⁹⁴⁴ e de Samir Amin,⁹⁴⁵ não diferem da argumentação “prebischiana”. Hodara⁹⁴⁶ ainda destaca a genealogia conceitual do excedente, presente nos trabalhos de Paul Baran e Paul Sweezy⁹⁴⁷ sobre Prebisch. Finalmente, a ênfase de Ernest Mandel⁹⁴⁸ na atitude de falar do capitalismo no plural, aliada à visão do Estado capaz de compartilhar o excedente através de uma tecnoburocracia dotada de autonomia institucional, parece ter inspirado Prebisch.

Por último, Hodara⁹⁴⁹ relaciona o “*arrebato utópico*” na obra de Prebisch com o resgate de traços do socialismo utópico. Por esse ângulo, a insistência em temas como equidade distributiva, acumulação socialmente orientada, ênfase numa verdadeira democracia política e outros imperativos éticos destacam ideias de grandes figuras dos séculos XVIII e XIX na Europa Ocidental, tais como Jean-Jacques Rousseau,⁹⁵⁰ e, em especial, C. H. Hall, William Godwin e Saint-Simon.⁹⁵¹ Esses nomes se juntam a outras figuras do século XX. Hodara menciona a influência do credo social-democrata europeu e de obras como *Liberdade, Poder e Planificação Democrática*,⁹⁵² do sociólogo Karl Mannheim.

De forma geral, o argumento de Hodara para associar essas três vertentes era o de que talvez Prebisch não conhecesse com precisão essas obras,

[M]ás bien a pensar que diferentes audiencias, que le auxiliaron como ‘intermediarios intelectuales’ dentro de la CEPAL y en otros organismos nacionales e internacionales, incubaron un ambiente de opinión que Prebisch, con talento impar, asimiló. La capacidad de escuchar fue su cualidad memorable.⁹⁵³

Não é que discordamos por completo das proposições de Hodara, pois sabemos que Prebisch regularmente frequentava os Estados Unidos, em razão das suas tarefas institucionais; ele, inclusive, manteve um escritório em Washington, o que lhe permitiu um contato estreito com a academia norte-americana. Todavia, com base nas orientações do historiador das ideias

⁹⁴⁴ WALLERSTEIN, Immanuel, **O Sistema Mundial Moderno: a agricultura capitalista e as origens do sistema-mundo europeia no século XVI**, Portugal, Porto: Edições Afrontamento, [1974] 1990.

⁹⁴⁵ A tese de Amin foi defendida em 1957; porém, foi publicada apenas em 1970. AMIN, Samir, **La acumulación a Escala Mundial: crítica de la teoría del desarrollo**, 3. ed. México: Siglo Veintiuno Editores, [1970] 1977.

⁹⁴⁶ HODARA, Joseph, Prebisch: diez años después, **El Trimestre Económico**, v. 62, n. 248(4), p. 525–554, 1995, p. 547.

⁹⁴⁷ BARAN, Paul Alexander; SWEEZY, Paul, **Capitalismo Monopolista: ensaio sobre a Ordem Econômica e Social Americana**, Rio de Janeiro: Zahar editores, 1966.

⁹⁴⁸ MANDEL, Ernest, **O Capitalismo Tardio**, São Paulo: Abril Cultural, [1972] 1982.

⁹⁴⁹ HODARA, El Capitalismo Periférico Tardío Según Prebisch: reflexiones, p. 592–593.

⁹⁵⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques, **Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens**, Porto Alegre: L&PM, [1755] 2008.

⁹⁵¹ Sobre o Socialismo Utópico, ver: RUSS, Jacqueline, **O Socialismo Utópico**, São Paulo: Martins Fontes, 1991.

⁹⁵² MANNHEIM, Karl, **Liberdade, Poder e Planificação Democrática**, São Paulo: Mestre Jou, [1950] 1972.

⁹⁵³ HODARA, El Capitalismo Periférico Tardío Según Prebisch: reflexiones, p. 604.

Quentin Skinner, parece-nos problemático o modo como foram indicadas essas possíveis referências.⁹⁵⁴ De acordo com Skinner, antes de apontar certas influências de um autor A sobre uma doutrina de um autor B, é mister considerar se: (i) sabe-se se o autor A já estudou as obras de B; (ii) se o autor A não poderia encontrar as doutrinas relevantes em outro autor que não fosse B; e, por fim, (iii) se o autor A não poderia encontrar essas doutrinas de forma independente.

Dessa forma, por meio das orientações esboçadas acima pretendemos sugerir um conjunto alternativo de referências, as quais julgamos terem sido cruciais para a elaboração teórica de Prebisch. Porém, deve ficar claro, faremos isso com base nos rastros deixados pelo próprio autor.

Nos capítulos anteriores, construímos a constelação intelectual em torno de Prebisch entre as décadas de 1960 e 1970. Vimos, na década de 1960, Prebisch iniciando o seu contato com elementos sociológicos. Além disso, ressaltamos a importância dos espaços institucionais, como os seminários no ILPES, em 1964, os quais reuniram diversos teóricos com o intuito de revisar o pensamento da CEPAL. Mostramos como, nos anos setenta, Prebisch acompanhou a busca por abordagens multidisciplinares já esboçadas por outros estudiosos do fenômeno do desenvolvimento. Em consonância com essas questões, separamos um depoimento do autor de 1980, que revela a sua percepção ao retornar à CEPAL, em 1969, e encontrar um ambiente inovador, no qual ele precisou se atualizar:

En esse mismo año [1963] tuve que apartarme de la CEPAL porque se me confió otra función internacional en Ginebra [UNCTAD]; por la fuerza de las circunstancias, me fui alejando del pensamiento, que seguía elaborándose en plena efervescencia dentro de esa institución, hasta que al volver, años después, la encontré transformada. Había tomado nuevos temas, había tratado de integrar elementos sociales, políticos y culturales en el concepto de desarrollo económico, y todo ello debido en buena parte al estímulo de don José Medina y al hecho de que la presencia de sociólogos en la CEPAL ya era aceptada. Hubo un grupo de jóvenes que se nutría del pensamiento de don José, y que llevaron adelante la tarea de investigación de la realidad latinoamericana.⁹⁵⁵

⁹⁵⁴ A rigor, uma das mitologias na História das Ideias ocorre, na concepção de Skinner, quando o pesquisador lê os escritos de um autor (tal como Prebisch) em busca de suas influências, todavia, faz a leitura já com outros autores em mente. O resultado inevitável é uma leitura enviesada; embora essa leitura encontre pontos de conexão, como fez Hodara, não há a garantia de que o autor estudado tenha tido contato com tais obras. SKINNER, *Vision of Politics: regarding method*, p. 75–76; SKINNER, Quentin, *Conventions and the Understanding of Speech-acts*, *Philosophical Quarterly*, n. 20, p. 118–138, 1966.

⁹⁵⁵ Esse depoimento foi realizado por Prebisch em Madrid, durante um seminário em homenagem ao sociólogo José Medina Echavarría. PREBISCH, *Intervenciones en el Acto de Homenaje a Don José Medina Echavarría*: Excmo. Sr. Raúl Prebisch, p. 17.

Em vista dessas pistas iniciais e direcionando-nos para a última fase do pensamento de Prebisch, a análise de notas de página e de notas introdutórias dos seus escritos mais que certifica o contato de Prebisch com os autores tributários ao pensamento estruturalista e à sociologia do desenvolvimento. Na nota de agradecimento do seu livro, ele escreveu que “todo ello es parte integrante de mi pensamiento cepalino. Este libro significa su última etapa. Y tengo que expresar mi amistoso agradecimiento a quienes tuvieron la benevolencia de ayudarme”.⁹⁵⁶

Na mesma direção, recorremo-nos às afirmações dirigidas a Prebisch por autores da sua própria teia de relações. O brasileiro Celso Furtado, em 1978, escreveu, em seu diário, sobre o *Capitalismo Periférico*; Furtado afirmou que “ele [Prebisch] aprendeu com os discípulos dele em anos recentes”,⁹⁵⁷ referindo-se aos colegas do tempo da CEPAL. Theotonio dos Santos, por sua vez, entendeu essa fase intelectual como “un encuentro de Raúl Prebisch de la década de los sesenta y setenta (que incluso criticaba gran parte de las conclusiones y su visión sobre la potencialidad de un desarrollo capitalista autónomo en la región)”.⁹⁵⁸ Concordamos, portanto, com Pedrão,⁹⁵⁹ o qual afirma que as principais referências de Prebisch estariam circunscritas ao seu círculo intelectual mais próximo, isto é, aos autores com quem Prebisch teve contato durante a sua trajetória nos organismos regionais e internacionais.

Primeiramente, destacamos aquele que talvez seja a principal influência de Prebisch em seus trabalhos: o sociólogo José Medina Echavarría. Desde os anos sessenta, Prebisch o reconhecia como uma referência essencial, por ter mostrado a importância da sociologia para os economistas da CEPAL e do ILPES. Ademais, no decênio seguinte, Prebisch revelou a influência de Medina, ao dizer que “poco a poco, fui entrando entonces en la heterogeneidad de la estructura social bajo la influencia de pensadores como don José Medina Echavarría”.⁹⁶⁰ Além disso, encontramos outra passagem de sentido semelhante em nota de agradecimento do livro *Capitalismo Periférico*; Prebisch escreveu que “en mí tuvo influencia perdurable, pues me llevó a insertar el pensamiento en el examen de la estructura social. Sin ello yo no había podido abordar la tarea de este libro”.⁹⁶¹ Em 1980, o próprio Prebisch revelou ter discutido as suas últimas teses com Medina antes da morte do sociólogo, em 1977:

⁹⁵⁶ PREBISCH, *Capitalismo Periférico: crisis y transformación*, p. 10.

⁹⁵⁷ FURTADO, *Diários Intermitentes: 1937-2002*, p. 261.

⁹⁵⁸ SANTOS, Theotonio dos, Raúl Prebisch y el Sistema Mundial, in: BANCO CENTRAL DE VENEZUELA (Org.), *Raúl Prebisch: pensamiento renovador*, 1. ed. Caracas, Venezuela: Banco Central de Venezuela, 2006, p. 64.

⁹⁵⁹ PEDRÃO, *Evocação de Raúl Prebisch: latino-americano e homem do mundo*, p. 6.

⁹⁶⁰ PREBISCH, Raúl, Disertación del 18 de Diciembre de 1981 sobre su Libro “Capitalismo Periférico”, in: *Contra el Monetarismo*, 1. ed. Buenos Aires, Argentina: El Cid Editor/Fundación para la Democracia en la Argentina, 1982, p. 173.

⁹⁶¹ PREBISCH, *Capitalismo Periférico: crisis y transformación*, p. 9.

[...] En lo que a mí concierne, he llegado a ciertas conclusiones que me hubiera gustado discutir a fondo con José Medina y tener el privilegio de su crítica. Yo he llegado a la conclusión de que el proceso de democratización, al cual le atribuía José Medina un valor fundamental, ha llegado a ser incompatible en América Latina, con el régimen vigente de acumulación de capital y de distribución del ingreso, en especial en los países que más han avanzado en el proceso de industrialización y en las mutaciones estructurales que ella trae consigo.⁹⁶²

Desse modo, o fato de Prebisch passar a trabalhar com estratos sociais e com a sua capacidade de influenciar a conduta dos mercados dizia muito sobre a herança sociológica de autores como Medina. Gurrieri e Rodríguez⁹⁶³ acrescentam que o tema da democratização tocado por Prebisch, de certa forma, fazia alusão a teses anteriores de sociólogos como Gino Germani e Medina sobre democracia e desenvolvimento. Rodríguez⁹⁶⁴ aponta que mesmo as preocupações recentes de Medina sobre democracia ainda se encontravam alinhadas com as reflexões de Prebisch sobre o capitalismo periférico.

Não obstante, a herança sociológica de Prebisch não se resumia a isso. O ambiente intelectual em Santiago tornou Prebisch próximo a outros autores. A título de exemplo, Jorge Graciarena revisou um dos escritos de Prebisch, que disse: “me he dado muy útiles observaciones sobre todo en materia sociológica”.⁹⁶⁵ Estendemos também a nossa observação ao diálogo de Prebisch com o sociólogo Adolfo Gurrieri. Em seus escritos, Prebisch afirmou que ele foi um “colaborador inmediato, ha dialogado continuamente conmigo mientras elaboraba mis ideas presentándome puntos de vista que me han ayudado mucho en mi pensamiento”;⁹⁶⁶ mais tarde, Prebisch disse em seu livro: “su aportación a este libro ha sido inapreciable. Gracias a gran parte a su versación sociológica he podido realizar mi propósito de romper el marco estrecho de la teoría económica”.⁹⁶⁷ Por último, Torres⁹⁶⁸ ressalta o contato das ideias de Prebisch sobre inflação com as produções de Juan Noyola Vázquez feitas na CEPAL.

Podemos contabilizar, na lista, autores como Aníbal Pinto e Osvaldo Sunkel. Em seu livro, Prebisch afirmou que Pinto trouxe para a CEPAL um denso conhecimento sobre os vínculos estreitos entre economia e política. Aliás, Prebisch reconheceu que “a él se debe la

⁹⁶² PREBISCH, Intervenciones en el Acto de Homenaje a Don José Medina Echavarría: Excmo. Sr. Raúl Prebisch, p. 18.

⁹⁶³ GURRIERI; RODRÍGUEZ, Desarrollo y Democracia en el Pensamiento de Raúl Prebisch, p. 396–397.

⁹⁶⁴ RODRÍGUEZ, *O Estruturalismo Latino-Americano*, p. 451–452.

⁹⁶⁵ PREBISCH, Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años, p. 167.

⁹⁶⁶ *Ibid.*, p. 167.

⁹⁶⁷ PREBISCH, *Capitalismo Periférico: crisis y transformación*, p. 10.

⁹⁶⁸ TORRES, *Evolución y originalidad en el pensamiento económico y social de Raúl Prebisch*, p. 68–73.

expresión ‘uso social del excedente’”.⁹⁶⁹ Mallorquín⁹⁷⁰ insiste no contato das teses de Prebisch com as ideias do economista Sunkel. Além disso, em um texto de coautoria, o próprio Sunkel reivindicou-se como uma das influências presentes na última fase do pensamento de Prebisch.⁹⁷¹ Sunkel, nos anos setenta, debruçou-se sobre os efeitos da transnacionalização e sobre como ela reconfigurou o sistema capitalista,⁹⁷² elementos esses também tratados por Prebisch.

Se, para alguns autores, a influência não é clara, não restam dúvidas sobre a proximidade entre Prebisch e Celso Furtado. Enquanto, nos primeiros anos da CEPAL, Furtado foi um verdadeiro discípulo do estruturalismo de Prebisch, Love sublinha que, na década de 1970, “na verdade, é difícil separar algumas das contribuições iniciais de Furtado das de Prebisch”.⁹⁷³ Nesse sentido, a teorização de Prebisch sobre a dimensão cultural, em especial sobre a “sociedade de consumo”, converge com a dita “civilização industrial” de Furtado. Além do mais, a abordagem do excedente, incorporada por Prebisch, muito antes já fazia parte do núcleo teórico de Furtado.⁹⁷⁴

A proximidade entre Prebisch e Furtado ia além desses traços. Em algumas publicações, Prebisch utilizou os mesmos termos que Furtado, fosse para tratar de um “mito do desenvolvimento”, fosse para falar de uma “dependência cultural”.⁹⁷⁵ Em seu livro, Prebisch escreveu sobre Furtado: “su colaboración conmigo ha sido inapreciable. [...] nadie ha penetrado con más profundidad en la interpretación del desarrollo”.⁹⁷⁶ Essa fala de Prebisch, ao lado da confluência nos temas entre os autores, leva-nos a concordar com Barbosa,⁹⁷⁷ quando ele diz:

⁹⁶⁹ É provável que esse termo tenha vindo dos comentários feitos por Aníbal Pinto sobre os textos de Prebisch. PREBISCH, **Capitalismo Periférico: crisis y transformación**, p. 10.

⁹⁷⁰ Ver os capítulos 5 e 6 de MALLORQUÍN, Carlos, **América Latina y su Teoría**, Chile, Santiago: Ariadna Edicione, 2017.

⁹⁷¹ CALDENTEY; SUNKEL; OLIVOS, Raúl Prebisch (1901-1986) un recorrido por las etapas de su pensamiento sobre el desarrollo económico, p. 45.

⁹⁷² SUNKEL, Osvaldo, Capitalismo Transnacional y Desintegración Nacional en América Latina, **El Trimestre Económico**, n. 38(2), p. 571–628, 1971.

⁹⁷³ LOVE, Joseph, Furtado e o Estruturalismo, in: BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; REGO, José Marcio (Orgs.), **A Grande Esperança em Celso Furtado: ensaios em homenagem aos seus 80 anos**, São Paulo: Editora 34, 2001, p. 221.

⁹⁷⁴ Para uma melhor descrição, ver: BIANCONI, Renata; COUTINHO, Mauricio C., O desenvolvimento como processo de mudança cultural: as conexões entre excedente e estruturas sociais na visão de Celso Furtado, **Nova Economia**, v. 29, n. especial, p. 1141–1169, 2019; RUBIO-GARCÍA, Manuel; CASTAÑO-SALAS, Santiago, El excedente económico en economías periféricas: una perspectiva teórica desde los aportes de Baran, Prebisch y Furtado, **Ensayos de Economía**, v. 30, n. 57, p. 75–97, 2020.

⁹⁷⁵ Essas discussões estavam presentes na obra de Celso Furtado *O Mito do Desenvolvimento Econômico*, publicada em 1974, e, mais tarde, aparecem nos escritos de Prebisch de forma muito similar. FURTADO, Celso, **O Mito do Desenvolvimento Econômico**, São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

⁹⁷⁶ PREBISCH, **Capitalismo Periférico: crisis y transformación**, p. 9.

⁹⁷⁷ BARBOSA, O Anti-Herói Desenvolvimentista, p. 227.

“o mais interessante é que o mestre Prebisch se transforma em discípulo com *O capitalismo periférico*”.⁹⁷⁸

A questão da dependência também desaguou na produção teórica de Prebisch. De acordo com Di Filippo, os teóricos do estruturalismo, como Celso Furtado, Osvaldo Sunkel e Raúl Prebisch, “began to use the language of dependency but without fully subscribing to what was called dependency theory”.⁹⁷⁹ Blomstrom e Hettne chamaram esses teóricos de “estruturalistas modernos”.⁹⁸⁰

De forma geral, o movimento da dependência fortaleceu certos traços do estruturalismo, como: (a) o papel latente da noção de poder e da de dominação sobre categorias-chave do estruturalismo, entre elas, centro-periferia e heterogeneidade estrutural; (b) o aprofundamento do caráter multidisciplinar, sem se perder de vista a análise econômica; e, por fim, (iii) o aprofundamento do estudo das empresas transnacionais, mediante a observação da sua cooptação no cenário latino-americano. Prebisch, em seu ensaio biográfico, escreveu alguns apontamentos sobre o tema:

Algunos de mis colegas, dentro y fuera de la CEPAL, han explorado mucho mejor que yo la importancia política u estratégica de esta hegemonía. De allí ha surgido el concepto de la ‘dependencia’. Sin embargo, como suele suceder, el péndulo de la controversia pasó al otro extremo, de modo que algunos autores han tratado de explicar todas las fallas del desarrollo periférico en función de la ‘dependencia’. Llevados por su entusiasmo estos autores han llegado a recomendar una ‘desvinculación’ radical de los centros. Creo que en mi libro he presentado una visión equilibrada de estos fenómenos de la hegemonía.⁹⁸¹

Diante disso, é relevante destacar dois pontos relacionados ao tema. Em primeiro lugar, concordamos com Lira⁹⁸² que a opinião de Prebisch convergia para certos traços da escola da dependência, porém, sem abandonar o seu próprio marco teórico. Em segundo lugar, Prebisch, conscientemente, enveredou pelas formulações de Cardoso e de Faletto sobre a dependência,⁹⁸³

⁹⁷⁸ Dedicamo-nos integralmente a esse tema no seguinte artigo: MEDEIROS, Fágner João Maia, O discípulo (Furtado) e o mestre (Prebisch), a inversão dos papéis, **História Econômica & História de Empresas**, v. 24, n. 1, p. 130–158, 2021.

⁹⁷⁹ DI FILIPPO, The Structuralism of Prebisch and the Integration of Latin America, p. 221.

⁹⁸⁰ BLOMSTROM; HETTNE, **La Teoría del Desarrollo en Transición**, p. 217–218.

⁹⁸¹ PREBISCH, Cinco Etapas de mi Pensamiento sobre el Desarrollo, p. 1095.

⁹⁸² LIRA, Máximo, La Larga Marcha de Prebisch Hacia la Crítica del Capitalismo Periférico y su Teoría de la Transformación de la Sociedad, **El Trimestre Económico**, v. 53, n. 211(3), p. 451–476, 1986, p. 468; LIRA, Máximo, El Marxismo, La “Escuela de la Dependencia” y la Teoría del Desarrollo en América Latina, **Plural: Revista del Instituto para el Nuevo Chile**, n. 3, 1984.

⁹⁸³ CARDOSO; FALETTI, **Dependência e Desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica**.

considerando certa comunidade de interesses entre classes de diferentes países, a qual cristaliza a subordinação dos países periféricos.⁹⁸⁴

Conforme Sampaio Jr.,⁹⁸⁵ foi a partir da obra de Cardoso e de Faletto que o dinamismo da economia periférica passou a ser visto como produtos condicionados por forças externas e internas, como Prebisch considerou em sua quinta etapa. Isso fica ainda mais claro na rejeição do argentino à vertente marxista da dependência, quando ele alegou que esses teóricos destacavam a exploração da periferia, porém, “esa conclusión acerca del origen periférico del bienestar de los centros desconoce la influencia del enorme progreso tecnológico de éstos”.⁹⁸⁶

Uma última (e remota) referência e, dessa vez, não latino-americana, talvez seja o velho institucionalismo norte-americano. Di Filippo⁹⁸⁷ sugere algum grau de proximidade entre o autor e essa corrente teórica, em razão de Prebisch considerar os vínculos entre a dinâmica dos mercados e a estrutura social. A influência dos estratos sobre a formação e a regulação dos preços seria um exemplo disso. Nesse sentido, o professor Street,⁹⁸⁸ da Universidade de Rutgers, comenta sobre uma conversa que teve com Prebisch em 1971, quando o argentino lamentou não ter tido contato, no seu período formativo, com obras de institucionalistas norte-americanos, como Thorstein Veblen⁹⁸⁹ ou Clarence Ayres. Prebisch admitiu ao professor que sentia uma forte afinidade com esses autores. Street ainda acrescenta outras proximidades, entre Prebisch e John R. Commons:

He recognized technology as the motor force in development, identified many of the institutional characteristics of Latin American culture, and extended the scope of institutional analysis to include features of the international economic mechanism that have impeded social progress. [...] Like John R. Commons, Prebisch was able to move easily from an academic environment to the political barricades and return again to rethink his position.⁹⁹⁰

⁹⁸⁴ Prebisch conheceu Cardoso e Faletto no ILPES nos anos sessenta. Green destacou a proximidade teórica entre Prebisch e Cardoso após o encontro desses autores na Conferência do Terceiro Mundo, em 1981. GREEN, Rosario, Prólogo: al reencuentro de Raúl Prebisch y Fernando Henrique Cardoso, in: GREEN, Rosario (Org.), **En Torno al Estado y el Desarrollo**, 1. ed. México: CEESTEM / Editorial Nueva Imagen, 1982, p. 11–33.

⁹⁸⁵ SAMPAIO JR., Plínio de Arruda, Origem e Desdobramento da Crise da Teoria do Desenvolvimento na América Latina, **São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n. 1–2, p. 196–202, 1999, p. 196–197.

⁹⁸⁶ Trata-se de um artigo póstumo de Prebisch. PREBISCH, Raúl, Dependencia, Interdependencia y Desarrollo, **Revista de la Cepal**, n. 34, p. 205–212, 1988, p. 207.

⁹⁸⁷ DI FILIPPO, The Structuralism of Prebisch and the Integration of Latin America, p. 225.

⁹⁸⁸ STREET, James H., Raúl Prebisch, 1901–1986: an appreciation, **Journal of Economic Issues**, v. 21, n. 2, p. 649–659, 1987, p. 656–657.

⁹⁸⁹ Quanto às considerações de Prebisch sobre o consumo supérfluo, não as creditamos ao contato com Veblen, visto que, desde os seus primeiros escritos da CEPAL, o autor critica os padrões de consumo das elites latino-americanas. Além disso, Alemann, em um diálogo com Prebisch, diz que “en cuanto a su referencia a la sociedad de consumo, es una vieja tesis suya”. NEUSTADT, Entrevista a Raúl Prebisch y Juan Alemann. (não paginado).

⁹⁹⁰ STREET, Raúl Prebisch, 1901–1986: an appreciation, p. 657.

Antes de avançar para a última seção do terceiro e último capítulo (3.4), é pertinente ressaltar que a lista de referências acima não sugere que Prebisch tenha adotado por completo as ideias desses autores. Ao contrário, Prebisch, ao longo de toda a sua trajetória, sempre prezou pela originalidade nos seus escritos e nunca se filiou a qualquer autor ou a qualquer vertente. Mesmo quando descobriu Keynes nos anos 1930, ele somente retirou do autor o que lhe convinha, sinalizando as suas discordâncias. Então, em sua última fase, isso não foi diferente; o argentino reconhecia que esses autores lhe permitiram abrir os olhos para novos elementos, mas sempre fez questão de manter intacto o núcleo principal de sua análise.

3.4 As últimas contribuições de Prebisch (1981-1986)

Nesta seção, chegamos à década de 1980, aos últimos anos de vida de Raúl Prebisch. Após a publicação da sua tríade de artigos (de 1976, 1978 e 1980), o autor reuniu seus escritos e, no ano seguinte, publicou a sua obra síntese *Capitalismo Periférico: crisis y transformación*. De forma geral, o núcleo da produção teórica da última etapa intelectual de Prebisch estava contido nessas publicações; nos próximos anos, o autor seguiu escrevendo artigos curtos, quase sempre publicados na *Revista de la Cepal*, na qual ele atuou como diretor até a sua morte, em 1986. Postumamente, foi publicado o seu último livro, intitulado *La Crisis del Desarrollo Argentino: de la frustración al crecimiento vigoroso*:⁹⁹¹ “como símbolo de su entrañable identificación con su país, quiso dedicar sus últimos ánimos a escribir un libro sobre la Argentina, sobre sus frustraciones y posibilidades”.⁹⁹²

Do ponto de vista conceitual, não havia novidade nesses últimos anos. Embora Prebisch tenha enfatizado novos temas, o seu núcleo teórico seguiu o mesmo trajeto iniciado em 1976. De forma geral, Prebisch continuou trabalhando na difusão de suas ideias em seminários e conferências em vários países. Listamos aqui parte do trajeto percorrido pelo autor nesses anos. Em 1980, Prebisch pronunciou conferências em Buenos Aires, entre 4 e 5 de dezembro. No início de 1981, ele proferiu uma série de conferências no *Centro de Estudios Económicos y Sociales del Tercer Mundo*. Nos dias 16 e 17 de dezembro do mesmo ano, Prebisch voltou à

⁹⁹¹ Após a morte de Prebisch, o seu filho, também chamado Raúl Prebisch, organizou e publicou o livro. Com relação ao texto, o livro foi escrito na modalidade de perguntas e respostas, e Prebisch debruçou-se, em especial, sobre o caso do desenvolvimento argentino. No Anexo A, encontra-se um registro da apresentação do livro, na sede da CEPAL, em setembro de 1986 (FIG. 20). PREBISCH, Raúl, *La Crisis del Desarrollo Argentino: de la frustración al crecimiento vigoroso*, Buenos Aires, Argentina: El Ateneo, 1986.

⁹⁹² GURRIERI, Raúl Prebisch (1901-1986), p. 478.

Argentina para uma exposição na Faculdade de Ciências Econômicas da UBA, em que abordou o tema *La Crisis del Desarrollo*.

No ano seguinte, entre 17 e 20 de janeiro, o autor participou do Colóquio de Lima, cujo tema era *Recesión: perspectivas y opciones de las economías ibero-americanas*; o tema de sua apresentação foi: *Centro y Periferia en el Origen y Maduración de la Crisis*.⁹⁹³ No mês de abril do mesmo ano, Prebisch participou do seminário internacional *Políticas Económicas y Perspectivas Democráticas en América Latina en los 80*, organizado pelo Instituto Latinoamericano de Investigaciones Sociales (ILDIS). Listamos a participação de Prebisch, entre 23 e 26 de agosto de 1983, no seminário *La Construcción de la Democracia*, no qual ele debateu a redemocratização da Argentina e as saídas para a crise que assolava o país.⁹⁹⁴ Por fim, em 1984, o argentino ofertou uma aula magistral no *Nordic Institute for Latin American Studies* (NILAS), da Universidade de Estocolmo, onde discursou sobre os conceitos de centro-periferia e de dependência.⁹⁹⁵ Dosman acrescenta que, nesse ínterim, “nenhuma sessão da UNCTAD ou da CEPAL era completa sem o discurso de abertura de Prebisch, sempre incitando os participantes a se lançar ao trabalho”.⁹⁹⁶

Apesar de se “esquivar” do Prêmio Nobel, Prebisch angariou o Prêmio Terceiro Mundo,⁹⁹⁷ cuja cerimônia aconteceu em Nova York, no dia 2 de abril de 1981. Dosman afirma que o título do seu discurso foi “A crise do capitalismo avançado”.⁹⁹⁸ Além disso, Prebisch acumulou uma série de títulos *honoris causa* em várias universidades. Destacamos aqui a Universidade de Columbia, nos Estados Unidos; a Universidade de Punjab, na Índia; a Universidade de Edimburgo, na Escócia; a Universidade Complutense, na Espanha; e a Universidade Bar-Ilan, em Israel.⁹⁹⁹

Após essa curta exposição do itinerário do autor, nesta seção, voltamo-nos, primeiramente, para as últimas ênfases de Prebisch em seus escritos – evitando repetir temas já

⁹⁹³ PREBISCH, Raúl, *Centro y Periferia en el Origen y Maduración de la Crisis*, **Pensamiento Iberoamericano: Revista de Economía Política**, n. 3, p. 29–40, 1983.

⁹⁹⁴ Esse seminário foi transcrito em: EL CID EDITOR, **Deuda y Soberanía**, Buenos Aires, Argentina: El Cid Editor/Fundación para la Democracia en la Argentina, 1984.

⁹⁹⁵ PREBISCH, Raúl, *Clase dictada por el economista Raúl Prebisch*, en el Instituto Nórdico de Estudios Latinoamericanos de la Universidad de Estocolmo (Nordic Institute of Latin American Studies at Stockholm University) Parte 1 [archivo de audio].

⁹⁹⁶ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): **a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 542.

⁹⁹⁷ THIRD WORLD PRIZE, Third World Prize Presentation Ceremony: New York, 2 april 1981, **Third World Quarterly**, v. 3, n. 1, p. vi–viii, 1981.

⁹⁹⁸ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): **a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 551.

⁹⁹⁹ O discurso da entrega, realizado por Felipe Pazos, foi publicado em: PAZOS, Felipe, *Discurso Pronunciado por Felipe Pazos en el Acto en que se Otorgó el Título de Doctor Honoris Causa al Doctor Raúl Prebisch por la Universidad de BAR ILAN, ISRAEL*, el 8 de mayo de 1980, **El Trimestre Económico**, v. 48, n. 189(1), p. 223–228, 1981.

abordados neste capítulo. A seguir, dedicamos a última subseção ao último compromisso do autor, como assessor econômico do governo Alfonsín na Argentina, a partir de dezembro de 1983.

3.4.1 As últimas ênfases de Prebisch

Nos últimos anos, o pensamento de Prebisch já não se misturava mais ao da CEPAL. Vuskovic afirma que “Prebisch se disoció intelectualmente de ella [CEPAL]”.¹⁰⁰⁰ Suas teses sobre o capitalismo periférico eram vistas como autônomas, enquanto a CEPAL insistia na abordagem dos estilos de desenvolvimento e se envolvia cada vez mais em temas conjunturais de curto prazo.¹⁰⁰¹ Essa dissociação fica evidente em uma das exposições de Prebisch em 1982, a qual ele iniciou dizendo:

No soy la imagen viva de la CEPAL. [...] Aquí se me toma como imagen viva de la CEPAL, no lo soy. Lo he sido y estoy muy cerca de la CEPAL, pero lo que voy a afirmar no representa el pensamiento de la CEPAL sino mi propio pensamiento. Por tanto, que no se comprometa a la institución en algunas de las herejías que pueda decir esta tarde.¹⁰⁰²

Como exposto anteriormente, a interpretação do capitalismo periférico de Prebisch forneceu uma explicação para a crise que assolava os países periféricos com alto grau de industrialização. No entanto, na década de 1980, Prebisch estendeu a sua análise da crise para o capitalismo inovador do centro. Segundo Sprout,¹⁰⁰³ o pessimismo de Prebisch em relação ao Terceiro Mundo apresentava bases sólidas nas suas previsões sobre os desequilíbrios do capitalismo mundial. Ricupero afirma que Prebisch, na primeira sessão da UNCTAD, em 1982, teria dito: “Yo tuve... que comenzar mi vida activa de economista bajo la gran depresión mundial y ahora, ya muy tarde en mi vida, estoy presenciando otra crisis del capitalismo”.¹⁰⁰⁴

Em uma exposição em 1981, o argentino reconheceu que, até poucos anos atrás, ele teria acreditado que o centro havia superado de vez o problema da acumulação, em contraste com a

¹⁰⁰⁰ VUSKOVIC, Raúl Prebisch y su Teoría del Capitalismo Periférico, p. 413.

¹⁰⁰¹ BIELSCHOWSKY, A Trajetória Histórica do Pensamento da Cepal: 1948-1998, p. 52.

¹⁰⁰² Essa fala foi realizada em 1982, no seminário *Políticas Económicas y Perspectivas Democráticas*, anteriormente mencionado. PREBISCH, Raúl, La Teoría Económica, el Monetarismo y los países periféricos, in: ILDIS (Org.), **Los Modelos de la Crisis: políticas económicas y perspectivas democráticas en América Latina**, Equador, Quito: Editorial El Conejo, 1983, p. 49.

¹⁰⁰³ SPROUT, El pensamiento de Prebisch, p. 193.

¹⁰⁰⁴ A primeira sessão da UNCTAD foi um painel em homenagem a Prebisch, que teria acontecido em Genebra, no dia seis de julho de 1982. RICUPERO, Rubens, La Globalización de Raúl Prebisch, in: OCAMPO, José Antonio (Org.), **El Desarrollo Económico en los Albores del Siglo XXI**, 1. ed. Colombia, Bogotá: CEPAL/Alfaomega, 2004, p. LV.

insuficiência dinâmica; porém, essa prosperidade foi interrompida na década de 1970.¹⁰⁰⁵ Durante esses anos, Prebisch observou a estagflação em vários países do centro capitalista e a apreensão vivenciada por dirigentes políticos que pensavam que a reativação da economia resultaria na elevação de salários e, como consequência, reanimaria a inflação.¹⁰⁰⁶ Em 1982, Prebisch escreveu que a crise do centro era “profunda, compleja y difícil”¹⁰⁰⁷ e que “no cabe esperar un duradero restablecimiento de la economía de los centros”.¹⁰⁰⁸ Com relação à natureza dessa crise, o argentino escreveu:

[...] A mí juicio, esta crisis del capitalismo es una crisis estructural: una seria crisis estructural más compleja y difícil que la que me tocó vivir a mí como joven economista en el decenio de 1930. Esa crisis fue una crisis cíclica, difícil, que se logró superar. Por el contrario, la crisis actual es una crisis que procede de la lógica interna del sistema, dada la estructura en que ese sistema se está moviendo.¹⁰⁰⁹

Para Prebisch, a crise dos países centrais era de caráter estrutural; isto é, o cerne dessa crise estava no desequilíbrio entre o ritmo de capital reprodutivo e o ritmo de consumo. Prebisch insistiu que as transformações do capitalismo no pós-guerra também afetaram a dinâmica do excedente dos países centrais. Nos anos recentes, a evolução da técnica remodelou todo processo de acumulação e de distribuição do sistema, forjando uma estrutura social que se apropriava dos frutos da produtividade para “desenvolver, a veces frenéticamente, la sociedad privilegiada de consumo en desmedro del ritmo de acumulación”.¹⁰¹⁰

Segundo Prebisch, as fissuras do sistema já estavam à mostra. A recente redução da produtividade enfrentada pelos países centrais no período seria uma evidência desse desequilíbrio estrutural do excedente. Para o autor, todo sistema econômico e social precisaria de um aumento ininterrupto do processo de acumulação, e esse aumento vinha sendo feito por meio de formas viciosas de acumulação de capital não-reprodutivas. Prebisch citou, como exemplo, a proliferação incessante de bens e de serviços com o único propósito de estabelecer hierarquias sociais e criticou o consumo militar que “llega a ingente cuantía”.¹⁰¹¹ Em suma, o

¹⁰⁰⁵ PREBISCH, Raúl, Bases de la exposición verbal de Raúl Prebisch, Director de la Revista de la CEPAL [Decimonoveno Período de Sesiones, Montevideo, 1981], 1981, p. 2.

¹⁰⁰⁶ Texto publicado originalmente em 1986. Representa a exposição de Prebisch para o XI Consejo Latinoamericano do SELA. PREBISCH, Raúl, La crisis del capitalismo y sus consecuencias en América Latina, **Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 353–356, 1987.

¹⁰⁰⁷ PREBISCH, Raúl, Monetarismo, aperturismo y crisis ideológica, **Revista de la Cepal**, n. 17, p. 143–159, 1982, p. 158.

¹⁰⁰⁸ *Ibid.*, p. 156.

¹⁰⁰⁹ PREBISCH, Raúl, La Crisis del Capitalismo y la Periferia, in: **Problemas Económicos del Tercer Mundo**, Argentina: Editorial de Belgrano, 1985, p. 7.

¹⁰¹⁰ *Ibid.*, p. 8.

¹⁰¹¹ PREBISCH, Raúl, Bases de la exposición verbal de Raúl Prebisch, Director de la Revista de la CEPAL [Decimonoveno Período de Sesiones, Montevideo, 1981], p. 3.

desenvolvimento desse processo era de longa data; porém, ele foi aprofundado nas últimas décadas, chegando, em alguns casos, ao limite estrutural. Nos termos do autor:

[...] [S]e llega a un momento en que el ritmo de crecimiento de las distintas clases de consumo que superponen, tiende a sobrepasar el ritmo de la acumulación de capital, sobre todo del capital reproductivo, que como dije antes es el que engendra el crecimiento del empleo y la productividad y que, por lo tanto, tiene vital importancia en cualquier sistema.¹⁰¹²

De acordo com Prebisch, nem mesmo o centro cíclico principal, os Estados Unidos, escapou dos efeitos dessa crise. Nos anos 1970, os Estados Unidos vinham acumulando uma série de déficits comerciais e fiscais, ao mesmo tempo em que asseguravam uma ínfima acumulação de capital. Segundo o argentino, essa seria uma evidência de um desequilíbrio nos mecanismos de acumulação. Todavia, o consumo exagerado do país ainda era assegurado pela sua hegemonia. Nesse caso, ela era representada pelo poder monetário oriundo do dólar, poder esse que transferia consequências inflacionárias para além das suas fronteiras. Em entrevista, Prebisch condenou a postura do país, dizendo que “los gastos de Vietnam, entre 100.000 y 120.000 millones de dólares, acentuaron una inflación relativamente suave hasta ese momento”.¹⁰¹³

Por outro lado, Prebisch mostrou certa admiração, nesses últimos anos, pelo caso do desenvolvimento japonês. Segundo o autor, o país havia adotado a modalidade de acumulação reprodutiva orientada para a produtividade do trabalho. Além disso, o país alcançou um elevado grau de competitividade internacional, a qual vinha sendo usada para a exportação de manufaturas; com isso, o país vinha obtendo crescentes superávits comerciais – mesmo sobre os Estados Unidos. De forma geral, Prebisch afirmou que o seu deslumbre com o “milagre japonês” seria em razão da menor influência da sociedade de consumo sobre o país e da melhor distribuição dos frutos da produtividade para os trabalhadores.¹⁰¹⁴

Por fim, Prebisch esclareceu que ele não estava postulando a crise final do capitalismo. “Entiéndaseme bien: cuando hablo de la crisis del capitalismo de los centros no estoy diciendo en forma alguna que es un fenómeno de decadencia del capitalismo. No lo es”.¹⁰¹⁵ Entretanto, Prebisch sublinhou que, ainda assim, essa crise era algo com que se preocupar, ao dizer que “todo esto me convence que la crisis del sistema es real y que no se puede corregir con medidas

¹⁰¹² PREBISCH, La Crisis del Capitalismo y la Periferia, p. 9.

¹⁰¹³ NEUSTADT, Entrevista a Raúl Prebisch y Juan Alemann.

¹⁰¹⁴ DOSMAN, **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, p. 61–65.

¹⁰¹⁵ PREBISCH, La Crisis del Capitalismo y la Periferia, p. 11.

ortodoxas”.¹⁰¹⁶ As teorias dominantes não ofereciam saídas, uma vez que elas se negavam a tratar das mutações da estrutura social e dos efeitos da transformação da técnica. Como saída, o autor insistiu na necessidade de “transformação”; era preciso um novo regime macroeconômico de acumulação de capital e de distribuição de renda.

Nesse período, outro tema abordado pelo autor foi a questão ambiental.¹⁰¹⁷ Como mencionamos no capítulo anterior, dentro do projeto CEPAL/PNUMA sobre “estilos de desenvolvimento e meio ambiente”, Prebisch contribuiu com o escrito *Biosfera y Desarrollo*,¹⁰¹⁸ em 1980. Após esse artigo, os temas ambientais entraram de vez na agenda do autor referente ao estudo das falhas do capitalismo periférico.

Quanto ao projeto CEPAL/PNUMA, Prebisch, diferentemente dos demais autores do projeto, não tratou da temática mediante a utilização da abordagem dos estilos de desenvolvimento, mas sim como um apêndice da sua tese sobre o capitalismo periférico. Segundo Flechsig,¹⁰¹⁹ Prebisch via a contaminação e a exploração exaustiva dos recursos naturais como outro traço adverso do próprio dinamismo do capitalismo periférico (acumulação e distribuição). Em uma exposição na CEPAL em 1981, ele afirmou:

[...] [L]a productividad se había logrado gracias al uso irresponsable del recurso energético agotable y a expensas del medio ambiente. Expresado en otros términos había un falso elemento en el fruto de la productividad que se conseguía mediante la explotación del capital ecológico”.¹⁰²⁰

Dentro do projeto da PNUMA, a crítica central de Prebisch recaiu sobre a ambivalência técnica que predominava no capitalismo. Se, por um lado, a técnica contribuía para o bem-estar humano, por meio do aumento da produtividade, por outro lado, em tempos recentes, o uso da técnica tinha fomentado graves consequências à biosfera – depredação de recursos naturais esgotáveis, contaminação da atmosfera e dos mares, com crescente emissão de dióxido de carbono, entre outras. O emprego do petróleo como principal recurso energético era responsável por grande parte desses problemas, visto que esse emprego havia desviado toda a atividade de

¹⁰¹⁶ PREBISCH, La crisis del capitalismo y sus consecuencias en América Latina, p. 354.

¹⁰¹⁷ Magariños afirma que, desde a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente, em 1972, vinha dialogando com Prebisch acerca da necessidade de escrever sobre essa temática. MAGARIÑOS, *Diálogos con Raúl Prebisch*, p. 13.

¹⁰¹⁸ PREBISCH, Raúl, *Biosfera y Desarrollo*, in: SUNKEL, Osvaldo; GLIGO, Nicolo (Orgs.), *Estilos de Desarrollo y Medio Ambiente en la América Latina*, 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1980, v. 1, p. 67–90.

¹⁰¹⁹ FLECHSIG, Em memória de Raúl Prebisch (1901-1986), p. 99.

¹⁰²⁰ PREBISCH, Bases de la exposición verbal de Raúl Prebisch, Director de la Revista de la CEPAL [Decimonoveno Período de Sesiones, Montevideo, 1981], p. 4.

pesquisa de formas alternativas de energia; meios de economizar energia não foram sequer pensados.

A crítica do autor não parou nas consequências do uso abusivo do petróleo; Prebisch complementou que a acumulação de capital do sistema econômico, baseada em grande parte nos baixos preços do petróleo, havia sido direcionada para investigações tecnológicas assentadas na diversificação de bens e de serviços. Em outros termos, essas investigações eram direcionadas para responder à emulação de consumo e à permanência de hierarquias sociais na sociedade capitalista. Desse modo, a degradação ambiental deveria ser vista dentro de um quadro ainda mais amplo, como um problema gerado pelo próprio sistema capitalista.

Destacamos o monetarismo como o último dos temas que apareceram com certa recorrência nos escritos da década de 1980. Desde os anos 1970, o pensamento liberal havia se fortalecido, ao ponto de países como Chile e Argentina terem se tornado laboratórios de políticas e de reformas liberais. Ao observar esse movimento na periferia, Prebisch afirmou que “perdeu-se o mais elementar realismo”.¹⁰²¹ Iglesias sublinha que Prebisch também se entristeceu com o alcance dessa onda liberal nos países centrais, “pues estaba convencido de que el nuevo idioma de liberalización y la globalización acentuarían las divisiones de la economía internacional”.¹⁰²²

Em seus escritos, Prebisch deixou clara a sua insatisfação com a ascensão do monetarismo, encabeçada pela escola de Chicago. Em 1982, Prebisch reuniu algumas de suas exposições e alguns de seus artigos e publicou o livro *Contra el Monetarismo*,¹⁰²³ em que sintetizou algumas de suas principais críticas de cunho teórico e metodológico ao monetarismo. Nesses escritos, Prebisch foi incisivo em sua crítica, abrindo um “socrático ‘Diálogo’ con supuestos discípulos de Friedman y Hayek”.¹⁰²⁴ Além disso, o autor, no mesmo ano, pleiteou um debate sobre teorias econômicas com o economista norte-americano Arnold Harberger, ex-decano da Escola de Chicago.¹⁰²⁵

De modo geral, Prebisch entendeu o monetarismo como uma atualização e como uma divulgação de velhas ideias marginalistas que ele havia estudado quando ainda era um jovem

¹⁰²¹ PREBISCH, Prefácio, p. 9.

¹⁰²² IGLESIAS, Raúl Prebisch y David Pollock: la causa del desarrollo, p. 7.

¹⁰²³ PREBISCH, Raúl, **Contra el monetarismo**, 1. ed. Argentina, Buenos Aires: El Cid Editor/Fundación para la Democracia en la Argentina, 1982.

¹⁰²⁴ Hopenhayn refere-se ao primeiro capítulo do livro *Contra el Monetarismo*, cujo título era *Diálogo acerca de Friedman y Hayek*. Esse capítulo já havia sido publicado, um ano antes, na *Revista de la Cepal*. HOPENHAYN, Prebisch como Pensador Clásico y Heterodoxo, p. 57; PREBISCH, Raúl, Diálogo acerca de Friedman y Hayek: desde el punto de vista de la periferia, **Revista de la Cepal**, n. 15, p. 161–182, 1981.

¹⁰²⁵ Esse debate ocorreu no seminário *Políticas Económicas y Perspectivas Democráticas en América Latina*, organizado pelo ILDIS. Para mais detalhes, ver: PREBISCH, La Teoría Económica, el Monetarismo y los países periféricos.

estudante: “yo fui un neoclásico convencido y como joven profesor enseñé esas teorías”.¹⁰²⁶ Portanto, segundo Prebisch, o monetarismo não era mais que um “miltonismo anacrônico”¹⁰²⁷ dessas ideias. Em sua última fase, Prebisch revisitou essas doutrinas e dirigiu críticas pontuais à vertente monetarista, as quais listamos a seguir.

Primeiramente, Prebisch resgatou a sua crítica a respeito do falso sentido de universalidade pretendido pela teoria neoclássica.¹⁰²⁸ Isso significa que países com distintas estruturas econômicas e distintas condições sociais podem apresentar resultados também distintos na implementação da mesma política econômica. Nesses termos, a abertura comercial encabeçada por esses economistas poderia resultar em sequelas desastrosas para a periferia. Nos termos de Prebisch, “no es que haya dos teorías económicas diferentes, sino que estamos en un mundo em que hay centros y periferias y ojalá dejáramos de ser periferia alguna vez”.¹⁰²⁹

Nesse seguimento, Prebisch sugeriu que a sua “crítica a la teoría neoclásica es mucho más profunda”,¹⁰³⁰ pois tocava nos limites dessa abordagem. Aqui, o autor se referiu ao problema de se interpretar uma experiência de desenvolvimento nacional prescindindo da existência de uma estrutura social, cujos elementos econômicos, culturais e sociopolíticos forjam um conjunto inseparável. Nesse sentido, era necessária uma abordagem integral para a captação do fenômeno do desenvolvimento.

De fato, era justamente em razão de essas teorias apenas considerarem variáveis econômicas que as suas postulações ainda invocavam o mercado como uma instituição reguladora do sistema. Dessa forma, Prebisch chamou a atenção para a existência de uma estrutura de poder por trás do mercado, a qual exercia influência sobre os mecanismos de produção e de distribuição. Nesse caso, diferentemente da proposição de um mercado que distribui os frutos da produtividade, havia estratos sociais que captavam primariamente esses frutos e que impediam a sua transferência. Com isso, Prebisch indagou, “¿no reconoce ele [Milton Friedman] implícitamente que las leyes del mercado no son eficaces con relación a los estratos menos favorecidos de la sociedad?”.¹⁰³¹

No que se refere à política econômica, o receituário monetarista para a crise era incompatível com a natureza dos problemas periféricos. Pensando no fenômeno inflacionário,

¹⁰²⁶ PREBISCH, Raúl, *Crisis de las Teorías Económicas*. Conferencia pronunciada en Buenos Aires el 5 de diciembre de 1981, in: **Contra el Monetarismo**, 1. ed. Buenos Aires, Argentina: El Cid Editor/Fundación para la Democracia en la Argentina, 1982, p. 89.

¹⁰²⁷ PREBISCH, Prefácio, p. 9.

¹⁰²⁸ Esse apontamento ocorreu no seu “manifesto” da CEPAL de 1949.

¹⁰²⁹ PREBISCH, *La crisis del capitalismo y sus consecuencias en América Latina*, p. 355.

¹⁰³⁰ PREBISCH, *La Teoría Económica, el Monetarismo y los países periféricos*, p. 53.

¹⁰³¹ PREBISCH, *La crisis del capitalismo y sus consecuencias en América Latina*, p. 70.

Prebisch sublinhou que “nosotros latinoamericanos somos precursores de este tipo de inflación social”,¹⁰³² a qual tinha raízes no processo distributivo. Diante disso, conter esse tipo de inflação por meio da contração da atividade econômica ocasionaria graves tensões sociais. De acordo com Prebisch, “esa monstruosidad de querer establecer la normalidad monetaria provocando el desempleo y sus consecuencias en materia de distribución del ingreso no puede continuar”.¹⁰³³

Prebisch ainda condenou aqueles que associavam a ineficácia do mercado na periferia à intervenção estatal. Para Prebisch, essa impotência era unicamente resultado da carência de sentido social e de um horizonte temporal adequado por parte do mercado. A própria experiência do desenvolvimento latino-americano mostrou a inadequação dessas ideias, visto que a agenda liberal precisou ser aplicada por meio de um regime autoritário, o que sepultava os aspectos políticos do liberalismo. Em suma, o monetarismo foi, para Prebisch, um movimento de difusão de velhas teorias que atendiam, em grande medida, ao jogo de interesses da estrutura de poder.

3.4.2 A passagem pelo governo de Raúl Alfonsín na Argentina (1983-1985)

De volta à trajetória institucional de Prebisch, voltamo-nos para a sua última missão, quando foi convidado para atuar, na restituição da democracia argentina, como assessor econômico do governo de Raúl Alfonsín, em dezembro de 1983. Prebisch ficou radiante com a oportunidade. De acordo com Dosman e Pollock,¹⁰³⁴ desde jovem, o autor carregou a obsessão de retornar à Argentina e de contribuir para o destino do país. Iglesias comenta que Prebisch, ao comentar o seu retorno, viu-se “como los elefantes que vuelven al lugar de su nacimiento cuando envejecen”.¹⁰³⁵

No entanto, a tarefa de reativar a economia da Argentina era árdua. Na década de 1980, a maioria dos países da América Latina buscavam renegociar as suas dívidas, acumuladas durante a década anterior. Desde o pedido de moratória do México, em 1982, vários países da região foram pressionados a realizar ajustes e a renegociar as suas dívidas. Amadeo¹⁰³⁶ sublinha que o caso argentino não era diferente. Em processo de abertura comercial desde o decênio

¹⁰³² PREBISCH, La Teoría Económica, el Monetarismo y los países periféricos, p. 61.

¹⁰³³ PREBISCH, La crisis del capitalismo y sus consecuencias en América Latina, p. 356.

¹⁰³⁴ DOSMAN; POLLOCK, Raúl Prebisch, 1901-1971: la búsqueda constante, p. 15.

¹⁰³⁵ IGLESIAS, Raúl Prebisch y David Pollock: la causa del desarrollo, p. 7.

¹⁰³⁶ AMADEO, Javier, **O Debate Econômico na Argentina da Democratização**, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005, p. 33–34, 40.

passado, o país sofreu com a fuga de capitais e, conseqüentemente, acumulou uma dívida externa de 45.000 milhões de dólares – traduzida em 8% do PIB com serviços financeiros.

No quadro interno, a situação da economia argentina também era alarmante. Torre e Riz¹⁰³⁷ ressaltam que Alfonsín recebeu, em 1983, uma economia que tinha um PIB similar ao do ano de 1974 e que ostentava a maior inflação do mundo, registrando três dígitos durante nove anos consecutivos. Além disso, o déficit do setor público alcançou 14% do PIB. Em suma, o panorama combinou a queda vertiginosa da atividade econômica com a corrosão dos salários pela inflação. Dosman¹⁰³⁸ complementa que o país vinha de uma trajetória de violência institucionalizada e das cicatrizes deixadas pela Guerra das Malvinas, travada em 1982.

Nesse quadro, Amadeo afirma que a vitória do Partido Radical de Alfonsín nas eleições de outubro de 1983 “resumiu uma combinação de vontade de mudança e de ordem, de inovação e por sua vez de paz, para uma sociedade que havia vivido mais de uma década de violenta repressão”.¹⁰³⁹ Dosman sustenta que Prebisch acompanhou a redemocratização argentina. Durante o processo, o autor visitou o país para conferências e seminários; além disso, nas vésperas da redemocratização, Prebisch teria dito: “estou muito interessado na restauração do processo democrático após anos de desastre”.¹⁰⁴⁰

A posse de Alfonsín ocorreu no dia 10 de dezembro de 1983. Apesar da deterioração do quadro econômico, os primeiros desafios para a transição democrática eram de outra ordem. Primeiramente, era preciso impor às forças armadas uma nova ordem democrática, bem como investigar e condenar os casos de violação dos direitos humanos. Em segundo lugar, a vitória do Partido Radical ocorreu sem ele ter garantido a maioria no Congresso e no Senado; com isso, o partido passou a enfrentar uma forte resistência da oposição peronista.¹⁰⁴¹

No que se refere aos desafios econômicos, Alfonsín elegeu, para os ministérios, Bernardo Grinspun (Economia), Dante Caputo (Relações Exteriores) e Juan Sourrouille (Fazenda). No Banco Central, ele colocou Enrique García Vázquez. Segundo Amadeo, toda a equipe havia se formado, em diferentes períodos, sob a influência direta ou indireta de Prebisch.¹⁰⁴² No caso de Prebisch, Alfonsín o convidou para o cargo singular de assessor econômico do governo; ele trabalharia no Banco Central ajudando os demais ministros, mas se reportando diretamente ao

¹⁰³⁷ TORRE, Juan Carlos; RIZ, Liliana de, Argentina, 1946-c. 1990, in: **História de América Latina: el cono sur desde 1930**, Barcelona, Espanha: Crítica, 2002, v. 15, p. 142.

¹⁰³⁸ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 555.

¹⁰³⁹ AMADEO, O Debate Econômico na Argentina da Democratização, p. 31.

¹⁰⁴⁰ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 556.

¹⁰⁴¹ No Câmara de Deputados, o Partido Radical obteve 129 assentos, do total de 254. No Senado, por sua vez, o partido angariou 18 assentos, contra 21 dos peronistas. TORRE; RIZ, Argentina, 1946-c. 1990, p. 139.

¹⁰⁴² AMADEO, O Debate Econômico na Argentina da Democratização, p. 42.

presidente. De acordo com Dosman, nesse episódio, Prebisch teria dito: “o presidente é ótima pessoa, mas as dificuldades são enormes. [...] Vim com a emoção de um argentino que vê seu país voltar à normalidade”.¹⁰⁴³

Logo no início dessas atividades, a equipe econômica se viu dividida entre o dilema de combater imediatamente a inflação ou promover o crescimento e o emprego. Nesse contexto, Prebisch conscientizou as pessoas para a gravidade da crise vigente, dizendo que ela era “uma ‘crise extremamente séria’, uma ‘segunda depressão’, mais difícil para a Argentina do que a primeira Grande Depressão”.¹⁰⁴⁴ Com isso, ele priorizou, em seu diagnóstico, a redução do déficit e o controle da inflação, argumentando que era preciso conter a espiral inflacionária para, então, abrir caminho para a reativação da economia. Prebisch denominou o seu plano “sacrifício com equidade”, o qual constituiria “uma sequência racional de medidas” para o tratamento da crise.¹⁰⁴⁵

O receituário de Prebisch dividiu a equipe. Ele obteve o apoio de Vázquez; porém, incitou um conflito direto com Grinspun, que estava convencido de que era possível combater o estancamento econômico por meio de uma estratégia distributiva de corte keynesiano. De forma geral, Grinspun propôs, ao mesmo tempo, o aumento do nível do gasto público, confiando em medidas tímidas e gradualistas de enfrentamento da inflação.¹⁰⁴⁶ Como resultado, o Partido Radical, pressionado por sindicalistas e pela oposição peronista, outorgou a estratégia elaborada por Grinspun. García e Junco¹⁰⁴⁷ afirmam que o partido tinha ciência de que as novas condições socioeconômicas instauradas pela democracia não aceitariam, naquele momento, que o país fosse levado à contração econômica.

Posto em prática, o plano de Grinspun orientou a recuperação do salário dos trabalhadores e criou uma série de benefícios indiretos e de programas de incentivos para empresas produtivas. Mais tarde, o próprio Grinspun¹⁰⁴⁸ explicou que o intuito da política de valorização dos salários seria a ampliação do mercado interno, o que, por sua vez, ampliaria a capacidade instalada, reduzindo os custos de escala. O resultado almejado era o crescimento do emprego e o aumento da arrecadação, o que colocaria o país de volta aos trilhos.

¹⁰⁴³ No Anexo A, encontram-se alguns registros de Prebisch como assessor econômico do governo da Argentina (FIG. 16 e 17). DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 558.

¹⁰⁴⁴ *Ibid.*, p. 559.

¹⁰⁴⁵ *Ibid.*, p. 559.

¹⁰⁴⁶ TORRE; RIZ, Argentina, 1946-c. 1990, p. 142.

¹⁰⁴⁷ GARCÍA, Alfredo; JUNCO, Silvia, Historia de la renegociación de la deuda externa argentina, **Boletín Informativo Techint**, n. 245, 1987, p. 42.

¹⁰⁴⁸ GRINSPUN, Bernardo, **La Evolución de la Economía Argentina desde Diciembre de 1983 a Septiembre de 1989**, Buenos Aires: mimeo, 1989, p. 28–29.

Dosman ressalta que, com a sua opção descartada, Prebisch acabou tornando-se uma figura de oposição a essas medidas. Com relação à política de valorização dos salários, o argentino comentou: “não sou contra aumento de salários, já que eles estão notoriamente baixos. A questão é como e quando aumentá-los”.¹⁰⁴⁹ Prebisch insistiu que uma estabilidade bem-sucedida era o desafio inicial. O conflito entre Prebisch e Grinspun se acirrou, quando as críticas de Prebisch chegaram à imprensa. Em março de 1984, Alfonsín reverteu a situação, ao atribuir a Prebisch a tarefa de chefiar uma delegação que ia para Washington, em busca de mitigar os efeitos da dívida argentina.

Nessa missão, Prebisch, mais uma vez, mostrou o seu acúmulo de experiência no campo diplomático, revertendo o isolamento do país com o FMI. Dosman sublinha que o argentino firmou um acordo inicial no dia 29 de março, “em termos surpreendentemente favoráveis, garantindo a reincorporação da Argentina nos mercados de capitais globais, e o acesso à linha de crédito do FMI foi restaurado com cronograma mais generoso que o normal, para dívida externa de 46 bilhões”.¹⁰⁵⁰ Além do mais, Prebisch fortaleceu a cooperação com outros países da América Latina, unindo forças com eles para a negociação com o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos. Segundo Sprout, Prebisch defendeu veementemente “que cuando los acreedores y los deudores eran ambos culpables de la crisis de la deuda, debieran ambos también compartir los costos”.¹⁰⁵¹

Em tese, a tendência combativa de Prebisch em Washington se manteve ao longo do ano de 1984. Prebisch conseguiu acordos cruciais; porém, eles somente abriram margem para um curto período de fôlego. De acordo com Dosman, temerosos com a formação de um cartel de devedores, os Estados Unidos endureceram as suas relações com os países periféricos. Além disso, a imagem de Prebisch negociando diretamente com o FMI não foi vista com bons olhos por diversos grupos opositores, sobretudo, pelos peronistas. Prebisch sofreu críticas ferozes por parte da imprensa, que resgatou jargões do seu passado argentino, acusando-o de ser condescendente com o FMI.¹⁰⁵²

No quadro interno, o plano encabeçado por Grinspun não decolou. Torre e Giz¹⁰⁵³ alegam que o programa econômico esfacelou em oito meses. A atividade econômica não reagiu aos incentivos, e o aumento salarial foi corroído por uma inflação média anual que saltou para

¹⁰⁴⁹ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 559.

¹⁰⁵⁰ *Ibid.*, p. 561.

¹⁰⁵¹ SPROUT, El pensamiento de Prebisch, p. 202.

¹⁰⁵² DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 561–563.

¹⁰⁵³ TORRE; RIZ, Argentina, 1946-c. 1990, p. 142.

quatro dígitos no último trimestre do ano, chegando à cifra de 1.080%. Como um resultado desses eventos, o apoio a Grinspun foi minado, o que levou à sua substituição por Juan Sourrouille, em fevereiro de 1985. Dosman¹⁰⁵⁴ afirma que as diferenças entre Prebisch e o novo ministro em relação ao receituário econômico eram intransponíveis.¹⁰⁵⁵ Perdendo a utilidade, “a poco andar, [Prebisch] se ve obrigado a renunciar a sus funciones públicas”,¹⁰⁵⁶ encaminhando um pedido de demissão em maio do mesmo ano.¹⁰⁵⁷

Por fim, Salem sublinha que a terceira passagem de Prebisch pela Argentina teve um caráter distinto das demais experiências, visto que ele já havia sofrido anteriormente a decepção de comprovar como o sistema funciona.¹⁰⁵⁸ Nesse ínterim, novamente notamos a complexidade do nosso personagem, uma vez que a atuação de Prebisch era distinta das suas proposições que integram a crítica ao capitalismo periférico. Apesar de o autor reconhecer que estava diante de uma “espiral inflacionária”, seguiu contando com a eficácia de políticas que antes havia rotulado como inapropriadas, além de, outra vez, contar com o êxito da diplomacia para reverter os interesses de organismos como o FMI. Em 1984, o próprio Celso Furtado relatou algo no mesmo sentido, em relação a um encontro com Prebisch. De acordo com o economista brasileiro:

Prebisch continua a ser um ingênuo político. O que na cabeça dele é claro não é viável na realidade. Imagina que pode obter ‘concessões’ da direção do FMI por cima da cabeça dos funcionários mais ‘ortodoxos’. Tratei por todos os meios de explicar-lhes que, se abríamos as portas para o FMI, estaremos condenados a fazer concretas concessões, e eles dividirão nossas próprias forças.¹⁰⁵⁹

A literatura em torno do pensamento de Prebisch tem se esquivado de explicar essas contradições, taxando o autor de “multifacetário”. No entanto, essas incoerências entre o

¹⁰⁵⁴ DOSMAN, Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo, p. 563–564.

¹⁰⁵⁵ O próximo plano elaborado pela nova equipe econômica de Alfonsín foi posto em marcha em junho de 1985. O Plano Austral buscou a estabilização por meio do congelamento de salários, preços e tarifas do serviço público, assim como de uma reforma monetária, que fez do austral a nova moeda argentina. Em seu último livro, Prebisch listou algumas das suas divergências ao plano: (i) a equipe econômica falhou na duração prolongada do congelamento, além de a antecipação da inflação ocorrer em alguns preços; (ii) a opção de não atacar resolutamente o déficit continuou gerando um impulso inflacionário, pois o déficit fiscal produzia, de imediato, uma demanda de bens que não acompanha a oferta, produzindo um efeito imediato nos preços. PREBISCH, *La Crisis del Desarrollo Argentino: de la frustración al crecimiento vigoroso*, p. 50–60.

¹⁰⁵⁶ GURRIERI, Raúl Prebisch (1901-1986), p. 478.

¹⁰⁵⁷ Após a sua morte, Prebisch foi homenageado na Argentina, com a criação da *Fundación Raúl Prebisch*, em dezembro de 1986. O discurso realizado pelo presidente Alfonsín no evento de criação foi publicado em: ALFONSÍN, Raúl, Creación de la Fundación Raúl Prebisch, *El Trimestre Económico*, v. 54, n. 214(2), p. 400–403, 1987.

¹⁰⁵⁸ SALEM, El pensamiento de Raúl Prebisch: una visión alternativa, p. 632.

¹⁰⁵⁹ Furtado descreveu um encontro que ocorreu em Buenos Aires, entre os dias 22 e 23 de agosto de 1984. FURTADO, *Diários Intermitentes: 1937-2002*, p. 295.

conteúdo das publicações do autor e a sua atuação política servem-nos como um elemento interpretativo para apreender como esse “último” Prebisch foi compreendido pelo seu tempo. Nesse sentido, esses episódios flexibilizam a imagem – estabelecida por intérpretes consagrados, como Gurrieri, Hodara e Dosman¹⁰⁶⁰ – de Prebisch como um “profeta herege” que transmitia um “hálito utópico”. Por outro lado, ao observarmos a “quinta fase” intelectual de Prebisch, ele parece-nos mais com um autor que, no passado, esteve por trás de grandes decisões políticas e que, desde meados da década de 1970, foi perdendo relevância no debate institucional e político. Como saída, Prebisch utilizou a sua vasta reputação intelectual tanto como um meio para influenciar o debate das ideias – através de seus ensaios críticos sobre o capitalismo periférico – quanto como um acerto de contas com as suas ideias anteriores sobre desenvolvimento.

Nem tudo era incoerente; fora dos círculos diplomáticos, encontramos certos elementos que caminharam na direção dos seus últimos escritos. Jaguaribe¹⁰⁶¹ afirma que Prebisch apoiou a fundação de uma empresa pública multinacional latino-americana para a comercialização de bens de capital para a região. Lembremos que Prebisch dizia que as ETNs estrangeiras carregavam os interesses do centro. Como resultado, tal empresa foi estabelecida em 1986, por meio da atuação conjunta do Estado de São Paulo (Brasil), do Banco da Província de Buenos Aires (Argentina) e da Nacional Financeira do México.

Por último, o diretor do Banco Central, Vázquez, revelou as propostas defendidas por Prebisch durante o seu período como assessor econômico. Vázquez sublinha que, em conversas no Banco Central, Prebisch preocupava-se com o uso dos salários como variável de ajuste da economia, alegando que o aumento deveria ser extraído do lado do excedente, retirando-se do lucro empresarial. Diante disso, Prebisch teve interferência em um projeto sobre participação acionária que tramitou na Câmara dos Deputados da Argentina. Em suma, o projeto “orienta que cierre parte de las ganancias de las empresas (en forma de acciones, o mejor aún, en forma de títulos convertibles en acciones luego de determinado período) [...] se repartan entre los empleados y obreros”.¹⁰⁶² Para Prebisch, essa era uma medida importante para forçar o compartilhamento do excedente com a força de trabalho, em forma de ações. Vázquez afirma

¹⁰⁶⁰ HODARA, *Prebisch y la Cepal: sustancia, trayectoria y contexto institucional*; DOSMAN, *Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo*; GURRIERI, *La Economía Política de Raúl Prebisch*.

¹⁰⁶¹ JAGUARIBE, Hélio, *América Latina dentro del contexto internacional de la actualidad*, *Revista Mexicana de Sociología*, n. 3, p. 55–73, 1989, p. 68.

¹⁰⁶² VÁZQUEZ, Enrique García, *Las Últimas Preocupaciones del Dr. Prebisch*, in: ONU/CEPAL (Org.), *América Latina en la Economía Mundial: seminario en homenaje al Dr. Raúl Prebisch*, Chile: ONU/Cepal/INTAL, 1988, p. 25.

que o projeto “establece una distribución voluntaria de hasta el 20% de las utilidades en forma de acciones o de bonos convertibles en acciones”.¹⁰⁶³

Após a sua missão na Argentina, Prebisch dedicou o seu último ano ao trabalho integral na *Revista de la Cepal*.¹⁰⁶⁴ Beutell afirma que Prebisch “cumplía con su íntimo deseo de acompañar a la CEPAL y prestarle con su presencia la fuerza que él pudiera darle”.¹⁰⁶⁵ No dia 24 de abril de 1986, poucos dias antes de sua morte, Prebisch esteve no México para o vigésimo primeiro período de sessões da CEPAL, em que discursou sobre a necessidade iniludível de renovar ideias, além de se mostrar preocupado com a conjuntura latino-americana, diante da crise da dívida, pois o “ajuste recae otra vez sobre los elementos más débiles del sistema internacional que son nuestros países”.¹⁰⁶⁶

Prebisch faleceu cinco dias depois desse evento, na cidade de Santiago, após um dia típico de trabalho na *Revista de la Cepal*.¹⁰⁶⁷ A última edição da revista, que vinha sendo preparada por Prebisch (número 29), foi publicada em agosto, com algumas linhas em homenagem a Prebisch, as quais usamos como encerramento deste último capítulo:

El 29 de abril de 1986 moría Raúl Prebisch en su casa de Las Vertientes, en Santiago de Chile. La *Revista de la Cepal* perdía a su fundador y Director; la institución, a su intelectual más destacado y, el Tercer Mundo, a un íntimo conocedor de sus problemas y un pertinaz defensor de sus intereses. El sentimiento de privación que ha provocado su deceso en todos los que lo conocieron es tan grande como lo fueron su impulso vital, su sentido fraternal de la amistad y su capacidad creadora de ideas y organizaciones. En homenaje a su memoria, la *Revista de la Cepal* quiso que fuera Aníbal Pinto, colega y amigo de tantos años, el que escribiera las palabras de despedida. A ellas sigue el texto de la exposición que Raúl Prebisch pronunció en el vigesimoprimer período de sesiones de la CEPAL, pocos días antes de su deceso. El resto del número, el último que dirigió, está dedicado a la juventud, sus problemas y sus aspiraciones. Así lo quiso, pues estaba convencido de que en los jóvenes se reflejan con gran nitidez los graves dilemas de nuestro tiempo.¹⁰⁶⁸

¹⁰⁶³ *Ibid.*, p. 26.

¹⁰⁶⁴ Pollock, Kerner e Love afirmaram que Prebisch, no seu último ano de vida, ainda seguia uma rotina de trabalho normal. Encarregados de entrevistar Prebisch, ambos os autores afirmaram que só conseguiram uma oportunidade, em maio de 1985, quando o argentino se submeteu a uma cirurgia nos olhos e precisou guardar repouso por alguns dias. POLLOCK, David H.; KERNER, Daniel; LOVE, Joseph L., Entrevista inédita a Prebisch: logros y deficiencias de la CEPAL, *Revista de la Cepal*, n.75, p. 9–23, 2001, p. 10.

¹⁰⁶⁵ BEAUTELL, Cristóbal Lara, Raúl Prebisch: la renovación permanente de su pensamiento crítico, *Revista Comercio Exterior*, v. 37, n. 5, p. 358–360, 1987, p. 358.

¹⁰⁶⁶ PREBISCH, Raúl, Exposición del Dr. Raúl Prebisch en el vigesimoprimer período de sesiones de la CEPAL, *Revista de la Cepal*, n. 29, p. 13–16, 1986, p. 14.

¹⁰⁶⁷ Colocamos, no Anexo A, alguns registros fotográficos do funeral de Prebisch, em Santiago (FIG. 18 e 19).

¹⁰⁶⁸ SECRETÁRIO TÉCNICO, Nota, *Revista de la Cepal*, n. 29, p. 7, 1986.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade desta pesquisa foi contribuir para o estudo do pensamento do economista argentino que ocupa o panteão dos pioneiros do desenvolvimento: Raúl Prebisch. Embora amplamente discutida e revisitada, a trajetória de Prebisch ainda é alvo de debates e de controvérsias na literatura. Nesta pesquisa, concentramo-nos em uma dessas trincheiras: a discussão em torno da sua última fase intelectual (1976-1986), quando o autor abandonou o serviço internacional e elaborou uma série de ensaios críticos destinados a visitar as suas principais ideias sobre a problemática do subdesenvolvimento.

Como acompanhamos ao longo desta dissertação, a marca principal desse “último” Prebisch foi a sua publicação contínua na *Revista de la Cepal* de artigos voltados para a crítica ao *modus operandi* do capitalismo periférico. Nesses ensaios, o argentino insistiu que os problemas vitais dos países periféricos consistiam em falhas inerentes ao próprio desenvolvimento do sistema capitalista na periferia. Em razão disso, Prebisch reivindicou, em sua “Teoria da Transformação”, que fosse estabelecida uma nova forma de organização econômica e social, orientada para o “uso social do excedente”.

Por muito tempo, a literatura se preocupou em excesso em entender o pensamento de Prebisch unicamente por meio da análise dos seus escritos. Isso resultou em uma série de trabalhos que deram conta de traduzir a evolução do construto teórico de Prebisch, porém, sem se debruçar sobre a imagem do autor nos diferentes ambientes em que ele frequentou ou sem, ao menos, ofertar uma explicação plausível para alguns dos episódios emblemáticos da sua trajetória. De fato, a literatura avançou nesses quesitos com o passar dos anos, sobretudo, nos estudos de cunho biográfico. No entanto, os determinantes dessa “transformação” – da última fase intelectual do pensamento de Prebisch – não estiveram em pauta até o presente momento.

Diante disso, o impulso à consecução deste trabalho foi o de pensar que, para interpretar como o pensamento de Prebisch evoluiu, não basta restringir-se a apontar mudanças no percurso da sua obra. É preciso descortinar como um tecnocrata reformista, nos últimos anos da sua vida, propôs uma profunda transformação nas formas de acumulação e de distribuição do sistema capitalista. Em vista disso, resgatamos o problema que moveu esta pesquisa: *quais foram os determinantes do movimento de “transformação” presente na última etapa do pensamento de Raúl Prebisch (1976-1986)?*

A explicação para essa expressiva mudança de ideias explorou uma série de variáveis e de condicionantes, os quais agrupamos no estudo da trajetória “institucional” e no da trajetória

“intelectual” do autor. Portanto, a nossa argumentação se baseou nos diversos materiais que o autor teve em mãos durante o seu processo de autocrítica. Essas orientações nos permitiram, após o exercício de contextualização, jogar luz sobre uma trajetória guiada por circunstâncias e por forças práticas, o que nos afastou da falsa noção de um percurso lógico e linear no pensamento de Prebisch.

Sob esse ângulo, retomamos a trajetória de Prebisch, estabelecendo, como ponto de partida, a quebra da promessa de uma primeira “década do desenvolvimento” – vislumbrada pela ONU. Logo no alvorecer dos anos 1960, Prebisch esteve diante de uma crise que sinalizou os limites do processo de industrialização integral em vários países da América Latina. Ademais, o agravamento do quadro social atestou que a noção de desenvolvimento, elaborada por Prebisch no decênio anterior, não abarcava os aspectos sociais.

Esse evento impulsionou um amplo movimento de revisão crítica das ideias da CEPAL, o qual, no caso de Prebisch, representou o primeiro contato com elementos das ciências sociais para a interpretação do subdesenvolvimento – seja ao considerar, pela primeira vez, uma inflação de tipo social na obra de 1961 (*O Falso Dilema entre Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Monetária*), ou ao reconhecer, no seu livro de 1963 (*Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano*), que uma estrutura social concentrada entorpecia o desenvolvimento econômico e o social. Além disso, a própria constelação intelectual em torno de Prebisch caminhou na direção de compor uma análise multidisciplinar do desenvolvimento. No decênio seguinte, mesmo nos fóruns organizacionais, prevaleceu o ímpeto da elaboração de uma abordagem integral.

No que se refere à trajetória institucional, Prebisch circulou por vários organismos. Na década de 1960, ele participou das seguintes organizações: CEPAL, ILPES, Aliança para o Progresso, UNCTAD, além de ter desempenhado as mais variadas funções a serviço da ONU. Nos anos 1960, Prebisch depositou todas as suas esperanças no desejo de reformar o sistema internacional, por meio da UNCTAD. No entanto, mesmo diante do apoio de lideranças políticas do Terceiro Mundo, Prebisch viu a sua NOEI esfacelar-se, à medida que o quadro da Guerra Fria se agravava, o que gerou um movimento contrarrevolucionário, liderado pelo GATT e pelos países do G-7.

Ao mesmo tempo, as ideias de Prebisch foram moldadas ao sabor da conjuntura latino-americana. O argentino foi uma figura central para o movimento por “reformas de base”, instaurado em diversos países da América Latina nos anos 1960, em razão de elaborar o argumento econômico a favor das reformas estruturais e em razão de buscar angariar apoio externo, na Aliança para o Progresso. No decênio seguinte, a fase de retrocesso foi reaberta,

com o alastramento de regimes ditatoriais pelo Cone Sul, os quais sufocaram medidas de inspiração reformista por toda a região.

Em vista disso, Prebisch chegou à década de 1970 com sérias dúvidas sobre a possibilidade de a periferia romper a inércia do subdesenvolvimento. No quadro institucional, o autor observou de perto a degradação dos organismos regionais e internacionais de desenvolvimento. Assim, o argentino foi perdendo a sua “ingenuidade” sobre o papel desses órgãos, ao se dar conta da existência de uma estrutura de poder internacional que nem mesmo a sua boa diplomacia, acobertada por uma instituição, seria capaz de remediar. No âmbito intelectual, Prebisch, desde a sua obra de 1970 (*Transformación y Desarrollo*), passou a produzir críticas incisivas às elites locais, dotadas de poder político e econômico, que se negavam a realizar reformas estruturais.

Ao olharmos para essa trajetória com certo distanciamento, logo notamos que o caso de Prebisch fazia parte de um movimento maior, compartilhado por inúmeros intelectuais envolvidos no debate em torno da Teoria do Desenvolvimento. Nesse sentido, tornou-se inevitável olhar para os anos setenta como um período de transição, marcado pela crise do “paradigma do desenvolvimento”, o qual, desde o pós-guerra, havia organizado o debate público, político e acadêmico, priorizando a pauta do atraso econômico dos países periféricos. Por outro lado, o neoliberalismo ocupou esse espaço, alastrando uma agenda que incitava o refluxo das ideias de industrialização e de planejamento estatal e que prescrevia a sua outra face (liberalização e desregulação) como a saída para a crise que assolava os países da periferia e do centro capitalista.

Portanto, não sem motivo, Prebisch e outros importantes intelectuais (como Celso Furtado e Albert Hirschman) teriam requalificado as suas ideias nesse momento. Diante dessa conjuntura, o argentino manteve os seus olhos abertos para uma nova existência do mundo, simbolizada por um novo estágio do capitalismo, em que ele era cada vez mais transnacional e apresentava índices cada vez maiores de concentração de capital financeiro. Além disso, Prebisch estava ciente de que a interação da América Latina com esse “novo” mundo produziria novas formas de dependência, as quais ele precisaria interpretar.

Foi com base nessas considerações acima que enquadramos a dita “última” fase intelectual do pensamento de Raúl Prebisch. Desse modo, o autor, insuflado pelas suas frustrações (políticas e acadêmicas) e livre de amarras institucionais, “construiu” e “organizou” a sua quinta fase intelectual em meio a uma maré forte de crítica ao “paradigma do desenvolvimento”. Isso foi traduzido, a partir de 1976 – de acordo com a própria periodização

do autor –, pelo abandono dos tons esperançosos em seus escritos, tons esses que correspondiam aos projetos de desenvolvimento encabeçados por ele durante os anos cinquenta e sessenta.

Do ponto de vista da sua produção teórica, verificamos esse “novo” Prebisch a partir do seu novo arcabouço conceitual, o qual, pela primeira vez, reuniu elementos sociais, políticos e culturais na sua interpretação econômica do desenvolvimento. Em seu livro derradeiro (*Capitalismo Periférico: crisis y transformación*), Prebisch mobilizou conceitos das ciências sociais (como o de estratos sociais e o de poder), adotando até mesmo o linguajar da dependência em seu diagnóstico, ainda que com certa resistência. Nem tudo era novidade: grande parte da interpretação do autor reuniu temas já abordados por ele em outros contextos (como natureza da técnica, suficiência dinâmica e desemprego estrutural); a grande diferença talvez tenha sido a nova roupagem trazida aos velhos conceitos, a fim de dar conta de uma nova conjuntura, marcada pela predominância de empresas multinacionais e pelo alarmismo do quadro político latino-americano. Tal como vimos, essa dita “análise global do desenvolvimento” apresentada por Prebisch exerceu influência em autores de sua própria constelação intelectual, os quais, rapidamente, superaram uma abordagem circunscrita somente ao fenômeno econômico. Entre os principais autores, listamos José Medina Echavarría, Celso Furtado e Fernando Henrique Cardoso.

Com isso, a nova leitura de Prebisch do capitalismo periférico representaria a resposta de um autor que acreditou no desenvolvimento da América Latina e que viu esse processo de modernização colidir com uma estrutura social altamente concentrada, a qual fazia com que o “moderno”, nos casos nacionais em que ele foi absorvido, refletisse somente no padrão de consumo de uma pequena fração do tecido social, isto é, na “sociedade privilegiada de consumo”. Para Prebisch, estava claro que – nessas condições – nem mesmo as mais altas taxas de acumulação de capital seriam convertidas em melhorias no nível de vida das massas. Dito isso, o escândalo da situação política e social latino-americana, nos anos 1970, teria levado o autor a renegar posições reformistas pelas quais ele mesmo havia se orientado durante o decênio anterior.

Em razão disso, na “radicalização” do seu receituário, Prebisch considerou o seu acúmulo de frustrações a respeito da cooperação internacional, o que fez com que o formulador da tese de deterioração dos termos de troca adotasse, no final da sua vida, uma postura puramente “internalista” em relação aos problemas periféricos. Para Prebisch, era preciso priorizar os problemas internos, em detrimento dos externos; com efeito, não se deveria contar com qualquer tipo de mudança estrutural nas relações externas *à la* UNCTAD. No caso do capitalismo periférico, estava na ordem do dia a resolução do descompasso estrutural entre

consumo e acumulação; ou seja, na percepção do argentino, o âmago do problema estaria na má distribuição interna dos frutos da produtividade.

No que se refere aos desígnios práticos de Prebisch, em sua crítica ao capitalismo periférico, ele apresentou, como contraproposta, um esboço para um novo sistema de organização econômica e social, o qual ele descreveu como uma síntese entre o socialismo e o liberalismo. De forma geral, Prebisch propôs que a dinâmica do sistema deveria ser orientada na direção de uma nova sociedade democrática, equitativa e autônoma. Esse programa aventado por Prebisch foi confundido como anticapitalista por grande parte da literatura; apesar de ele não conter atributos suficientes para esse tipo de classificação, o seu projeto era, de fato, revolucionário, quando encarado diante do quadro político instaurado na América Latina no período. Como visto acima, Prebisch desejava a reestruturação do tecido social, visando a sepultar os valores culturais transmitidos pela “sociedade privilegiada de consumo”. Os mecanismos para alcançar tal feito estariam, para utilizar a própria terminologia do autor, no “uso social do excedente”, isto é, na retirada das decisões sobre a acumulação e sobre a distribuição do sistema da órbita dos estratos superiores e na outorga dessas decisões a um Estado guiado pelo planejamento democrático.

Na década de 1980, essa prescrição “utópica” de Prebisch mostrou-se contraditória com a atuação prática do autor no período de redemocratização da Argentina, visto que o conteúdo das suas publicações era incoerente com a sua postura como diplomata e como assessor econômico do governo. Episódios como esse têm um valor fundamental para a resposta à uma última indagação: o que de fato foi esse “novo” Raúl Prebisch? Nesta dissertação, confrontamos algumas interpretações consagradas, ao tentarmos mostrar que o “último” Prebisch se parecia menos com a imagem de um “profeta herege” atribuída por parte da literatura, e sequer teria algum fundamento representá-lo como um tipo de revolucionário que estava propondo uma variedade particular de socialismo. De outro ponto de vista, sustentamos que, em sua “quinta fase” intelectual, Prebisch se assemelhava mais a um autor que, no passado, alcançou o mais alto escalão do setor público argentino e assumiu a liderança de grandes organismos internacionais e que, desde meados da década de 1970, viu-se perdendo relevância na discussão institucional e no debate sobre as decisões da política econômica na Argentina. Nessas circunstâncias, Prebisch “construiu” a sua “última fase”, com a intenção de utilizar a sua notoriedade intelectual para, de um lado, influenciar o debate das ideias, por meio de seus ensaios críticos sobre o capitalismo periférico e, de outro lado, para realizar um acerto de contas com o seu passado, em que o autor revisitou as suas ideias sobre o subdesenvolvimento.

FONTES DE PESQUISA E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Bibliotecas e acervos pesquisados

Acervo Delfim Netto. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP). São Paulo/SP.

Biblioteca de la CEPAL. Proyecto Raúl Prebisch y los desafíos del Siglo XXI. Site: <https://biblioguias.cepal.org/portalprebisch>

Biblioteca Raúl Prebisch. Escritório CEPAL-BRASIL. Brasília-DF. Site: <https://www.cepal.org/pt-br/biblioteca/brasil>

Biblioteca Octávio Ianni. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-UNICAMP). Campinas/SP.

Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP). São Paulo/SP.

Centro de Documentação Lucas Gamboa. Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (IE-UNICAMP). Campinas/SP.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Site: <https://cpdoc.fgv.br/>

Repositorio Digital de la CEPAL. Sites: <https://repositorio.cepal.org/>

2. Textos de Raúl Prebisch

PREBISCH, Raúl. La Sociología de Vilfredo Pareto. **Revista de Ciencias Económicas**, serie 2, ano 11, n. 27, 1923.

PREBISCH, Raúl. (1947) **Introducción a Keynes**. 2 ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1951.

PREBISCH, Raúl. (1949) O Desenvolvimento Econômico da América Latina e alguns de seus principais problemas. In: GURRIERI, Adolfo (Org.). **O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011, p. 95–151.

PREBISCH, Raúl. **El Estudio Económico de América Latina 1949**. Chile: Cepal, 1950.

PREBISCH, Raúl. (1951) Problemas Teóricos e Práticos do Crescimento Econômico. In: GURRIERI, Adolfo (Org.). **O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011, p. 247–297.

PREBISCH, Raúl. (1954) La Cooperación Internacional en la Política de Desarrollo Latinoamericano. In: GURRIERI, Adolfo (Org.). **La Obra de Prebisch en la Cepal**. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1982, v. 1, p. 298–393. 2v.

PREBISCH, Raúl. (1959) O Mercado Comum Latino-Americano. In: GURRIERI, Adolfo (Org.). **O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011, p. 343–392. PREBISCH, Raúl. Planificación, Desarrollo y Democracia. *Crítica & Utopía*, n. 1, p. 1–7, 1979.

PREBISCH, Raúl. (1961) Desarrollo Económico, Planeación y Cooperación Internacional. In: GURRIERI, Adolfo (Org.). **La Obra de Prebisch en la Cepal**. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1982, v. 2, p. 72–136. 2v.

PREBISCH, Raúl. (1961) O Falso Dilema entre Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Monetária. In: PREBISCH, Raúl (Org.). **O Manifesto Latino-Americano e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011, p. 393–456.

PREBISCH, Raúl. Aspectos Econômicos da Aliança para o Progresso. In: DREIER, John C. (Org.). **A Aliança para o Progresso: problemas e perspectivas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura S.A, 1962, p. 55–102.

PREBISCH, Raúl. (1963) **Hacia una Dinámica del Desarrollo Latinoamericano**. 1 ed. (primeira reimpresão). México: Fondo de Cultura Económica, 1971.

PREBISCH, Raúl. Los Obstáculos al Mercado Comun Latinoamericano. In: WIONCZEK, Miguel S. (Org.). **Integración de la America Latina**. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1964, p. 136–150.

PREBISCH, Raúl. (1964) **Nueva Política Comercial para el Desarrollo**. 1 ed. (segunda reimpresão). México: Fondo de Cultura Económica, 1979.

MAYOBRE, José Antonio; HERRERA, Felipe; SANTAMARÍA, Carlos Sanz de; PREBISCH, Raúl. **Hacia la Integración Acelerada de América Latina**. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1965.

PREBISCH, Raúl. (1968) Hacia una Estrategia Global del Desarrollo. In: GURRIERI, Adolfo (Org.). **La Obra de Prebisch en la Cepal**. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1982, v. 2, p. 358–440. 2v.

PREBISCH, Raúl. **Transformación y Desarrollo: la gran tarea de la América Latina**. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica/Banco Interamericano de Desarrollo, 1970.

PREBISCH, Raúl. Prólogo. In: SILVA, Sergio Molina (Ed.). **El Proceso de Cambio en Chile: la experiencia 1965-1970**. Chile, Santiago: Editorial Universitaria, 1972, p. xi–xii.

PREBISCH, Raúl. La integración Económica en América Latina. In: BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO (BID); INSTITUTO PARA LA INTEGRACIÓN DE AMÉRICA LATINA (INTAL) (Orgs.). **La Integración Latino-Americana en una**

Etapas de Decisiones. 1. ed. Argentina: Banco Interamericano de Desarrollo (BID), 1973, p. 29–45.

PREBISCH, Raúl. Crítica al Capitalismo Periférico. **Revista de la Cepal**, n. 1, p. 7–73, 1976.

PREBISCH, Raúl. Estructura Socioeconómica y Crisis del Sistema: reflexiones al cumplirse nuestros primeros treinta años. **Revista de la Cepal**, n. 6, p. 167–264, 1978.

PREBISCH, Raúl. Las Teorías Neoclásicas del Liberalismo Económico. **Revista de la Cepal**, n. 7, p. 167–188, 1979.

PREBISCH, Raúl. (1979) Prefácio. In: RODRÍGUEZ, Octavio (Ed.). **Teoria do Subdesenvolvimento da Cepal**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1981, p. 7–12.

PREBISCH, Raúl. Biosfera y Desarrollo. In: SUNKEL, Osvaldo; GLIGO, Nicolo (Orgs.). **Estilos de Desarrollo y Medio Ambiente en la América Latina**. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1980, v. 1, p. 67–90. 2v.

PREBISCH, Raúl. **La Dinámica del Capitalismo Periférico y su Transformación**. 1980. Disponible en: <<https://repositorio.cepal.org/handle/11362/30988>>. Acceso en: 14 dez. 2018.

PREBISCH, Raúl. (1980) Hacia una Teoría de la Transformación. **Revista de la Cepal**, n. 96, p. 27–71, 2008.

PREBISCH, Raúl. (1981) **Capitalismo Periférico: crisis y transformación**. 1. ed. primeira reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

PREBISCH, Raúl. Diálogo acerca de Friedman y Hayek: desde el punto de vista de la periferia. **Revista de la Cepal**, n. 15, p. 161–182, 1981.

PREBISCH, Raúl. Monetarismo, aperturismo y crisis ideológica. **Revista de la Cepal**, n. 17, p. 143–159, 1982.

PREBISCH, Raúl. **Contra el monetarismo**. 1. ed. Argentina, Buenos Aires: El Cid Editor/Fundación para la Democracia en la Argentina, 1982.

PREBISCH, Raúl. Centro y Periferia en el Origen y Maduración de la Crisis. **Pensamiento Iberoamericano: Revista de Economía Política**, n. 3, p. 29–40, 1983.

PREBISCH, Raúl. Cinco Etapas de mi Pensamiento sobre el Desarrollo. **El Trimestre Económico**, v. I (2), n. 198, p. 1077–1096, 1983.

PREBISCH, Raúl. La Crisis del Capitalismo y la Periferia. In: **Problemas Económicos del Tercer Mundo**. Argentina: Editorial de Belgrano, 1985.

PREBISCH, Raúl. (1986) La crisis del capitalismo y sus consecuencias en América Latina. **Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 353–356, 1987.

PREBISCH, Raúl. **La Crisis del Desarrollo Argentino**: de la frustración al crecimiento vigoroso. Buenos Aires, Argentina: El Ateneo, 1986.

PREBISCH, Raúl. Dependencia, Interdependencia y Desarrollo. **Revista de la Cepal**, n. 34, p. 205–212, 1988.

3. Entrevistas, pronunciamentos, exposições, conferências e outros documentos

ALFONSÍN, Raúl. Creación de la Fundación Raúl Prebisch. **El Trimestre Económico**, v. 54, n. 214(2), p. 400–403, 1987.

ALIANÇA PARA O PROGRESSO. Carta de Punta del Este. In: DREIER, John C. (Org.). **A Aliança para o Progresso**: problemas e perspectivas. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962, p. 167–186.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Fernando Henrique Cardoso IV** (depoimento, 2011). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 8min). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/historia-oral/entrevista-biografica/fernando-henrique-cardoso-iv>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

EL CID EDITOR. **Deuda y Soberanía**. Buenos Aires, Argentina: El Cid Editor/Fundación para la Democracia en la Argentina, 1984.

FURTADO, Celso. Celso Monteiro Furtado. In: BIDERMAN, Ciro; COZAC, Luis Felipe L.; REGO, José Marcio (Orgs.). **Conversas com Economistas Brasileiros**. São Paulo: Editora 34, 1996, v. 1, p. 61–88. 2v.

GAUHAR, Altaf; PREBISCH, Raúl. Raul Prebisch. **Third World Quarterly**, v. 2, n. 1, p. 14–20, 1980.

LOVE, Joseph L.; POLLOCK, David H.; KERNER, Daniel. Aquellos viejos tiempos: la formación teórica y práctica de Raúl Prebisch en la Argentina. Una entrevista realizada por David Pollock. **Desarrollo económico**, v. 41, n. 164, p. 531–554, 2002.

MAGARIÑOS, Mateo. **Diálogos con Raúl Prebisch**. 1. ed. México: BANCOMEXT e Fondo de Cultura Económica, 1991.

NEUSTADT, Bernardo. Entrevista a Raúl Prebisch y Juan Alemann. **Revista Extra**, n. ano XV. n. 170, 1979.

PAZOS, Felipe. Discurso Pronunciado por Felipe Pazos en el Acto en que se Otorgó el Título de Doctor Honoris Causa al Doctor Raúl Prebisch por la Universidad de BAR ILAN, ISRAEL, el 8 de mayo de 1980. **El Trimestre Económico**, v. 48, n. 189(1), p. 223–228, 1981.

POLLOCK, David H.; KERNER, Daniel; LOVE, Joseph L. Entrevista inédita a Prebisch: logros y deficiencias de la CEPAL. **Revista de la Cepal**, n. n. 75, p. 9–23, 2001.

POLLOCK, David H.; LOVE, Joseph; KERNER, Daniel. Prebisch en la UNCTAD. In: **Raúl Prebisch: el poder, los principios y la ética del desarrollo**. 1. ed. Argentina, Buenos Aires: BID-INTAL, 2006, p. 39–65.

PREBISCH, Raúl. (1961) Reflexiones sobre la integración económica latinoamericana. **Revista de economía y estadística**, n. Extra 0 (Número Especial 60º Aniversario), p. 145–156, 2000.

PREBISCH, Raúl. **Exposición del Sr. Raúl Prebisch, Director General del ILPES. Décimotercer período de sesiones CEPAL**. Repositorio Digital de la CEPAL. Coleção: “Período de sesiones de la Comisión”, abril de 1969. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11362/13616>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PREBISCH, Raúl. **Discurso pronunciado por el Dr. Raúl Prebisch, Director General del ILPES en el Comité Plenario de la CEPAL**. Repositorio Digital de la CEPAL. Coleção: “Comité Plenario de la CEPAL”, 04 de maio de 1970. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11362/15190>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PREBISCH, Raúl. **Exposición del Dr. Raúl Prebisch en la Sesión Plenaria del 24 de marzo de 1973**. Repositorio Digital de la CEPAL. Coleção: “Período de sesiones de la Comisión”, 24 de maio de 1973. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11362/13639>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PREBISCH, Raúl. **Informe Reservado al Secretario General de las Naciones Unidas sobre “Los Recursos Excedentes del Petróleo y el Nuevo Orden Económico Mundial”**. Repositorio Digital de la CEPAL. Coleção: “Sede de la CEPAL en Santiago (Estudios e Investigaciones)”, 16 de outubro de 1974. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11362/32934>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PREBISCH, Raúl. “Decimoseptimo periodo de sesiones de la comisión economica para América Latina” Exposición de Raúl Prebisch. **Revista de la Cepal**, n. 3, p. 288–293, 1977.

PREBISCH, Raúl. Los 30 años de la CEPAL: exposición del señor Raúl Prebisch. **Revista de la Cepal**, n. 6, p. 286–288, 1978.

PREBISCH, Raúl. **Bases de la exposición verbal de Raúl Prebisch, Director de la Revista de la CEPAL [Decimonoveno Período de Sesiones, Montevideo, 1981]**. Repositorio Digital de la CEPAL. Coleção: “Período de sesiones de la Comisión”, 12 de maio de 1981. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11362/13436>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

PREBISCH, Raúl. Crisis de las Teorías Económicas. Conferencia pronunciada en Buenos Aires el 5 de diciembre de 1981. In: **Contra el Monetarismo**. 1. ed. Buenos Aires, Argentina: El Cid Editor/Fundación para la Democracia en la Argentina, 1982, p. 87–111.

PREBISCH, Raúl. Disertación del 18 de Diciembre de 1981 sobre su Libro “Capitalismo Periférico”. In: **Contra el Monetarismo**. 1. ed. Buenos Aires, Argentina: El Cid Editor/Fundación para la Democracia en la Argentina, 1982, p. 165–180.

PREBISCH, Raúl. Intervenciones en el Acto de Homenaje a Don José Medina Echavarría: Excmo. Sr. Raúl Prebisch. In: **Medina Echavarría y la Sociología Latinoamericana**. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1982, p. 15–18.

PREBISCH, Raúl. La Teoría Económica, el Monetarismo y los países periféricos. In: ILDIS (Org.). **Los Modelos de la Crisis: políticas económicas y perspectivas democráticas en América Latina**. Equador, Quito: Editorial El Conejo, 1983, p. 47–65.

PREBISCH, Raúl. **Clase dictada por el economista Raúl Prebisch, en el Instituto Nórdico de Estudios Latinoamericanos de la Universidad de Estocolmo (Nordic Institute of Latin American Studies at Stockholm University) Parte 1 [archivo de audio]**. (Raúl Prebisch e os desafios do desenvolvimento no século XXI). 1984. Disponível em: <<https://repositorio.cepal.org/handle/11362/46056>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

PREBISCH, Raúl. Exposición del Dr. Raúl Prebisch en el vigesimoprimer período de sesiones de la CEPAL. **Revista de la Cepal**, n. 29, p. 13–16, 1986.

THIRD WORLD PRIZE. Third World Prize Presentation Ceremony: New York, 2 april 1981. **Third World Quarterly**, v. 3, n. 1, p. vi–viii, 1981.

VIEIRA, Rosa Maria. Entrevista com Celso Furtado. **História Oral**, v. 7, p. 21–40, 2004.

4. Bibliografia geral

ADORNO, Theodor W. (1944) **Dialética do Esclarecimento**. Filosofia edition. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ADORNO, Theodor W. (1958) **Notas de Literatura I**. 1. ed. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2003.

AMADEO, Javier. **O Debate Econômico na Argentina da Democratização**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005.

AMIN, Samir. (1970) **La acumulación a Escala Mundial: crítica de la teoría del desarrollo**. 3. ed. México: Siglo Veinteuno Editores, 1977.

ANGELL, Alan. Chile, 1958–c. 1990. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História de América Latina: el cono sur desde 1930**. Barcelona, Espanha: Crítica, 2002, v. 15, p. 255–312. 16v.

ARIDA, Pêrsio. A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica. In: GALA, Paulo; REGO, José Marcio (Orgs.). **A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica: ensaios sobre metodologia em economia**. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 13–44.

BABAI, Don. General Agreement on Tariffs and Trade. In: KRIEGER, Joel (Org.). **Oxford Companion to Politics of the World**. Estados Unidos, Nova York: Oxford University Press, 1993.

BAHADIAN, Adhemar Gabriel. **A Tentativa do Controle do Poder Econômico nas Nações Unidas**: estudo do conjunto de regras e princípios para o controle das práticas comerciais

restritivas. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão/Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1992.

BARAN, Paul Alexander. **A Economia política do desenvolvimento**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BARAN, Paul Alexander; SWEEZY, Paul. **Capitalismo Monopolista**: ensaio sobre a Ordem Econômica e Social Americana. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1966.

BÁRCENA, Alicia; DOSMAN, J. Edgar; SUNKEL, Osvaldo, **Homenaje a Raúl Prebisch (1901-1986)**, Chile, Santiago: CEPAL, 2011.

BARBOSA, Alexandre de Freitas. O Anti-Herói Desenvolvimentista. **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 94, p. 217–229, 2012.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A Revolução Mexicana**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BARBOZA, Darlan Praxedes. **O Jovem Prebisch (1901-1943)**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2018.

BASTOS, Carlos Pinkusfeld; D'AVILA, Júlia Galarza. O Debate do Desenvolvimentismo na Tradição Heterodoxa Brasileira. **Revista de Economia Contemporânea**, n. 13(2), p. 173–199, 2009.

BEAUTELL, Cristóbal Lara. Raúl Prebisch: la renovación permanente de su pensamiento crítico. **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 358–360, 1987.

BELINI, Claudio. El Plan Prebisch de 1955, los dilemas del desarrollo argentino y las controversias en torno a los legados económicos del peronismo. **Revista de Indias**, v. 78, n. 273, p. 593–629, 2018.

BERTRAN, Geoffrey. Perú, 1930-1960. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História de América Latina: los países andinos desde 1930**. Barcelona, Espanha: Crítica, 2002, v. 16, p. 3–58. 16v.

BERZOSA, Carlos. Raúl Prebisch y la Economía del Desarrollo. **Revista de Economía Crítica**, n. 21, p. 131–134, 2016.

BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian. A Conjuntura do Pós-Guerra na América Latina. In: BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (Orgs.). **Entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BIANCHI, Ana Maria. Para Auditórios Diferentes, Diferentes Argumentos: retórica econômica nos primórdios da escola latino-americana. In: GALA, Paulo; REGO, José Marcio (Orgs.). **A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica**: ensaios sobre metodologia em economia. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 205–230.

BIANCHI, Andrés. La CEPAL en los años setenta y ochenta. *In*: COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL) (Org.). **La CEPAL en sus 50 Años**: notas de un seminario conmemorativo. Chile, Santiago: Nações Unidas, 2000, p. 43–52.

BIANCONI, Renata. Estagnação Latino-Americana e Estratégia Brasileira de Desenvolvimento: análises do início do exílio de Celso Furtado. **História Econômica & História de Empresas**, v. 19, n. 1, p. 155–188, 2016.

BIANCONI, Renata; COUTINHO, Mauricio C. O desenvolvimento como processo de mudança cultural: as conexões entre excedente e estruturas sociais na visão de Celso Furtado. **Nova Economia**, v. 29, n. especial, p. 1141–1169, 2019.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. A Trajetória Histórica do Pensamento da Cepal: 1948-1998. *In*: BRANDÃO, Carlos Antônio (Org.). **Teorias e Políticas do Desenvolvimento Latino-Americano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2018, p. 47–92.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. Cinquenta Anos de Pensamento na Cepal - uma resenha. *In*: BIELSCHOWSKY, Ricardo (Org.). **Cinquenta Anos de Pensamento na Cepal**. Rio de Janeiro: Record, 2000, v. 1, p. 13–68. 2v.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimento**. Edição: 5ª. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. Prebisch e Furtado. *In*: GURRIERI, Adolfo (Org.). **O Manifesto Latino-Americano e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011, p. 7–14.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. Vinte Anos de Ierj, Cinquenta Anos de Cepal. *In*: POLETTTO, Dorivaldo Walmor (Org.). **50 Anos do Manifesto da Cepal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 47–101.

BLOMSTROM, Magnus; HETTNE, Bjorn. **La Teoría del Desarrollo en Transición**. 1 ed do espanhol. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

BLOOM, Harold. **Angústia da Influência**: uma teoria da poesia. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

BOIANOVSKY, Mauro. Furtado and the Structuralist-Monetarist Debate on Economic Stabilization in Latin America. **History of Political Economy**, v. 44, n. 2, p. 1–57, 2012.

BRAGA, Márcio Bobik. **Integração e Desenvolvimento na América Latina**: a contribuição de Raúl Prebisch e da CEPAL. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2012.

BRIZUELA, Laura Emilse. Construcción Histórica del Estructuralismo Latinoamericano. *In*: NEGRI, Camilo; RIBEIRO, Elisa de Sousa (Orgs.). **Retratos Sul-Americanos**: perspectivas brasileiras sobre história e política externa [livro eletrônico]. Brasília (DF): [s. n.], 2016, v. 4, p. 480–514.

BULMER-THOMAS, Victor. **La Historia Económica de América Latina desde la Independencia**. 1º reimpressão. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

CALDENTEY, Esteban Pérez; SUNKEL, Osvaldo; OLIVOS, Miguel Torres. **Raúl Prebisch (1901-1986) un recorrido por las etapas de su pensamiento sobre el desarrollo económico**. 2012. Disponível em: <<https://repositorio.cepal.org/handle/11362/40062>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

CAMARGO, A. A questão Agrária: crise do poder e reformas de base. In: **Brasil Republicano**. São Paulo: Dielf, s.d. (Coleção História Geral da Civilização Brasileira, 10).

CANO, Wilson. América Latina: do desenvolvimentismo ao neoliberalismo. In: FIORI, José Luís (Org.). **Estado e Moedas no Desenvolvimento das Nações**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 287–326.

CAPUTO, Orlando. El Capitalismo Periférico Según Prebisch. Notas críticas a su interpretación reciente. **Araucaria de Chile**, n. 18, p. 55–76, 1982.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **História Económica de América Latina**: economías de exportación y desarrollo capitalista. 2. ed. Barcelona, Espanha: Editorial Crítica, 1981.

CARDOSO, E.; HELWEGE, A. **Latin America's Economy: diversity, trends, and conflicts**. Estados Unidos, Cambridge: MIT Press, 1992.

CARDOSO, Eliana; HELWEGE, A. **A Economia da América Latina**: diversidades tendência e conflitos. São Paulo: Editora Ática, 1993. (97, Série Fundamentos).

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTTO, Enzo. (1969) **Dependência e Desenvolvimento na América Latina**: ensaio de interpretação sociológica. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1977.

CARLSON, David. Autobiography. In: DOBSON, Mirian; ZIEMANN, Benjamin (Orgs.). **Reading Primary Sources**: The interpretation of texts from nineteenth - and twentieth-century history. Abingdon: Routledge, 2009, p. 175–191.

CARMO SOBRINHO, C. A. **Dependência e Estagnação**: o debate sobre a crise dos anos 60. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

CARRANZA, Roque. A Propósito de “Planificación, Desarrollo y Democracia” de Raúl Prebisch. **Crítica&Utopía**, n. 1, p. 1–2, 1979.

CARROLL, Thomas F. A Questão da Reforma Agrária na América Latina. In: HIRSCHMAN, Albert Otto (Org.). **Monetarismo vs. Estruturalismo**: um estudo sobre a América Latina. 1. ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1967, p. 177–219. (Coleção Societas, 3).

CAYUELA, José. **Cepal 40 Años (1949-1988)**. Chile, Santiago: CEPAL, 1988.

CENTRO DE ESTUDIOS DEL DESARROLLO (CENDES). Estilos de Desarrollo: grupo de modelos matemáticos. **El Trimestre Económico**, v. 36, n. 144(4), p. 517–576, 1969.

CERVO, Amado Luiz. **Relações Internacionais da América Latina**: de 1930 aos nossos dias. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

CIMOLI, Mario; PORCILE, Gabriel. Tecnología, Heterogeneidad y Crecimiento: una caja de herramientas estructuralistas. **Série Desarrollo Productivo. Cepal**, n. 194, 2013.

CLARÍN. A cien años de su nacimiento. Prebisch, el hombre que influyó 50 años en la economía. **La Nación**, 2001. Disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/economia/prebisch-el-hombre-que-influyo-50-anos-en-la-economia-nid60285/>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

COHEN, Isaac. Sobre el Artículo de Raúl Prebisch “Hacia una Teoría de la Transformación”. **Revista de la Cepal**, n. 11, p. 168–169, 1980.

COTLER, Julio. Perú, 1960-c. 1990. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História de América Latina**: los países andinos desde 1930. Barcelona, Espanha: Crítica, 2002, v. 16, p. 59–104. 6v.

COUTINHO, Mauricio C. Furtado e seus Críticos: da estagnação à retomada do crescimento econômico. **Economia e Sociedade**, v. 28, n. 3 (67), p. 741–759, 2019.

COUTINHO, Mauricio C. Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina, de Celso Furtado. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 19, n. 3, p. 448–474, 2015.

COUTO, Joaquim Miguel. **O Pensamento de Raúl Prebisch**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.

COUTO, Joaquim Miguel. O pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch. **Economia e Sociedade**, v. 16, n. 1 (29), p. 45–64, 2007.

COUTO, Joaquim Miguel. Raúl Prebisch e a concepção e evolução do sistema centro-periferia. **Revista de Economia Política**, v. 37, n. 37 (1), p. 65–87, 2017.

COUTO, Joaquim Miguel; COUTO, Ana Cristina Lima. Um Libertador das Ideias: o pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, n. ano VIII. n. 14, p. 60–69, 2006.

CRUZ, Hernán Santa. La Proyección Latinoamericana y Mundial de la Obra de Raúl Prebisch. **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 371–373, 1987.

DEAS, M. **Latin America in Perspective**. Estados Unidos, Boston: Houghton Mifflin, 1991.

DI FILIPPO, Armando. Continuidad y Cambio en la Obra de Prebisch (su concepto de excedente). In: LORA, Jorge; MALLORQUÍN, Carlos (Orgs.). **Prebisch y Furtado**: el estructuralismo latinoamericano. 1. ed. México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999, p. 173–196.

DI FILIPPO, Armando. La Tesis del Excedente y la Realización de la Plusvalía en Marx. *In*: PREBISCH, Raúl (Ed.). **Capitalismo Periférico: crisis y transformación**. 1 ed. (primeira reimpressão). México: Fondo de Cultura Económica, 1984, p. 115–119.

DI FILIPPO, Armando. The Structuralism of Prebisch and the Integration of Latin America. *In*: FERNÁNDEZ, VICTOR RAMIRO; BRONDINO, Gabriel (Orgs.). **Development in Latin America: critical Discussions from the Periphery**. London, United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2019, p. 215–235.

DOSMAN, Edgar J. **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011.

DOSMAN, Edgar J.; POLLOCK, David H. Raúl Prebisch, 1901-1971: la búsqueda constante. *In*: IGLESIAS, Enrique V. (Org.). **El Legado de Raúl Prebisch**. USA, Washington: BID, 1993, p. 11–44.

DOSMAN, J. Edgar; POLLOCK, David H. Hasta la UNCTAD y de Regreso: divulgando el evangelio, 1964-1968. *In*: LORA, Jorge; MALLORQUÍN, Carlos (Orgs.). **Prebisch y Furtado: el estructuralismo latinoamericano**. 1. ed. México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999, p. 197–229.

DOWBOR, Ladislau. **Formação do Terceiro Mundo**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Tudo é História, 35).

ECHAVARRÍA, José Medina. (1964) **Consideraciones Sociológicas sobre el Desarrollo Económico de América Latina**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2017. (Clásicos Recuperados).

FAJNZYLBBER, Fernando. Sobre el Artículo de Raúl Prebisch “Hacia una Teoría de la Transformación”. **Revista de la Cepal**, n. 11, p. 170–181, 1980.

FERNÁNDEZ, Victor Ramiro; ORMAECHEA, Emilia. Prebisch, o Estado e o Pensamento Estruturalista. *In*: BRANDÃO, Carlos Antônio (Org.). **Teorias e Políticas do Desenvolvimento Latino-Americano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2018, p. 93–122.

FFRENCH-DAVIS, Ricardo; MUÑOZ, Óscar; PALMA, Gabriel. Las Economías Latinoamericanas, 1950-1990. *In*: BETHELL, Leslie (Org.). **História de América Latina: economia y sociedad desde 1930**. Barcelona, Espanha: Crítica, 1997, v. 11, p. 83–161. 16v.

FIORI, José Luís. As Trajetórias Intelectuais do Debate sobre o Desenvolvimento na América Latina. *In*: BRANDÃO, Carlos Antônio (Org.). **Teorias e Políticas do Desenvolvimento Latino-Americano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2018, p. 17–46.

FISICHELLA, Domenico. Tecnocracia. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, v. 2, p. 1233–1237. 2v.

FLECHSIG, Steffen. Em memória de Raúl Prebisch (1901-1986). **Revista de Economia Política**, v. 11, n. 1(41), p. 92–107, 1991.

FRANCO, Rolando. El ILPES de Prebisch. **Mundosplurales: Revista Latinoamericana de Políticas y Acción Pública**, v. 2, n. 1, p. 9–44, 2015.

FRANCO, Rolando. **La Invención del ILPES**. Chile, Santiago: Nações Unidas, 2013.

FRIEDEN, Jeffrey A. **Capitalismo Global: história econômica e política do século XX**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

FURTADO, Celso. **Dialética do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo da Cultura, 1964.

FURTADO, Celso. **Diários Intermitentes: 1937-2002**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FURTADO, Celso. (1974) **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

FURTADO, Celso. **Obra Autobiográfica**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FURTADO, Celso. **Pequena Introdução ao Desenvolvimento: enfoque interdisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1981.

FURTADO, Celso. Raúl Prebisch, el gran heresiarca. **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 374–382, 1987.

FURTADO, Celso. **Subdesenvolvimento e Estagnação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

GARCÍA, Alfredo; JUNCO, Silvia. Historia de la renegociación de la deuda externa argentina. **Boletín Informativo Techint**, n. 245, 1987.

GARZA, Esthela Gutiérrez. Estilos de Desarrollo versus Acumulación. Aportaciones Teóricas de dos Escuelas de Pensamiento: la teoría de la Cepal y la Teoría de la Regulación. **Investigación Económica**, v. 51, n. 202, p. 109–129, 1992.

GONÇALVES, Luiz Eduardo Fonseca de Carvalho. **As relações Brasil-CEPAL (1947-1964)**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

GRACIARENA, Jorge. Poder y Estilos de Desarrollo. Una perspectiva heterodoxa. **Revista de la Cepal**, n. 1, p. 173–193, 1976.

GRAMSCI, Antonio. **A Concepção Materialista da História**. São Paulo: Paz e Terra, 1972.

GREEN, Rosario. Prólogo: al reencuentro de Raúl Prebisch y Fernando Henrique Cardoso. In: GREEN, Rosario (Org.). **En Torno al Estado y el Desarrollo**. 1. ed. México: CEESTEM / Editorial Nueva Imagen, 1982, p. 11–33.

GRINSPUN, Bernardo. **La Evolución de la Economía Argentina desde Diciembre de 1983 a Septiembre de 1989**. Buenos Aires: mimeo, 1989.

GUIMARÃES, J. A Trajetória Intelectual de Celso Furtado. *In*: TAVARES, Maria da Conceição (Org.). **Celso Furtado e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

GURRIERI, Adolfo. La Dimensión Sociológica en la Obra de Prebisch. **Pensamiento Iberoamericano: Revista de Economía Política**, n. 2, p. 159–174, 1982.

GURRIERI, Adolfo. La Economía Política de Raúl Prebisch. *In*: GURRIERI, Adolfo (Org.). **La Obra de Prebisch en la Cepal**. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1982, v. 1, p. 13–95.

GURRIERI, Adolfo. Las Ideas del Joven Prebisch. **Revista de la Cepal**, n. 75, p. 69–82, 2001.

GURRIERI, Adolfo. Las Tesis de Prebisch, sobre el Capitalismo Periférico. *In*: ONU/CEPAL (Org.). **América Latina en la Economía Mundial**: seminario en homenaje al Dr. Raúl Prebisch. Chile: ONU/Cepal/INTAL, 1988, p. 45–52.

GURRIERI, Adolfo. Raúl Prebisch (1901-1986). **Desarrollo Económico**, v. 26, n. 103, p. 477–478, 1986.

GURRIERI, Adolfo; RODRÍGUEZ, Octavio. Desarrollo y Democracia en el Pensamiento de Raúl Prebisch. **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 396–403, 1987.

HAFFNER, Jacqueline A. Hernández. **CEPAL: uma perspectiva de desenvolvimento latino-americano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. (Coleção História, 10).

HARVEY, David. **Neoliberalismo**: história e implicações. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

HERRERA, Felipe. Homenaje a Raúl Prebisch. *In*: ONU/CEPAL (Org.). **América Latina en la Economía Mundial**: seminario en homenaje al Dr. Raúl Prebisch. Chile: ONU/Cepal/INTAL, 1988, p. 71–73.

HERRERA, Felipe. Prólogo. *In*: PREBISCH, Raúl (Ed.). **Transformación y Desarrollo**: la gran tarea de la América Latina. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1970, p. vii–x.

HIRSCHMAN, Albert Otto. Ideologias do Desenvolvimento Econômico na América Latina. *In*: HIRSCHMAN, Albert Otto (Org.). **Monetarismo vs. Estruturalismo**: um estudo sobre a América Latina. 1. ed. Rio de Janeiro: Lidador, 1967, p. 9–49. (Coleção Societas, 3).

HIRSCHMAN, Albert Otto. The Rise and Decline of Development Economics. *In*: ADELMAN, Jeremy (Org.). **Essays in Trespassing**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 266–284.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HODARA, Joseph. Comentario sobre el artículo de Raúl Prebisch “Crítica al capitalismo periférico”. **Revista de la Cepal**, n. 4, p. 187–190, 1977.

HODARA, Joseph. El Capitalismo Periférico Tardío Según Prebisch: reflexiones. **El Trimestre Económico**, v. 55, n. 219(3), p. 579–604, 1988.

HODARA, Joseph. Las Confesiones de Don Raúl. El Capitalismo Periférico. *In: Prebisch y Furtado: el estructuralismo latinoamericano*. 1. ed. México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999, p. 230–247.

HODARA, Joseph. Orígenes de la Cepal. **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 383–391, 1987.

HODARA, Joseph. Prebisch: diez años después. **El Trimestre Económico**, v. 62, n. 248(4), p. 525–554, 1995.

HODARA, Joseph. **Prebisch y la Cepal**: sustancia, trayectoria y contexto institucional. 1. ed. México: El Colegio de México, 1987.

HODARA, Joseph. Prebisch y Urquidí: vidas paralelas. **Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades**, n. 19, p. 45–63, 2008.

HOPENHAYN, Benjamín. Algunas Notas sobre el “Capitalismo Periférico” de Raúl Prebisch. **Revista Desarrollo Económico**, v. 22, n. 86, p. 287–294, 1982.

HOPENHAYN, Benjamín. Prebisch como Pensador Clásico y Heterodoxo. *In: ONU/CEPAL (Org.). América Latina en la Economía Mundial: seminario en homenaje al Dr. Raúl Prebisch*. Chile: ONU/Cepal/INTAL, 1988, p. 53–70.

HYMER, Stephen. **Empresas Multinacionales**: la internacionalización del capital. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Periferia, 1972.

IGLESIAS, Enrique V. La Revista de la Cepal. **Revista de la Cepal**, n. 1, p. 5–6, 1976.

IGLESIAS, Enrique V. Raúl Prebisch y David Pollock: la causa del desarrollo. *In: INSTITUTO PARA LA INTEGRACIÓN DE AMÉRICA LATINA (INTAL) (Org.). Raúl Prebisch: el poder, los principios y la ética del desarrollo*. 1. ed. Argentina, Buenos Aires: BID-INTAL, 2006, p. 5–9.

IGLESIAS, Enrique V. Tres Grandes Vertientes del Pensamiento de Prebisch. *In: OCAMPO, José Antonio (Org.). El Desarrollo Económico en los Albores del Siglo XXI*. 1. ed. Colombia, Bogotá: CEPAL/Alfaomega, 2004, p. XLIX–LIII.

ÍÑIGUEZ, Carlos Piñeiro. **Herejías Periféricas**: Raúl Prebisch: vigencia de su pensamiento. 1. ed. Argentina, Buenos Aires: Nuevohacer, 2003. (Colección Estudios Internacionales).

INSTITUTO LATINOAMERICANO Y DEL CARIBE DE PLANIFICACIÓN ECONÓMICA Y SOCIAL (ILPES). **Discusiones sobre planificación**: informe de un seminario. 6. ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1975.

IORIS, Rafael R.; MOZER, Josiane. Parceiros em quê? A Aliança para o Progresso e a Política Editorial de Modernização da América Latina no Contexto de Guerra Fria. **Esboços: História em Contextos Globais**, v. 26, n. 43, p. 529–548, 2019.

JAGUARIBE, Hélio. América Latina dentro del contexto internacional de la actualidad. **Revista Mexicana de Sociología**, n. 3, p. 55–73, 1989.

JAGUARIBE, Hélio. Raúl Prebisch, hombre de pensamiento y acción. **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 357, 1987.

JAURETCHE, Arturo. **El Plan Prebisch**: retorno al coloniaje. 3. ed. Argentina, Buenos Aires: Arturo Peña Lillo, 1973.

KEYNES, John Maynard. (1936) **A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda**. São Paulo: Editora Cultura Ltda, 1996.

KEYNES, John Maynard. (1933) The Means of Prosperity. In: JOHNSON, E; MOGGRIDGE, D (Orgs.). **The Collected Writings of John Maynard Keynes**. Reino Unido, Londres: Royal Economic Society, 1978, p. 335–366.

KOSSAREV, Eugeni. Comentario sobre el artículo de Raúl Prebisch “Crítica al capitalismo periférico”. **Revista de la Cepal**, n. 4, p. 191–203, 1977.

KUHN, Thomas Samuel. **The Structure of Scientific Revolutions**. EUA, Chicago: University of Chicago Press, 1970.

LESSA, Carlos; DAIN, S. Capitalismo Associado: algumas referências para o tema Estado e desenvolvimento. In: BELLUZZO, Luiz Gonzaga; COUTINHO, Renata (Orgs.). **Desenvolvimento Capitalista no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983, v. 1. 2v.

LIRA, Máximo. El Marxismo, La “Escuela de la Dependencia” y la Teoría del Desarrollo en América Latina. **Plural: Revista del Instituto para el Nuevo Chile**, n. 3, 1984.

LIRA, Máximo. La Larga Marcha de Prebisch Hacia la Crítica del Capitalismo Periférico y su Teoría de la Transformación de la Sociedad. **El Trimestre Económico**, v. 53, n. 211(3), p. 451–476, 1986.

LONG, Norman; ROBERTS, Bryan. Las Estructuras Agrarias de América Latina, 1930-1990. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História de América Latina**: economía y sociedad desde 1930. Barcelona, Espanha: Crítica, 1997, v. 11, p. 278–334. 16v.

LOVE, Joseph. **Crafting the Third World**: theorizing underdevelopment in Rumania and Brazil. Califórnia, Estados Unidos: Stanford University Press, 1996.

LOVE, Joseph. Furtado e o Estruturalismo. In: BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; REGO, José Marcio (Orgs.). **A Grande Esperança em Celso Furtado**: ensaios em homenagem aos seus 80 anos. São Paulo: Editora 34, 2001, p. 221–252.

LOVE, Joseph L. Raúl Prebisch (1901-1986). Su vida y sus ideas. **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 361–365, 1987.

LUKÁCS, György. (1972) **História e Consciência de Classe**: estudos sobre dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MACHADO, V. de F. **A Produção do Discurso do Desenvolvimento Sustentável**: de Estocolmo a Rio 92. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2005.

MACIEL, George A. Prefácio. In: BAHADIAN, Adhemar Gabriel (Ed.). **A Tentativa do Controle do Poder Econômico nas Nações Unidas**: estudo do conjunto de regras e princípios para o controle das práticas comerciais restritivas. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão/Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1992, p. 9–11.

MAGALHÃES, João Paulo de Almeida. **O Que Fazer Depois da Crise**: a contribuição do desenvolvimentismo keynesiano? São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MALLORQUÍN, Carlos. **América Latina y su Teoría**. Chile, Santiago: Ariadna Edicione, 2017.

MALLORQUÍN, Carlos. Aventuras y Desventuras de un Economista Brasileño (circa 1964-1976). In: **Prebisch y Furtado**: el estructuralismo latinoamericano. 1. ed. México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999, p. 33–135.

MALLORQUÍN, Carlos. Raúl Prebisch inexplorado (1943-1949). **Cuadernos sobre Relaciones Internacionales, Regionalismo y Desarrollo**, v. 2, n. 3, p. 11–58, 2007.

MALTA, Maria Mello de; CASTELO, Rodrigo; ROCHA, Marco Antonio da; *et al.* A história do pensamento econômico brasileiro entre 1964 e 1989: um método para discussão. In: MALTA, Maria Mello de (Org.). **Ecos do Desenvolvimento**: uma história do pensamento econômico brasileiro. Rio de Janeiro: IPEA / Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011, p. 23–52.

MANDEL, Ernest. (1972) **O Capitalismo Tardio**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MANNHEIM, Karl. (1950) **Liberdade, Poder e Planificação Democrática**. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

MARCUSE, Hebert. **Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARINI, R. M. (1973) Dialética da dependência. In: SADER, E. (Org.). **Dialética da Dependência**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARTÍN, Juan Jesús Morales. La Sociología del Desarrollo en América Latina: una tensión permanente entre democracia y crecimiento económico. **Espacio Abierto: Cuaderno Venezolano de Sociología**, v. 25, n. 3, p. 171–181, 2016.

MAYOBRE, José Antonio; HERRERA, Felipe; SANTAMARÍA, Carlos Sanz de; *et al.* **Hacia la Integración Acelerada de América Latina**. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1965.

MEADOWS, Donella H.; MEADOWS, Dennis L.; RANDERS, Jorgen; *et al.* **The Limits to Growth**. 5. ed. New York: Universe Books, 1972.

MEDEIROS, Fágner João Maia. O discípulo (Furtado) e o mestre (Prebisch), a inversão dos papéis. **História Econômica & História de Empresas**, v. 24, n. 1, p. 130–158, 2021.

MEDEIROS, Fágner João Maia; COSENTINO, Daniel do Val. Celso Furtado e Raúl Prebisch frente à crise do desenvolvimentismo da década de 1960. **Revista de Economia (Curitiba)**, v. 41, n. 74, p. 150–179, 2020.

MEIER, Gerald M.; SEERS, Dudley (Orgs.). **Pioneers in Development**. Washington, D.C.: World Bank - Oxford University Press, 1984.

MELLO, João Manuel Cardoso de. (1975) **O Capitalismo Tardio**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

NAÇÕES UNIDAS. **Informe sobre un Criterio Unificado para el Análisis y la Planificación del Desarrollo. Informe Preliminar del Secretario General de las Naciones Unidas**. Nova York, Estados Unidos: Nações Unidas, 1973.

NAKHLÉ, Guillermo E. Raúl Prebisch, entre la teoría y la práctica. **Ensayos Económicos/Banco Central de la República Argentina**, n. 61/62, p. 275–303, 2011.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 74, 2012.

NYE, J. S. La UNCTAD bajo Prebisch: la estructura de influencia. **Foro Internacional**, v. 12, n. 3(47), p. 308–339, 1972.

OLIVEIRA, Francisco de. Apresentação. In: PREBISCH, Raúl (Ed.). **Keynes: uma introdução**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p. 7–16.

PALMA, Gabriel. Latin America During the Second Half of Twentieth Century: from the “age of extremes” to “age of end of the history” Uniformity. In: CHANG, Ha-Joon (Ed.). **Rethinking Development Economics**. London, United Kingdom: Anthem Press, 2003, p. 125–151.

PARETO, Vilfredo. **Trattato di Sociologia Generale**. Italia: Firenze: G. Barbèra, 1916.

PASQUINO, Gianfranco. Modernização. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, v. 2, p. 768–776. 2v.

PEDRÃO, Fernando. Evocação de Raúl Prebisch: latino-americano e homem do mundo. **Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento**, 2011.

PEDRÃO, Fernando. O Significado da Revisão do Pensamento da Cepal. In: PEDRÃO, Fernando (Org.). **O Pensamento da Cepal**. Salvador: Organização dos Estados Americanos/Universidade Federal da Bahia/Ianamá, 1988, p. 13–24.

PINTO, Aníbal. **Chile, una economía difícil**. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1964.

PINTO, Aníbal. El Análisis de la Inflación, estructuralistas y monetaristas: un recuento. **Revista Económica Latinoamericana**, n. 4, 1961.

PINTO, Aníbal. (1970) Natureza e Implicações da “Heterogeneidade Estrutural” da América Latina. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (Org.). **Cinquenta Anos do Pensamento de la Cepal**. Rio de Janeiro: Record, 2000, v. 2, p. 567–588. 2v.

PINTO, Aníbal. Notas Sobre Estilos de Desarrollo en América Latina. **Revista de la Cepal**, n. 1, p. 97–128, 1976.

PINTO, Aníbal. Raúl Prebisch (1901-1986). **Revista de la Cepal**, n. 29, p. 9–11, 1986.

POLETTI, Dorivaldo Walmor. A CEPAL e a América Latina: alguns apontamentos. In: POLETTI, Dorivaldo Walmor (Org.). **50 anos do Manifesto da Cepal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 9–15.

POLLOCK, David H. La actitud de los Estados Unidos hacia la CEPAL: algunos cambios durante los últimos 30 años. **Revista de la Cepal**, n. 6, p. 59–86, 1978.

POLLOCK, David H. Raúl Prebisch Visto Desde Washington. Una percepción Cambiante. **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 366–370, 1987.

RAPOPORT, Mario; GUÍÑAZÚ, Sebastián. Raúl Prebisch: historia, pensamiento y vigencia de la teoría de la transformación para el desarrollo de América Latina. **Revista Tiempo&Economía**, v. 3, n. 2, p. 55–77, 2016.

REGO, José Marcio. A “Angústia da Influência” em Smith, Hirschman e Furtado. In: BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; REGO, José Marcio (Orgs.). **A Grande Esperança em Celso Furtado: ensaios em homenagem aos seus 80 anos**. São Paulo: Editora 34, 2001, p. 185–197.

RESENDE, Marcos Taroco. As Políticas Econômicas das Ditaduras do Chile (1973-1982) e da Argentina (1976-1982) sob um Ângulo Comparativo. **Revista de Economia (Curitiba)**, v. 42, n. 77, p. 142–172, 2021.

RICARDO, David. **Princípios de Economia Política e Tributação**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

RICUPERO, Rubens. La Globalización de Raúl Prebisch. In: OCAMPO, José Antonio (Org.). **El Desarrollo Económico en los Albores del Siglo XXI**. 1. ed. Colombia, Bogotá: CEPAL/Alfaomega, 2004, p. LV–LX.

RODRÍGUEZ, Octavio. Comentario sobre el artículo de Raúl Prebisch “Crítica al capitalismo periférico”. **Revista de la Cepal**, n. 4, p. 203–216, 1977.

RODRÍGUEZ, Octavio. **O Estruturalismo Latino-Americano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

RODRÍGUEZ, Octavio. **Teoria do Subdesenvolvimento da Cepal**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1981.

ROSENSTEIN-RODAN, Paul N. (1943) Problemas de Industrialização da Europa do Leste e do Sudeste. In: AGARWALA, A. N.; SINGH, S. P. (Orgs.). **A Economia do Subdesenvolvimento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1969, p. 251–262.

ROSENTHAL, Gert. La Influencia de las Ideas de Raúl Prebisch en Materia de Comercio Exterior. **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 404–408, 1987.

ROSENTHAL, Gert. Sobre el Artículo de Raúl Prebisch “Hacia una Teoria de la Transformación”. **Revista de la Cepal**, n. 11, p. 163–168, 1980.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens**. Porto Alegre: L&PM, [1755] 2008.

RUBIO-GARCÍA, Manuel; CASTAÑO-SALAS, Santiago. El excedente económico en economías periféricas: una perspectiva teórica desde los aportes de Baran, Prebisch y Furtado. **Ensayos de Economía**, v. 30, n. 57, p. 75–97, 2020.

RUSS, Jacqueline. **O Socialismo Utópico**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SALEM, Daniel F. Sotelsek. El pensamiento de Raúl Prebisch: una visión alternativa. **Revista Estudios Demográficos y Urbanos**, v. 23, n. 3, p. 615–636, 2008.

SAMPAIO JR., Plinio de Arruda. Origem e Desdobramento da Crise da Teoria do Desenvolvimento na América Latina. **São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n. 1–2, p. 196–202, 1999.

SANTOS, Theotonio dos. Raúl Prebisch y el Sistema Mundial. In: BANCO CENTRAL DE VENEZUELA (Org.). **Raúl Prebisch: pensamiento renovador**. 1. ed. Caracas, Venezuela: Banco Central de Venezuela, 2006, p. 55–77. (Colección Científicos Sociales Latinoamericanos).

SANTOS, Theotonio dos. (1969) **Socialismo ou Fascismo: o novo caráter da dependência e o dilema Latino-Americano**. Florianópolis: Insular, 2018.

SCHATAN, Jacobo. Raúl Prebisch, Maestro y Guía. **Investigación Económica**, v. 45, n. 177, p. 303–313, 1986.

SECRETÁRIO TÉCNICO. Nota. **Revista de la Cepal**, n. 29, p. 7, 1986.

SEERS, Dudley. The Birth, Life and Death of Development Economics: (revisiting a Manchester Conference). **Development and Change**, v. 10, p. 707–719, 1979.

SEERS, Dudley. The Limitations of the Special Case. **Bulletin of the Oxford Institute of Economics and Statistics**, v. 25, n. 2, 1963.

SEMBER, Florencia. Prebisch, la Planificación del Desarrollo y la Necesidad de Transformación del Capitalismo Periférico. *In*: ODISIO, Juan; ROUGIER, Marcelo (Orgs.). **Estudios sobre Planificación y Desarrollo**. Argentina, Buenos Aires: Lenguaje Claro, 2016.

SEMBER, Florencia. Prebisch y los frutos del progreso técnico. **Puente@ Europa**, n. año VI-número especial, p. 36–41, 2008.

SEMBER, Florencia. **The Origins and Evolution of the Monetary Thought of Raúl Prebisch**. Doutorado, Università di Macerata and from the Université de Paris 1 – Panthéon Sorbonne, França, Paris, 2010.

SERRA, José. Apresentação. *In*: SERRA, José (Org.). **América Latina: ensaios de interpretação econômica**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

SERRA, José. Ciclos e Mudanças Estruturais na Economia Brasileira do Pós-Guerra. *In*: BELLUZZO, Luiz Gonzaga; COUTINHO, Renata (Orgs.). **Desenvolvimento capitalista no Brasil: ensaios sobre a crise**. Campinas: IE Unicamp, 1998, v. 1. 2v.

SETTEMBRINI, Domenico. Reformismo. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, v. 2, p. 1077–1080. 2v.

SINGER, Hans. Comentarios sobre “Raúl Prebisch, 1901-1971: la búsqueda constante”. *In*: IGLESIAS, Enrique V. (Org.). **El Legado de Raúl Prebisch**. USA, Washington: BID, 1993, p. 45–51.

SKINNER, Quentin. Conventions and the Understanding of Speech-acts. **Philosophical Quarterly**, n. 20, p. 118–138, 1966.

SKINNER, Quentin. **Vision of Politics: regarding method**. 1 ed. 4 printagem. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2006. 3v.

SOLÍS, Leopoldo. **La Vida y Obra de Raúl Prebisch**. 1. ed. México: El Colegio Nacional, 1988.

SOUZA, Luiz Eduardo Simões de. Antecedentes Desenvolvimentistas na Formação Intelectual de Raúl Prebisch. **Revista de Economia Política e História Econômica**, n. 33, p. 5–17, 2015.

SPROUT, Ron. Repensando a Prebisch. *In*: LORA, Jorge; MALLORQUÍN, Carlos (Orgs.). **Prebisch y Furtado: el estructuralismo latinoamericano**. 1. ed. México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999, p. 156–172.

SPROUT, Ronald V.A. El pensamiento de Prebisch. **Revista de la Cepal**, n. 46, p. 188–203, 1992.

STRACHEY, John. **Contemporary Capitalism**. Londres: Victor Gollancz Ltd, 1959.

STREET, James H. Raúl Prebisch, 1901-1986: an appreciation. **Journal of Economic Issues**, v. 21, n. 2, p. 649–659, 1987.

SUNKEL, Osvaldo. Capitalismo Transnacional y Desintegración Nacional en América Latina. **El Trimestre Económico**, n. 38(2), p. 571–628, 1971.

SUNKEL, Osvaldo. La Inflación Chilena: un enfoque heterodoxo. **El Trimestre Económico**, n. 25(4), 1958.

SUNKEL, Osvaldo. La interacción entre los estilos de desarrollo y el medio ambiente en América Latina. In: SUNKEL, Osvaldo; GLIGO, Nicolo (Orgs.). **Estilos de Desarrollo y Medio Ambiente en la América Latina**. México: Fondo de Cultura Económica, 1980, p. 9–64.

SUNKEL, Osvaldo. La Labor de la CEPAL en sus Primeros Decenios. In: COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL) (Org.). **La CEPAL en sus 50 Años: notas de un seminario conmemorativo**. Chile, Santiago: Nações Unidas, 2000, p. 33–40.

SUNKEL, Osvaldo. Reflexiones sobre la vida y obra de Raúl Prebisch. In: BÁRCENA, Alicia; DOSMAN, J. Edgar; SUNKEL, Osvaldo (Orgs.). **Homenaje a Raúl Prebisch (1901-1986)**. Chile, Santiago: CEPAL, 2011, p. 27–41.

SUNKEL, Osvaldo; GLIGO, Nicolo (Orgs.). **Estilos de Desarrollo y Medio Ambiente en la América Latina**. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1980. 2v.

SUNKEL, Osvaldo; GLIGO, Nicolo. Prólogo. In: SUNKEL, Osvaldo; GLIGO, Nicolo (Orgs.). **Estilos de Desarrollo y Medio Ambiente en la América Latina**. México: Fondo de Cultura Económica, 1980, p. 7.

TAVARES, Maria da Conceição. **Da substituição de importações ao capitalismo financeiro: ensaios sobre a economia brasileira**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1977.

TAVARES, Maria da Conceição; SERRA, José. (1971) Além da Estagnação: uma discussão sobre o estilo de desenvolvimento recente da América Latina. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (Org.). **Cinquenta Anos do Pensamento de la Cepal**. Rio de Janeiro: Record, 2000, v. 2, p. 589–608. 2v.

THORP, Rosemary. El papel de la CEPAL en el desarrollo de América Latina en los años cincuenta y sesenta. In: COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL) (Org.). **La CEPAL en sus 50 Años: notas de un seminario conmemorativo**. Chile, Santiago: Nações Unidas, 2000, p. 19–32.

TORRE, Juan Carlos; RIZ, Liliana de. Argentina, 1946-c. 1990. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História de América Latina: el cono sur desde 1930**. Barcelona, Espanha: Crítica, 2002, v. 15, p. 60–155. 16v.

TORRES, Adriana López. **Evolución y originalidad en el pensamiento económico y social de Raúl Prebisch**. Tese de Doutorado, Universidad Complutense de Madrid, Espanha, Madrid, 2015.

TORRES, Miguel; HOFMAN, André. Cem Números da Revista CEPAL: mil olhares sobre o desenvolvimento da América Latina e do Caribe. **Revista de la Cepal**, n. especial, p. 9–25, 2010.

TOYE, John; TOYE, Richard. Raúl Prebisch y los Límites de la Industrialización. In: INSTITUTO PARA LA INTEGRACIÓN DE AMÉRICA LATINA (INTAL) (Org.). **Raúl Prebisch: el poder, los principios y la ética del desarrollo**. 1. ed. Argentina, Buenos Aires: BID-INTAL, 2006, p. 23–32.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). **The History of UNCATAD 1964-1984**. Nova York, Estados Unidos: UNITED NATIONS, 1985.

VÁZQUEZ, Enrique García. Las Últimas Preocupaciones del Dr. Prebisch. In: ONU/CEPAL (Org.). **América Latina en la Economía Mundial**: seminario en homenaje al Dr. Raúl Prebisch. Chile: ONU/Cepal/INTAL, 1988, p. 23–26.

VÁZQUEZ, Juan Noyola. Inflación y Desarrollo en Chile y México. **Panorama Económico**, n. 170, 1957.

VEIGA, JOSÉ ELI. **O Que é Reforma Agrária**. São Paulo: Abril Cultural-Editora Brasiliense, 1984. (Primeiros Passos, 9).

VILLAMIL, José J. **Concepto de Estilos de Desarrollo**: una aproximación. 1979. Disponível em: <<https://repositorio.cepal.org/handle/11362/20719>>. Acesso em: 15 out. 2018.

VINER, Jacob. (1937) **Studies in the Theory of International Trade**. New York: Harper and Brothers, 1965.

VISENTINE, Paulo Fagundes. **A Projeção Internacional do Brasil 1930-2012**. São Paulo: GEN Atlas, 2013.

VUSKOVIC, Pedro. Raúl Prebisch y su Teoría del Capitalismo Periférico. **Revista Comercio Exterior**, v. 37, n. 5, p. 409–413, 1987.

WALLERSTEIN, Immanuel. (1974) **O Sistema Mundial Moderno**: a agricultura capitalista e as origens do sistema-mundo europeia no século XVI. Portugal, Porto: Edições Afrontamento, 1990.

WILLIAMS, Marc. **Third World Cooperation**: the group of 77 in UNCTAD. Londres: Printer Publishers Ltd, 1991.

WOLFE, Marshall. Comentario sobre el artículo de Raúl Prebisch “Crítica al capitalismo periférico”. **Revista de la Cepal**, n. 4, p. 217–222, 1977.

WOLFE, Marshall. El Desarrollo Esquivo: la búsqueda de un enfoque unificado para el análisis y la planificación del desarrollo. **Revista de la Cepal**, n. 17, p. 7–49, 1982.

ANEXO A – fotografias de Raúl Prebisch

Figura 6. Raúl Prebisch no lançamento da Aliança para o Progresso



Cerimônia de lançamento da Aliança para o Progresso, com o presidente John F. Kennedy, na Casa Branca, em 1961. Raúl Prebisch é o terceiro da direita para a esquerda. Fonte: BÁRCENA, Alicia; DOSMAN, J. Edgar; SUNKEL, Osvaldo, **Homenaje a Raúl Prebisch (1901-1986)**, Chile, Santiago: CEPAL, 2011, p. 17.

Figura 7. Raúl Prebisch em reunião para o financiamento do recém-criado ILPES



Reunião no escritório do secretário-geral das Nações Unidas, em Nova York, com representantes do BID e do Fundo Especial das Nações Unidas, para garantir o financiamento do ILPES, em junho de 1962. Entre os presentes estavam os membros do Conselho de Governo do ILPES e funcionários da ONU, do BID e da OEA. Na mesa, da esquerda para a direita, temos Philippe De Seynes (secretário-geral adjunto do DEAS), Felipe Herrera (presidente do BID), U Thant (secretário-geral da ONU), Plácido Garcia Reynoso (México) (presidente do conselho de governo do ILPES), Jorge Sol (subsecretário da economia e assuntos sociais da OEA) e Raúl Prebisch (diretor do ILPES). De pé, da esquerda para a direita, temos Felipe Antonio Galarza (Bolívia), Alejandro Solari (Argentina), Celso Furtado (Brasil), Héctor Hurtado (Venezuela), Germánico Salgado (Equador) e Roberto M. Heurtematte (diretor-geral associado ao Fundo Especial das Nações Unidas). Fonte: Repositorio Digital da CEPAL. **Exhibición 70 años de CEPAL** (Multimídia). Disponível em: <<https://repositorio.cepal.org/handle/11362/43087>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

Figura 8. Raúl Prebisch com o presidente do Chile Eduardo Frei



Raúl Prebisch sendo recebido por Eduardo Frei, presidente do Chile, em Santiago, no ano de 1965. Não há registros sobre o motivo do encontro; porém, ele aconteceu no mesmo ano em que Eduardo Frei afirmou ter tido conversas com Prebisch sobre os processos de integração da América Latina. Fonte: Biblioteca de la CEPAL. **Proyecto Raúl Prebisch y los desafíos del Siglo XXI**. Disponível em: <https://biblioguias.cepal.org/prebisch_pt/Multimedia>. Acesso em: 15 fev. 2019.

Figura 9. Raúl Prebisch em atividade pelo Comitê Preparatório da UNCTAD



Registro de parte do Comitê Preparatório da UNCTAD I em viagens diplomáticas pelo mundo, em 1963. Da esquerda para a direita, temos David Pollock, Sidney Dell e Raúl Prebisch. Fonte: DOSMAN, Edgar J., **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011, p. 19.

Figura 10. Raúl Prebisch como secretário-geral da UNCTAD



Prebisch na sede da UNCTAD na cidade de Genebra, em 1965. Fonte: BÁRCENA, Alicia; DOSMAN, J. Edgar; SUNKEL, Osvaldo, **Homenaje a Raúl Prebisch (1901-1986)**, Chile, Santiago: CEPAL, 2011, p. 7.

Figura 11. Raúl Prebisch durante uma das sessões da UNCTAD II



Raúl Prebisch, o embaixador Amjad Ali (Paquistão) e o chefe de gabinete R. Krishnamurti, durante uma das sessões da UNCTAD II, em Nova Delhi, no ano de 1968. Fonte: DOSMAN, Edgar J., **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do Terceiro Mundo**, Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2011, p. 21.

Figura 12. Raúl Prebisch em Nova Delhi com Indira Gandhi



Encontro registrado durante o período da UNCTAD II, em Nova Delhi, no ano de 1968. Fonte: BÁRCENA, Alicia; DOSMAN, J. Edgar; SUNKEL, Osvaldo, **Homenaje a Raúl Prebisch (1901-1986)**, Chile, Santiago: CEPAL, 2011, p. 20.

Figura 13: O último discurso de Raúl Prebisch na UNCTAD II



Raúl Prebisch fazendo o seu apelo final durante a UNCTAD II, em Nova Delhi, no ano de 1968. Fonte: BÁRCENA, Alicia; DOSMAN, J. Edgar; SUNKEL, Osvaldo, **Homenaje a Raúl Prebisch (1901-1986)**, Chile, Santiago: CEPAL, 2011, p. 29.

Figura 14. Raúl Prebisch como diretor-geral do ILPES



Prebisch como diretor-geral do ILPES, ao lado de outras personalidades da CEPAL e da ONU, participando da Quinta Sessão Extraordinária do Comitê Plenário da CEPAL, na sede da ONU, em Nova York, no dia 4 de maio de 1970. Na mesa, da esquerda para a direita, temos Paul G. Hoffman (PNUD), Raúl Prebisch (diretor-geral do ILPES), Philippe de Seynes (secretário-geral adjunto do DEAS) e Carlos Quintana (secretário executivo da CEPAL). Fonte: Repositorio Digital de la CEPAL. **Exhibición 70 años de CEPAL** (Multimídia). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11362/43091>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

Figura 15. Raúl Prebisch no escritório da Revista de la Cepal



Foto na sede da CEPAL, com a última equipe de Raúl Prebisch como diretor da *Revista de la Cepal*, em Santiago, no ano de 1976. Fonte: BÁRCENA, Alicia; DOSMAN, J. Edgar; SUNKEL, Osvaldo, **Homenaje a Raúl Prebisch (1901-1986)**, Chile, Santiago: CEPAL, 2011, p. 33.

Figura 16. Raúl Prebisch com o presidente argentino Raúl Alfonsín



Prebisch como assessor econômico do presidente argentino Raúl Alfonsín, em Buenos Aires, no ano de 1984. Fonte: BÁRCENA, Alicia; DOSMAN, J. Edgar; SUNKEL, Osvaldo, **Homenaje a Raúl Prebisch (1901-1986)**, Chile, Santiago: CEPAL, 2011, p. 39.

Figura 17. Raúl Prebisch como assessor econômico do governo da Argentina



Raúl Prebisch, como assessor econômico do governo de Raúl Alfonsín, entrando no Congresso da República Argentina (sem data). Fonte: BÂRCENA, Alicia; DOSMAN, J. Edgar; SUNKEL, Osvaldo, **Homenaje a Raúl Prebisch (1901-1986)**, Chile, Santiago: CEPAL, 2011, p. 35.

Figura 18. Funeral de Raúl Prebisch



Familiares, amigos e autoridades acompanham o funeral de Raúl Prebisch, no edifício da CEPAL, em Santiago, no dia 30 de abril de 1986. Fonte: Repositorio Digital de la CEPAL. **Exhibición 70 años de CEPAL** (Multimídia). Disponível em: <<https://repositorio.cepal.org/handle/11362/43101>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

Figura 19. Sepultamento de Raúl Prebisch



Registro do funeral de Raúl Prebisch no momento do seu sepultamento, no dia 30 de abril de 1986. Fonte: Biblioteca de la CEPAL. **Proyecto Raúl Prebisch y los desafíos del Siglo XXI**. Disponível em: <https://biblioguias.cepal.org/prebisch_pt/Multimedia>. Acesso em: 15 fev. 2019.

Figura 20. Apresentação do livro póstumo de Raúl Prebisch



Apresentação do livro póstumo de Raúl Prebisch, *La Crisis del Desarrollo Argentino*, na sede da CEPAL, em Santiago, no dia 10 de setembro de 1986. Da esquerda para a direita, temos Felipe Herrera (presidente do BID), Norberto Gonzáles (secretário executivo da CEPAL), Eliana Díaz de Prebisch (viúva de Prebisch) e Gert Rosenthal (secretário executivo adjunto da CEPAL). Fonte: Repositorio Digital de la CEPAL. **Exhibición 70 años de CEPAL** (Multimídia). Fonte: Disponível em: <<https://repositorio.cepal.org/handle/11362/43102>>. Acesso em: 15 fev. 2019.